

Compilação de poemas

d' O PANORAMA

JORNAL LITERARIO E INSTRUCTIVO
DA
SOCIEDADE PROPAGADORA
DOS
CONHECIMENTOS UTEIS

Edição de

Ariadne Nunes
Carlos Moreira
Carlota Pimenta
Cátia Garrido
Marisa Furtado

Coordenação de Ângela Correia

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Lisboa
Outubro de 2007

1

Índice

Introdução	15
Descrição do processo: da compilação à digitalização.....	16
A fonte	16
Seleção dos poemas	17
Organização e grafia da edição.....	17
Normas de transcrição	18
Volume primeiro.....	20
O canto do cossaco	21
O seccar das folhas.	23
Volume segundo.....	26
A infância.	27
A rosa.....	30
A noiva do sepulchro :.....	33
O acalantar da neta.	46
A precaução.	57
Volume terceiro.....	58
O caçador feroz.....	59
Volume quinto.....	73
A rosa branca	74

De condição humana é não ver traves	102
Se parecer desejas o que és , falla.....	103
A escolha das tres flores.	104
Vol. 1.º - Serie 2.ª	107
O desacato, ou o calado é o melhor.	108
Gonçalo hermigues, o traga-mouros.....	127
Dona lucinda moniz, ou a emparedada de penacova.	142
Vol. 2.º - Serie 2.ª	150
O cego peregrino.	151
A perda d'arzilla.	159
Diz que as lebres.....	167
Ultimo canto do cisne.	168
Volume 3.º - serie 2.ª	175
O vôo d' alma.	176
O galardão de serviços.....	182
Pergunta de h. Heine.....	184
Dona mincia.....	185
Volume IX	189
O dobrar dos sinos.	190
Silencio.	193
O trovão.	196
Volume X.....	200
Á saudosíssima memoria da sereníssima.....	201

Princesa imperial	201
Senhora d. Maria Amelia.....	201
Lindos olhos.	210
Á primavera.	215
Má-nova.....	216
A ausência.....	221
O rebequista d'aldêa.	224
Volume XI	227
O cão do cego.	228
Descrição da villa, hoje cidade de S. João....	232
De El-Rei na provincia de Minas Geraes,	232
Imperio do Brazil.....	232
Anno bom.	239
Adeus !.....	246
Insomnia.	248
A minha lyra.	251
Fragmento.....	253
O corsario.	258
Ausencia.	262
A vida.	267
Gloria e saudade.	273
Garrett.....	278
Volume XII.....	285
Oremos	286

Gratidão	291
Resignação.....	294
Praz-me-e despraz-me.	297
Amor-glória	301
A flor perdida.....	303
Um judas hermaphrodito.	305
Indiferença e morte !	326
Versos a ***	328
R. De bulhão pato	332
Volume XIII	333
A ressurreição	334
Esbocetos de typographia humana.	336
O corsario.	348
As duas fragatas.....	352
O marinheiro.....	358
A mulher de marmore.....	362
Lembras-te	368
Á distincta poetisa	372
Saudade.....	376
Á memoria de d. Anna da Conceição de Mello Fraga, e de seus filhos Angela e Alfredo, fallecida a 1 de setembro de 1855.	379
Suspiros e saudades.	387
Kempis.....	389

Invocação.....	394
O lyrio.....	396
Um beijo.	400
Por ti.	404
Um desejo.	406
Volume XIV	408
O escravo branco	409
Natal em Mafra.	413
Desejos.	419
Lgrimas.	421
A vida é sonho	423
Cintra.	426
Cerco de Troya.	429
Hossana !	436
Saudades.	441
Amo a noite.	445
Arrepêndida.	448
Saudade.....	451
Commemoração.....	455
Ao insigne poeta.....	462
Luiz Augusto Palmeirim.....	462
Confidencias.	465
Recordação	481
A***	487

A***	491
Á primavera.	496
Presente e passado.	499
A minha estrella.....	502
N'um album.....	505
?	507
A pesca.	509
Adeus !.....	512
Amar-me-has ?	514
Consolação.	516
Respeito e amizade.	518
Ai ! Não me negues a esp'rança	521
Volume XV	524
A rosa pallida.....	525
A cruz !.....	527
Não me acreditas ?.....	529
A ella.	531
Amor e saudade.	533
A rosa e a campa.....	535
Parabens.....	537
Amores de uma creança.....	540
Que fizeste ao coração?	542
Improperios.....	545
A rosa.....	551

A uma creança.	553
A meu irmão	555
A perdida.	557
Mysterios.	561
Quaes ?	563
Eu e ella.	566
A uns annos.	569
A mariposa.....	571
O voto da camelia.	573
De que me serve eu sonhar ?	574
Quizera odiar-te.	576
Ai, vôa, pensamento na tortura.....	581
Porque me negas a esp'rança.....	584
Á Ex. ^{ma} Senhora D. M. R. C.....	587
A uns annos.	589
Ao meu amigo P. M. Da S. C.	591
N'um souvenir.	592
A uns annos.	594
Saudação.....	596
Donzella é hoje que se ajunta um dia	598
A ceifeira.	600
As exequias do coração.	601
Não chores.	603
Desafogo.....	605

Não me ames.	607
Vol. XVI.....	611
A estrella.....	612
Saudação á aurora.....	614
Beatriz.....	617
Pallida mors.....	643
Fabula de José Maria da Costa e Silva.....	648
O espelho magico.....	649
O pavão e a cegonha.....	650
Angelica.....	651
Prisão de amor.....	652
Sepultura de Gil Vicente.....	653
Saudades.....	654
Harpejo.....	656
Improviso.....	659
Á morte de Manuela Rey.....	661
Causeries.....	664
Sem titulo.....	666
Invocação.....	667
Soneto.....	673
Sombras.....	674
L'amour, c'est la vie !.....	678
Na primavera.....	680
Casta diva.....	684

Repouso	688
A uma rosa.....	691
Visões á beira d’agua.....	692
Descalça.....	697
Los buenos sirven a buenos,.....	699
Profissão de fé	700
A gomes de amorim.....	703
Vol. XVII	705
A.	706
Recordações de um baile de mascaras.....	707
Vinga-te !.....	713
Psalmo	715
A redempção.....	717
M.....	720
Peccadora e mãe	724
Vendo um retrato de Casimiro d’abreu	727
A***	729
Um segredo revelado	730
Fragmento.....	732
Desafogo.....	734
Hymno	735
A uma flor.....	737
Lembras-te ?	738
Horacio a Nera.....	740

Estrellas bonançosas	742
Num album	744
No cemiterio	745
Vol. XVIII.....	749
Visão.....	750
Só.....	753
Coroa de cecens	756
Visão.....	758
Tu choras ?.....	760
No parque	761
Dolor.....	764
Saudades!	766
O mysterio da noite	768
A oração da virgem.....	771

Introdução

A presente edição consiste numa compilação inédita de poemas recolhidos n’*O Panorama (Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis)*.

O Panorama foi um semanário lisbonense, do qual foram publicados dezoito volumes, durante trinta e um anos (1837 a 1868). Foi fundado por Alexandre Herculano, que o dirigiu durante sete anos, nele publicando também diversos artigos, narrativas e traduções. O semanário atinge grande difusão dentro do enorme surto de revistas que surgem com o advento do Romantismo, funcionando como bancos de ensaio e divulgadoras do movimento literário. Com uma função essencialmente instrutiva, *O Panorama* reúne uma variedade asinalável de publicações de carácter cultural, artístico e científico.

Descrição do processo: da compilação à digitalização

A fonte

Os poemas foram recolhidos dos dezoito volumes d'*O Panorama*, existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa. Trata-se de uma publicação de tamanho um pouco maior do que A4, organizada em cinco séries (1.^a série, volumes I, II, III, IV e V; 2.^a série, volumes VI, VII e VIII; 3.^a série, volumes IX, X, XI, XII e XIII; 4.^a série, XIV e XV; 5.^a série, volumes XVI, XVII e XVIII). As capas contêm, além do título, a indicação da data e da tipografia, que foi diferente ao longo dos anos. Nas capas dos 15 primeiros volumes, figura, ainda, uma gravura, que é diferente da gravura escolhida para a capa dos três últimos. O tipo e o tamanho das letras diferem de volume para volume, quer nas capas, quer nas páginas.

Seleção dos poemas

Tratando-se de um jornal essencialmente literário, seleccionámos, de entre os vários tipos de textos, exclusivamente textos literários e, dentro deste tipo, o género lírico. Esta escolha foi determinada pelo número de textos, que sendo considerável não impossibilitava a execução do projecto no tempo previsto para o efeito. Excluímos, no entanto, poemas inseridos no corpo de outros textos, recolhendo apenas os textos isolados.

Observámos que o número de poemas aumenta nos volumes finais d'*O Panorama*. O quarto volume foi o único onde não encontramos poemas que cumprissem os requisitos da nossa selecção.

Organização e grafia da edição

A sequência dos volumes preside à organização da presente edição electrónica, sendo a mudança de volume marcada por uma fotocópia digitalizada de cada capa. Os poemas encontram-se, dentro do respectivo volume, pela ordem em que se encontram no volume em papel, sendo possível aceder-lhes directamente através do índice. Uma hiperligação introduzida no final de cada volume permite regressar automaticamente ao índice. Optámos pela distribuição de um poema por página, bem como por configurar a página com o tamanho A5. Por razões técnicas, o sinal de *aspas* pode não ter exactamente a forma que se encontra nos volumes em papel.

Foi elaborado um índice com hiperligação para cada texto, no qual a grafia dos títulos foi uniformizada. Os poemas sem título foram representados, no índice, pela primeira palavra, se isolada por pontuação, ou pelo primeiro verso.

Normas de transcrição

A transcrição foi feita a partir de fotocópias dos volumes, consultados na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Foram adoptadas as seguintes normas na transcrição diplomática:

- manutenção da ortografia e estrutura dos poemas;
- manutenção da pontuação e do espaçamento entre caracteres;
- manutenção das maiúsculas e minúsculas;
- uniformização do tipo e tamanho de letra do corpo do texto, títulos e subtítulos;
- uniformização da indicação do local de criação do poema e do autor, com alinhamento à direita, de modo a tornar estes dados mais visíveis para o

leitor, o que nem sempre acontece na fonte;

- junção das partes de poemas que se encontram separadas por outros textos;

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA

DOS

CONHECIMENTOS UTEIS.

VOLUME PRIMEIRO.



PUBLICADO DE MAIO A DEZEMBRO DE 1837.

LISBOA:

NA IMPRENSA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

RUA DIREITA DO ARSENAL N.º 55, PRIMEIRO ANDAR.

ANNO 1837.

O CANTO DO COSSACO

POR BERANGER.

VEM meu ginete : — oh vem meu nobre
amigo !

Chama-te em altos sons tuba do norte :
Prestes no saque , intrepido nas brigas ,
Dá , guiado por mim , azas á morte.

Os teus jaezes não arrêa o ouro ;
Mas de meus feitos o terás em paga :
Meu ginete fiel , rincha orgulhoso ,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Tuas redeas me entrega a paz que foge :
Ei-los por terra os europeus baluartes !
Meus aureos sonhos realiza agora ;
Terás repouso na mansão das artes.

Volve a terceira vez ao Sena inquieto ,
Que te lavou sanguento , e a sede apaga :
Meu ginete fiel , rincha orgulhoso ,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

Reis , sacerdotes , grandes nos clamaram ,
Entre o choro de miseros humanos :
“ Cossacos , vinde ser de nós senhores ! —

“Servos seremos , por ficar tyrannos.

E a cruz e o sceptro quebrarão meus fortes
Que eu hei tomado minha lança e adaga :
Meu ginete fiel , rincha orgulhoso ,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De um enorme gigante eu vi o espectro
Nosso campo correr co’a vista ardente ;
E , gritando : — “ meu reino outra vez surge
!”

Mostrar com a hacha d’armas o occidente.

A sombra era immortal do rei dos Hunos ,
D’Attila a voz , qual maldição aziaga :
Meu ginete fiel , rincha orgulhoso ,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

De que serve seu brilho á velha Europa ?
Que lhe presta o saber para salvar-se ?
Os turbilhões de pó , que hão-de sumi-la ,
Debaixo de teus pés vão levantar-se.

Templos , palacios , leis , memorias , usos ,
Na correria extrema , e piza e estraga :
Meu ginete fiel , rincha orgulhoso ,
E os reis e os povos com teus pés esmaga.

O SECCAR DAS FOLHAS.

Por Millevoye.

Das ruínas destes bosques
O outomno alastrou o chão :
A selva perdeu seus mimos ;
Os rouxinoes mudos são.

No bosque, amigo da infancia,
Triste um jovem vagueava ;
Na sua aurora a doença
Para o sepulchro o inclinava.

“ Adeus floresta querida !
Vestes lucto por meu fim ?
Como te cae folha e folha
A morte me segue assim. ”

“ Intima voz, que revela
Seu fado extremo aos mortaes,
Me diz : vês cair as folhas ?
São estas só : não ha mais ! ”

“ Sobre esta pallida fronte
O torvo cipreste ondea,
Como o que, pharol de mortos,
Sobre campas se menea. ”

“ Antes da vide na encosta,
Antes da relva no prado,
Os dias da juventude
Terão pera mim murchado ! ”

“ Minha linda primavera
Qual a vaã sombra passou !
Eu morro : o euro gelado
Da vida a sete mirrou. ”

“ Cae oh passageira folha,
Vem esta senda cobrir ;
Esconde ao pranto materno
Logar onde vou dormir. ”

“ Mas se vier minha amante,
Involta em véu luctuoso,
Ao pôr do sol, na lameda
Dar-me um suspiro saudoso, ”

“ Com teu leve rugido
Desperta, oh desperta o morto ;
Que assim sua sombra tenha
Ainda allivio e conforto ! ”

Disse : — affastou-se, e não volve :
Ultima folha caiu :

Era o signal : seu sepulchro
Sob o carvalho se abriu.

Mas sua amante não veio :
E só do valle o pastor
Quebrou, com som de passadas,
Repouso do trovador.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

SOCIEDADE PROPAGADORA

DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

VOLUME SEGUNDO.



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1838.

LISBOA:

NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

RUA NOVA DO CARMO N.º 39-D.

1838.

A INFANCIA.

Traduzido do dinamarquez de Baggesen,

Quando eu era pequenito
Tinha um covado de altura
Em me isto lembrando choro ,
E no choro acho doçura.

Era o brinquinho de todos ;
Era da casa o regalo ;
A mãe me trazia ao collo ,
O pae no hombro acavallo.

Tristezas , penas , cuidados
Eram tanto para mim ,
Como os risos de Glicera ,
Como o dinheiro e o latim.

Fazia idéa de o mundo
Ser mais pequeno do que é ;
Mas suppunha-o mais alegre ,
E cheio de boa-fé.

Nuvem da aurora ou poente
Sempre cuidei ser papoulas ,
O iris pedras mui finas ,
As estrellas lentejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas ;
Que inveja vos tive ás azas
Oh mosquitos e andorinhas !

Se um monte apanhava a lua ,
Quem me lá dera , dizia ,
A ver se é bem redondinha ,
E de que é feita , e se é fria.

Pois o sol ? como eu scismava
De o ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar dourado e deserto :

E logo a manhã seguinte ,
De nuvens rasgando o véu ,
Traze-lo de novo acceso
Já d'outra parte do céu.

Mil cousas então pensava ,
No meu juizinho estreito ,
A'cerca do pae celeste
Que ao sol e a mim tinha feito.

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava ,

E as orações repetia
Que a boa mãe me ensinava :

“ Pae do céu fazei que eu siga
As santas leis que me daes ,
Que eu seja amigo de todos ,
Que vos agrade , e a meus paes. ”

Depois resava por elles ,
Por minha irmã , pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldêa innocente ,

Pelo rei , que eu nunca víra ,
E velhos pobres , que eu via
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia.

Tempos de paz e de gosto !
De vós que resta ? . . . A saudade :
Esta , ao menos , Deus piedoso ,
Me conserva em toda a idade.

A ROSA.

Bella em sua innocencia,
D'entre a çarça espinhosa,
Purpurea esplende, inda botão intacto,
Na madrugada a rosa.

É da campina a virgem
A pudibunda flor ;
Em seus efluvios da manhã a brisa
Bebe o primeiro amor.

O sol inunda as veigas ;
Callou-se o rouxinol ;
E a flor, ebria de gloria, á luz fervente,
Desabrochou-a o sol.

O sopro matutino
No seio seu pousára :
Prostituida á luz, fugiu-lhe a brisa,
Que a linda rosa amára.

Bella se ostenta um dia ;
Saúdam-na as pastoras ;
Dam-lhe mil beijos, gorgendo, as aves ;
Voam do gozo as horas.

Lá vem chegando a noite,
E ella empallideceu :
Incessante prazer mirrou-lhe a seve ;
A rosa emmurcheceu.

Desce o tufão dos montes,
Os matos sacudindo ;
Desfallecida a flor desprende as folhas,
Que o vento vae sumindo.

Onde estará a rosa,
Do prado gala e brilho ?
O tufão, que espalhou seus frageis restos,
Passou — nem deixou trilho.

Da çarça a pobre filha
Nasceu, gozou, e é morta :
E a qual desses amantes de um momento
Seu fado escuro importa ?

Nenhum, nenhum por ella
Gemeu saudoso á tarde ;
Não há quem junte as derramadas folhas,
Quem amoroso as guarde.

Só da manhã o sopro,
Passando no outro dia,
Da rosa, que adorou, quando a innocencia

Em seu botão sorria ,

Juncto da çarça humilde
Seu curso demorando,
Veio depositar perdão, saudade,
Queixoso murmurando.

De quantas és a imagem
Oh desgraçada flor !
Quantos perdões sobre um sepulchro abjecto
Tem sussurrado o amor !

A NOIVA DO SEPULCHRO :

Xacara.

Juncto da raia d'Hespanha ,
Em monte calvo e deserto ,
Vê-se um vulto negro ao longe ,
Castello é , vendo-se ao perto.
Mas castello derrubado,
De bons tempos , de outras eras ,
Hoje abrigo , escuro e triste ,
De reptis e bravas feras.
Houve um tempo , em que eram bellos
Esses muros derrocados ,
Que apenas sustentam heras ,
E os espinhosos silvados.
A voz delrei nelle tinha
Nobre alcaide D. Sueiro ;
Nobre por sua linhagem ,
Nobre por bom cavalleiro,
Noivados , torneios , festas ,
Ninguem sem elle fazia :
Ninguem , sem o convidar ,
Ajustava monteria ;
Que nunca da sua besta
Viróte partiu em vão :
Como nunca os justadores
O viram perder o arção.

Mulher , que elle muito amára,
Lha roubára a sepultura ;
Mas, por este golpe, o alcaide
Não mostrou grande amargura.
Até corria entre o povo
Um mysterio de maldade
Uns diziam ser mentira ;
Outros, porém, ser verdade.
Mas o que ? — cubria terra
Esse feito tenebroso :
E só o povo sabia,
Ser viuvo o que era esposo.

II

Cedo se ergue dom Sueiro ;
Cavalga no seu cavallo ,
E para caçada alegre
Passa áquem do extremo vallo.
Por essas margens do Lima,
Debaixo de um puro ceu,
O nobre senhor alcaide,
A' redea solta, correu.
Veredas segue torcidas,
Até descobrir o outeiro,
O qual vestem pela encosta
O zimbro, a urze, e o pinheiro.
Soam sonoras buzinas,

Ri do dia o lindo alvor,
E no meio da paizagem,
Uma brilha e outra flor.
Dom Sueiro o seu cavallo
Incita com ferrea espora ;
Que no logar aprazado
Deve estar dentro de um' hora.
Nada lhe põe embaraço ;
Nem ressonantes ribeiros,
Nem brejos apaúlados,
Nem escarpados outeiros.
Mas ao sair da floresta,
Ainda perto do rio,
Viu ir formosa donzella
Buscando um ermo desvio.
Celestes são seus meneios —
Não mortal, anjo parece : —
Da sua tez a brancura
Alva assucena escurece.
O seu corcel dom Sueiro
Fez parar : — já se esquecerá
Da caçada ; e que no monte
Em breve estar prometterá.
“ Dizei-me vós, oh donzella,
Quem sois, que nunca vos vi ;
Que por minha alma vos juro
Sois já senhora de mi. ”
Resposta nenhuma teve,

Que ella não lhe respondia,
E, sempre guiando ao valle,
A curva senda seguia.

“ Não me fugireis assim : —
Bofé que não fugireis.
Um momento — um só momento —
D. Sueiro escutareis ! ”

Disse : desmonta ; e persegue-a,
Nos braços para a estreitar :
Mas ella furta-lhe o corpo
E elle abraça o subtil ar.

“ Dizei-me vós, oh donzella,
Pela vossa alma dizei,
De que procede tal susto,
Que a meu pesar vos causei ?

Que pelos ceus vos seguro
E' verdadeiro este amor.
Não me fujais, bella dama,
Não ha de que ter pavor.

De esposo, se vós quereis,
Dar-vos-hei, contente, a mão,
Sereis dona de um castello,
Dona do meu coração. ”

“ Dom Sueiro, oh dom Sueiro —
Tornou a dama formosa —
Eu sei quem és, qual teu nome,
E eu seria tua esposa :

Mas como crer nos teus dictos,

Dictos de homem fraudulento ? —
Conheço tuas perfidias ,
E qual é teu vil intento.
Dês que morreu dona Dulce,
A tua infeliz mulher,
A linda Elvira roubaste
Para teu ludibrio ser.
Com promessas refalsadas
Enganaste uma innocente. —
Quem crerá juras de um impio,
Que só jura quando mente ?
Ella te creu, desditosa ! ,
Porém não te creio eu :
Nem, qual de Elvira o destino,
Será o destino meu.
E como soffrera, esposa
Tua sendo, uma rival ?
Folgarás tu nos meus zelos ;
Folgarás della no mal ?
Ousarás tu dom Sueiro
A pobre Elvira expulsar ;
E dias de angustia e pejo,
Misera, vê-la tragar ? ”
“ Oh, voto a Christo, que sim ! —
O nobre alcaide atalhou :
E desfazer-se de Elvira,
Com mil pragas, segurou.
“ Mas dizei vós, dama linda,

Quem sois ? — quem são vossos paes ?
Que eu vos direi de mim tudo,
Se tudo me perguntaes. ”

“ Nunca ! ” — tornou a donzella : —
Quem eu sou não te direi. —
Nada te devo por ora :
Quando dever pagarei.

Mas pódes estar seguro,
Que, bem que nobre senhor,
Não é que o meu, o teu sangue,
Sangue de maior primor. ”

“ Pois sim ! — querida , pois sim : ” —
D. Sueiro proseguia :
E algum signal de ternura
A’ bella dama pedia.

“ Não ! — oh não ! — meu cavalleiro : —
Quando a mim te vir ligado
Tua serei : — antes disso
Fôra horroroso peccado. ”

“ Porém dissei-me, oh donzella ,
Onde vos hei-de encontrar,
Que, pela cruz, ahi, juro
Nossas nupcias celebrar. ”

Oh que não será de dia ! —
Que mal de nós julgarão :
Tornou a dama : — e os praguentos
Certo de mim se rirão.

É pela noite que eu voto : —

De noite no cemiterio,
Quando soar dôze vezes
O sino do presbiterio.
Sob o teixo solitário ,
Onde ninguem nos não veja ;
E aonde nunca chegar-se
Quem passar ousado seja. ”
“ Vivam meus lindos amores ! ”
Interrompeu dom Sueiro :
Sob o teixo – á meia noite – ?
Veremos quem vai primeiro. ”
“ Sim : volveu ella : a essa hora :
Nenhuma fora melhor ;
Porém, da tua palavra,
Que me darás em penhor ? ”
“ Minha paixão em seguro
Do que prometti te dou :
Nunca promessas mentidas
Fez quem deveras amou.
Curvando o joelho, eu juro
Teus grilhões sempre rojar :
Meu corpo e alma são teus ;
E o tempo o hade provar. ”
“ Basta ! – a donzella lhe disse :
Dom Sueiro, sou contente.
São meus teu corpo e tu’alma :
Meus serão eternamente. ”
Dicto isto, ao longo do rio,

Ligeira a senda seguiu :
E elle aos outros caçadores
Alegre se reuniu.

III

Já da larga montaria
O folgado se acabava :
E dom Sueiro ao castello,
Ao seu castello voltava.
Arde-lhe na alma o desejo,
Com as imagens do goso,
E roe-lhe idéa damnada
O coração criminoso.
Infeliz e linda Elvira,
Nos dias da juventude,
Perdera, nos braços d'elle,
Flor de innocencia e virtude.
Mas gosos faceis não duram ;
Breve, apoz , o tedio chega :
Elvira é já enfadonha :
Novo amor o alcaide cega.
Cumpre de si affasta-la :
O caso difficil é :
Ajunctará crime a crime ?
Elle outro meio não vê.
Emfim decidiu-se : — a morte
Em aurea taça lhe deu.

Nobre senhor, folgar podes
Teu crime a terra escondeu !
Era noite : — e dom Sueiro
Para o adro ermo partia :
Logar , horas ou remorsos,
Nada terror lhe infundia.
Brilha a lua em seu crescente :
Passa a noite silenciosa ;
E só lhe quebra o socego
O mocho e a fonte ruidosa.
Ao cabo o adro elle avista :
No meio o teixo lhe avulta,
Não deu meia noite ainda :
A dama ainda se occulta.
Mas troa o sino ! — uma ! — duas !
Contou — contou : — mais dez são.
E uma donzella, de branco,
Surge da lua ao clarão.
E está debaixo do teixo : —
Para lá o alcaide corre :
Não enganou seus desejos
Essa por quem elle morre.
Porém que é isto ? — Recua ?
Para traz a face vira ?
Sim ! — que não era a donzella,
Mas o phantasma de Elvira.
“ Maldicto ! — clamou o espectro :
Pune a traição o traidor :

Negro o sepulchro te espera :
De teu mal és só o auctor.
Pensa, monstro, em quanto é tempo :
Que não tardará teu fim :
Teu nome apagou-se : — agora,
Recorda-te bem de mim ! ”
Não disse mais : — e esvaeceu-se.
Dom Sueiro; espavorido,
Fugiu : sem volver os olhos,
Sem parar, sempre ha corrido.
Brilha a lua em seu crescente :
Passa a noite silenciosa ;
E só lhe quebra o socego
O mocho e fonte ruidosa.
A’ porta do seu castello
Já dom Sueiro chegava :
E alli, vestida de branco,
Do bosque a donzella estava.
“ Mal-hajas tu, cavalleiro :
Apenas o viu lhe disse : —
O ter de mulheres medo
E’ signalada pequice.
Fui eu que fiz de phantasma :
Teu valor conhecer quiz.
Tremmer como tu tremeste
E’ só proprio de homens vis. ”
As faces do nobre alcaide
De vermelho se tingiram ;

Mas voltou logo a ternura ;
Passados sustos fugiram.
“ Vinde a meus braços, querida !
Vinde : não vos detenhais
Digna de ser minha esposa
Só vós sois – e ninguém mais.
Neste sitio – hoje vos juro
Amor firme e puro e ardente :
Em corpo e alma sou vosso ;
Se-lo-hei eternamente. ”
“ Em corpo e alma ! ” — Ella clama,
Com uma voz sepulchral :
Certo será graciosa
Nossa união conjugal ! ”
Então, qual bravo terçol,
Que em sua presa pôz mira,
Ao mesquinho dom Sueiro,
Abrindo os braços, se atira.
Arredo ! — filha do inferno ! —
Grita o alcaide : — isto o que é ?
Ai ! — olhou. — E’ dona Dulce,
Não a donzella, quem vê.
Com os braços descarnados
Ella o collo lhe estreitou ;
E os labios apodrecidos
Aos labios d'elle chegou.
Mortal halito de serpe
Seu halito assemelhava :

Sua figura era horrivel :
Tocada apenas gelava.
“ Deixa-te agora de medos :
Disse o espectro a dom Sueiro :
Que é da audacia que mostravas,
Audacia de cavalleiro ?
Tremes ? — De que, assassino ?
Antes devêras tremer ;
Quando envenenaste Elvira,
E a tua pobre mulher.
Meu amor e meus encantos
Pouco tempo te prenderam.
Em mim, do sepulchro os vermes,
Por tua mão, se pasceram.
Depois, a amar-me tornando,
Repetiste um crime horrivel
Teu amor é frouxo sempre ;
Teu odio sempre terrivel !
Mas agora, odiada ou grata,
Não sairei de teu lado :
Nada quebra no outro mundo
Dos mortos negro noivado.
Alma e corpo me cedeste : —
O corpo aqui dormirá ;
Porém tua alma comigo
Mais longe se acolherá ! ”
Não lhe respondeu o alcaide,
Que a morte empallidecera ;

E, ao som de arranco profundo,
No chão, extinto, batera.
Mas contam'inda os pastores,
Que á meia-noite vaguea
Nas margens do ameno Lima,
Que murmurando serpêa ;
E que, gritando e gemendo,
O seguem duas figuras,
Ambas com brancos vestidos,
E tismadas cataduras.

O ACALENTAR DA NETA.

XA'CARA.

Dorme, dorme, minha neta,
Senão não sou tua amiga ;
Dorme que eu te embállo o berço,
E te canto uma cantiga.

Vae a bella Dona Auzenda
Caminho de Palestina,
Leva traje de romeiro,
Com seu bordão e esclavina.
Dona Auzenda, Dona Auzenda,
Em sabendo que és fugida,
Tua mãe cairá morta,
E tuas irmans sem vida.
Pouco importa a Dona Auzenda
Quem na Hespanha morra ou viva,
Vai em busca de sua alma
Que em Palestina é cativa.
De lá lhe vieram cartas,
E uma carta lhe dizia:
“ Teu amigo Dona Auzenda
“ Chora de noite e de dia.
“ As cadêas não lhe pezam,
“ Pezas-lhe tu, porque scisma
“ Que ha de morrer sem mais ver-te,

“ Nem ver-te quer na mourisma. ”

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

—

Vendeu joias e arrecadas,
Comprou bordão e esclavina,
E trajada de romeiro
Já demanda a Palestina.
Vae pedindo pelas portas,
Por sóes e chuvas caminha,
Trabalhos não a quebrantam,
Com elles vae mais azinha.
Uma tarde, era sol posto,
Quando avistou uma ermida,
Era de Nossa Senhora,
Mãe dos homens se appelida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
Mercê da Virgem Maria.

Os sóccos descalça á porta,

E ajoelha com fé viva,
Pedindo lhe restitua
Sua alma que jaz cativa .
Os olhos da Virgem Sancta
Deram mostras de afligida,
Ergueu-se um vento da serra
Que toda tremeu a ermida.
Coitada de Dona Auzenda,
Mais triste sáe, do que vinha :
Cerrou-se-lhe logo a noite ;
E ella nos bosques sósinha !
Queria andar, e não pôde
Que o grande escuro a tolhia ;
Necessitava encostar-se,
Tinha medo, e não dormia.
N'uma raiz pousa a face,
O corpo em folhas reclina,
Com suas penas conversa,
Coitada da peregrina.
Perdi a terra e o palácio,
Perdi a mãe que lá tinha,
Perco-me agora a mim mesma,
E o que procurando vinha.
D. Giraldo, D. Giraldo,
Só a fé não é perdida,
Pois tu sabes que eu te adoro,
E eu sei como sou querida.
Peço ao meu anjo da guarda,

Se hei-de aqui ficar perdida,
Que vá levar-te por sonhos
Esta minha despedida.

Assim dizia a formosa
Dona Auzenda de Molina,
E ao dizer anjo da guarda,
Lembrou-lhe a irman pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia , fia :
Eu canto á minha candêa,
E sou da Virgem Maria.

—

Então dos olhos cançados
Lhe borbotou a dor viva,
E ouviu folhas abanadas,
E viu uma luz esquiva.
Logo para aquella parte,
Porque o pavor a conquista,
Em joelhos com mãos postas
De relance estende a vista.
E viu uma sombra grande,
Que mui devagar caminha ;
Quiz resar, benzeu-se errado,
Não deu co'a Salve Rainha.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
Guarde-me a Virgem Maria.

—

O andar do fantasma branco
Nenhum ruido fazia ;
Parou, e poz nella os olhos ;
Mas eram terra, não via.
Estendeu-lhe os braços longos,
E com uma voz, como briza,
Lhe diz = “ Eu sou D. Giraldo,
“ Que em mim já se não divisa.
“ Tu buscavas o cativo,
“ Eu procuro a peregrina,
“ Tua alma quer Deus que esteja
“ C’o meu corpo em Palestina.
“ Os nossos anjos da guarda
“ Deram palavra sem lingua,
“ Que á meia noite aqui mesmo
“ Findaria a nossa mingua.
“ Deus, á alma envia um corpo,
“ E ao corpo uma alma envia ...”
Já estas finaes palavras
Dona Auzenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta
E tu, fuzo, fia, fia :
Que eu canto ao pé da candêa,
Que accendo á Virgem Maria.

—

Tinha dado a meia noite,
E Dona Auzenda caíra :
Ai ! Jaz morta a Dona Auzenda
Que tantas penas sentira !
Quem ha de enterrar seu corpo
N'essa noite desabrida,
Ou quem aos pés da Senhora
A irá sepultar na ermida ?
E a alma de D. Giraldo,
Que tão solitaria fica,
Não terá padre que rese
O que por almas se applica !
Mas nunca mais na floresta
Nenhuma cousa foi vista
Os que o sitio tem buscado
Nunca lhe acharam a pista.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
E reso á Virgem Maria.

—

N'essa noite á meia noite,
Indo o sete-estrello acima,
Callou de repente as vozes
Môcho que magoas lastima.
E o gallo que por taes horas
Com seu canto á reza excita,
Bateu as azas callado
Ao pé do leito do ermita.
Tocou sem mão a sineta,
Abriu-se a porta da ermida,
As vellas do altar accezas,
A Senhora mui garrida.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
E vejo a Virgem Maria.

—

E entrou a orar um estranho
Peregrino, ou peregrina,
Que de tudo dava mostras,
E falava em Palestina.
Se ía ou vinha, nunca o disse,

Quando o ermita o requeria,
Que ora falava em ser volta,
Ora falava que se ía.

E disse : a Deus me encommenda
Por tres, mais tres e tres dias,
Que ao cabo d'uma novena
Findarão mil agonias.

Ora nessa mesma noite
Quiz a bondade divina,
Que outra novidade grande
Sucedesse em Palestina.

Da cova de D. Giraldo,
Á meia noite precisa,
Surgiu um corpo defuncto
Que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
Ouça-me a Virgem Maria.

—

E veio uma alma voando,
Que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a guiava,
Vinha-lhe um anjo na pista.
Metteu-se dentro ao finado,

E o finado cobrou vida,
Poz-se c' o anjo a caminho ;
A Senhora era já ida.
Como a novena acabava,
Ao cabo do nono dia,
Vinha pela ermida entrando
Outro romeiro á porfia.
E este assim como o primeiro
Muito ao velho desatina,
Que tambem não cae na conta
Se é romeiro ou peregrina.
Os dois romeiros se olhavam,
E a mãe dos homens sorria,
O ermita estava pasmado,
E um padre moço apar'cia.
Por debaixo do roquete,
Que era neve sem mentira,
Reluziam duas azas
Ambas de prata e safira.
Tomou-lhes as mãos direitas
Com signaes de muita estima,
E disse : *conjungo vos* :
E poz-lhe a estóla por cima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa
Louvor á Virgem Maria.

—

Nove annos eram passados
E apôz nove annos um dia,
Quando ao dar da meia noite
Lá na porta se batia.
Como se abriu a capella,
Logo entrou por ela acima
Um caixão com dois defunctos,
Todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
E estou co'a Virgem Maria.

—

Vinham ambos abraçados,
Com mostras de quem dormia,
Com coroas de flores brancas,
E ninguem as lá trazia.
Mãos que pegavam á argola
Eram mãos que se não viam,
Nem se enxergava pessoa
Nos cantares que se ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,
E tu, fuzo, fia, fia :
Eu canto á minha candêa,
Ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memoria
N'uma taboa bem polida,
Que inda agora na Biscaya
Se vai ver áquella ermida.
A campa ficou sem nomes ;
Mas toda a gente dizia,
Que era Auzenda e D. Giraldo,
Filhos da Virgem Maria.
Por devoção que um e outro
Com o sancto rosario tinha,
Inda por morte casaram,
Sendo a Senhora Madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,
Que tenho a rocada finda ;
Ámanhã, querendo a Virgem,
Te direi outra mais linda.

A. F. de Castilho.

A PRECAUÇÃO.

Quem a seu adversario teve em pouco,
Vimos a suas mãos ficar rendido.
Grandes males e damnos succederam
Por um pouco resguardo ou por descuido.
O capitão na guerra atalaiado,
Não deve temer mais do que a fortuna.
Prudencia é prevenir-se em casos leves,
Porque nos grandes possa estar seguro.

Cortereal — Seg. cerco de Diu.

O PANORAMA.

Jornal litterario e instructivo

da

SOCIEDADE

PROPAGADORA

DOS

CONHECIMENTOS UTIS.

Volume Terceiro.



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1839.

LISBOA,

Na Typographia da Sociedade.

RUA NOVA DO CARMO N.º 89 - D.

1839.

O CAÇADOR FERROZ.

(Traduzido do alemão de Burger.)

Sua buzina tocara

O conde, altivo senhor :

“ De pé, de cavallo, áperta ! ”

Disse : — e monta o corredor.

O nobre animal relincha :

Pula e parte — e a turba apoz :

Ei-los vão ! — Quem era o conde ?

Era o *caçador feroz*.

Por estevaes e por çarças,

Por campinas cultivadas,

Voam rapidos — ressoam

Motejos, gritos, risadas.

O sol que vinha rompendo

Em luz as veigas banhava

E do zimbório do templo

O lanternim scintillava.

Tlim, tlão ! — convocando á missa

Tangia o sagrado sino

E involto no som dos órgãos

Do côro se ouvia o hymno.

Duas sendas lá se cruzam ;
E a turba chegara lá :
Da direita um cavalleiro,
E outro da esquerda está.

Nedio ginete, qual neve
Alvo, guiava o primeiro ;
O segundo a redea solta
Esporeava um fouveiro.

Quem taes cavalleiros eram
Creio certo adivinha-lo ;
Bem que ainda com certesa
Não me atreva a declara-lo.

Da direita ao cavalleiro
Fulgia o rosto formoso ;
Porém no olhar do da esquerda
Fulgor havia horroroso.

“ Bem vindos sois, cavalleiros,
Bem vindos á montaria !
Qual prazer, no ceu, na terra
Ao nosso se igualaria ! ”

Assim disse o conde — e rija
Palmada na côxa deu,

Atirando pelos ares
A grande altura o chapéu.

“ O som da tua buzina —
Tornou logo o da direita —
Nem aos canticos do côro
Nem do sino ao som se ageita. ”

“ Ruim caçada te espera —
Atraz te cumpre voltar :
Contra ti a ira celeste
Não queiras desaffiar. ”

“ Nobre conde monteae —
Prestes o outro atalhou —
Que importa a bulha do côro
E se o sino badalou ? ”

Deixae ao povo o seu medo ;
Que para a relé foi feito :
Não são palavras sandías
Das que merecem respeito.

“ Ah, bem dicto ! — oh tu da esquerda
Um heroe és quanto a mim
Só padrenossos empecem
A algum caçador ruim !

“ Que tem missas, que tem resas
Com o caçar ? — diz, sandeu !
Se medo queres metter-me
Falhou o calculo teu. ”

Disse o conde. — Avante correm ;
Vão por campinas e outeiros
Sempre da direita e esquerda
Estão os dois cavalleiros.

Eis lá em distancia um cervo
Branco transpoem a assomada,
Tendo de pontas galhosas
A erguida fronte adornada.

Então o conde a buzina
Com mais alento assoprou
E tudo, a pé, a cavallo,
Com mais rapidez vôou.

Ora dos que por diante,
Ora dos que de trás vão,
Um ou outro arrebetado
Fica no meio do chão.

E o conde : — “ caem ? — No inferno
Baquear podesseis vós ! —
Os que desalentam fiquem :

Sem elles bem vamos nós. ”

N’uma seara, guarida
O pobre cervo buscou ;
Então o dono do campo
Triste ao conde se chegou :

“ Meu bom senhor, clamou elle,
Compaixão, meu bom senhor !
Ah poupae mesquinhos fructos
De um abundante suor. ”

Da direita o cavalleiro
O conde amoestou então :
Cortezes eram seus dictos,
Cortezes e de razão.

Mas o da esquerda atiçando-o
A’ maldade perpetrar,
Despresou o da direita
Para o da esquerda o enredar.

“ Fora cão ! — ao camponez
Grita o conde esbravejando —
Quando não, com mil diabos,
Soltar-te a matilha mando. ”

“ A’lerta, socios ! — o açoute

Pelas orelhas chegae-lhe ;
E que sou fiel ás juras
Dessa maneira provae-lhe. ”

Dicto e feito. — O conde salta
Por cima os valles fronteiros ;
E atraz delle estrepitando
Homens, cavallos, balseiros.

O tropel com grita horrenda
Pisa e destroe a seara ; —
Que ninguem do lavrador
Dorido chôro escutara.

Pelo estridor acochado —
Que já bem perto o sentia —
O cervo os crueis intentos,
Veloz fugindo, illudia.

Atravez de montes, valles,
Perseguido e não tomado,
Manhoso se foi metter
Entre um rebanho de gado.

Entrando do campo ao bosque,
Saindo do bosque ao claro,
Seguiram-nos os cães, e em breve
Lhe acharam da pista o faro.

Cheio de angustia o pastor,
Por seu rebanho temendo,
Por terra se arremessou
Aos pé do conde tremendo.

“ Deixae meu pobre rebanho,
Senhor tende dó de mi :
De muitas tristes viúvas
O gado retouça aqni.

Cada qual das pobrezinhas
Tem das rezes uma só :
Eis toda a sua riqueza :
Senhor, tende dellas dó. ”

Da direita o cavalleiro
O conde amoestou então :
Cortezes eram seus dictos,
Cortezes e de razão :

Mas a maldade do conde
Sempre atiçava o da esquerda,
E do bom rindo do aviso
Corría á ultima perda.

“ Cão ! — a mim oppor-te queres ?
As contas vou-te eu fazer.

Quem me dera entre essas vaccas
Comtigo as taes velhas ver. ”

“ Que seria o mais suave
Prazer do coração meu
Montear-vos mesmo ainda
Pelas campinas do ceu. ”

“ A’lerta, socios ! — avante !
Cães ! — avança ! csê ! perdido ! ”
E os cães no mais perto que acham
Saltam com fero latido.

O pegureiro por terra
Cae, em seu sangue banhado,
E sanguento o gado fica
Todo alli atassalhado.

A’ morte escapou a custo
O veado, que fugia
Cada vez menos ligeiro,
N’uma floresta sombria.

Cuberto de escuma e sangue,
Perdida a respiração,
Do bosque em meio salvou-se
No alvergue de um ermitão.

Segue-o o tropel incansavel —
Estalla o açoute incessante —
Soam buzinas — retinem
Os gritos de = aboca ! ávante ! =

O solitario piedoso
Da cabana então saiu
E ao conde com brando gesto
Taes palavras dirigiu.

“ Senhor, deixa teus intentos,
E o sacro asylo venera :
A creatura ao ceu se queixa
Delle teu castigo espera.

Aos bons avisos, oh conde,
Cede pela ultima vez ;
Quando não na perdição,
Certo, abysmado te vês. ”

Cuidadoso o da direita
Ao conde correu então :
Cortezes eram seus dictos,
Cortezes e de razão.

Mas o da esquerda atiçando
Nelle o animo damnado,
Do bom apesar do aviso,

Ai ! do máu foi enganado.

“ Perdição ! — Disso me rio : —
Não cuideis que eu tenha susto :
No terceiro ceu que fora
Me escapara o cervo a custo. ”

“ Que me importa a ira divina ?
Vae-te pregar ao deserto :
Teus sermões a montaria
Não farão falhar, por certo. ”

Assim disse o conde — o açoute
Sacode ; as buzinas soam,
Cse ! — aboca ! — Ui ! de diante
Homem e cabana voam.

Detraz corceis, homens fogem : —
Sons e gritos de caçada
Se esvaecem de repente
Da morte na paz gelada.

Pavido o conde olha em roda : —
Tóca a buzina — não sôa :
Grita — em vão : — nada ouve : — o
açoute
Vibra : mas no ar não tôa.

Para um e para outro lado
O seu cavallo esporea : —
Nem para traz voltar pode,
Nem avante se menea.

Então escurece emtorno : —
Cada vez mais se ennegrece : —
Qual sepulchro fica : — ao longe
Bramir triste o mar parece.

Lá trôa voz de trovão ! —
Que era o que dizia a voz ?
Era a sentença do conde,
Sentença medonha e atroz.

“ Genio infernal, atrevido
Contra Deus, homens e feras !
Das creaturas os gemidos
Ressoaram nas esphas. ”

“ Tuas maldades e insultos
Alto pedem punição,
Onde da vingança o facho
Ondea erguido clarão. ”

“Malvado, foge ! — que os monstros
Do inferno te vão seguir.
Para que sejas exemplo

Aos tyrannos do porvir. ”

Qual d’aurora boreal,
Flavo pallido fulgor
Tingiu depois na floresta
Das folhas a verde cor.

Immovel, pasmado, mudo,
Gelido o conde ficou ;
Da angustia o tremor dos ossos
A’ medulla lhe chegou.

Frio susto pela frente
Contra ele arroja o terror :
Pelas costas o persegue
O trovão atroador.

O susto o gela — o ceu ruge —
Da terra vae-se elevando
Negra agigantada mão —
Ora abrindo, ora fechando.

Pelos cabellos da fronte,
Ai ! — quer o conde prender :
Elle atraz o rosto volta —
Nem mais o pôde volver.

Em roda chammeja a terra

Verde, azul, vermelho fogo ;
Delle um mar rodea o conde —
Surge o inferno em peso logo,

Lá dos abysmos profundos
Saem mil mastins raivosos,
Que pelo averno açodados
Se tornam mais furiosos.

Toma alento o conde e foge ;
Por montes, por campos vae,
Do seio arrancando a espaços
Do espanto terrivel ai.

Mas por todo o largo mundo
Atraz delle ruge o inferno —
De dia do orbe no centro ;
De noite no ar superno.

Ficou-lhe a face voltada,
Por mais que avante corresse,
Sem que dos horridos monstros
Os olhos tirar podesse.

Eis como a caçada foi
Do tropel desenfreado,
A qual até nossos dias
Tão constante tem passado.

Que muitas vezes, durante
As horas da noite escura
Ainda ao dissoluto causa
Do medo o horror e amargura.

De bastantes caçadores
Podia a boca dizer-lo,
Se muito não lhe importasse
Callado consigo te-lo.

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Volume Quinto.



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1841.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE

Rua Nova do Carmo N.º 39—D.

A rosa branca

I.

Negra era a noite, e a praia solitária ,
E pesados os ares ,
E tremendo o bulcão, que Deos mandára ,
Varrer os largos máres.

Em serras altas levantado o pégo
Os céus ia insultar,
Em abysmos cavado similhava
A terra q'rer tragar.
E as líquidas montanhas alvejantes
Com as nuvens entestavam ,
E raivadas bramiam rijamente ,
E quasi as salpicavam.
E nem uma estrellinha de consôlo
Vislumbrava ao perdido,
Nem clarão d'esperança reluzia
Em céu de dó vestido.
Nem astro, nem pharol, nem luz, nem facho
,
Nada — róchas escuras ,
A praia solitaria , o mar immenso . . .
E Deus lá nas alturas.

Assim a vida — escuro, amplo deserto,

Oceano de mysterio ,
Negrura e sombra . . . e ao cabo um leito
extremo
 No chão do cemiterio.

E o raio do Senhor — rasgando as nuvens

—
 Atravessava o ar ,
E com fita de fogo, immensuravel ,
 Ao céu prendia o mar ;
E a chamma velocíssima , rompendo
 As trévas carregadas ,
Da praia as róchas nuas amostrava ,
 Quaes gigantes ossadas.
Enxofrados clarões, correndo ao largo ,
 Os campos inundavam.
E mil estranhas fórmãs , despertando ,
 Incertas vacillavam.

Ruge , ruge , tormenta desvairada,
 O' filha do deserto ,
Na selva ruge , ruge nos rochedos ,
 Ao longe como ao perto.

Alem , no bosque , o cedro mais antigo
 O raio o fulminava,
D'alto abaixo incendiado , qual serpente
 De fogo s'elevava.

Aqui , mesquinha e triste , a flôr que a custo
N'uma fenda sorrio ,
Pendido o calix , pálida , entornava
Os prantos seus em fio.
Derrubada por fim , mal pôde um dia
Nascer , sorrir , brilhar :
Fôra seu choro o choro da tormenta ;
Foi seu sepulchro o mar.
Nas arvores frondosas , lá da encosta ,
Da primavera a flôr ,
Do ramo desprendida , o chão beijava ,
Qual lagrima d'amor.
Alli , na matta , o secular carvalho ,
Da força imagem féra ,
Ao chão não foi — diff'riu , até na morte
Da flor da primavera. —
Não vergou nem cedeu — curvando a fronte
Ao braço impetuoso
Do bulcão furibundo — o tronco duro
Lh'opoz , de si vaidoso.
Não vergou, mas quebrando nas raizes
E f'rído e destroncado ,
Lá foi lançado aos ares , do combate
Despojo mal-fadado.
.
E o rijo turbilhão corria ao largo ,
Sem fim , sem rumo certo. —
Ruge, ruge tormenta desvairada ,

O' filha do deserto.

II.

E n'ess'hora de lucto e de tristura
Orava tudo ao Deus, que tal mandára ,
Invocando o seu nome n'amargura ,
 Seus pés indo abraçar ?
 A selva, a praia, o mar
As iras do Senhor repercutiam
Erguendo vozes mil , e mil clamores ,
Mas terra a dentro , ao longe reluziam
 Palacios de senhores.

Um delles , mais que os outros fulgurante ,
Por cem vermelhas bocas trasbordando
Polo campo entornava , e mui distante ,
 Torrentes d'harmonia ,
 Que em ondas s'estendia
Ao largo , na campina abandonada ,
Par'cendo , lá da praia tão deserta ,
Chamma pequena em selva emaranhada
 A vislumbrar incerta.

E, qual perdida rôla , a espaços ia
Uma notta suave e solitaria
Mansamente afagar a penedia ,
 Suspiro similhando ,

Que o mudo horror quebrando ,
 Atravez do rugir da tempestade —
 Humilde prece , arfar de seio terno ,
 Do mundo s'elevava á immensidade ,
 Buscando os pés do Eterno.

E lá, n'aquellas sallas reflectindo
 Mil astros no christal , mil fogos n'alma
 E mil fulgentes soes no rosto lindo
 De cada formosura ,
 Havia só ventura ? . . .

Oh! quanta, quanta dôr por entre flores
 Seu absyntho fatal occultaria ,
 Quantas penas , remorsos e terrores ,
 Quanta lenta agonia !

Como a luta cruel dos elementos ,
 No mundo féramente revolvidos ,
 Mais branda , talvez , fôra que os tormentos

,
 Que em peito incendiado ,
 Lançára negro fado !
 E como a funda sombra da procella
 Seria luz amena, comparada
 Co'a noite d'alma , em que não luz estrella ,
 Sem ser na campa alçada !

.
 E o palacio festivo illuminado ,

Figurava , com olhos reluzentes ,
 Perdida sentinela , no seu prado
 A procella espreitar
 E tudo a negrejar ;
 E a montanha tremendo d'assombrada ;
 E a tormenta a rugir ao longe e ao perto : —
 Ruge , ruge , tormenta desvairada ,
 Ó filha do deserto.

III.

Lá do outeiro ou da hermidia *ella* descia
 Da chuva repassada ;
 Alvas roupas delgadas e ligeiras ,
 Madeixa ao vento dada.
 Branca rosa , como *ella* já cortada ,
 E pálida como *ella* ,
 Sobre os negros cabellos lh'alvejava
 Qual affogada estrella.
 E o curto pé , que as sedas molestavam ,
 Na bronca penedia ,
 Nos cardos da devesa não trilhada
 De rubro se tingia —
 Era o corpo arbustinho transplantado
 Em terra ingrata e má ,
 O rosto um jaspe frio , um gêlo immovel
 Em que vida não ha ,
 E em formosura a triste inda primava ,

Ermo lyrio abatido ,
 Estatua q'rida d'esculpor poeta ,
 Ou cherubim perdido ,
 Sonho d'alma em noite melancholica ,
 Visão da madrugada ,
 Sem luz , sem côr — vestida de vapôres ,
 De nevoas coroada.
 Ora o vento do sul co'a trança negra
 O rosto lhe açoitava ,
 Ora inteira , assombrando-lhe a lindesa ,
 Nos ares lh'a espalhava.
 E muita vez , cortado pelo raio ,
 O tronco da espessura
 Das alvas carnes suas tão mimosas
 Manchava a neve pura.
 Quem era? — d'onde vinha, assim vestida ?

—
 Quem a rosa lhe dera? —
 Quem tamanha dôr d'alma e tantas penas
 No rosto lhe pozera ? —
 Porque trajando as gallas do festejo
 A tormenta buscára ? —
 Porque os quentes salões e o baile e a festa
 Polo bulcão trocára ? —

—
 Gelado, triste inverno
 Murchára-lhe o existir ?
 Da vida a flôr mais linda

Sentíra aos pés cahir ?

Sorrindo , as ledas portas
Do mundo tendo entrado ,
Cerrára-lh'as com prantos ,
Depois , avesso fado ?

Ouvíra pouco a pouco
Morrer-lhe a melodia
Tão meiga , tão do céu ,
Que d'alma a Deus subia ?

Sentíra que o thuribulo
D'incenso perfumado ,
Que ardêra no seu peito ,
De todo era quebrado ?

Sentíra que nos seios
Do morno coração
A chamma se apagára ,
Ou só luzia em vão ?

Da lyra de su'alma
A corda mais brandinha ,
Que amores só vibrava ,
Que só ternuras tinha ,

Sentíra-a distender-se ?

Ouvíra-a já quebrar-se ?
Dos hymnos seus , mais doces ,
Saudosa despojar-se ?

Ouvíra-a murmurando
Em frémitos sentidos ,
Ás horas d'alta noite ,
Lamentos e gemidos ?

Sentíra-a , tristemente ,
Queixar-se discordada ,
Lá quando véla a morte
Na vida recostada ?

Morrêra-lhe a ventura ?
Fugíras-lhe a esperança ?
Turbára-se-lhe do íntimo
A placida bonança ?

O sol do seu viver
Fizera-se vulcão ?
Cortára-lhe o soffrer
A flôr do coração ? . . .

IV.

Na vida caminhava alegremente
Em trilho chão em relvas de ventura ,

Debaixo de seus pés brotando amores ,
 E o nome só sabendo da tristura. —
 Orava a Deus no céu, na terra amava
 A quanto em tórno della lhe sorria. —
 Estrella da manhã no céu d'aurora
 Sem mancha reluzia.

Qual orvalho mimoso d'alvorada ,
 Da terra mãi so prantos amorosos
 Por vê-la assim tão pura lhe corriam
 De olhos no futuro já cuidados.
 Preparavam-lhe o leito regalado
 Brandura , amor , caricias e devellos ;
 Tinham n'alma o prazer , no rosto as graças
 ,
 E o céu nos olhos bellos.

S'entrava pelas salas perfumadas
 Da festa fulgurante e buliçosa ,
 Por mais que mil lindezas lá brilhassem ,
 Ella só parecia ser formosa.
 E nem tinha a açucena mais candura ,
 Nem o lyrio do vale mais innocencia ,
 Dissereis ser incognito reflexo
 De sobr'humana essencia.

Nunca a mente mais férvida sonhára
 Um anjo assim. — das vistas lhe manava

Um diluvio d' amor , que n' alma entrando ,
Já n' alma não cabia e trasbordava.
Os soes do coração seus olhos eram ,
Seus olhos em que o Empyreo se revia ,
Matava de trenura se os baixava ,
Matava se os erguia.

Rubra flor, e botão maravilhoso ,
Cortado nos jardins do Paraíso ,
Somente os labios puros descerrava
Para n' elles brincar meigo sorriso.
A doce voz, que os ares perfumava ,
Tormentas d' alma em doce paz fundindo ,
Era um bymno incessante, um canto
angelico
Da terra ao céu subindo.

Amára ! – fôra seu amor incendio ,
Fôra oceano de incognitas delicias ,
Fôr' alma derretida em mil doçuras ,
O coração desfeito em mil caricias.
Mancebo que era em tudo semelhante
D' olhares onde o engenho throno alcaçára ,
De sancta inspiração na fronte inscripta
A insemção lhe quebrára.

Dois anjos , d' asas cândidas , nascidos
Ao sôpro do Senhor em mundo estranho ,

Unidos peito a peito aos pés do Eterno ,
 Não tinham não, de certo, amor tamanho :
 O Sol, a Vida, o Ar, o Tempo e tudo
 Gosavam-n'ó elles só nas mutuas vistas
 Duas vidas cifravam n'uma vida ,
 E as almas eram mixtas.

Nem somente a existencia lhe rossava
 Esses dos homens perennal fadário ,
 No meio d'insensível mundo avaro
 Viviam no seu mundo solitário ,
 De sonhos , d'illusões , de paz , d'encantos
 Em amplo mar deserto s'empregavam ,
 E os olhos cá da terra fatigados
 Nos puros céus cravavam . . .

—
 Era a noite fatal da tempestade,
 Ondulavam do baile os esplendores ;
 E ella — ai ! triste ! — folgava-se
 guardando
 Risos nos labios e no peito amores.
 Inquieta de trenura e d'esperança
 Gosava brandos gosos sem cuidado ,
 Sem ver sumir-se ao longea a sua estrella
 N'horizonte serrado.

Flores , luzes , musicas suaves
 E a doce embriaguez de mil prestigios ,

E perfumes e joias e outras joias,
Dominando as primeiras em prodígios.
Vago rumor , mansinhas confidencias ,
Confuso gorgear de cem gorgeios,
E a dança a reflectir os moles passos
Em palpitantes seios.

E tudo a rescender de grato aroma,
E ella — a misera ! — aspirando a tudo a
vida ,
Aguardando que o amante lhe viesse
E ventura dobrar tão bem sentida ;
Mas — Deus ! — elle não veio — morto
estava.
Quando vinha encontra-la , alvoroçado ,
Em fundo precipicio o derrubára
Seu cavallo espantado.

Não veio — veio a nova desastrosa ;
E a triste ao saber tal não verteu prantos,
Nem gritos , nem quixumes , nem desmaios
,
Nem ais doridos , nem mortais espantos : —
Nada. — Pállida, immovel, insensivel
Soltou gelado rir no labio frio ,
E qual jaspe ficou — estatua muda
Que da base cahio !

.....
.

E o baile proseguíra recrescendo
 Em bulicio e rumor e doidas fallas ,
 E a pobre afflicta , que a razão perdera ,
 Vagava á tôa nas allegres sallas ,
 E todos s'illudiam vendo o riso
 Que em seus labios parados se fixará ,
 E a desvellada mãe , já brando o susto ,
 Como os mais s'enganára.

Notando mal o gêlo de seus olhos
 E o peito a arfar e mudo gesto absorto,
 Uns pensavam comsigo : “ Oh ! que frieza !
 ”

Outros diziam : “ Pobre do que é morto ! ”
 E as surdas magoas n'alma accumuladas,
 Que a vida toda inteira lhe partiam,
 Dôr que d'um golpe tudo lhe matára,
 Nem elles a entendiam.

Oh ! que negro penar ! — que algoz tormento
 ! —
 Que sina feia e má ! — que sorte crúa ;
 Já fôra linda flor , do prado orgulho ,
 Erma perla ficou na rocha núa.
 Co'as rosas de seu rosto lhe fugíra
 Dos mesmos que encantava o bando vario . . .

Ó mundo que assim foges dôr calada ,

Martyrio solitario !

—
 Volvêra um' hora apenas, e de tantos
 Nem já um só na misera pensava . . .
 E ella , sempre a sorrir co' a morte n' alma ,
 Sombra estranha entre todos vagueava . . .
 Ás janellas chegou — e , alli , seus olhos
 Cançados já da festa assombradora
 Saudaram , rindo , a tempestade horrenda
 Que bramis lá fóra.

Toldara-se-lhe em dobro o triste peito ,
 E ella — a pobre ! — com isso se alegrára !
 Se tríplices horrores vomitasse
 A procella cruenda , mais folgara
 E fôra quanto lhe alterára o rosto
 Que s'ia em quedo marmore tornando ,
 E se alguém tal folgar lhe percebêra
 Passára alem zombando !

.....
 Chegára ao gráu mais alto o baile ardente ,
 Correntes de prazeres delirantes ,
 Corriam pola turba , que encontrada
 Em vagas ondulava sussurrantes. —
 Morta no coração, cortada n' alma ,
 Qual de bardo infeliz quebrada lyra ,

Entra todos passára, não notada ,
E das sallas sahira.

E em convulso estertor , em ancia muda ,
Arrancando os adornos preciosos ,
No chão os arrojara , quaes se fossem
Vis emblemas de tratos tenebrosos.
A branca rosa , que o amnate desvelado
Na vespera lhe dera , só guardára,
E sem olhos voltar sahíra ao campo
E nunca mais tornára ! . . .

V.

Nas campinas solitárias ,
Pela rocha agreste e dura,
Toda exposta ao vento frio ,
Dada ás féras da espessura ,
Sem mãe , para te cubrir ,
Aonde irás tu dormir ?

Sem o teu Christo doirado ,
Que n'outr'ora tanto amavas ,
Sem a tua imagem linda
Da Virgem por quem chamavas ,
Sem mãe , para te abraçar ,
Aonde irás tu parar ?

A chuva , que em rios cahe ,
Ei la ensopa os teus vestidos ,
Teus membros, tão delicados ,
Em pouco serão transidos ;
Sem mãe , para te aquecer ,
Aonde irás tu fazer ?

Longe do mundo piano
E das tenras avesinhas ,
Que com tua mão criaste ,
A quem tanta affeição tinhas ,
Aem mãe , para te beijar ,
Aonde irás tu findar ?

VI.

Pelo campo vagára a desgraçada
Com seu constante rir ,
Dos espinhos do matto retalhada
E sem nada sentir ,
E depois de fatar-se de tormentos
Com tanta crueldade ,
Sobre a rocha mais alta se assentára.

E a tormenta passava
Na rocha e sobre o mar ,
E a misera sorria
Contínuo, sem parar.

E par´cia alli posta solitaria
Rara nevoa delgada ,
C´roando a negrarochoa , há tantos seculos
Sobre o mar empinada ,
No espaço assim perdida a f´orma incerta ,
Cuidareis só sonhala : —
Ou anjo ou ninpha — sem caber á mente
O poder d´alcança-la ;
Só quem bem no semblante lhe attentasse
Veria com espanto
Polo rosto correm-lhe dois rios
De fundo surdo pranto.
Cavando leito ardente em faces gélidas
O chôro que corria
Dos olhos seus em fio mudamente,
Ai ! que a triste o bebia ?

E a tormenta passava
Na rocha e sobre o mar ,
E a misera chorava
Cont´nuo , sem parar.

VII.

Já da noite fatal as grossas trévas
Delgadas se tornavam ,
Já nos montes d´alem , titaens soberbos

Os cimos alvejavam ,
E a negra tempestade em fuga posta
Os restos seus rojando ,
Uivava ainda , tigre esfomeado
De longe ameaçando.
Ao bulcão da tormenta succedêra
A matutina aragem
Que , sorrindo na selva , murmurava
Pela fresca ramagem ,
E a Natureza inteira despertando
Alegre e folgasaã
Sacudia o seu manto de vapôres
Ao albor da manhã ,
E o mar , rolando a espaços um gemido ,
Na vaga inda fremente
Pouco a pouco cedia ao seu Deus grande
Qual servo obediente ;
Despindo as iras más nas rochas ermas ,
Já quasi que tentava
Depôr de sancta paz osculo sancto
Que brando lhe mandava.
O véu negro da tumida procella
Cahíra já desfeito ,
Cessára o pelejar dos elementos
Lutando peito a peito.
Já , em fim , polo oiteiro da hermidinha
De verduras e c´roado
Luziam como uns raios de Sol novo

N'horizonte encravado :

E toda a creatura começava
Seu hymo ao Creador ,
Era a hora suave em que no mundo
Respira tudo amor.

VIII.

Da encosta a flor abria
O seio púdico ao beijar do orvalho ,
A vida renascia ,
Era principio de geral trabalho.
Na selva e no rochedo
Murmurios d'existencia começavam ,
Da noite os olhos meigos
Do céu nas solidões já se apagavam ,
E as sombras rarejando
O campo á fresca luz iam largando.

Á voz da criação
Desperto o mundo ao somno seu fugia ,
Reflexo purpurino
Dos céus altos a face lhe incendia.
Em rosto de donzella
Não fora , não , tão linda a côr do pejo
Quando amante arrojado
Lhe desse trémulo o primeiro beijo.

O Empyreo vendo abrir-se-lhe
E em puro gôso o coração fundir-se-lhe ,
 Não fora , não , tão linda
Como a facha de rosas estendida
 Lá no largo horisonte ,
Íris d'amor , esp'ranças de outra vida.
 Do val no meigo arroio
Sombras descommunes da selva umbrosa
 Tremebundas fugiam
Polo remanso d'agua perguiçoso ,
 Fingindo alli pintadas
Outra selva e outras arvores sonhadas.

IX.

Da vida os mil rumores
Incertos accordavam ,
E ao campo morto ha pouco
Alentos já tornavam.

As sombras melancholicas
Ao longe iam fugindo ,
Ternuras entornando ,
Saudades sacudindo.

De canticos recentes ,
De canticos extinctos
Concertos mil nasciam

Já vagos , já distintos.

Incertas melodias
Apenas esboçadas ,
Cortando os mansos ares
Aos céus eram levadas.

De quanto Deus creára ,
De quanto a Deus sorria ,
No espaço o aroma puro
Nadando rescendia.

Inteira a Natureza
De gallas se adornava : —
Nem sempre alegres côres ,
Nem sempre côr d'escrava. —

Nos seios joias límpidas
Aonde o sol brincava ,
Na fronte verdes c'roas
Onde outro sol folgava.

E polo oiteiro abaixo
Escorregava o dia ,
Tapete d'alvas flores
A terra lhe cubria.

Lançara-as no chão negro

Da tempestade o vento —
Extrema despedida ,
Ou candido lamento.

Às horas que Deus leva
Lembrança derradeira ,
Ou do porvir às horas
A saudação primeira —

Lançára-as o bulcão
Raivando furibundo ,
E agora o rei da luz
Alli cavava fundo.

.

E cada flor cahida
No solo abandonado ,
Aos raios do sol novo
Brilhar ind'era dado.

—
Brilhai , brilhai , ó flores
Que rides entre os ais ,
Brilhai — passado um dia
Não brincareis já mais.

Quando outra vez a noite
Vier a visitar-vos ,

Quando outra vez o sol
Vier meigo affagar-vos ,

Achar-vos-hão já seccas
Ó flores sem abrigo ,
Achar-vos-hão já mortas
Ao pé do tronco amigo ;

E quando o pastor bronco ,
Da bronca serrania ,
Buscar do valle as sombras
Á hora do meio dia ,

Os tristes restos vossos
Sem dó vos calcará ,
E nem que alli vivestes
Passando lembrará ,

E ávante hade ir , d'enlevo
Nos rudes seus amores ,
Sem dar-vos um só ai
Ó minhas pobres flores ,

E nem dirá ao menos
Lá dentro d'alma dura : —
“ Aqui vos deixo um pranto
Ó flores sem ventura.

.

Se alguém alheios males
 Regar c'os prantos seus ,
 Se alguém do mundo longe
 Viver comsigo e Deus ,

Nas horas solitarias
 Ess'hade recordar-vos ,
 E breve campasinha
 No peito alevantar-vos.

Had'ir carpindo triste
 Furores do bulcão ,
 Já quando nem lembrades ,
 Chorar sobre esse chão.

Também , ó tão mesquinhas ,
 Tereis vosso cantor ,
 Também chorada morte
 Terá d'um dia a flor.

X.

E *ella* estava no cimo do rochedo
 Estatua como d'antes ;
 A boca descerrada , as mãos pendidas ,
 E os olhos gotejantes.

Por entre o louco rir na face immovel
 O pranto lhe corria ,
 Gelado pola nevoa d'alvorada
 Que a misera escondia.
 No templo do Senhor orar par'cia
 Em sonho angelical :
 Eram-lhe as vagas susurrar d'amores ,
 E a rocha pedestal.

.
 Chorai , anjos do céu , almas da terra ,
 Chorais vós que existis.
 Amor que lhe deu vida , amor tornou-a ,
 Ai — Deus ! — tão infeliz.
 Oh ! triste , triste quem a busca anciosa ,
 Quem o leite lhe deu ,
 Quem sobre o seio infante pequenina
 O rosto lhe aqueceu.
 Ai ! não , não poderá hoje aquece-la ,
 Não , seus beijos ardentes
 Já não farão tremer aquellas faces
 Tão puras e innocentes.
 E os prantos amorosos , já sem echo ,
 N'aquelles olhos frios ,
 Não farão polas veias circular-lhe
 Suaves arripios.

XI.

Oh ! que dôr ! — Ao luzir a madrugada ,
Sem mais volver-lhe o siso ,
Sem mais um ai soltar . . . soltava um nome
Por entre o pranto e o riso !

XII.

Ah ! que nome sería o que mandado
Por alma , que escondêra tanto fogo
Em centro limitado ,
Dos labios fugitivo apoz rojára
Inteira uma existencia ardendo em febre
Que subito gellára ?

XIII.

C'o primeiro e mais puro de seus raios
O sol , de pouco nado ,
Deu-lhe um beijar d'amor era o primeiro
...
Homens chorai-lhe o fado ! . . .

.
Sem ancia , nem turpor , nem brado extremo
Fugíra-lh'alma assim
Aos seraphins do Throno do Deus vivo
Crescêra um saraphim.

.
Cá no mundo infeliz adormecendo
Chorava de saudade ,
E fôra , despertando lá na gloria ,
Sorrir á Eternidade !

XIV.

Ditoso o bardo . . . s' encontrar pudesse
Quem tamanha paixão n'alma tivesse !

(S. L. — J.)

De condição humana é não ver traves
Em nossos propios olhos , nos
alheios

Arestas leves nos parecem graves.
Mas deixe a estrada chaã , siga rodeios
O nescio , o pertinaz , seu mal
sustente

Com rasões apparentes , com vãos
meios :

Do seu parecer proprio se contente ;

Todos os mais despreze , não entenda

Que mais fia de si quem menos sente.

Eu não me queixarei que me reprehenda

O sábio , o virtuoso , o amigo puro ,

E sendo mister mais que a mais se
entenda.

Diogo Bernardes. Lim. Car.10.^a

Se parecer desejas o que és , falla ;
Se parecer não queres o que és , calla.

P. d'Andrade Caminha

A ESCOLHA DAS TRES FLORES.

Uma flor me fêz presente
De tres flôres delicadas ,
Todas diversas nas côres ,
Nas bellezas variadas.

“ Qual de nós [me disse a esponja ,
Que primeiro a voz ergueu] ;
“ Qual de nós te agrada mais ,
O jasmim , a rosa , ou eu ? ”

“ Para fallar-te a verdade ,
Tenra flôr — lhe respondi —
Não sympathiso contigo ,
Não gosto nada de ti.

“ Prezem outros muito embora
Teu arôma lisonjeiro ,
Não me agrada a tua côr ,
Mortifica-me o teu cheiro. ”

“ E a qual de nós — disse a rosa —
Preza mais teu coração ?
Anda, falla sem rebuço ,

Dize a tua opinião. ”

“ Conheço bem — lhe tornei —
Que te fazem mil favôres ,
Que és rainha , e tens o sceptro
Do grande imperio das flôres.

“ Tens bella côr , grato arôma ,
E outras graças immortaes ;
Mas ainda ha outra flôr ,
Que m’agrada muito mais. ”

Amarella como a esponja
De raiva a rosa ficou ,
E o jasmim envergonhado
A côr da rosa tomou.

“ Eis-ahi porque te estimo ,
[Para o jasmim disse então]
A tua amavel candura
Encanta o meu coração.

“ Não queres ser primazia
No meio das outras flôres ,
Córas de pejo e vergonha
Quando te tecem louvôres.

“ És o emblema da innocencia ,

Tens a côr da singeleza ,
Outra flôr igual a ti
Não gerou a natureza. ”

***Este poemeto, cheio de tanta suavidade e elegancia , é composição , feita em 1838 pelo Sr. Malhão d’Obidos , d’uma familia bem conhecida pelos talentos poeticos , que tem produzido , e pelas obras que andam impressas e entre mãos de todos os apaixonados da poesia.**

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

Vol. 1.º — Serie 2.ª



Enigdio Tave Lopes da Silva,

PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1842.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE

Largo do Pelourinho N.º 24.

O DESACATO, OU O CALADO É O MELHOR.

Romance historico.

1630 — 1631.

I.

Caminho de Santa Clara
Vai Simão Lopes Soliz ;
Alta noite , cavalgando ;
Sabe a que , mas não o diz.

Usa ir só quando lá vai ,
Não conhece elle terror ,
De ha muito no peleijar
Provado tem seu valor.

Se veste os pés do ginete ,
Se do motim se acautela ,
Nada por si se arreceia ,
Por outrem só se desvella.

Cumprê leal , cumprê á risca
As leis da cavalleria ,
Antes a si se perdêra ,
Que perder a quem vigia.

« Meu coração , porque bates
Pressuroso ? ! . . contrafeito ? ! . . »
— E temendo lhe não fuja

Contra si comprime o peito.

« Sobresaltos d'alegria

Que outras vezes experimento ,

Que dobram quanto mingúa

O caminho do convento.

Onde estais que vos não sinto? !

Desventura só prevejo ,

Que me aconselha não busque

Quem só ver tanto desejo !

Certo foi que modelaste

Teu bater descompassado

Pelas ondas desse Tejo

Que vai hoje tão irado !

Qual o fim , não o conheço :

Méro acaso ! ? Claro aviso ! ?

Ou me falla , ou se não queres ,

D'incertezas não preciso.

Agoiros de que me valem

Se meu mal heide soffrer ?

É castigo duplicado

Não o quero padecer.

Que tormentos de sobejo

Já se contam nesta vida.

Simão Lopes , sus ! avante ! »

Diz — e corre a toda a brida.

II.

Ermo estava todo o campo
Onde existia o mosteiro ,
Qu'extra muros de Lisboa
Na grandeza era o primeiro: (1)
Que cinco sec'los vivera ,
Que o terremoto arrasára ,
Cujo nome ainda conserva
O campo de Santa Clara.

Onde outrora se entoaram
Hymnos da religião ,
Só ruido hoje s'escuta
De militar fundição.

Recuar , porem , me cabe
Para o tempo em que existia ,
Porque a historia que hoje canto
Não é d'hoje , é d'algun dia.

Quão solemne se tornava
Para o christão verdadeiro ,
De luar alumiado
Ver o annoso mosteiro !

Carcer d'humana pureza ,
Onde vemos de contino
Vida e morte , ceus e terra
O mortal e seu destino !

= Meia noite . . Meia noite . . =
Alguem disse brandamente ,

¹ Mappa de Portug.

E á janella do convento
Assomára de repente.

Manto pardo conseguíra
Cubrir dons da natureza ,
Se da mão , fóra da grade ,
Não alvejára a belleza.

Tão coitada , tão perdida ,
Qual botão de linda flôr ,
Cortado , quando podéra
Ver do sol todo o fulgôr.

— Freira moça , e a deshoras
Á janella tão sósinha ! . . .
Pensa em Deus ? — Não , que pensa-lo
Seu peccado lhe detinha.

Saudades tem desse mundo ;
Lá lhe esvaira o pensamento :
E no peito a natureza
Lhe luta com o juramento.

Talvez medos , ou promessas ,
Lho fizeram proferir ;
Como então era menina
Não lhe soube resistir.

Póde ser . Mas se hoje pensa
No prazer que lhe é vedado ,
Antepor-lhe também saiba
O dever — que é mais sagrado.

Ai de nós s'elle não fôra ,
Que o desejo incontinente

Sem limite redobrára
Todo o mal que o mundo sente.
Que desculpe tuas culpas
Nada vejo , linda freira ,
Teu amor a Deus pertence
Té á hora derradeira.

— E sacrilega pancada
Lhe batêra o coração ;
Julgou ver seu cavalleiro
Em que os olhos se lhe vão.

Certo , certo não s'engana ;
De mais perto elle lhe diz :
Não conheces teu amante
Simão Lopes de Soliz ? !

— Quem melhor te conhecêra ?
Tens de mim desconfiança ? !
Tu que és todo o meu cuidado ,
Tu que és só minha lembrança !

Cujo affecto me dá vida ;
Olvido me dera fim ;
Que se tudo me pedíra
Porventura . . . déra o sim.

— Anjo do céu , não prosigas ,
Simão Lopes lhe tornou ,
Perdoa a quem por querer-te
Avisado não andou.

O querer com que te quero ,
Que jurei quando te vi ,

Vence o forte juramento
 Que me separou de ti.
 É amor que não morrerá
 Ao morrer de minha esperança ,
 Que inda puro se amostrára
 Ao soffrer tua esquivaça ! »
 E n'um chôro desataram
 Taciturnos elle e ella

III.

Da era de mil e seiscentos ,
 Annos trinta bem corriam ,
 Terçafeira , e de janeiro ,
 Quinze dias já faziam.

Fôra a noite pouco e pouco
 Augmentando a escuridade ,
 Que perfeita se tornára
 Quasi por toda a cidade.

Só chegado a Santa Engracia ,
 Luz de fogo se lá via ;
 Mas que luz ? A dos infernos ;
 E os demonios em folía.

Era a igreja devassada.
 O furto . . . descáro — horror ! ! . .
 Em vez de culto blasfemias

Erguiam para o Senhor !
Monstros cevados no crime ,
Que offendiam céus e terra ,
Sem moral , sem lei , sem nada
Desse bem que o mundo encerra ,
Das aras vestes despiam ,
E os santos mutilavam ,
E a cruz , e cofre , e vaso
Do sacrario arrebatavam !
Para inteiro sacrilegio
Essas almas condemnadas
Impiamente profanavam
Santas fórmulas consagradas !
Nem sequer o pão divino
Evitára a iniquidade !
Eis-ahi onde se próva
Mais de roubo — a impiedade !
O ladrão procura oiro ,
Mas só oiro não queriam ;
Sobre Deus cuspir insultos .
Mais de roubo , elles faziam.

IV.

Fugiam sombras da noite ,
Que já perto vinha o dia ;
Desacato ! Desacato !
Era a falla que se ouvia.

E o povo , consternado ,
Pelas ruas a correr
Caminho de Santa Engracia
Uns — e outros já de ver.
A justiça pressurosa
Ía por toda a cidade
Sindicando sobre o facto
Com dobrada actividade :
Editaes , por ordem regia ,
Nas esquinas affixando ,
Severa pena de morte
Todos elles comminando
A qualquer dos habitantes
Que , por caso o mais urgente ,
Para fóra da pousada
Dera um passo tão somente !
— Da parte d'elrei faça alto !
A justiça alto brandou :
Assustado o cavalleiro ,
« Que me quereis ! » perguntou.
— Onde ides a taes des'horas ?—
« Onde me vou , que vos dá ? »
— D'onde vindes ? . . Respondei . .
E cercado estava já !
« D'onde venho . . d'onde venho »
Diz , e nisto se turbou ;
— Pé em terra ! — Elle e cavallo
A justiça ambos levou.

Gente a eito se prendia
 Por suspeita , inda ligeira ,
 E a tormentos era posta
 Da mais vil , cruel maneira.

Dia d'horror e de susto
 É o dia em que a violencia
 Acommette impunemente
 O refugio da innocencia.
 As pesquisas redobravam ,
 — E de todo não baldadas ,
 Mostraram , alem do cofre , (2)
 Varias fórmãs consagradas.

Quatro dellas — ao que dizem —
 Pregadas sobre um madeiro ,
 Por assim crucificarem
 Deus tão bom , tão verdadeiro !

Para prompto desaggravo
 De tão grande sacrilegio ,
 Cem fidalgos se ajuntaram
 Sob o nome mais egregio ;
 Não altivo , antes submisso ,
 Do maior acatamento ,
 Nome , sempre glorioso ,
 D'eservos do Sacramento.
 Que o festejam em cada anno ,

² O cofre é de tartaruga, guarnecido com cintas de prata Acha-se guardado no convento do Desaggravo , e é o unico monumento que hoje resta do desacato.

Com zelosa devoção ,
Por tres dias de janeiro ,
Desde quinze em successão.
 Festa de tão alta pompa
Que na tarde derradeira
Ha procissão , a que assiste
A casa real inteira.
 É preceito da irmandade
O não entrar lá ninguém
Com raça de christão novo ,
Ou que disso fama tem ⁽³⁾ .

V.

A dezeseis de novembro
Do anno que vem citado ,
Um dos prezos pelo feito
Foi á morte condemnado.
 Gabriel Pereira de Castro ,
Doutor nos livros mui lido ,
Foi o juiz que a sentença
Rigorosa ha proferido.
 — Pelas ruas do costume ,
De baraço e com pregão ,
Defronte de Santa Engracia

³ Louco preconceito desses fidalgos puritanos , que o sabio marquez de Pombal destruiu.

Vá o réu em procissão.
Alli as mãos lhe decepem ,
E mal forem decepadas
Sejam em sua presença
Ambas de todo queimadas.
E depois em alto mastro ,
Porque o povo bem o veja ,
Se lhe ponha o corpo vivo ,
E vivo queimado seja.
As cinzas ao mar lançadas ,
E alguns bens que possuía
Todos fiquem pertenceudo
Á citada confraría.
Mal que da crua sentença
Fôra o povo sabedor ,
Nome d'inconsiderada
Começára de lhe pôr.
Que das provas se colhia
Evidencia não haver ,
Evidencia tão precisa
Para casos de morrer.

VI.

« Dura pena ; quem a soffre
Não s'izenta de rigor ;
Mas o homem criminoso
Tem seu crime que lhe oppôr.

Negra mancha , que o castigo
Pouco e pouco tira . . . apaga ;
Consciencia que o resigna
A soffrer do mal a paga.

Ai ! do pobre , do innocente ,
Cujo peito cristalino
Não tem crime para a pena
Que lh'impoz seu mau destino.

Mais e mais coitado delle
Se um dever , que tem por santo ,
A verdade lhe prohibe
Que elle sabe , e sabe tanto.

Assim és , oh cavalleiro ,
Teu amor fez-te infeliz ;
Mas á sorte quem resiste ,
Simão Lopes de Soliz ? !

Quando , á volta do convento ,
A justiça te prendeu ,
E turbado respondeste ,
Por maior peccado teu :

Quando aviso regeitáras
De teu leal coração ;
Que se crença não merecia ,
O desprezo também não.

Quando cego te arrostáras
Com amor , tão só , divino :
Mas que digo ! tive eu culpa
Ah ! não sei se desatino !

« Sou culpado no desejo ,
Nesse amor , que inda ora sinto ,
Por quem vivo , e n'outra vida
Viverei , embora extincto ? !

Certo não. Foi a desgraça
Que mau fado me fadou ,
Que me mata , pelo crime
Que outro braço executou.

E soffrer morte d'afronta
Quem morrer tão só devia ! . . .
Pelo inferno ! — Então callára
Estas queixas que fazia

Só comsigo na masmorra ,
Onde aguardava o momento
Que a esperança leva ao homem
Ao trazer-lhe o passamento.

E ficára largo espaço
Nesse estado indefinivel
Em que a dôr , por mais aguda ,
Torna o homem insensivel.

E nem o tropel das guardas
Que nessa hora se rendiam ,
Nem da proxima enxovia
O alarido que faziam ;

Nem o estrondo dos ferrolhos
Em seu correr vagaroso ,
Nada havia que o tirasse
De lethargo perigoso.

Restrugiram d'improviso
As portas de par em par ,
Homem de sinistro agoiro
Lhe cruzára o limiar.

O carcereiro que prestes ,
Com seu fallar de trovão ,
Despertára Simão Lopes ,
Lhe tranzíra o coração.

Aqui tens — lhe diz aquelle —
Dois melões. Vem de presente.
Uma velha ora mos trouxe
Para os dar ao padecente !

Não disse de d'onde vinha ,
Deu-me o bilhete que vês ,
Que já li. — A segurança
Faz-me ás vezes descortez.

Retirou-se. — Caso estranho !
Simão Lopes exclamou :
Abre o escripto n'um relance ,
Eis a fraze que encontrou :

= O *calado* é o melhor. =
um dos fructos assim vinha ;
mas que delle se não diz
Logo Simão adivinha.

E que muito ? se na lettra
Do bilhete distinguia
Sua amante , que o fizera ,
Seu temor , sua agonia.

Que o ardil lhe sugeríra
De lembrar occultamente
Segredo , que sua honra
Manifesto não consente.

E o prezo soluçava ,
D'alegria e de tristura ,
Uns soluços , que nasciam
Da desgraça e da ventura !

« Oh ! que mal , que mal conheces
O amor de quem amante
Julga só que ha bem na vida
Por julgar ser-te constante.

Que a morrer por ti se afoita ,
Que morrer por ti só quer ,
Por querer illesa a honra
D'um anjo — que não mulher.

Deste golpe me olvidára
Sendo pena o meu cuidado

Certo que to não merecia.
Ai ! pobre de mim , coitado ! . . »

E coitado que bem era :
E quem delle não ha dó?
— Dessa freira o vão receio
Fraco amor descobre só.

Teme a nodoa da deshonra ,
É virtude o seu temor ;
Mas outrora não a via ,
Via só o seu amor !

Hoje córa quando pensa
 Que seu crime sabe o mundo :
 Deslebrára um Deus eterno
 Esse rosto pudibundo ! !

VII.

Boa nova lá d’Hespanha
 A Lisboa que chegava
 Espalha ser innocente
 Este que se condemnava.

Nos degráus do cadafalso
 Bem o havia confessado
 Um réo , que a pena de morte
 Fôra lá sentenciado.

Declarou ser elle mesmo
 Cumplice no desacato ,
 Que a Castella se fugíra
 Por augmentar de recato :

Que do prezo Simão Lopes
 Elle jurava a innocencia ;
 Mas a nova chegou tarde
 — Segredos da Providencia !
 Simão Lopes se finava
 Com solemne profecia
 Que — segundo a tradição —
 Fez nessa hora d’agonia.

= « É tão certo que sem crime

Esta morte vou soffrer ,
 Como certo que não minto
 No que ora vou dizer : = »
 — *Nunca se darão por feitas ,
 Por mais sommas empregadas ,
 As obras de Santa Engracia
 Que ahi vedes começadas !*

Este dito foi sentença ,
 Tornou-se proverbial ;
 Por então não era prova
 Que o livrasse de seu mal.

Foi má sina que a verdade
 Descubrir tão tarde quiz :
 Quão tremenda não seria
 Sua voz para o juiz ? ! . .

Desgraçado ! sem repouso ,
 No futuro sem esperança ,
 Escutando de continno
 Vingança ! sempre vingança !

=

E tu , christão piedoso ,
 Se choraste o malfadado ,
 No Campo de Santa Clara
 Tens padrão alevantado.

Onde mesmo se cumprira
 A sentença rigorosa

Corre lá . . falla-lhe n'alma ,
Sólta reza fervorosa.

Corre , corre . .—Que me lembrás ,
—Santo Deus ! — justa memoria ?

Mal de mim , do meu engano ;
Minha voz era illusoria !

Sim , que a sorte partilhára
D'outros tantos monumentos ,
Cuja vida só conservam
Occulta nos fundamentos ! . . . (4) .

J. da C. Cascaes

=

NOTA.

Colhi a primeira idéa deste romance d'uma conversa que tive com um amigo, em que por alto me contou a historia , affiançando-me ser tradição mui sabida pelas nossas boas velhas de Lisboa. O assumpto, romantico em si, andar pela boca de velhas, e de Lisboa, preteridas sempre, em casos taes, pelas das provincias, determinaram-me a executar um romancesinho , senão para ser cantado , ao menos recitado por essas velhas lisbonenses a quem só o dedico.— Quanto á parte propriamente romantica, a tradicional, ouvi diversas pessoas ; e como achasse pontos duvidosos segui o parecer das que julguei mais competentes. Citarei d'entre ellas uma devota madre e decana do convento do Desagravo de Lisboa, fundado pela eximia artista a Snr.^a infanta D. Mariana, em religiosa satisfação do

⁴ Era uma cruz de pedra que dantes havia no Campo de Santa Clara , e que não escapou á *demoli-mania*.

desacato que no romance se menciona. Ampliei a tradição quanto pude , recorrendo para isso a Brito de Lemos no seu Abc. Milit. , Agiologio Lusitano , Anno Hist. Vida da madre Maria do Lado , Mapp. De Port. De J. B. de Castro , e sobre todos á Hist. da fundação do R. conv. do Lourical , donde transcrevi a sentença e mais alguns promenores que os outros não declaram.

GONÇALO HERMIGUES, O TRAGA-MOUROS.

Romance Historico^().*

« Senhor rei Affonso Henriques,
» Em paz não posso quedar :
« Guerra , guerra aos infieis ,
« Morte honrosa ou triumphar.
 « Minha espada na bainha
« Já começa a enferrujar :
« Quero em peitos d' aço fino
« A dura folha limpar.
 « De meu padre , o Lutador ,
« A memoria quero honrar :
« Sua morte aos de Mafoma
« Mortes mil hade custar.
 « Doces aguas do Mondego
« Já não quero mais gostar :
« Quero alem d' aguas do Tejo
« Sêde de sangue fartar.
 « Trovador posso na lyra
« D' amores brando cantar :
« Guerreiro posso na guerra
« Brados de morte soltar.
 « Saráus de minha rainha

(*) Chronica de Cister liv. 6.º cap. 1.º

« Agora quero deixar :
« Que a rainha mais as damas
« Tal me queiram perdoar.
 « Senhor rei Affonso Henriques ,
« Quero m'ir a batalhar :
« Guerra , guerra aos infieis ,
« Morte honrosa ou triumphar. »

Hermigues , o traga-mouros ,
Desta sorte ao rei fallava ;
Odio antigo á maura gente
Mal no peio refreava ,
E o real consentimento
De partir só aguardava.

Não lho nega o rei pod'roso ,
Só lhe pena alli ficar-se :
Que mal póde em tal ensejo
De Coimbra desviar-se.
Mal peccado ! em guerra novas
De louros não vai c'roar-se.

Mas em quanto dorme a espada
Tinta em sangue na bainha ,
As balanças da justiça
Na dextra firme sustinha.
Quem justiça implora afflicto ,
Justiça recebe azinha.

Mas Gonçalo amigos fortes
Já na empreza associava ;

Não por dividir seus p'rigos ,
Que só sempre os debellava ;
Mas por dividir c'os socios
Alta gloria , que buscava.

 Accordaram cautelosos
Diversas vias tomar ,
Que em Lisboa os reunissem
Sem suspeitas motivar :
Ir depois do Sado ás aguas
Ondas de sangue juntar.

 Já cavalgam ginetes fogosos ,
Já galopam calada a viseira ,
Perdem brilho arnezes lustrosos
Entre as nuvens da leve poeira.

 Trema Alcacer-do-Sal descuidada ,
Trema o mouro qu'em paz a recreia ,
Trema , trema , que a lança enristada
Vai d'Hermigues , que a raiva saltêa.

 Já Coimbra lá deixam distante ,
E o Mondego tão ledo e amoroso ;
D'algum peito de ferro brilhante
Um suspiro se escapa saudoso.

 Ora trota , e galopa a companha ,
Ora quebra a carreira affanosa ;
Qual prática em sublime façanha ,
Qual na dama tão qu'rida e formosa.

 Este conta que fôra cruzado
Quebrar lanças por gloria de Christo ,

Que turbantes lá tinha abulado ,
 Quantas mouras formosas há visto.

Outro canta rimances donosos ,
 Que celebram das justas a sorte ,
 Gentilezas d'infanções briosos
 Que não sabem ferir sem dar morte.

Mas a espaços por vias diff'rentes
 Uns dos outros se vão separando ,
 Apertando-se as dextas valentes
 « Por Affonso ! » se partem bradando.

Trema Alcacer-do-Sal descuidada ,
 Trema , trema que a lança enristada
 Vai do luso , que a raiva saltêa.

II.

Festival , risonha noute
 Do Baptista São João ,
 Rugosas velhas te durmam ,
 Que as moças.. não dormem, não !

Nem te dormirão mancebos
 Christãos , ou mouros , jámais ;
 Que as crenças do coração
 São crenças universaes.

Casando em doce harmonia
 Puro amor , e devoção ,
 Reunes ás preces d'alma
 Suspiros do coração.

Em saráus as damas folgam
Nos paços d'ouro luzentes :
Frescas donzellas dos campos
Nos campos folgam contentes.

Deixa o forte cavalleiro
Capacete , lança , espada :
Em vez de couraça ao peito
O peito cinge da amada.

Tudo é riso , tudo festa ,
Tudo amor , tudo ledice :
Saudades se alli semèam ,
Que floream na velhice.

Festival risonha noute
Do Baptista São João :
Rugosas velhas te durmam ,
Que as moças.. não dormem.. não.

Em campos da bella Alcacer
Vai grande tumultuar :
Sem temer-se dos de Christo
Os netos folgam d'Agar.

Corre o Sado manso e liso ,
Leda a noute em mais de meia
Sobre as aguas espelhadas
Reverbera a lua-cheia .

As ondas dormem cançadas
Do contínuo pelejar ;
Porem já centos de remos
Começam de as acordar.

Os oráculos fallazes
Ledas mouras já ouviram ,
E a muitas os corações
Lhes disseram que mentiram.

Em batéis leves se embarcam
De lindos festões ornadas :
Rudes mãos de cavalleiros
Apertam mãos delicadas.

Alguns vão com seus amores
N'um mui terno praticar :
Outros em trovas mouriscas
Victorias a celebrar.

Mil fogueiras pela praias
Transformam a noute em dia ;
Nas azas sobem das brisas
Mil cantares d'alegria.

Os tangidos anafiles
Resoam de toda a parte :
Atabales , e trombetas
Semelham jogos de Marte.

Nos jardins as mouras nobres
Com grave ademan passêam ,
Suas tranças graciosas
De finas pedras se arreiam.

E alguma nobre e donzella ,
Colhe a furto flôr mimosa ;
E ao novo amante risonha
Córando lh'entrega a rosa.

Mas já vão fugindo as horas
As fogueiras apagando :
Arrebóis da madrugada
Já no céu vem fulgurando.

E ainda sôam cantares ,
E tangeres d'alegria ;
Que a noute de São João
Largas horas rouba ao dia.

Em campos da bella Alcacer
Vai grande tumultuar ,
Sem temer-se dos de Christo
Os netos folgam d'Agar.

Por Affonso , e Santiago ! . . .
Estrugem gritos de morte ,
Guerreiras tubas atroam
Christãos! Christãos!.. triste sorte!

E as espadas já cortavam
Pelo mouro descuidado ;
Cabeças rolam nas praias ,
De sangue se tinge o Sado.

Em medonha confusão
Fogem uns, que outros empecem :
Combatem mouros guerreiros ,
Crianças , virgens perecem.

Atropellados corriam
D'Alcacer ás ferreas portas
Velhos pallidos de susto ,
E as donzellas quasi mortas.

Aos bêmços dos filhos caros
As mãis desgrenhadas vôm ,
Como as aves a seus ninhos
Se os trovões medonhos trôm.

Abrigando-se aos amantes ,
Que as defendem mal armados
Donzellas morrem, quaes morrem,
Era , e freixo fulminados.

Mas o forte Traga-Mouros
Mouros mil ia tragando ;
Por vingar seu morto padre
De sangue a sêde fartando.

Não d'outr'arte as ovelhinhas ,
Que escondido atalaiava ,
Devora o lobo saltando
Com raiva sanguinea e brava.

Em luto se trocam prestes
Prazeres , e devaneio ;
Folgedos , ledos cantares ,
Em gemer horrído , e feio.

Infeliz de quem confia
No falso sorrir da sorte :
Branca nuvem cospe um raio ,
Manso o mar tambem dá morte.

III.

Sobre os rôxos horisontes

Já se o sol alevantou ;
Mas ao ver do Sado as margens
N'uma nuvem se occultou.

Lagos de sangue nas praias ,
Mil cabeças decepadas ;
Umhas tem ricos turbantes ,
Outras grinaldas murchadas.

A celeuma do combate
Pouco , e pouco se abafára ,
E os despojos sanguinosos
Colhêra cobiça avára .

A trombeta dos christãos
Já tocára a retirar :
Vão nas barcas, que os aguardam,
Os captivos embarcar.

Entre as alas vencedoras
Com duros ferros ligados ,
Os mouros se vão raivando
D'inutil furor tomados.

E as donzellas prisioneiras
Mal tremendo caminhavam :
Tristes lagrimas de sangue
Viçosos rostos murchavam.

A mais bella d'entre as bellas,
Que Fatima se dizia ,
Soluçava tão sentida
Que uma fera abrandaría.

D'Hermigues o coração

Mal que a viu estremeceu :
O pranto mudar-lhe em risos
Foi todo o desejo seu.

Da captiva foi captivo ,
Pois amor o capturou :
Brando chôro d'uma moura
Alma de ferro domou.

Entre as bravas asperezas
Da serra mais escabrosa
Ás vezes brota risonha
Solitaria flôr mimosa.

Chegados que são á praia
Começam de se embarcar :
« Adeus terra de meu bêmço
« Que n'outra me vou finar. » —

Muitas barcas já navegam
De captivos carregadas :
Ás barcas se arrastam outros
Com as esperanças acabadas.

D'improviso um brado sôa ,
De corceis um tropear :
Mouros são , que vem d'Alcacer
A fortuna inda tentar.

Mas Hermigues manda logo
Que as barcas remem ligeiras ;
Por poupar seus cavalleiros
Deixa algumas prisioneiras.

Entretanto mouros correm

Pela praia pressurosos ;
E as captivas vão levando
Sobre os ginetes fogosos.

Vendo a sorte das que ficam
Rompem tristres alaridos
As que embalde auxilio pedem
Nos barcos , que vão seguidos.

E Fatima ? Onde está ella ?
Por nobre mouro é levada :
Hermigues , que a vê fugindo ,
Dá d' esporas , brande a espada.

Qual pelas nuvens o raio ,
Por entre os mouros rompia ;
Antes vidas mil perdêra
Que a virgem por quem morria.

Voando que não correndo ,
Estende a espada , ora a lança :
Corre.. corre.. ardendo em raiva
Quasi.. quasi.. o mouro alcança.

Vai perto.. lá fere.. agora
Morto o imigo derribou ;
E nos braços desmaiada
A linda moura tomou.

Cahe no inferno alma descrente
Por seus erros condemnada ,
Deixando de si liberta
Alma aos céus predestinada.

Hermigues volve o ginete ,

Não pára , prosegue ávante :
 Golpes de morte vibrando
 A moura defende ovante.

Vendo os fins de seu desejo
 Caminho segue d'Almada :
 « Hermigues , como vais ledo
 « Bemfadou-te boa fada ! » —

IV.

— Que alegria vai no Tejo ! .
 — Tantas barcas , d'onde vem ?
 « D'Alcacer c'os vencedores
 « Remando p'ra Santarem. »

Trophéus , louros , e captivos
 Vão-se aos pés do rei prostrar ;
 Que alli veio de Coimbra
 Seus guerreiros aguardar.

Alem vai Gonçalo Hermigues
 N'uma barca engrinaldada ;
 Por premio de seus triumphos
 Só traz moura muito amada.

A linda moura vai triste
 Reclinada sobre a mão :
 Por ver-lhe no labio um riso
 Déra elle o coração.

Tangia no alaúde
 Canções de muita ternura ,

Por banir do rosto á moura
Densa nuvem de tristura.

« Estrella, que eu vi brilhando
« Entre horrores da procella ,
« De teu pranto rociada ,
« Mais que aurora és sempre bella.
« Moura minha muito amada ,
« Se tu fôras baptisada ?... »

Nem Fatima abria os labios ,
Nem a fronte alevantava :
Os lindos olhos pisados
Nas aguas triste fitava.
E o trovador suspirando
Mui terno continuava.

« Minha dextra fôra tua ,
« Pois que é teu meu coração :
« Neste mundo mil delicias ,
« Lá no outro a salvação.
« Moura minha muito amada ,
« Queres tu ser baptisada ?..

« Em patria , que não é tua ,
« Moura angustias só terías ;
« Christaã , patria carinhosa ,
« Só venturas , e alegrias.
« Moura minha muito amada
« Queres tu ser baptisada ?..

« Não desprezos de captiva
« Na indigencia te dariam ;

« Luzimentos de princeza ,
« Em palacios teus seriam.
« Moura minha muito amada ,
« Queres tu ser baptisada ?..
 « Na côrte , por minha esposa,
« Que respeitos que terias !..
« Da rainha em paços d'ouro
« Que alegres saráus verias !..
« Moura minha muito amada
« Queres tu ser baptisada ?..
 « Minha espada , minha lyra
« A ti só consagrarei :
« Nos combates , ou nas trovas
« Só teu nome invocarei.
« Moura minha muito amada
« Queres tu ser baptisada ?..
 « Sempre unidos, sempre amantes
« Venturosos viveremos :
« Deixando lições d'amores
« Invejados morreremos.
« Moura minha muito amada ,
« Sê christã , sê baptisada. »
E a donzella erguendo o rosto
Com ternura suspirou :
Meigo olhar por entre o pranto
No cavalleiro fitou :
E a tanto extremo rendida
Em seus braços se lançou.

V.

E a moura fez-se christã ,
Desposou-a o cavalleiro :
Oriana foi chamada
Quem Fatima era primeiro.

Unidos viveram sempre
Té que a morte os separou ,
Quando a esposa tão querida
Ao triste Hermigues roubou.

N'um mosteiro que fundára (: :)
Solitario foi gemer :
Vivendo vida de monge
Foi de santo o seu morrer.

A. M. do Couto Monteiro.

(: :) O mosteiro de Santa Maria dos Tamarães , da
filiação de Alcobaça. — Chronica de Cister pag.
714.

DONA LUCINDA MONIZ, OU A EMPAREDADA DE PENACOVA.

Soláo.

—
Canto 1.º

Formoso neto de Agar ,
Castelão miramolim ,
Assentado nas ameias
Do seu nobre Gondelim ,
Descantava uma toada
No saudoso bandolim.

Bandolim , leva-lhe as queixas
Do tão triste seu amor ,
Leva-lhe os ais , e os suspiros ,
As amarguras , e a dor ,
Leva-lhe a endeixa sentida
Do mancebo trovador.

Trovador , e cavalleiro ,
Nunca em trova , nunca em lança
Houve segundo , que ousasse
De disputar-lhe pujança ,
Trovador , e cavalleiro
Por valor , e por herança.

Herança teve o guerreiro
Mui difficil , e arriscada ;

Que circunda o seu castello
Gente imiga , e baptisada ,
Gondelim , ultima pedra
Da Mauritania domada.

Domada foi Coimbra bella
Com o herculeo torreão ,
Domada Louzaã real ,
E nas veigas de Lorvão
Monges negros açanhados
De lanças em riste lá estão.

Estão mais perto , e de riba
As gentis cavallarias
De Penacova , a soberba ,
Com tão altas galhardias ,
Avassalando o Mondego
Sobre negras penedias.

« Penedias de minha alma ! »
Murmurava o triste moiro ,
« Lá por baixo d'essas rochas
« Escondeis o meu thesoiro ,
« Dona Lucinda Moniz ,
« De formosas tranças d'oiro. »

D'oiro então nas cordas bellas
Dedilhava o bandolim ,
Assomava-se á varanda
De seu nobre Gondelim ,
Deslizava-lhe uma lagrima ,
E cantava o triste assim :

*

Dona Lucinda Moniz ,
Flor dos muros do christão ,
Vem ser moira nos meus braços ,
Anjo do meu coração ;

Allah ! por tua isempção ,
Allah ! por teus olhos bellos ,
Allah ! por teu seio niveo ,
Por teus doirados cabellos ;

Escuta os meigos anhelos
Do rei moiro apaixonado ,
A teus fagueiros encantos
Docemente avassalado ,

Que já no peito alquebrado
Suspiro externo de amor
Exhalou por te render
O monarcha trovador.

Deixa os cilicios da dor ,
Do Propheta abraça a lei ,
Vem ser moira nos meus braços ,
E rainha do teu rei.

Vaidoso te roubarei ,
No Alborah de Mafamede ,
Irei depor-te , rainha ,
De meus estados na séde :

Nem que o Propheta mo véde
Leixarei de te adorar ,
Formosa filha de Christo ,

Emparedada sem par :
 Venceste o neto de Agar ,
 Quebraste-me a isempção ;
 Vem ser moira nos meus braços ,
 Anjo do meu coração.

—
 Canto 2.º

Álerta , álerla , nosso amo ,
 Temos christãos pela prôa ,
 Muita grita , muito alardo
 Lá das parte de Lisboa ,
 De virotes , e de lanças
 Todo o valle se povôa.
 Trazem na frente das alas
 Desenrolado um pendão ,
 Que tem : = Pola Emparedada ,
 = Nobre filha do christão. =
 Ergue-se o rei , toma a lança ,
 E diz : « Por ella ! isso não. »
 E cahio sobre os de Christo
 Com tão rígidias bravuras ,
 Que cada bote de lança
 Falsava dez armaduras.
 « Quero pela Emparedada
 « Abrir trinta sepulturas. »

E abriu trinta , e trinta , e cento ,
E da lança c’o bastão
Acenou para os vencidos ,
Firmou o conto no chão ,
E disse : « d’ella , e por ella
Só este meu coração. »

E trepou pela assomada
D’alta montanha fronteira ,
E entrou , incolume , as portas
De Penacova guerreira ,
E trouxe a emparedada
Sobre os hombros prisioneira.

Tocou de ferro os varões ,
Os varões se desfizeram ;
Topou rochas desmedidas ,
As rochas desapareceram ;
Passou por hostes indómitos ,
Os hostes ala fizeram.

E levantou-a do alcaçar
Ao mais erguido balcão ,
E depô-la sobre um throno ,
Rendeu-lhe o sceptro no chão :
« Vem ser moira nos meus braços ,
« Anjo do meu coração. »

—

Canto 3.º

= Dona Lucinda Moniz
 Já morreu ;
Esse nome tão do mundo
 Feneceu.

Podia ser d'alto alcaçar
 Castelan ;
Quiz antes emparedar-me ,
 Mui christãã.

O meu vestido grosseiro
 De estamanha
Vence o brilho desta purpura
 Tamanha.

Senhor rei , quedai-vos moiro ,
 Se quereis ,
Que jámais a Emparedada
 Moirareis. =

*

E o rei moiro ouviu-a quedo ,
Ouviu-a quedo e sombrio ,
E de si lançou em torno
Um olhar de poderío.
 E orgulhoso descobriu-se ;
E no turbante luzente
Poisou o gume do alfange

Sobre o doirado crescente ;

E disse assim : « Desprezaste
« Minha corôa real ;
« E se eu fôr christão contigo ,
« Inda aguardarás por al ? »

*

Eis , sorriu-se a Emparedada ;
E foi sorrir de condão ,
Que fez saltar o crescente
Degolado pelo chão.

E no seio de alabastro
A bella christaã trazia
Um rosario , e uma cruz
Com o nome de Maria ;

E assomou-se ao balcão,
E aos guerreiros o mostrou ;
E toda a turba descrente
De joelhos se curvou :

E depois , mui amorosa ,
Disse ao nobre castelão :
« Vem desmoirar-te em meus braços ,
« Anjo do meu coração. »

*

E baptizou-se dest' arte
Todo o infiel Gondelim.

— Quantos christãos , quantos moiros
Fazem uns olhos assim !

J. Freire de Serpa.

Voltar ao índice

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

Vol. 2.^o — Serie 2.^a



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1843.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

Largo do Pelourinho N.º 24.

O CEGO PEREGRINO.

Rimance. ()*

I

— « A porta , menina , abri
 A um triste peregrino ,
 Cégo , cansado , e com fome ,
 Que perdeu de noite o tino :
 Que por bando de malvados
 Foi na estrada investido ,
 De seu haver esbulhado ,
 De agudo ferro ferido.
 Prestes , ó linda menina ,
 Ao desvalido accudi ;
 Soccorrei-o , senão morre ;
 A porta , menina , abri. » —
 — « Não dei causa a tuas queixas ,
 De teu damno não me importa :

(*) João de Barros dá este nome ás trovas populares antigas, persuadido talvez de que provém das *rimas* ou consoantes : *romance* deriva da lingua romaã ou dos trovadores provençaes. – Funda-se a nossa breve composição nas antigas trovas do *cégo* , que principiam

Abri essa porta ,
 Fechai o postigo ,
 Botai cá um lenço ,
 Que eu venho ferido , &c.

Como és desconhecido ,
Não te abro a minha porta :
Acordai , ó minha mãe ,
Deixai já tanto dormir :
Não ouvis lá fóra o cégo
Com seu estranho pedir ? » —
— « Se elle pede , ó minha filha ,
Da-lhe pão e gasalhado ;
Não negues comida , e lume
A um pobre desgraçado , » —
A donzella a porta abre ,
Bem que seja a seu pezar ;
Pressuroso o peregrino
Cruza alem do limiar ;
São nobres seus ademanes ,
É garboso o seu pizar ;
Ninguem pobre lhe chamára
Se não visse o seu trajar :
Veste grosseiro burel ,
De sandalhas vem calçado ,
Por cordão de rijo esparto
O corpo traz apertado.
Cobre chapeu e cabeça
Té aos olhos o capuz ,
Porque o rosto se não veja
Á claridade da luz.
— « Aguarda ahi , peregrino ,
Que o pão e vinho te dou ,

Faxe que o sangue te véde
 Com presteza apromptar vou. » —
 — « Não vás , formosa donzella ,
 Tamanha fadiga ter ,
 Fome e sêde já não tenho ,
 Nem sinto o sangue correr. » —
 — « Se não tens fome , nem sêde ,
 E o sangue já te parou ,
 O teu caminho prosegue ,
 Que a descansar eu me vou. » —
 — « Não darei com o caminho ,
 Que não sei e que é ruim ;
 E depois que sou contigo
 Té mesmo não sei de mim.
 Bondosa , linda donzella ,
 Guiai o triste ceguinho ,
 Até fóra da clareira ,
 Pelo direito caminho. » —
 — « Espr'ares sob este colmo
 A manhã melhor seria ;
 Nado o sol , de boamente
 A estrada te ensinaria. » —
 — « Péga na róca , ó filha ,
 E na estriga de linho ,
 Sabe o cego seus int'resses ,
 Vai ensinar-lhe o caminho. » —
 Á donzella inexperiente
 Tal dito não agradou ;

Mas porque o disse a velha
Obedeceu e callou.
Em quanto o fuso procura ,
Os dois conversam á mão ,
De antigo conhecimento
Indícios seguros dão.
Deste colloquio breve
A donzella nada ouviu ;
Innocente e sem suspeitas
Tomou a roca e sahiu.
Corre a noite triste e fria ,
E quer o fado mofino
Que a inexperta donzella
Vá guiando o peregrino.
Seguem por asperos trilhos ,
Já das serras estão fóra ,
Entram na vasta campina
Quando assoma a luz da Aurora.
Chegados são á estrada ,
Inda a esse tempo deserta ;
É preciso que a um cego
Se annuncie a rota certa.
— Vai sempre — lhe diz a guia —
Encostado a este muro ;
Se a direita não deixares
Chegas a porto seguro.
— Menina , tão cedo é
Que inda não me atrevo só ;

Não me desampare aqui ,
Do ceguinho tenha dó.
— Não tardarão passageiros ,
A carreira é frequentada ;
Poderás ir perguntando
Rumo da tua jornada.
— Quem madruga a estas horas
Leva pressa ou tem máu fim ;
Como nutrirei esp'ranças
De que tenham dó de mim ?
— Consinto ainda guiar-te
Té que o sol doure o horizonte ;
Por ser caminho de casa
A encosta daquelle monte. —
Poucos passos eram dados ,
E as vozes de cavalleiros
Desinquietavam os echos
Dos circumstantes outeiros.
O tropel avisinou-se ,
O maioral conheceu
O cego fingido e falso ,
E para elle correu.
— Boa prêa , senhor , tendes ,
Destes mate a gente esperta ;
Juro que val a manha
Mais que a força descoberta. —
C'o encontro subitaneo
A donzella desatina ,

Entrevê , mas horrorisa-a ,
Sorte que se lhe destina.
O rubor lhe abraza as faces ,
Ostentar força parece ;
Passa o colerico impulso ,
Descorada desfallece.
Quem te dissera que a velha ,
Em que a mãe teus olhos viam ,
Era uma mercenaria
Que teus pais mal conheciam.
Fructo d'amor clandestino ,
Fostes em serras criada ,
Tendo de pisar palacios ,
Nobre e opulenta morgada.
Quando teu pai procurava
Chamar-te filha querida
Presumptivo herdeiro intenta
Roubar-te os bens e a vida.
Mas o céu , que sempre acode
Á innocencia indefensa ,
Serviu-se para o castigo
Do mesmo acto da offensa.
Criado do conde velho ,
Que ia na escolta assassina ,
Se encarrega do transporte
Da desditosa menina.
Escuso trilho lhe indicam ,
Porque sem ser visto vá

Onde o roubador a salvo
Leve a effeito a tenção má.
Designios de quem o manda
O conductor não sabia ;
Mas que os fins eram sinistros
Pelos actos descobria :
Reparando com mais tento
Para as feições da donzella ,
Percebe que com seu amo
Muito se parece ella.
Lembra-lhe uma historia antiga ,
Que em segredo se contava ,
De circumstancias incertas
Mas que ao conde respeitava.
Pensa um pouco e emfim resolve
Mudar rumo e sem detença
Appresentar a roubada
De seu amo na presença.
Entram salas de palacio ;
E o conde se maravilha
De caso tão imprevisto
Que lhe restitue a filha.
Relatára o fiel servo
O successo extraordinario ;
Como livrára a menina
Dos furores d'um falsario.
Breve a donzella traja
Galas em vez do saial ;

Obedecida de todos
Sob o tecto paternal :
O traidor que os bens e vida
Arrancar-lhe pertendeu ,
Temendo a ira do conde
De todo desapareceu.
Lá vai expiar a culpa
Vagabundo e foragido ,
Talvez falho de recursos
Acabar como um mendigo.

J. M. d'A. F.

A PERDA D'ARZILLA.

[1549.]

Era noite : do céu limpo e sereno
Milhões d'estrellas tremulas pendiam ,
Quaes as nocturnas lampadas d'um templo ;
E as ribas ermas sussurrar se ouviam.
D'alterosa galé o negro vulto
Corta ao largo — bem largo — o mar do Algarve ;
E lá nas serras d'Africa fronteiras
Branqueja a espaços o albornoz do alarve.
Como tocheiros , com brandões accesos ,
De um féretro ao redor ,
Cuja vermelha luz o horror da morte
Só faz sentir melhor :
Taes as nocturnas almenáras fulgem
Nas torres d'atalaia ,
Pelos outeiros , que circumdam muros
De povoação na praia.

*

Arzilla , a guerreira ,
Hi jaz na afflicção ,
Que a rendeu aos mouros
Elrei Dom João.

Tomar-te-ha Deus contas ,
Rei fraco e prasmado ,
De tão grande vilta ,
De teu grão peccado.

Maldiz-te nos mares
Valente fronteiro ,
Que na sé de Ceuta
Se armou cavalleiro ;

Que dez aduares
Em Tanger queimou ,
E em muros d'Alcacer
Dez elches matou ;

Que era hoje d'Arzilla
Temido adaíl ,
E a quem tu mandaste
Fugir como vil.

*

Vêde-o lá na gavia
Da negra galé ,
De braços cruzados ,
Immovel , em pé.

E a náu que arfa e vôa
Na fremente via ,
Ferindo na esteira
Fugaz ardentia.

E d' Africa as praias ,

Que a ré vão fugindo :
E as vagas que rolam
Distantes mugindo.
Em roda , o silencio —
No céu , noite escura : —
E o peito do triste
Confrange a amargura.

*

Do veterano as faces
O salso pranto rega ;
Nos africanos montes
Saudoso os olhos prega.
Sente no seio as ancias
D'incomportavel dôr ;
E ás vezes range os dentes
Em trances de furor.
Um cantico á su'alma
A indignação inspira :
Vae sussura-lo ao longe
Aura que branda espira.

*

O canto do Adail.

Quando , ao longe , nos campos d'Arzilla ,

Alvejava do mouro o albornoz ,
E corria , e corria veloz
O ginete de Bellamarim :
 Quando o esculca , sahido da villa
Da manhã ao primeiro fulgôr
Não podendo a atalaia transpôr ,
Vinha ás portas bater de Çafim :
 Quando em Tanger , a forte , se ouvia
De armaduras continuo tinir ,
E nos ares se via luzir
O montante , a acha d'armas , e o criz :
 Quando em Ceuta vencida se erguia
Sobre o alcacer pendão portuguez ,
Contra o qual na mesquita de Fez
A gazúa prégava o caciz :
 Quando Alcacer-Ceguer , a viçosa ,
Que em vergeis se reclina gentil ,
Pela noite fragrante d'abril
D'entre os robles sorria ao luar ;
 Porque , rico de presa formosa ,
Já voltou nobre alcaide christão ,
E inda ao longe de incendio o clarão
Tinge o céu sobre um triste aduar :
 Nossa estrella era então esplendente ;
Nosso nome era um som de terror ;
Nossos paes conduzia o Senhor ,
Qual Judá d'entre a sarça do Horeb.
 Portugal , oh leão do occidente ,

Tu rugias á beira do mar ,
E o teu grito cá vinha troar
Temeroso no ardente Almagreb :
Era o tempo dos crentes e ousados :
Era o tempo da gloria da cruz !
Ora contam-se as páreas d'Ormuz ;
Tem só nome Cochim , Calecut.
E esses muros d'Arzilla , regados
Com o sangue de martyres mil ,
Ermos hoje tu deixas , rei vil ,
Porque o Estreito passou Rais Dragut !
Oh valentes da India , do oceano ,
Roncadores de féros no mar ,
Cuja espada , porem , faiscar
Não sabe inda do mouro no arnez ,
Mostrar vinde o valor sobre-humano
Neste clima de sol mirrador !
Aqui fama se compra com dôr :
Facil gloria esquecei uma vez.
As galés do arrais mouro são fortes ;
Sua chusma berbers de Takrur ;
Como o vosso rei indio , Badur ,
Não ha-de elle acabar á traição.
Uma festa de sangue e de mortes
Do occidente nas vagas tereis ;
Elmos rijos aqui achareis ,
Não o craneo d'inerme sultão !
Mercadores ! — deixai vosso cravo ,

A canella , a pimenta , o marfi ;
 Os vestidos de seda despí ;
 Ponde em vez de collar um gorjal.

Vella e remo soltai no mar bravo ;
 Vinde junto de nós combater ;
 Nós que Arzilla deixámos perder ,
 Porque elrei é um rei desleal.

Para nós os castellos d'avante :
 Para nós a arrombada , e bailéu :
 Para nós pelejar ante o céu ,
 Que nos campos d'Arzilla nos viu :

Para nós o machado e montante : —
 Para vós a bombardarda e arcabuz : —
 Para nós , ao cahir , ver a luz ,
 Ver a mão que estes peitos feriu :

Para nós o tombar derradeiro
 Sobre o férreo esporão das galés : —
 O pelouro , de sob o convez ,
 Cá de longe enviar para vós ! —

O sudario do morto fonteiro
 Alva escuma da prôa será :
 E em seus labios — *Arzilla* ! — ouvirá
 Quem ouvir sua ultima voz.

*

E elles — os fortes d'Asia — não vieram
 Do cavalleiro d'Africa ao chamar :

E a náu d'elrei ao infamado Tejo
Veio aportar :
E o adaíl depoz as armas , rotas ,
Não no espaldar ;
Que nunca o bom fronteiro víram mouros
Costas voltar.

*

E tomando o bordão de peregrino ,
Foi-se á Batalha , que é mosteiro pobre
De dominicos ,
Frades mui santos , que os judeus queimavam ,
Porque eram ricos :
No meio desses tumulos que encerram
Os despojos mortaes dos reis que foram ,
Féretro antigo
O adaíl procurou : — de um rei soldado
Era o jazigo.
Quando o viu , ajoelhou nos degráus d'elle ,
E palavras , que as lagrimas cortavam ,
Lhe dirigiu :
Maldição para alguém pedia ao morto ;
Mas nada ouviu !
Então , lívido o rosto , os labios brancos ,
A fronte lhe pendeu sobre o ataúde
Do rei extincto :
Expirára ao dizer — *perdeu-se Arzilla !* —

A Affonso Quinto.

(*A. Herculano.*)

Diz que as lebres , como gente ,
Um dia conselho houveram
Por não viver tristemente ,
E afogar-se de repente
Todas juntas resolveram.

Duas raãs , como sohiam ,
Junto ao charco eram pastando
Adonde as lebres corriam ,
E de medo do que ouviam
Vão-se no charco lançando.

Uma lebre mais ladina ;
Que isto viu , teve-se quedo ,
E gritou pela campina :
— Tende mão , gente mofina ,
Que inda ha raãs que vos tem medo.

D. Franc. M — Çamfonha d'Eut. Cart. 2.^a

Ultimo canto do cisne.

Ode.

1.

Patrio Vouga ancião , o cantor vosso

Hoje fixou o circulo da vida ;

Marcou o seu destroço

Octogenaria lida.

No bronze o tempo deu co'a mão pesada

A ultima pancada.

2.

Seu relógio fugaz o derradeiro

Natalicio apontou da longa era ;

Emperrou o ponteiro

No oitenta que numera.

Lachesis pôz na róca com fadiga

A derradeira estriga.

3.

O fuzo torto tem , já mal o trilha

[Cansada de fiar] nos dedos gastos.

Clotho , que ensarilha ,

Traz a meada a rastos.

Atropos fera co'a tesoura aberta

Quasi os aneis lhe aperta.

4.

Nymphas patricias , não touqueis com rosas

O seu tristonho natalicio dia . . .
Com as flôres saudosas
Cingí-lhe a fronte fria.
Só lhe competem nas extremas horas
Saudades (1) , passi-floras (2).

5.

Não mais , nymphas , não mais , finde o festejo
Das sonoras canções ao natalicio
Do Vate , que no Tejo ,
Teve ás vezes propicio
O refulgente Apollo com espanto
No trovão de seu canto.

6.

Hoje em vez de canções , só elegías
Deveis cantar a seus longevos annos . . .
Com endeixas sombrias
Nenias de desenganos.
Louvai , ó nymphas , um natal tristonho
De tão comprido sonho ! . . .

7.

Novos vates do Vouga , o rouco canto
Do vosso velho companheiro expira . . .
S'elle tem jus ao pranto ,
Honrai-lhe a antiga lyra ,
Onde outra hora cantou versos sem pejo ,

(1) A rôxa flôr da saudade.

(2) A triste flôr do martyrio.

Que aprendera no Tejo.

8.

Em tempo mais feliz , nas prais lusas ,
 Salitrosas , da inclita Ulisea ,
 Teve a estima das Musas ;
 Da Cythara Febea
 Alguns sons aprendeu ; teve louvores
 D'afamados contores.

9.

Em seu sabio Atheneu , alli com elles
 Em tarefas poeticas cantava.
 Francelio (3) era um daquelles
 Que as azas despregava ,
 Seguindo o rasto de seus grandes socios ,
 Alvos cysnes beocios.

10.

Dalli subia ao cume do alto Pindo
 Pelo trilho do-grão Cantor Elmano (4)
 Quantas vezes subindo
 Belmiro (5) Transtagano
 Do alto lhe bradou : Sobe sem susto
 Póz mim . . . affronta o susto.

11.

(3) Francelio Vouguense era o nome pastoril de Francisco Joaquim Bingre.

(4) Elmano Sadino era o nome pastoril de M. M. B. de Bocage.

(5) Era Belchior Curvo Semmedo Torres de Sequeira.

Outras vezes nas azas o tomava
 O melico cantor , cysne sadino.
 E tanto o remontava
 O epico Thomino (6) ,
 Que nos raios de Phebo , onde voava ,
 A fronte lhe escaldava.

12.

A ver estranhos ares o levavam
 O assombroso Elmiro (7) , o sabio Oleno (8)
 E os rumos lhe ensinavam
 Que o grão cantor Ismeno (9) ,
 Imitador de Pindaro e d'Horacio ,
 Descobríra no Lacio.

13.

Assim tomando força audaz subia
 Entre os cysnes do Tejo ao piério monte ;
 A lyrica Thalía
 Muitas vezes a fronte
 Alli lhe engrinaldou de verde louro
 Ao som da lyra d'ouro.

14.

Por taças de cristal o estilo puro
 Bebeu dos grandes vates quinhentistas ;
 Nunca o caminho escuro

(6) Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

(7) P.e José Agostinho de Macedo.

(8) Nuno Alvares Pereira Palo Moniz.

(9) João Vicente Pimentel Maldonado.

Seguiu dos seiscentistas.
Foi por isso que ao Vouga o fez glorioso
Bocage luminoso (10).

15.

Que lições lhe não deu do canto agrario
O seu dilecto amigo , o doce Alcino ! . . . (11)
Com que fogachos , Clario (12)
D'alto fogo divino
O estro lhe accendeu , e o grão Jacindo (13)
Nas tarefas do Pindo ! . . .

16.

Mas ah ! De tantos cysnes portentosos
Só o rouco do Vouga agora resta ! . . .
De todos seus famosos
Socios viu a funesta
Passagem do Acheronte em fusca barca ,
Onde elle agora embarca.

17.

Ficou só o cantor do Vouga annoso ,
Para as portas fechar da Academia ! . . . (14)

(10) Vid. nota de Bocage do seu Soneto nos seus ultimos momentos, em que numéra alguns socios : e vid. no seu Prologo do Poema – As plantas,, os dois seguintes versos.

Ferve no audaz Francelio , e rompe os astros,
Sacro delirio , destemida insania.

(11) Joaquim Severino Ferraz de Campos.

(12) Sebastião Xavier Botelho.

(13) Joaquim Ignacio da Costa Quintela.

Elle chorou saudoso
 A nobre companhia ,
 Á qual a fama ind'hoje erige altares
 Nos lusitanos lares.

18.

Quem hade hoje carpir amor tal quéda
 De Francelio Vouguense octogenario ? . . .
 Findou a lavareda
 Do facho incendiario ,
 Que no éstro accendia altas fogueiras
 Aos Camões , aos Ferreiras ! . . .

19.

Labyrinthos romanticos , charadas ,
 Phrases hieroglificas do Nilo
 São as francezadas
 Canções do novo estylo
 Já se não cantam nenias lacrimosas ,
 Elegías saudosas ! . . .

20.

Té vós , nymphas gentís , desaprendido
 Tendes aquellas ternas cantilenas ,

(14) A Academia de Bellas-Letras , erecta no castello de S. Jorge de Lisboa por varios curiosos , debaixo dos auspicios de S. M. a Sr.^a D. Maria 1.^a , e dirigida pelo intendente geral da policia , Diogo Ignacio de Pina Manique ; teve bastante nome em Lisboa , e fez no paço d'Ajuda uma sessão ao nascimento da Sr.^a D. Maria Thereza , primeira filha do Sr. D. João 6.^o

Que fizeram florido
O jardim das Camenas ;
Do doce Anacreonte os sons divinos ,
De Theocrito os hymnos ! . . .

21.

Em vez do lêdo canto d'artificio ,
Com lagrimas d'amor , do triste vate
Honrai o natalicio
Decrepito , que bate
Ás portas da tremenda eternidade
Com susto e com saudade ! . . .

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

VOL. 3.^o — SERIE. 2.^a



PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1844.

LISBOA:
NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

LARGO DO PELOURINHO N.^o 24.

O VÔO D' ALMA.

Cravou-se no occidente em mar de fogo ,
Entre orlas de carmins, nuvens douradas ,
A lampada dos mundos.
Envolto em negro véu some-se o dia ,
Pelo astro em que fugiu , milhões se engastam
N'esse foco de luz , no azul da esphera :
É um mundo cada um , milhões de mundos
Lá se erguem sobre nós no espaço immenso ,
Campêa em céos d'esmalte o sol das noites ;
A brilhar , a luzir , mil raios palidos
Na terra se refrangem , sobre as aguas ,
Sobre as rochas do mar , sobre altas cupulas ,
No pinac'lo da cruz , na face santa
Dos templos do Senhor , ungingo as pedras.
E os olhos de mortal , desejos loucos !
Querem astros sulcar , e ler no seio
Das paginas de luz do livro eterno !
Essas ondas d'azul , que se revolvem
Encap'ladas no céu ; essas montanhas ,
Que derramam do bojo a luz e a morte ;
As vagas movediças , que d'encontro
Vão o raio levar de pólo a pólo
Não se cruzam sanhudas , e não tragam
Essa mão de mortal , que quer sulca-las !
Esses astros de luz , que em torno a espalham ,

Quaes brilhantes faroes no espaço accesos ,
As fracas vistas do mortal não cegam:

Dia e noite são duas paginas
Do livro do Creador ,
Não as soletram os homens ,
Mãos as volvem do Senhor.

N'uma dellas mão divina
Nos mostra o mundo c'um véo ;
N'outra vê-se um disco em braza
Cortando os campos do céu.

Misterios tudo mais , abismo e trevas ,
Onde a mente a sonhar se perde insana.

Á noite em pinheiral cerrado e triste
Irado rumoreja o norte agudo ;
De quebrada em quebrada caminhando ,
Do cypreste atravéz açouta as ramas ,
Vai ao longe rugir , franger na encosta ,
Donde olha ufano , balançando frouxos
Os troncos , que ao passar vergou sorrindo.

Rebrame em vagalhões d'encontro ás rochas ,
A morte vomitando , o mar sanhudo ;
As vagas sobre as vagas se encapellam ,
No abysmo se balançam temerarias ,
E surgem ... surgem mais , erguem montanhas ,
Encontram-se raivosas , espedaçam-se

No valente embater
E correm , correm sempre , e vão ao largo
Bravezas apagar , morrer , sumir-se.
Novo brame o tufão , outras resurgem ;
Ao longe no alto mar entregue á sorte
No altivo collear das bravas ondas
Vê-se fragil baixel.

No dorso da tormenta ora devassa
Os segredos do céu , roçando as nuvens ;
Ora desce outra vez , e vai co'as vagas
As cavernas lamber do negro abysmo.
Esbraveja o gigante das tormentas ,
Ronca nos antros seus o mar com furia ,
As vagas em montões erguem-se altivas ,
Embala-se o baixel no collo d'ellas ,
Lá segue os vagalhões e vai d'encontro
De baldão em baldão quebrar nas rochas.

Senhor Deus , quantos viventes
Tem findado desta sorte !
Quantos vão buscar nas aguas.
As agonias da morte !

—

Erguem-se as mãos convulsas ,
Já nos trances do morrer ;
Ergue-se um grito – piedade –
E vai-se ao longe perder.

—

Se dentes ferrar podessem

A salvação n'um rochedo ;
Se o misero achar pudesse ,
Para a vida algum segredo.

—

Dera a carne aos duros tratos ,
Metade do seu viver ,
Dera o céu , mas não quizera ,
Não quizera um tal morrer.

—

Mas embalde , as surdas ondas
Só lhe escutam o estertor ,
Perdido na immensidade
Não ouve um echo d'amor.

Ao largo contra as penhas debatendo-se
Escuta-se o bramir das ondas rabidas.
E o mar e o vento conglobados rugem ,
Bravejam encrespando as torvas aguas ,
E os continentes furiosos batem ;
Querem praias calcar , saltar as raias ,
Que o Senhor lhes marcou na estancia eterna.
E a rocha , que os escuta immovel sempre ,
Vê-lhe as iras quebrar nos pés de marmor.
E queda-se contente.

E o astro , que surgiu nos céos d'aurora ,
Ergueu-se n'horisonte , e tambem passa
Orgulhoso de si , que os raios d'elle
De dia em dia dardejando as rochas

O dorso lhe tostaram.

Refervem areaes ao sol da Syria ,
Um arbusto sequer não move as ramas.
A briza não respira , é tudo fogo.
De longe em longe, refrigerio d' alma ,
Nas areias resalta uma fontinha
Orvalha o verde oásis que a circunda ,
E o lasso caminhante ao vê-la extatico
Nas aguas de crystal a sede mata ,
Os joelhos curvou , bemdisse o Eterno ,
E ávante o sol passou em céos ardentes.

Bemdito Senhor , que déste
No deserto uma fontinha ;
Bemdito tu , que creaste
Junto á fonte uma florinha.

Déste a agua , e déste o fogo ,
Déste a briza e o calor ;
Déste á vida refrigerio ,
Déste ao mundo o teu amor.

Do mundo nos confins lá vérga o pólo
Sob a mol' colossal do gêlo inerte.
As serras de cristal devassam astros ,
O noto não encrespa as aguas mortas ;
No leito de granito recostadas.
Um véla jámais , um lenho viram ,

Lá não singra o baixel aventureiro.
E nasce e morre a flora ao sopro agudo
Do norte queimador.

Nos seios do vulcão erguem-se as chammas.
Lá refervem cachões.
Da cratera esbrazeada a lava ardente
Se lança caudalosa , e vai de rojo
Em rios enxofrados meneando
O diadema d'um dia sobre a terra ,
Que esterilisa insane , e queima e esmaga.

São misterios insondáveis
Os teus decretos , meu Deus ,
Déste a vida a par da morte ,
Creaste a terra , e os céos.

Déste o gelo , e déste o fogo ,
Déste a briza , e o calor ;
Déste aos bons a salvação ,
Bemdito sejas , Senhor.

Minha alma voa ao céu , lá sobre os astros ,
Em canticos d'amor , o Eterno louva.

A.X. R. Cordeiro.

O GALARDÃO DE SERVIÇOS

O GRANDE Duarte Pacheco Pereira morreu miseravelmente no hospital de Lisboa , e sua mulher e um filho unico viveram de esmolas !

O grande D. Francisco de Almeida , víso-rei da India , morreu atravessado pela garganta com um agudo ferro , na *Aguada de Saldanha* , ás mãos dos cafres !

O grande Affonso d'Albuquerque, governador da India , morreu no mar, vindo de Ormuz para Goa , proferindo as palavras : – *Mal com elrei por amor dos homens , mal com os homens por amor d'elrei!*

O grande D. João de Castro , visor-rei da India , morreu pobre !

O grande Nuno da Cunha , arrogante , e temerario cavalleiro, morreu prezo, na viagem, vindo das ilhas dos Açores para o reino , e foi lançado no oceano !

O grande António Galvão, governador de Ternate , voltando á patria morreu no hospital de Lisboa !

O grande Francisco Barreto , governador da India , morreu nas inhospitas e pestilenciaes ribeiras do rio Cuama , pobrissimo !

Luiz de Camões , principe dos poetas lusitanos , não foi por certo menos pobre , e lastimoso o seu fim , na capital do nosso reino !

O premio destes heroes provoca altas meditações ; pois faz ver na vacillação de nossos destinos a incerteza com que caminhâmos neste mundo.

Tal a vida enganosa ,
Resplandor falso , gloria mentirosa.

Laura de Anfriso , de M. da V. Tagarro

(O Abbade Castro.)

PERGUNTA DE H. HEINE :
TRAD. DO ALEMÃO POR V.
(::)

EM descampado mar , nocturno e ermo
 Se vê um joven : mostra oppresso o peito ,
 Incerta e dubia a mente , carregados
 Os beiços : para as ondas assim falla :
 Eia ! Aclarai-me o enigma desta vida ,
 Vetusto e eterno enigma e fadigoso ,
 Com que tantas cabeças hão lidado ,
 Cabeças encascadas d'hieroglyphos ,
 Cabeças de turbão , barrettes negros ,
 Cabeças de perucas , e mil outras
 Cabeças d'ensoados e mofinos !
 Dizei-me o que é o homem ? Donde
 veio ?
 Para onde vai ? Dizei-me , oh ! , quem
 habita
 Por cima dos planetas auri-lúcidos ?

O mar rebrama em seu mugir eterno :
 O vento sopra , fogem longe as nuvens ;
 Mais luzentes scintillam as estrellas :
 E um louco está á espera da resposta.

DONA MINCIA.

Romance historico. (*)

1.º

Dom Guthero de Monroi
Lança em punho a defender
De Santa Cruz a cidade ,
Lá no Cabo d'Aguer.

Dom Luiz , e Dona Mincia ,
Sustem suspiros no peito ;
Morrer por a Fé é glória ,
Não suspirar é preceito.

«Filhos = Dom Guthero diz =
«Os mouros tem grão poder ,
«Os christãos longe nos ficam
«Captivos ? ! – Antes morrer.»

E bem dizes , Dom Guthero ,
Bem fallas d'exp'rimentado ,
Morte não ha tão cruel

(*) Na historia de Portugal de la Clede. Tom. 8.º pag. 197
a 199 e 253 a 254 se acha o assumpto deste romance.

Que o viver do capturado.

Não assim aprova a Deus ,
Captivos todos tres são ,
Santa Cruz roja por terra ,
Tremúla mouro pendão.

Nas ameias do castello
Nunca mais se torna a ver
Luzir a lança do luso ,
Branco pendão desprender.

Os sinos da cathedral
Sempre callados são ,
Já rouca voz lá na torre
Mouros chama á oração.

2.º

Mahamút , potente mouro ,
Xarife de Tarudante ,
Que nunca provára amores ,
Louco se torna d'amante.

E quem póde ver a Mincia
Sem d'amor louco morrer ?
Tigre que fôras amáras
Se olhos houveras p'ra a ver.

Amor de mouro levou
Ao harem a portugueza ,
Mais que nenhuma é senhora ,
Mais que nenhuma em riqueza.

Mas riquezas não abalam
De Mincia a herdada Fé :
Já não é Xarife amante ,
Cioso mouro já é.

Dona Mincia a negro carcer
De ordem do mouro é levada ,
Que até no amar se mostra
Alma de mouro damnada.

Ceder d'um mouro a desejos ,
De Christo a Fé renegar ,
É isso muito ! Oh Xarife
Não tens nada que esperar.

Raivoso o mouro se morde ,
Não por Mincia o desprezar ;
Porque rigores não podem
Um suspiro lhe arrancar.

«Os cem captives que tenho
«Sem resgate eu t'os daria
«Quando Mincia a meus amores
«Ceder quizesse algum dia.

«Todo o dinheiro que trazes
«Para um só não chegaria ,
«Dona Mincia não leváras
«Por tresdobro da quantia.»¹

Desta sorte , dando costas ,
Triste um frade despedia ,
Que o resgate não fazendo
Captivo ficar pedia.

Na sepultura de Mincia
Este pedido echoou ,
E por salvar cem captivos
Alma e vida captivou.

¹ Diz a citada historia. – Com effeito o Xarife tinha declarado que queria por ella [referindo-se a Mincia] tanto quanto os outros cem captivos.

O PANORAMA

SEMANARIO

LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME IX

PRIMEIRO DA TERCEIRA SERIE.



(PUBLICADO DE 5 DE SETEMBRO DE 1846 A 25 DE DEZEMBRO DE 1852.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES. — RUA AUREA N.º 67.

1852.

O DOBRAR DOS SINOS.

Considérée comme harmonie, la cloche a indubitablement une beauté de la première sorte: celle que les artistes appellent *le grand*.

CHATEAUBRIAND.

Pezado, lugubre sino,
Em vaivem, qual o da sorte,
Desprendes sons, que recordam
Lembranças tristes da morte.

Ha n'esse dobrar singello,
Mil torrentes d'harmonia :
Sublimes notas, que ferem,
Q'excitam melancholia.

Essa funebre toada
Vibra n'alma do christão,
Como, o raio, quando estala ;
Como os gritos d'afflicção.

O coração dos tyrannos
Vergas, como brando vime :
Ao peito d'esposa adultera
Pezaravas do seu crime.

Sóltas de mão homicida

Punhal, ébrio de vingança ;
Á culpa dizes : — remorso !
Ao innocente ; — esperança !

Passado e futuro a todos :
A todos a eternidade !
Tormentos, que não acabam ;
Ou ethérea felicidade.

Quando, triste som começa
Brandamente compassado,
E veloz, segue troando :
É morto ! É morto ! É finado !

Como s'imitar quizesse
Lenta vida agonizante,
Q'em mortal, ultimo arranco
S'esvaíra delirante :

Se, mil corações diversos
O escutam : — n'esse momento,
Todos elles palpitarão,
Em accorde sentimento !

Som d'estranha melodia !
O teu pregão é fatal
Que são vaidades do mundo,
Quando vozêas : — mortal!

Mortal ! — solemne epitaphio,

De nossa commum jazida :
Vigia, que nos despertas,
Do sonho falso da vida !

— Oh ! n'esse dobre singello
Ha mixto de céu e inferno :
Um tal segredo um mysterio...
Ha n'elle um poder ETERNO !

Em dia de Finados de 1846
J. DA C. CASCAES.

SILENCIO.

Tout dort.
V. HUGO.

Que noite sombria !
Que triste mudez !
De lenta agonia
Que selo profundo
Na face do mundo
Minh'alma, não vês ?

Um astro doirado
Não brilha no céu ;
De negro toldado
O lucido imperio
Em crepe funereo
A terra envolveu !

Um som não se escuta,
Não se ouve um só ai ;
De concava gruta
No fundo retiro
Perdido suspiro
Da brisa não sai.

As aguas não gemem
Correndo no chão ;

As folhas não tremem
Nos troncos frondosos
Que mudos, chorosos
Immoveis estão.

Sem fremitos d'ira,
Sem queixas d'amor,
Apenas expira
Na riba fragosa
Da vaga espumosa
Confuso rumor.

Em paz dorme tudo,
Jaz tudo sem voz ;
O pégo sanhudo,
A folha ligeira,
A brisa fagueira,
E a lympha veloz !

Contente, e sem medo
Eu goso esta paz !
Ao que ama em segredo
Soffrendo isolado
O mundo calado
É quando lhe apraz !

Silencio ! sublime
Linguagem de Deus !
Ella unica exprime
O immenso, o eterno,

As ancias do inferno,
E os gosos dos céus !

Silencio ! eu bemdigo,
Eu amo-lhe a paz,
Que é elle o amigo
O socio discreto
Do ultimo tecto
Que, ó terra, nos dás !

A. LIMA.

O TROVÃO.

Era noite. Nem bafeja
Leve, branda viração ;
Nem pios d'ave agoureira,
Nem esses, ouvidos são.

Valles, montes, céu, e mares,
Negro véu todos enluta ;
A natureza dissereis
Ampla, escura, hórrida gruta.

Ou, gigante, á luz vedado,
Subtérreo, fundo hypogeo,
D'esses, onde a prisca idade
Mortaes restos escondeu

Nem uma estrella no céu,
Nem onda no immenso lago ;
Sinistro pavor, em tudo,
Nuncio de visinho estrago.

Só, frouxo, pallido rompe,
De quando em quando, o luar ;
Como lampada nocturna,
Junto d'ára tumular.

Só, d'hora a hora distante,

Na torre, d'antigo templo,
O bronze trôa, mais alto,
Só, da vida, agora exemplo.

Mas logo, em fundo lethargo
De novo, torna a caír :
Silencio, trévas é tudo,
Nem uma folha a bolir ;

Nem, d'ermo casal longinquo,
S'escuta o canto distante,
D'essa — qual vivo relogio,
Sentinella vigilante.

Silencio, trévas é tudo,
Nem bafeja viração ;
Nem pios d'ave agoureira,
Nem esses, ouvidos são.

Nem da lua um só reflexo,
Nem já, da visinha aldêa,
Um som, confuso, s'escuta,
Um só lume bruxulêa.

Como funebre ataude,
Vestido de negra côr,
Occulta-se, o immenso espaço,
Em mais espesso vapor.

D'improviso, accordam euros ;

Como, em calado deserto,
Bramíra, leão faminto,
D'incauta presa já perto.

Fugaz relampago sulca
A cerulea immensidão ;
Como, nocturna, brilhante,
Agoureira exalação.

Dispára canhão gigante !
E o projectil, seu, electrico,
Eis desce rapido ; e perto
O trovão ribomba tétrico

E desperta a natureza
De sua inercia mortal ;
Tornando, de novo, á vida,
Á vida, por maior mal.

Já, humana voz s'escuta,
O piar d'ave innocente,
Das féras medonho ulúlo,
O bater da onda fremente.

Vibram, mil diversas cordas,
Sons d'estranha afinação ;
E todos — *Poder Supremo* —
Accordes, dizendo estão !

— Que scenas d'assombro — estas !

Abysma-se o pensamento,
Perdida a razão, nas trévas,
Brilha a luz do sentimento !

Mafra, 18 de outubro de 1852
J. DA C. CASCAES.

O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME X

SEGUNDO DA TERCEIRA SERIE.



(PUBLICADO DE 1 DE JANEIRO A 31 DE DEZEMBRO DE 1853.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES. — RUA AUREA, N.º 67.

Á SAUDOSISSIMA MEMORIA DA SERENISSIMA

PRINCEZA IMPERIAL

SENHORA D. MARIA AMELIA.

ELEGIA.

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,

.....
.....

O cheiro traz perdido, e a côr murchada :
Tal está morta a candida donzella,
Seccas do rosto as rozas, e perdida
A branca e viva côr co' a dôce vida.

OS LUSÍADAS, CANTO III, EST. 134.

Das bordas do sepulchro erguido ha pouco
Onde co'as descarnadas mãos a morte
As fauces apertando-me, o suspiro
Extremo ía a exhalar do anciado peito :
D'aquelles, para quem minha existencia
É d'apreço, os soluços escutando,
Os ais, o pranto ; e as faces inundadas
De lagrimas sinceras já mal vendo
Com olhos, onde a luz ía a apagar-se ;
Resignado em deixar esta de penas
Mais que de gôsos, enganosa estancia,
Já de crimes theatro, já d'insanias,
Para mim o viver era um successo
Indiff'rente, e talvez afortunado ;

(O desastre fatal, que hoje pranteio,
Em breve o meu *talvez* fez verdadeiro)
Até porque a velhice inerte e fria
A entorpecer-me os membros começava ;
E nos olhos a luz já quasi extincta
Me privava de dar pasto aos sentidos
Co'a vista amena dos mimosos quadros
Da variada, risonha natureza ;
De na leitura e escripta, dous mimosos
Meus passatempos, encontrar guarida
Da vida contra os intimos desgostos...

Ai !... Porque não uniste então, ó Parca,
Da tezoura os anneis, cortando o fio
D'esta hoje triste, amargurada vida ?...
Porque poupastes, céus ! esta existencia
Já sem vigor e quebrantada e inutil ;
E acabaes de roubar, em flôr cortando
Uma tão cara e preciosa vida
Ao coração materno, a Lysia inteira,
Na ausencia d'Ella lagrimas de sangue
Luctuosa vertendo, inconsolavel ?...
Quem de longa morada sobre a terra
Era mais digna do que a prole augusta
Do thalamo nupcial de Pedro e Amelia ?...

De saudade vivissima pungido,
Esmoreço, das mãos me cée a penna
Ao tentar escrever da alta princeza
O idolatrado, o respeitado nome :
Gosei de ser seu mestre a honra excelsa,
E pude bem medir a altura immensa,

Até onde se erguia o engenho, o gosto,
Com que sabia dar apreço ao bello
Das litterarias producções que enfeitam
O campo do saber ameno e puro.
Vasto, profundo estudo lhe adornava
O espirito gentil co'a variada
D'altas sciencias copiosa mésse.
Nas artes-bellas que immortaes fizeram
D'Apelles e d'Orphêo na Grecia os nomes ;
E na Europa moderna ao summo ergueram
Da gloria um Raphael, e um Litz, preclaros,
Quem podia igualar Esta das musas
Nove e d'Apollo sabedora alumna ?

Mas quão mais rico, divinal thesouro
O seu lhe ornava coração, modêlo
D'angelicas virtudes sobre a terra !...
Quem no amor filial, ou quem no esmero,
Com que estudava n'um volver dos olhos,
N'um simples gesto os maternas dictames,
Todos modestia e honestidade e sizo,
Poderia jámais equiparar-se
Áquella, que no céu hoje morando,
É caro objecto de geral saudade ?
Ou quem, sem a menor quebra da excelsa,
Que herdou do berço, magestade augusta,
Mais se mostrava affavel, carinhosa
Com quantos de A tratar a honra gosavam ?...
Era, do céu descido á terra, um anjo
Do Omnipotente por eximia graça,
Para aos que a dita de a servir tivessem,

Dar das prendas, que adornam os do Empyreo,
Espiritos gentís habitadores,
Uma justa e fiel e clara idéa.

E perola de tão subido preço
Foi ao mundo roubada, quando apenas
Contava lustros quatro além de um anno !...
Ephemera bonina, aos dós Favonios
Affagos escondida, o Aquilo duro
Poude c'os sôpros seus rude murchal-a ? !
Ou, com intempestiva mão colhida
Por travêssa menina, a côr, o arôma
Perder tão cedo, e desbotar, finar-se ? !
E eu vivo ainda ! eu carcomido tronco
Pela força dos annos gastadores,
A quem nem já da Primavera o influxo,
Tão vivaz para toda a natureza,
Faz pelo duro, resequido lenho
A seiva circular animadôra !...

Triste de mim !... Que valho eu sobre a terra !
Eu, que contava ouvir, não vêr; que as trévas
Da opaca noite já meus olhos cobrem,
Que ouvir contava em extasis de gosto
Da princeza adorada as glorias cento
Do alto saber, talentos e virtudes,
Que o coração, e o espirito lhe ornavam !
Mas hoje, malograda esta esperança
Co'a ausencia eterna do saudoso objecto,
Que apêgo posso ter ainda á vida,
A um viver triste, que arremeda a morte ?

Céus ! levae-me tambem da terra, alçae-me

Dos justos á mansão, onde entre coros
 Angelicos habita em paz perpetua,
 Em gôsos ineffaveis engolfada,
 Aquella alma purissima, que o mundo
 Preverso em si conter não merecia...

Mas quem consolará na ausencia acerba
 Do unico fructo da ternura sua,
 Dos seus desvellos o mais dôce enlevo,
 A mãe saudosa, que desfeita em pranto,
 Aos decretos do céu submissa embora,
 Com firmeza christã, piedoso heroismo,
 De accusar ainda assim deixar não póde
 A sorte adversa, que a persegue ha tanto ?...

Dos dous mundos ao heroe com laço estreito
 Em bem fadado, no julgar das gentes,
 Alto consorcio unida em verdes annos ;
 Quem ousára prever de desventuras
 O que a sorte lhe urdiu, tecido escuro ?...
 Antes de giros dous do sol volvidos
 Na eclytica estrada, ao throno, á nova
 Patria, que com lustrosas pompas tantas
 Eu a vi receber extasiado,
 Forçada foi a dar um adeus eterno.

As da victoria palmas empunhando,
 Cingida a frente de virentes louros,
 Qual victima de flôres adornada,
 Em curto espaço viu cair o esposo,
 O esposo idolatrado, entre os horrores
 Do tumulto voraz ; e eis negro lucto
 De triste viuvez a cinge, a cobre.

A mãe fagueira, e irmãos no mesmo abysmo
Sentiu dentro cair da Eternidade ;
E as dôres mais crueis, as mais pungentes
O mui sensível peito lhe rasgaram.

Mas a taça do fel escuro e amargo,
Não de todo exgotada, lhe aguardava,
Para o beber, asperrimo veneno :
Da filha cara sua, unico esteio
De tão penosa, turbulenta vida,
Esta mãe infeliz hoje privada,
Céus ! que lhe resta já, que amargural-a
Inda mais possa ?... Ao vêl-a ante os seus olhos
Soltar dos labios o ultimo suspiro,
Do martyrio exgotou as negras fézes,
Da desgraça tocou o ponto extremo ;
A' vida tem horror, anhella a morte,
A morte, do infeliz unico abrigo...

Mas não, matrona excelsa, prole augusta,
Da mais viçosa, florescente stirpe,
Não consummaes na dôr vossa existencia ;
Se ella da filha vossa, alta princeza,
Por desgraça fatal já empregar-se
Nos dôces maternaes mimos não pôde,
Saudoso emprego dos volvidos annos ;
Nas infelizes, pobres creancinhas,
De quem sois protectora e mãe e amparo,
Bem como em outros miserandos entes,
Que a vossa, tristes, piedade imploram,
Como até agora, dedicae-a assidua ;
Elles, comigo, em lagrimas desfeitos

A sua choram orfandade, e a vossa
Em tão sentida, luctuosa perda,
Que a Lysia inteira lagrimas arranca :
Bem sei, não precisaes, que a taes virtudes
Vos excitem meus rogos ; em vós mesma,
No vosso coração os desditosos
Um melhor, do que eu sou, patrono encontram ;
E Aquella, que no céu hoje morando,
Entre os coros angelicos entôa
Ao Ser Eterno perennaes louvores,
Por sua cara mãe, que tão saudosa
Cá na terra deixou, por mim, por quantos
De a servir a ventura possuímos,
Ao cordeiro sem mancha, entre os arômas
De puro incenso sem cessar offerta
As mais proficuas, fervorosas preces :
De lá com divinal sorriso olhando
Para nós todos, nos acêna e intima
Mitiguemos a dôr nossa, e lhe honremos
Com virtuosas acções sua memoria.
De lá tambem nos diz : “Se qual bonina
“Cortada antes de tempo, as mui caducas
“Bellezas corporaes, do rosto as rosas
“E a candidez perdi ; e hoje o sepulchro
“Pallido e frio o corpo meu encerra :
“Se honras imperiaes perdi : se acaso,
“A assentar-me n’um throno destinada,
“Não cheguei a cingir real corôa
“Nesse theatro d’illusões mesquinhas :
“Da graça divinal mais bella e pura

“Hoje vestida e ornada, mais formosa
“Sou do que o fui jámais, em quanto a capa
“D’impuro barro a alma me cingia :
“E um reino e imperio mais, que esses da terra
“Magestoso, opulento, aqui possuo ;
“Do Eterno a vista me compensa tudo
“Com sempiterna, immarcescível gloria :
“Cessem pois de chorar-me os meus, e todos,
“E por igual gosar ventura anhellem. ,,

 Sim, adorada, quanto respeitada,
Ou morando entre nós, ou já no Emyreio,
Das puras virgens ao consorcio unida,
Sobre a terra princeza, e além dos astros
Do Sempiterno Ser sacerdotiza ;
Todos que honrastes co’a ternura vossa,
Approvam, seguem as doutrinas santas,
Que do céu lhes dictaes : sinceros crentes
D’uma vida immortal além da morte
No Dogma salutar ; contam na patria
Dos justos ir morar comvosco um dia
Em perpetua união : ali seu termo
A dôr terá então, que hoje crucia
Seus corações, de vós tão saudosos...

 Do meu estro apagou ultimos fachos
A mais pungente dôr : adeus, ó musas,
Nunca mais ouvireis soar meu canto ;
Quero em chôro acabar meus tristes dias,
Dias mais tristes, que as nocturnas trévas,
Porque os enlucta, os entristece, e enoita
Com seu atro, mortifero veneno

A peçonhenta hydra da saudade.

1.º *d'abril de* 1853
FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.

LINDOS OLHOS.

LINDOS olhos são os garços :
Tem na dubia, meia côr,
Véu, que afrouxa, não esconde
Desejos vivos d'amor.

São na branda luz, que espalham,
Como tremulo, perplexo,
Quando s'espêlha nas ondas,
Da lua meigo reflexo.

Como flôr de tenro arbusto,
Que a brisa, apenas mostrára,
Em manto de verdes folhas,
Receiosa s'occultára.

Como no cristal a sombra,
Que espalha lento bafejo,
Logo, em brilho demudada,
De fulgurante lampejo.

Ou, d'aurora, o recém-nado
Primeiro, pallido raio,
Em que ambos — dia e noute,
Se casam n'um só desmaio.

Mas, se lindos são os garços,
Que lindos os mais não são !
Azues, pretos, ou castanhos ;
E os verdes, porque não ?

Que saphira houve, tão bella,
Onde, a côr azul-celeste,
Igualasse, em vivo esmalte,
A que uns lindos olhos veste ?

Que mar, que lago, que espelho,
Que céu, mesmo — o próprio céu,
Reflectiu côr mais serena,
Mais pura de todo o véu ?

E no seu volver suave,
Quando a pupilla s'esconde,
A voz do peito escutando,
A que muda então responde !

Oh ! n'esse momento d'extasi,
D'expressão maga sem fim,
Não imitam — que são elles,
Os d'ethero serafim

E uns olhos pretos — bem pretos,
De vivo relancear ;
Que atrahem, mandam, subjugam,
Que matam, no seu olhar ?

Que, mesmo indifferentes, fallam,
Que intimidam, quando irados ;
No brando volver — encanto,
Feitiço d' enamorados.

Que no coração projectam
Viva chamma rutilante ;
Qual ustorio, ardente espelho,
Que o fogo atêa distante.

Como, em céu — de negro todo,
Quando proxima a procella,
A nuvem rasga brilhante,
Luz, que cega — mas que é bella !

E uns olhos verdes — d'um verde,
Que — rival da esmeralda,
Vence os mil da natureza,
Em sua florea grinalda !

Olhos ternos, que não sabem,
Que não podem ser altivos,
Se querem fallar despresos,
A côr torna-os compassivos.

Se, a momentos, reverberam
Luz de pallida esquivança ;
Por entre os raios de morte,
Ha sempre raios d'esperança !

Como, palavra d'acerto,
Por entre insano delirio ;
Como premio, além da campa,
Por entre cruel martyrio.

E uns lindos olhos castanhos ?
Côr, que os iguale, os defina,
Não ha na flôr, ou na planta,
Não ha na pedra mais fina.

Côr, modelo de si mesma,
Sua — só — de mais ninguem ;
Que a nenhuma se compara,
Os olhos castanhos tem.

Esmalte — em azues e verdes,
Luz, que nos garços vacilla,
Em olhos pretos dardeja,
Mas nos castanhos scintilla.

Que a dos garços — por mais vaga,
Projecte menos ardor ;
Que a dos verdes — por mais rara,
Tenha n'isso mais valor :

Que a dos pretos — porque offusca,
Ninguem fite, sem respeito ;
E a dos azues, mais serena,
De ternura inunde o peito :

Embora ! — que a dos castanhos,
Nem despraz — por duvidosa,
Nem s’estranha — por ser rara,
Nem repelle — por fogosa,

Nem, por sensual, confunde.
Como, terno, ledo beijo,
Que céde parte — e revela
Toda a escalla do desejo !

Oh ! lindos olhos castanhos,
Proclamem-se uma — mil vezes !
Havel-os, não ha tão bellos,
Não nos ha — mais portuguezes.

Mafra – maio de 1853
J. DA C. CASCAES.

Á PRIMAVERA.

(Schiller)

Oh ! bem vinda, formosa donzella,
Encanto da mãe Natureza ;
Com o teu lindo cestinho de flôres,
Bem vinda por esta deveza !

Ah ! tu vens visitar-nos de novo,
E vens como outr'ora tão linda !
O prazer me trasborda no peito,
Por vêr qu'entre nós és ainda.

Não te lembras da minha pastora,
Quão terna e formosa então era ?
Adorava-me a linda zagala,
Amor em seu peito ind'impera.

P'ra seu seio formosas boninas
De ti eu então alcancei ;
Venho agora a pedir-t'as de novo ;
Que tu m'as darás, bem o sei.

Oh ! bem vinda, formosa donzella,
Enlevo da mãe Natureza ;
Com teu lindo cestinho de flôres,
Bem vinda por esta deveza !

MÁ-NOVA.

Sôa importuno zunido
De negro insecto agoureiro,
E o coração presentido,
Qual propheta verdadeiro,
Aos bens, aos males do céu,
Ergue, rasga o denso véu.

Assim, á nova sentida,
Que se conta duvidosa,
Por duvidosa é ouvida ;
— Como nuvem vaporosa,
Sobre a immensa perifería,
Confundindo noute e dia : —

De meu agreste alaúde,
Fêriu-se a corda mais triste :
Era a voz do ataúde !
Voz a que nenhum resiste ;
Que o dom d'humano propheta
Vive n'alma do poeta !

Se tão só, divino sôpro,
Fôra d'alma a criação,
Toque d'immortal escôpro,
Na estatua da corrupção ;
Repetiu-o Deus, na lyra

Do poeta, que Elle inspira !

„É morta !,, — Sôa a má-nova,
Que por má, não era acceita.
“É morta !” — Mais uma cova !
O celeiro, onde a colheita,
A cada hora se augmenta,
Da céga fouce cruenta.

Que duros golpes, sem fim,
Em vez d’embotar, afiam :
Feroz maça de Caim,
Que os respeitos não desviam ;
Nem saber, força, belleza,
Quanto póde a natureza !

Funesta, justa igualdade !
Que, nos dous pólos da vida,
Levantára a Eternidade !
Na desventura — guarida,
Dos poderosos — terror,
A um tempo, odio e amor !...

— Silencio ! – os écos sentidos,
Que, reflectindo na serra,
Vem chegando a meus ouvidos,
Escutei-os já na guerra :
Tremendos sons do canhão,
Reconheço, que elles são.

Mas as notas compassadas,
Como em funda sepultura,
Do coveiro as enchadadas ;
Vem tão tristes d'amargura !..
Pungem mais, que, na batalha,
O sibilar da metralha !

É que, em seu troar ingente,
Por férreas linguas então,
Voava mortal, serpente,
Em delirios d'ambição !
Hoje, a seu melhor destino,
É triste, devoto hymno.

Resto de vaidade humana,
Seja essa muzica : — embora !
É mais doce, na choupana,
A morte, que o mundo ignora.
Mas singela, d'esplendor,
Tem só lagrimas d'amor.

Nem lingua hypocrita verte,
Sobre a campa do finado,
Nénia, que p'ra si converte,
Em alto gráu cubiçado ;
Em ouro, que só procura,
Cuspa, embora, a sepultura.

Quantos, que na dôr pungente,
Agora fingem ter parte,

Se, por força omnipotente,
Por condão, d'estranha arte,
Pudessem, de novo, a vida
Dar á Regia Adormecida ;

Segunda morte lhe deram !
Incensos, que lhe dão queimado,
Em veneno converteram !
Ai ! Grandeza ! Potentado !
Ultima estancia, em que ha de
Luzir o sol da verdade !

— Silencio ! — O sino plangente
De novo me attrahe, me fére.
Labios d'innumera gente,
Ao Deus, que as préces differe,
Eil-os, sinceros, orando ;
Sua alma, ao céu levando.

Oremos ao Rei celeste !
O sceptro, partido agora,
Tornou-se humilde cypreste,
Regado por quem o chora.
Pranto, de maior fervor,
Esse, é tido em mais amor.

Que, á régia campá, bemvindas,
As préces de todos são :
Dentro, em douradas berlindas,
A pé, caminhando, vão.

Desigualdades da sorte,
Corta-as a foice da morte !...

Hoje, que o Poder extinto,
Honras, graças já não tem ;
D'um peito, que se diz “sinto”
Jamais duvidára alguém ;
Uma lagrima fiel,
Acceita, lusa Rachel.

Como ella — por seres mãe !
Á vida puzeste fim :
E mais infeliz, tambem,
Déste a morte a Benjamim.
Ella morre — e um berço cria ;
Tu morres — matas n'um dia !

Ella morre, dando vida,
A quem p'rá vida creára ;
Foi ser mãe. — É dôr querida,
Morte, que o filhinho ampara !
De uma dôr morre sósinha ;
Tu, na dôr foste Rainha !

Mafra, 16 de novembro de 1853
J. DA COSTA CASCAES

A AUSÊNCIA.

A. E***

AQUI n'este canto teu nome não ponho ;
Supponham que é sonho, deixal-o suppor :
Dos dous que se querem, a voz da amizade
Transforme a saudade n'um canto d'amor.

Das maguas do amigo meu peito é sacrario ;
Não creias que é vario, sem fundo sentir ;
Enxugo-lhe o pranto, recebo-lhe as queixas,
Que n'estas endeixas bem podés ouvir.

Se juntos nos vamos ás margens do Tejo
Em seu rosto vejo seu triste penar :
E digo-lhe ás vezes : Bem sei que decoras
Os dias e as horas... que devem voltar.

Calado me escuta, co'a voz não responde,
Mas vejo que esconde seus olhos de mim :
Então lhe conheço, então é que atino,
Que os prantos são hymno chorados assim !

Sentados á beira do rio que murmura
— Da sua doçura bem vês a imagem !
Attentos, calados, ficâmos olhando
As ondas brincando ao sôpro d'aragem.

Depois resolutu correndo a campina
Em cada bonina te chora, te vê.
Se busco dizer-lhe palavras do mundo
Seu mal é profundo — palavras não crê.

Então apontando p'ro cedro tombado,
Que foi açoutado de rijo tufão :
Me diz enxugando dos olhos o pranto,
O cedro é um canto d'eterna lição.

Ind'hontem, vaidoso, de pé campeava
Soberbo affrontava tremendo escarceu ;
Agora pendido, tombado, desfeito
É como meu peito vasio mausoleu !

Só nutro saudades d'ausentes amores ;
Da selva aos cantores seu nome ensinei,
Os eccos lhe escuto das meigas cantigas
As maguas antigas de novo encontrei !

Soletro-as todas no rio que deslisa
Ao sôpro da brisa das margens d'além,
Nas folhas que correm nas aguas boiando
Que adeuses lhe mando — que adeuses me vem !

Se perto não posso dizer-lhe que é minha,
Se passa a andorinha lhe mando um — adeus.
Se unida ao peito não posso abraçal-a,
Na lua estreital-a que abraços vão meus.

Aos hymnos pomposos que entoam unidos
Da selva os gemidos, aos hymnos do sol,
Lhe mando casadas saudades ardentes
Que entôa plangentes gentil rouxinol !

Assim me parecem mais breves as horas,
Que passam sonoras em cantos de dôr,
Que ao longe recebe, mas já transformados,
Depois d'enviados, em cantos d'amor !

Que os homens lhe chamem tormento ou loucura
Do mundo não cura quem vive de amar :
Ás vezes n'uns olhos se encerra um destino :
Fatal ou divino — deixal-o passar !

O nome d'aquella que choras na ausencia
Talvez Providencia te seja, talvez ;
Mulher que nos ame deveras na vida
Depois de perdida não volta outra vez !

L. A. PALMEIRIM.

O REBEQUISTA D'ALDÊA.

COM a mão que hoje tremula meneia
O arco d'onde tira alegres sons,
Empunhando o fuzil outr'ora aneia
Em pró da Pátria ter mais altos dons !

Se via o estrangeiro entrar ousado,
Calcando altivo a terra dos seus paes,
Nunca ninguém o víra acovardado
Oppondo á invasão só tristes ais.

Lembrava-se da mãe velha e doente ;
Do entrevado pae curvo e senil ;
Da amante que chorava ; e de repente
Empunhava cantando o seu fuzil.

Orgulhoso guerrilha não esp'rava
Ouvir o chamamento do tambor ;
Mal que estranha bandeira tremulava
Não consultava mais que o seu valor.

Aos escalvados sêrros da montanha,
Onde tanto em criança ía folgar
Resoluto subia : dando á sanha
Do soberbo invasor o proprio lar.

Que saudades então, vinham, coitado,

Pungir-lhe acerbamento o coração !
Lembrava-se dos seus, e magoado
Por vezes o fuzil largou da mão.

Mas de repente ao longe um som ouvia
Desuado n'aldêa ! Era o signal
D'inimiga phalange, que aturdia
Bradando — guerra — o seu torrão natal.

No peito o coração lhe pula ardente ;
Cuida as queixas d'amante ao longe ouvir,
E a voz paterna murmurar-lhe sente
Santos conselhos : — Não deveis fugir !

Então na briga mais audaz se lança ;
A Patria invoca com ardor febril,
Tendo só posta sua doce esp'rança
Nos beijos premio d'uma acção gentil !

Enganos tudo ! D'uma balla vinda
De mão certa que o fuzil conduz,
Inda a peleja se não julga finda
Dos olhos ambos lhe roubava a luz.

Desde esse dia, pela aldêa o pobre
Cantando implora de quem passa o pão ;
E acerbas maguas que no peito encobre
Disfarça ao som da marcial canção.

E a nobre fita devêra honrada

Nunca d'estranhos attrahir o dó,
Se ao peito d'outros é da — Torre e Espada
N'aquelle a lenda lh'a encobriu o pó.

Honras que prestam se a pobreza ostenta
Sagrados symb'los d'infeliz valor ?
E a Patria morta já debalde tenta
De seus bons filhos bem pagar o amor !

Tu passas, descobre-te diante
De quem inda mendigo é portuguez :
Do seu braço que outr'ora era possante
Repara o que o valor depois lhe fez !

Com a mão com que tremula meneia
O arco que lhe dá tão negro pão,
Outr'ora defendendo a Patria anceia
Em só a defender seu galardão !

L. A. PALMEIRIM

O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XI

TERCEIRO DA TERCEIRA SERIE.



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1854.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA, TRAVESSA DA VICTÓRIA, 52.

1854.

O CÃO DO CEGO.

OH ! vem meu pobre cão ; é mais um dia
Que a já trilhada senda ensinarás
A quem não tem no mundo outra alegria
Que não seja a que tu meu cão lhe dás.

Se os meus dias, Senhor, foram contados
E de tanto soffrer cheguei ao fim ;
Não queiraes dous amigos separados,
Não deixeis o meu cão longe de mim.

Na mesma sepultura, á mesma hora,
Nossos dias se vão por fim quebrar
Na extrema jazida, estreita embora,
Para amigos assim sempre há logar.

Se no chão do repouso o não houvera,
Tambem no mundo não Senhor meu Deus,
Mas sempre junto a mim o meu cão era ;
Os males que soffreu foram os meus.

Se do coveiro a mão sem piedade
Lançar ao vento as cinzas d'um de nós,
Separados por elle inda a amisade
Nos eccos achará sentida voz !

Elle era o meu amigo ; outro não tinha
Depois que o mundo em mim lançou seu fel :
Se me via chorar de rastos vinha,
E na mudez dizia : — Eu sou fiel !

Se desdenhosa mão vendida ao ouro
Me punha em almoeda o coração,
No sentido latir melhor thesouro
Me parecia apontar meu pobre cão.

E nunca se enganou ! Se a vil mentira
Dava a protestos vãos nome d'amor,
Como se o pobre cão tudo já vira
Olhava para mim com a magua e dor.

Se em torpes lutas de civís contendias
Me via o pobre cão com fé entrar,
Dizia-me chorando : Oh ! não attendas
A quem longe te afasta do teu lar.

Se um parente, um amigo, a crua morte
Me roubava, deixando-me mais só ;
Sempre a meu lado o via. A mesma sorte
Partilhamos na dor, na fé, no dó !

Até que um dia de chorar cansado
A luz dos olhos d'uma vez perdi.
A mão estendo, pela fé guiado,
E n'ella um beijo murmurar senti !

Tenteio-o as trevas, e a meu lado eu vejo
Co'os olhos d'alma, submerso em dor
Quem resumíra n'um fervente beijo
Um só conselho — Precisaes valor !

Era um amigo ! Recupero o tino
De perto o affago, com a voz, co'a mão ;
Em voz mais baixa soletrava o hymno
Que aos dous amigos valerá de pão !

Desde esse dia, companheiro e amigo,
De mim a sorte o separou jámais :
O frio e a fome partilhou commigo,
Ouviu-me as queixas, recolheu meus ais.

Velho e mendigo, se é chegada a hora
Que o impio teme que offendeu a Deus ;
Por mim quizera que chegasse agora,
Sendo cumpridos os desejos meus :

Na mesma valla mão robusta e forte
Pode d'um golpe profundar o chão ;
E o sommo eterno a que chamam morte
Dormimos juntos — o mendigo e o cão.

E d'este mundo sem levar saudades,
Rirei na campa d'essas mil ficções,
Orgias torpes, puerís vaidades,
Que o mundo alcunha de leaes paixões.

Oh ! vem meu pobre cão ; e n'este pego
Onde ao termo final se encontra a dor,
Conduz inda uma vez o pobre cego ;
Cifra n'um teu latir mundos d'amor !

L. A. PALMEIRIM

**DESCRIÇÃO DA VILLA, HOJE CIDADE DE S.
JOÃO**

**DE EL-REI NA PROVINCIA DE MINAS
GERAES,**

IMPERIO DO BRAZIL.

NAS faldas d'agra montanha,
Que o Tejuco vae banhando,
Ternas moções despertando
C'o seu doce murmurar :

N'um valle curvo e espraído,
Que aureas arêas povoam,
Onde mil aves revoam
Com o seu canto enchendo o ar :

Onde aqui e ali dispersas
Se observam toscas moradas,
As mais d'ellas povoadas
Por gente de negra côr :

Onde em paz vive e respira,
Nos braços da Natureza,
A candura, a singeleza,
E talvez tambem amor :

Em sitio ameno e risonho
D'este valle deleitoso
No logar mais espaçoso
Jaz a minha habitação.

Tão simples, como a minha alma,
Em moveis e architectura,
Entre as moradas figura
Da villa de S. João.

D'ella abaixo em curto espaço,
Curvos meandros fazendo,
Vae o ribeiro correndo,
Té n'um triste rio entrar.

De negro, funesto agouro
Nome tem as suas aguas,
Nome, que horrores, que maguas
Só costuma despertar :

D'elle junto ás margens tristes
Em já longa, escura idade
Victimas mil sem piedade
Cortou da parca o furor.

Rio das mortes chamado
Desde então té nossos dias,
Desperta inda hoje agonia
Inda hoje desperta dor

Mas ao ribeiro voltando,
Que pelo valle serpeia,
D'elle oh quanto a fugaz veia
Limpida e bella não é !

N'ella a belleza espelhar-se
Pode ver a imagem sua ;
N'elle o sol, e a clara lua
Copiada a vivo se vê :

Nas duas margens oppostas
A illustre villa se assenta,
E aqui activa alimenta
Commercio rico e feliz.

Por duas formosas pontes
De valente cantaria
Facil passo noute e dia
Provida industria abrir quix.

Por ella frequente entrada
Tem do preciso a abundancia,
Que até de longa distancia
Vem a villa abastecer.

O clima é doce e macio,
Qual da Europa o mais ameno,
Ar puro, limpo e sereno
Convida aqui a viver.

Os fructos d'outro hemispherio,
As plantas mais preciosas
Vegetam livres, viçosas
N'este abençoado terrão

Da gente o trato é polido,
É franco e hospitaleiro,
Entre o indigena e o estrangeiro
Não se observa distincção.

Gosam-se aqui as doçuras
D'uma justa liberdade ;
A palavra *humanidade*
Não é som, ou noção vã :

Vive em paz das leis á sombra,
Quem do imperio as leis respeita ;
Tranquillo á noute se deita,
Tranquillo o encontra a manhã.

Do valle em torno vistas
Chacaras mil se descobrem,
Cujo chão frondosos cobrem
Lindos, uteis vegetaes.

Por entre as suas ramadas
De nunca extincta verdura
De modesta architectura
Se erguem tectos desiguaes :

Em varios d'elles habitam
Almas candidas, singelas,
Que ajuntam ao ser de bellas
Milhares de perfeições.

Com suas mimosas graças,
Com seus ditos innocentes
Ateiam paixões ardentes
Nos sensiveis corações.

Dos effeitos da ternura
Se alguém quizer isentar-se.
Quem pretender esquivar-se
Do cego deus ao furor ;

Ah ! fuja d'estas moradas,
Fuja do sexo mimoso,
Aliás ser-lhe-ha forçoso
Cingir os ferros d'amor :

São Circes mui perigosas,
Irresistiveis Medêas ;
Fazem coar pelas veias
Veneno prompto e lethal.

Fuja do lar, onde habitam
Thalia, Aglaura, Euphrosi na,
Da joven, bella Erycina
Fuja da estancia fatal.

Com seus divinaes encantos
Prendem tudo as tres primeiras,
Mandam nas almas inteiras
Co'as suas prendas sem par.

Erycina attrahe, commove
O mais intimo do peito,
Gera amor, gera respeito,
Chega as deusas a igualar.

De Cypris une á belleza
De Juno o ar magestoso,
Sem ostentar um vaidoso
Frio, indiff'rente desdem.

É um céu limpo e sereno
Em manhã de primavera,
Que a esperança anima e gera,
Sem dar audacia a ninguem.

Como a rosa fresca e pura
Vence em fragrancia as mais flores,
A lua como em fulgores
Vemos aos astros vencer :

Erycina assim vencendo
Vae todas as formosuras,
Todas deixando ás escuras
Mal que chega a apparecer.

Mas d'esta imperfeita copia
Quem é a imagem divina ?...
Só o diria a Erycina,
A ninguem mais o direi :

Direi sim, sem que o segredo
Meu tema ver divulgado,
Que d'ella quem for amado,
Por mui feliz contarei.

Aqui chegava : eis que a musa,
Que se dignou de inspirar-me,
Cessando de bafejar-me,
A penna me cae da mão :

Mas, se eu tenho desenhado
D'esta villa deleitosa
A producção mais mimosa ;
Acabou-se a descripção.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO

ANNO BOM.

I.

HOJE, é hora bemfadada
A hora da meia noute.
Como flor, que ao duro açoute
Do tufão, meio tombada,
Torna a si de madrugada ;
Remoça a vida cançada.

Na encendida phantasia,
Pinta-se mago horisonte ;
E a esperança, lá, defronte,
Como sol, em claro dia,
Brilhante luz irradiá,
De ditosa prophécia.

N'esta hora, todos são
Obreiros d'immensa mina ;
Só, ás leis da propria sina,
Sujeitos na exploração :
Mil raios, que a um centro vão,
Por mil modos — ambição !

Quem, se ao peito traz rendido,
Em amorosa procella ;
Qual, no mar perdida véla,

Vendo o porto appetecido ;
No futuro, não ha lido,
O desejo seu cumprido ?

Qual, se anhella os dons da fama
Por corôa do seu lidar ;
Aberto, de par em par,
Vê o templo, vê a chamma,
Que ethereo fogo derrama,
E seu nome alto proclama.

Este, em vasto, urdido plano,
Interesses conta, regula,
E montes d'ouro accumula.
Qual medita novo engano,
E prepara, deshumano,
Vingança, em alheio damno.

Um, na cupula celeste,
Engasta nova saphyra ;
A cadente, eburnea lyra,
Outro, d'almos sons reveste :
E gêlo polar investe,
Longe terra, explora este.

Qual, no filho estremecido,
Na obra do seu querer,
Vê novos dotes crescer,
Seu nome reproduzido,
Em doce echo, bem querido,

Que lhe bafeja o ouvido.

II.

Hoje, é hora bemfadada,
De meia noute o bater,
Quem receios ha de ter,
Se maus encontros na estrada,
Nem bruxas, na encruzilhada,
Nem feitiços, não ha nada ?

Que se quebre o seu encanto
Espera a moura encantada ;
E donzella namorada,
Enxugar o triste pranto,
E curar-se de quebranto,
Por milagre do seu santo.

A meia noute a bater,
O anno bom começando,
E todos mercês cuidando !
Até a bruxa ha de ver
A creancinha a nascer,
Para o sangue lhe sorver.

E o lobishomem, que o fado
Obrigou, por avarento,
A tornar-se n'um jumento ;
Vê o fato seu, deixado
Ao saír do povoado,

Já do avêso mudado.

III.

Vê a velha presumida
Novos *crêmes*, *paschoulis*,
Cabelleiras e *Vitrys*.
Vê a *coquete* garrida,
Via lactea indefinida,
De seus galãs esculpida.

A beata, no rosario
Conta as missas, procissões,
Jubileus, cirios, sermões,
Vê juro o usurario,
Postos o revolucionario,
O padre... doces no armario.

Nas guerras do Oriente,
Forma seu juizo critico,
Vê triumphos o politico.
Um a russa, amada gente,
Eil-o abraça de contente,
E a turcos víra o dente ;

Vendo já, por toda a terra,
Quaes, por festa, as espadanas,
Chover aguias russianas.
“*Livre* monstro, em crua guerra,
Arda agora ! ., disse, berra,

Mette a pique a Inglaterra.

Outro, arranca, ao braço enfia,
As corôas de todo mundo :
Reis, rainhas vão ao fundo.
Em republica harmonia,
Une os povos á porfia,
E desterra a monarchia.

E *noviço* deputado,
As corôas da ovação,
Vê na proxima sessão.
Vê o *pinga*, prolongado
O subsidio almejado ;
Vê *pastas*, o mais ousado.

E ministro, d'antes lhano,
Da justiça defendente ;
(Que ora, ao triste pretendente,
Rala a paciencia um anno,
Só para ver o novo Jano,
Fero rosto deshumano) ;

Vê, qual arca de Noé,
Sobre as aguas do diluvio,
Em eterno plenilunio,
Seu poder, alto, de pé;
Cantado em almiré,
Desde o pólo á Santa Sé.

Só venturas hoje deu,
A todos o anno bom.
D'empregados — *Cabrion*,
O agiota — judeu ;
Até esse — apello eu !
Vê *atrazos*, por bem seu.

E já lucros augmentados,
Nas mil cedulas, recibos ;
Que — tristes, humildes chibos,
Em sacrificio levados ;
A' mingua deixam — coitados !
Os captivos empregados...

IV.

Meia noute que resôa,
Vêl-o andando, uma unidade,
O cursor da eternidade.
Passado, presente vôa ;
E voz do futuro echôa,
No breve instante que sôa.

Qual a curva indefinida
De cumiada distante,
Como tinta cambiante,
Que na onda colorida,
A um tempo confundida,
Tem a morte, tem a vida.

Oh ! nos olhos d'alma então,
Reflectem verde florir,
As campinas do porvir :
Dons de magica visão ;
Que vistos por todos são,
Que bem poucos gosarão.

Mafra, 31 de dezembro de 1853
J. DA COSTA CASCAES

ADEUS !

ADEUS, eu volto ao mundo, e dentro em breve
No turbilhão revolto das paixões
Quem da paz no remanso ind'hoje escreve
A' manhã sondará tredos volcões.

Eu deixo a solidão hospitaleira
Onde vim minhas lagrimas seccar
Pela confusa grita traiçoeira
Que os bandos soltam no confuso mar !

A's tão lindas manhãs d'um lindo outono
Ao sol, á briza, ao campo, e mais á flor,
A' quieta choupana do colono
Resumo n'este canto um adeus d'amor !

Aqui, na solidão, ai como é bello
Abrindo o coração fallar com Deus
Pôr em nobre affeição nobre disvello,
Na lyra modular segredos seus !

E eu vou deixar-te, solitaria estancia !
Ao mundo das paixões volto outra vez !
D'estes formosos campos a fragrancia
Não voltarei a ter nunca talvez !

Adeus, ó solidão, meu grato asylo :

Se a tormenta ámanhã me sepultar,
Não reveles, não digas o sigillo
De quanto, ó solidão, te vim contar.

Debaixo de meus pés vejo um abysmo !
Ao mundo volto ! — Solidão — adeus !
Quanto mais em deixar-te eu penso e scismo
Mais preso, ó solidão, encantos teus !

L. A. PALMEIRIM.

INSOMNIA.

ALTAS horas da noute, e quando a aldêa
Em paz repousa, envolto no mysterio,
De lugubres visões a mente cheia
Em demanda me vou do cemiterio.

Ninguém que me pertença aqui repousa ;
N'este chão, onde dorme tanta gente,
Não ha nem uma só rasteira lousa
Onde o meu coração diga o que sente !

Mendigo de affeições venho p'rigrino
As campas consultar. Mudas embora
Venho aqui recompor o meu destino,
E n'esta solidão minh'alma chora.

Ao orvalho que fresco se pendura
Dos braços d'esta cruz, e cristalino
Com os meus prantos ferventes se mistura
Contarei minha dôr — direi meu hymno.

Como a rollinha triste que se acouta
Fugindo ao caçador entre os salgueiros,
Minh'alma foge ao mundo, e vem affouta
Cantar aqui seus cantos derradeiros.

E como veia d'agua serpeando

Pela verde campina o rio engrossa,
As lagrimas que eu fôr aqui chorando
Augmentarão, oh cruz ! a gloria vossa.

Eu venho de tão longe e tão cançado
Como ainda ninguem voltou do mundo ;
Foi penoso o caminho... eis-me chegado
Aonde termo encontra um mal profundo

Busquemos d'estas campas a mais pobre :
Qual d'ellas o será ? Talvez aquella...
Um singelo chorão resguarda e cobre
De brancas rosas virginal capella ?

Convulso afasto do chorão as ramas,
E as rosas todas com meus pés esmago :
Depois no peito que me ardia em chammas
Melhor idéa com amor afago.

Talvez que as rosas innocentes, puras,
Tecidas fossem pelas mãos amantes
D'alguem que n'ellas virginaes doçuras
D'eras passadas memorou constantes.

O fogo ao rosto me subiu de pejo,
Apanho as rosas com febril loucura,
Ao peito as uno, com fervor as beijo
Para as deixar depois na sepultura !

“Profano e torpe ! Nem as pobres flores

“Aqui te escapam das abjectas iras,
“Trazes do mundo pueris rancores
“E aqui, nas campas, infeliz deliras.

“Deixa na pedra do sepulchro as rosas
“Já desmaiadas de perfume e côr,
“Que foram postas pelas mãos piedosas
“D’alguem que amava com fervente amor ! ,,

Subito aos olhos me assomára o pranto,
Envergonhado me sentíra então,
Ao Deus supremo murmurando um canto
Do intimo d’alma lhe implorei perdão !

L. A. PALMEIRIM.

A MINHA LYRA.

TEM quatro cordas singelas
A minha pequena lyra,
Mas exprimem, quando as firo,
Tudo quanto a alma me inspira.

Dos sons agudos e graves
A alternada melodia
Desperta em peitos sensiveis
Ora a dor, ora a alegria.

Dedilhando alegre ou triste,
Canto o amor, canto a amisade ;
Choro os rigores da ausencia,
E a dor, que causa a saudade.

Sim eu n'ellas canto, e choro
Da vida o doce, e o azedume,
Canto do amor as delicias,
Choro as furias do ciume.

Tambem nas quatro cordinhas
Canto a maternal ternura,
Choro a esperança perdida
Nos umbraes da sepultura.

Até me prestam cadencias

Para' o céu entoar hymnos,
Tem sons para humanos cantos,
Sons para cantos divinos.

De mais cordas não preciso,
Com ellas Phebo me inspira ;
D'outros vates e cantores
Tenha mais cordas a lyra.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO.

FRAGMENTO.

PURA estrella vivida
Eu vivo inda por ti,
Vem formosa e languida
Como outr'ora te vi.

Sobre meus olhos avidos
Derrama o teu fulgor.
Por ti minha alma timida
Sinto innundar d'amor.

Oh ! minha luz, meu idolo,
Rompendo a escuridão
Conduz teu brilho mystico
A' minha solidão.

Faz no meu peito gelido
A esp'rança renascer ;
Sem ti não tenho animo,
Sem ti vou-me perder.

Ouves clamando horrída
A voz do furacão ?
Róla do céu nos terminos
O echo do trovão !

E a lua cinge tremula

De nuvens denso véu.
Nem uma estrella pallida
Brilha no escuro céu.

Ferve o oceano indomito
Do raio á breve luz.
E o marinheiro intrepido
Soluça, implora á cruz !

Na antena a onda pavida
Rebenta, sobe ao laes !
Mergulham-se no pelago
Enxarcias e brandaes !

Do mar as serras tumidas,
Umás sobre outras vêem...
Em vão a esp'rança tímida
Se vê raiar além.

Além o porto, a patria,
Aonde estão os seus !...
A quem vertendo lagrimas
Ha muito disse : adeus.

Além socego prospero ;
A mãe, a amante, o amor !...
Oh ! como em breve o jubilo
Se vae tornar em dôr !

Cresce a procella no impeto ;

E os ecos do trovão,
Sibila o raio fulgido,
E fende a mastreação.

Ao golpe duro e rígido
O arvoredado tremeu ;
E com horrendo estrepito
Na tolda se abateu !

Na rota prôa, turbido,
Bramindo o mar entrou ;
E um turbilhão de victimas
Comsigo arrebatou !

Salta, rebenta, e fervido
Faz o casco estalar,
Depois no abysmo tetrico
Sumir-se e não voltar.

Soou um brado ultimo
D'angustia e d'afflicção,
Cobrindo ao mar o fremito,
E a voz ao furacão !

Depois sinistra e lugubre,
Triste a manhã rompeu.
No céu nublado e humido
O sol não appareceu.

E lá na costa gellida

Que dôr, que angustia vae !
Chora a donzella timida,
Irmão, amante, ou pae !

O nauta ao porto proximo,
A terra não tocou ;
Que a sua luz fatidica
Primeiro se apagou.

Eu também n'este golgotha
Onde vivo a soffrer ;
A minha estrella vivida
Verei desaparecer ?

Primeiro que a luz purpurea
Da aurora que sonhei
Me faça ver o idolo
Que nunca reneguei ?

Oh ! minha estrella provida,
Conduz-me até ao fim !
E sempre tua luz candida
Brilhe só para mim !

Oh guia-me bem rapido
Ao porto que sonhei !
Porque só a ti, credulo,
A esp'rança confiei !

E tu, estrella mystica,

Não me has de abandonar ;
Ao som das aguas, misero,
Perdido no alto mar.

Porque tu és o vinculo
Com que me prende o amor ;
E o teu brilho é balsamo
Que abranda a minha dôr !

Não te offusques timida
Por um mortal te amar ;
Se és um anjo, salva-me,
Se és luz vem-me guiar.

Mas se teu brilho é perfido
E tem de se offuscar ;
Em tua ardente orbita,
Oh ! deixa-me abraçar.

Seja teu fogo o thalamo
Que agora me seduz.
E tuas cinzas meu tumulo,
Depois de extincta a luz...

F. GOMES D'AMORIM

O CORSARIO.

VAE, galera, não pares que é tarde,
 Inimigas galeras lá veem ;
 Se as evitas dirão que és cobarde,
 Se não faltas, tu vences tambem !
 Vae, galera, que eu nem me recordo
 De tão linda vogares assi !...
 O corsario tu levas a bordo,
 Que em ti vive, contigo, por ti !

O combate e a victoria são perto,
 Quem a palma nos ha de arrancar ? !
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar !

Sou proscripto, tu pobre és proscripta,
 Que nos venham aqui dar a lei !
 Que no Oceano, que em furia se agita,
 És rainha, galera — eu sou rei !
 D'este peito que em chammas escalda
 Quer o fogo na guerra crescer !
 Tua fronte orgulhosa engrinalda,
 Que mais louros lhe vamos colher !
 E das aguas no immenso deserto
 Morte ou gloria podemos buscar !
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar !

Já outr'ora cedi ao impulso
De fatal e mentida paixão !
Por uns olhos sentia convulso
Pullular este meu coração !
São loucuras ; mas uma por uma
Já o tempo ao olvido lançou !
Vae, galera, entre os frocos d'espuma
Onde a honra de longe acenou !
 Quem o preto não ha de render-to
 Quando o som do canhão ribombar ? !
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar !

Pela patria nutri dentro d'alma
Todo o amor que se deve a uma mãe !
Renegou-me, e esse amor já se acalma,
Que não ama a uma ingrata ninguém ?
Foi então... que nas ondas qu'espalhas
Vim mais livre da vida fruir !
E as victorias contei por batalhas !
Ninguém ouve o meu nome a sorrir !
 Sopra o vento fagueiro mais certo,
 Vae, galera, não deves cansar !
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar !

Do corsario és, galera, tão q'rida
Que outro affecto o não pode prender !
Se em ti só se resume esta vida

Comigo has de abraçada morrer !
Pelejar quanto é bello não sente
Quem o sangue sentiu parar já ;
Vae, galera, que vaes c'um valente,
E que a p'leja te aguarda de lá !
 E de guerra o pendão que te offerto
 Qu'imprudente ha de impune tocar ? !
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar !

Pelo dorso das ondas deslisa,
Já lá vejo as bandeiras hostís !
Não t'esqueças da nossa divisa,
Nem acurves de medo a cervís !
Só os fracos desmaiam de susto
Da metralha ao solemne fragor !
Não se alquebra este braço robusto,
Não lhe foge na lucta o vigor !
 Aos contrarios nas aguas aberto
 O sepulchro lhes vamos cavar !
 Qu'harmonia no rude concerto
 Que as procellas entoam c'o mar !

C'uma nuvem de balas espessa
Te saudaram, galera, que vens —
Não respondes, galera, depressa ?
Já canhões em teu seio não tens ? !
Entre o fumo que os ares povôa
E o clamor q'um guerreiro seduz,
Triste o archanjo da morte revôa

Com seu facho de pallida luz !
Não sou chefe na guerra inexperto,
Hei de o sangue com sangue lavar !
Qu'harmonia no rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar !

As adversas falanges recrescem
Que trahidos nós somos — não vês ?
E se as forças em nós desfallecem
És, galera, vencida talvez !
Jorra o sangue das f'ridas mais fundas,
Nem ás f'ridas o peito poupei !
Tu, galera, coitada te afundas ;
Mas a morte que temos... vinguei !
D'estes olhos o brilho é incerto,
Nunca mais hei de ouvindo folgar
A harmonia do rude concerto
Que as procellas entoam c'o mar !

ERNESTO MARECOS.

AUSENCIA.

SAUDADE, magua, receio,
D'ausencia os males são.
Ignora quem os não soffre
Martyrios do coração.

A lembrança de contínuo,
Qual duro espinho pungente,
Redobra em echos saudosos,
Viva dor, que o peito sente.

Já nas fallas que s'escutam,
Na similhaça illusoria ;
Uma vista, um som oh tudo,
São reclamos da memoria.

Nas auras, que brandamente
Estão a flor balouçando ;
E não ha muito — quem sabe ?
Em seus cabellos brincando.

Em nuvemzinha rosada,
Que do poente caminha,
O carmim da face sua,
Meu peito logo adivinha.

No sol, que vivo dardeja,

Que se espalha em fios d'ouro,
Entre mil, distingo o raio,
Que alumia o meu thesouro.

Na superfície anilada,
Que a brisa apenas ondeia,
De seu peito o arfar eu sinto,
Vejo-lhe a azulada veia.

Se á fonte o murmurio escuto,
Cuido ouvil-a suspirar :
Se suas aguas contemplo,
D'ella a imagem cuido achar.

Se, no pinhal verde-negro,
Escuto a rôla gemendo,
As queixas d'ella, saudosas,
Os seus ais me está dizendo.

Na flor, as gotas d'orvalho,
Para mim, lagrimas são :
São as maguas de seu peito,
As pétalas em botão.

Os mil tormentos d'ausencia,
Seus espinhos já me dizem ;
A verde folha – que em breve,
Nossas penas finalisem.

No céu, nas aguas, nas flores,

Acho em tudo similarças ;
Eterno fio a prender-nos,
Em doces, vivas lembranças.

— A' chalreante avesinha,
Que fendendo os ares vem,
Mudamente então pergunto ;
Que novas trazes d'além ?

Desce e conta-me o que viste,
Ha pouco — agora talvez :
Que do alto céu onde habitas,
Porventura ambos nos vês.

Meus versos toma em teu bico,
E transpondo aereo espaço,
Bem-ídas novas lhe leva,
Soltando-os em seu regaço.

Veloz, celeste correio,
Nas tristes horas d'ausencia,
Semeia doces instantes,
De mútua correspondencia.

— Da noute, o silencio mudo,
Remanso do pensamento,
Até n'elle a dor se aviva,
Renasce cruel tormento.

Oh ! então, a sós comsigo,

Qual feixe de luz cadente,
Que em si mesmo se reflecte,
Mais se atêa a propria mente.

Entre varios, de mil modos,
Receios, que já concebe ;
Qual ave preza forceja,
Quando envolta em viva sébe.

Embora a razão discuta,
E na mente almo repouso
Debuxe — qual meiga lua,
Brilha em céu caliginoso.

É farol, que se diz perto,
Terra, terra appetecida ;
Ao mesmo tempo a fugir-lhe,
Breve, logo nos convida.

Que importa bemvinda nova,
De ha pouco, d'hoje, d'agora ;
Se em momento fugitivo,
Ventura, desgraça mora !

Se'inda o astro não acaba
D'espalhar-se rutilante ;
E já nas trevas occulto,
Feneceu no mesmo instante !

Se n'um ai se quebra o fio,

Que prendia vida, e morte ;
N'um só ai — a eternidade,
N'um só ai — do mundo a sorte !

Cruel duvida ! — que a mente
Circula de agudo enleio,
Que dispára n'um só tiro,
Saudade, magua, receio !

Que se a esperança desejada
No peito brotando vem,
Como em calva serra
Brilha candida cecem.

Já — qual mortifera serpe,
Solta venenosa essencia,
E a flor d'esperança queimando
Redobra os males d'ausencia...

Mafra, julho de 1854.
J. DA COSTA CASCAES

A VIDA.

AOS MEUS AMIGOS, L. A. DE CARVALHO
E J. A. C. DE BARROS.

I.

AGORA, amigos, bruxulêa e morre
Do sol o vívido, tenaz clarão ;
Tepida a brisa que de manso corre
Nas folhas brinca de que alastra a chão !

Incerta a luz qu'empallidece e cede
A's trevas densas que surgindo vem,
Solemne est'hora em que cad'homem mede
Quão grande é Deus, p'las sensações que tem !

Brando o perfume que rescende e exhala
N'hastea mimosa debruçada a flor,
A natureza que despindo a gala
Um hymno entoa que respira amor !

Incendem n'alma que s'extenúa lassa
Desejo ardente d'expandir-se e amar !
De ver outra alma que a compr'henda e faça
Acerbo espinho de pungir, cessar !

É doce então ir sobre um peito amigo,
Pallida a fronte repousar emfim !
E achar bem longe do vão mundo abrigo

Que em peito d'homem se não acha aqui !

Saiãmos pois, d'este recinto estreito,
Que pouco a pouco nos mingua o ser !
E o ar nos falta, nos suffoca o peito
Oh ! d'outra vida, vamos pois viver !

II.

É árida e triste a vida !
No ermo de adusto pó
A creatura perdida
Ao acaso vae, e só !
E pára, e cansa... o deserto
É immenso, como incerto
Da jornada o fim que tem !
E pára... e cansa... e caminha
E nem a mente lhe adivinha
Pr'onde vae, e d'onde vem !

D'onde vem ? ! negro mysterio ?
Nasce e vive... e eis-la de pé !
Pr'onde vae ? — vae-se ao imperio
Da morte, e não sabe o que é !
E no viver inconstante
Tem um orgulho gigante,
Julga-se grande, e sorri !
Cede a um poder que a domina,
Vem um raio que a fulmina,
E onde sorriu, morre ali !

A vida é arida e triste !
Incompr'hensível que lei
A cada vivente assiste
Ou seja mendigo ou rei ? !
E exulta o homem, não sabe
Que n'elle a força não cabe ?
Que n'elle ha só pequenez ?
Que á menor fadiga cede ?
Que pode morrer á sede
Do deserto na aridez ? !

E exulta !... exultei, na infancia,
Sorriu-me a aurora, sorri !
Inebriou-me a fragrancia
Das flores que amei, e vi !
Que vasto jardim, fecundo
Para mim não era o mundo !
Qu'horisonte ! qu'illusão !
De forte qu'era innocente,
Homem tornei-me impotente !
Caí d'altura no chão !

A maga flor da existencia
Folha a folha s'esfolhou !
O esmalte perdeu, e a essencia
Da pobre flor que ficou ? !
Que pungente desengano !
Vão-se as folhas, vão no oceano
Supremo o transe passar !

Mas victimas de qu'impulso ?
No seio do mar convulso
Quem foi as folhas guardar ? !

Como o homem é cobarde !
Como é fraco o peito seu !
Ou se a mente em chammas arde
Ou se a tolda espesso véu !
A fronte acurva e abate
Fica immovel, no combate
Ingente, não luctará ?
Não ha um instante de vida
P'ra que o braço suicida
Diga á vida, pára já !

Amigos, tendes sublime
Santa a crença no porvir !
Qual a dor que vos opprime ?
Que magua vos vem pungir ? !

Para vós que panorama
Na phantasia s'inflamma
De variadas cores mil !
Que perfume tem as flores !
Que fé viva nos amores !
Qu'encantos n'um céu d'anil !

Sabei, que atravez d'um prisma
Vós olhaes, enganador !
Que quem na ventura scisma

Scismará depois na dor !
Que todo o sorriso mente !
Que todo o peito mal sente,
Que as trevas seguem a luz !
Que ha veneno nos carinhos,
Que cada flor tem espinhos,
E cad'alma a sua cruz !

O que val o estudo, a gloria
Fumo que breve s'esváe !
O saber foge, e a memoria
Quando o corpo morre e cáe !
Morre e cáe, no campo vasto
Aos vermes serve de pasto,
Vão-lhe as fibras corroer !
É a vida espedaçada,
Volve-se a materia ao nada,
Eis como s'extingue um ser !

III.

Ai ! sede firmes na crença
Que é bom no amor, na virtude
Crenças ter !
Mais val que a ironia immensa,
Que o sorriso acerbo e rude
Do descrer !

Eu cedo ao pezo infinito
De um viver arido e triste

E real !
O meu destino é maldito,
E é o genio que me assiste
O do mal !

E se uma frase descrida
Solta em transes d'amargura
A paixão,
Esquecei-a, que na vida
Tambem off'rece ventura
A illusão !

ERNESTO MARECOS.

GLORIA E SAUDADE.

AO PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES D'ESTE
SECULO, O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Bem o vês, o alaude caíu-me
D'estas mãos que não têm já poder ;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hymno eterno que ergui ao nascer.
GARRETT. — FLORES SEM FRUCTO.

I.

Não morreu ! – Voltou só a terra á terra !
O que era fragil cinza, a sepultura,
No avaro seio, para sempre encerra.

Vê-se ali dentro quanto é mal segura
Essa, que o vulgo cego julga a vida :
Ficou d'elle outra vida que mais dura.

Uma alma d'estas, nobre foragida,
N'esse mundo, em que tudo lhe é saudade,
Vaga attonita, achando-se perdida.

Chega a morte ? Sauda a liberdade ;
E, roto o carcere, a viver começa,
Porque trouxe comsigo a eternidade.

Quem ha que o vôo audaz hoje lhe meça ?
Perdem-se as vistas na amplidão do espaço,
A que o espirito ardente se arremeça.

As azas fecha a mente de cansaço
E as que ess'alma soltou deixam, fulgindo,
No céu da patria um luminoso traço.

N'este é que vive, os raios espargindo,
Que, não cabendo na morada estreita,
A foram lentamente consumindo.

A argilosa prizão tornou, desfeita,
Ao pó d'onde saíra ; e o que era gloria,
Dom de Deus, a immortalidade acceita.

Parece o que não lega uma memoria :
Para o que a deixa ás gerações, que ensina,
A morte é mais esplendida victoria.

Se um seculo, apoz outro, a fronte inclina
Ante o espirito, que ficou presente,
É que este brilha e vive ; — é rei, domina !

Dorme o corpo e dos males, que não sente,
Alcança a paz. Depois, o tempo corre,
Sem achar preza, despota impotente ;
Porque espirito assim, nasce e não morre,

II.

Que importa ? — Esta que tanto
O grão poeta cantou,
Doce mãe de amargo pranto,

Eterna, como esse canto,
Para choral-o ficou.

Ai ! poeta da saudade,
Quanta saudade aqui vês !
Rompe a tua immensidade,
E, luctuosa realidade,
Has de encontral-a a teus pés.

A pintura que fizeste,
Animada pela dôr,
Toma as côres que lhe déste ;
E, da sombra do cypreste,
Surge, viva e triste flor !

Sobre a lyra, que o ataude
Converte em sacra mansão,
Suspira um pobre alaude :
Se não vale o canto rude,
Valha n'elle o coração.

Suspirar ! — Elle sabia :
Nós sabemos só gemer !
Essa divina harmonia
Muda está ; — e quem lh'a ouvia
Nunca a deverá perder !

Quem, á magua e á formosura,
Quem deu realce melhor ?
Quem a patria e a desventura

Levantou com fé mais pura,
Celebrou com voz maior ?

Ao seu canto, perfumado
Da casta musa natal,
Grande, qual foi, venerado,
Resurgiu todo o passado
D'este, que era Portugal.

E jaz ! — Só lhe vive a gloria
Que diz : — “Rival de Camões !,,
E a musa, que precede a historia,
Entoa á sua memoria
O echo das proprias canções.

A ti, ó povo, a quem fallo,
O cantor vem de legar
Um nome para guardal-o :
Saibâmos nós conserval-o
Como elle o soube ganhar !

III.

Camões, Garrett ! — Tres seculos ajoelham
Ante o abraço fraterno que ora daes.
No mutuo olhar os mesmos dons se espelham :
Onde sois, irmãos ha, não ha rivaes.

E dos avós o grupo heroico — cheias
De louro as mãos, as bôcas de louvor —

Lhes forma em torno festivaes cadêas
Pasmando cada qual do seu cantor.

E, ao recémvindo, que no rosto estampa
Jubilo celestial, uma voz diz :
“Quem entre os goivos te esfolhou da campa,
Ó flor da patria, a quem tão d’alma quiz ? ,,

Era a voz do poeta, que á tormenta
As estrophes sem par tanta vez deu.
Depois, em tom solícito, accrescenta :
“O meu filho, como eu, tambem morreu ? ,,

IV.

Não morreu ! — Tornou só a terra á terra !
O espirito glorioso está presente :
Era da campa quanto a campa encerra.

Dorme o corpo e dos males, que não sente,
Alcança a paz. — Depois o tempo corre
Sem achar preza, despota impotente ;
Porque o espirito assim, nasce e não morre.

MENDES LEAL, JUNIOR.

GARRETT

AO SR. ALEXANDRE HERCULANO.

Terra da minha patria ! abre-lhe o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho.....
CAMÕES. — GARRETT.

I.

EXTINCTO é tudo já : silencio triste
Succede aos echos dos eternos cantos !
Chora tu Portugal que o possuiste,
Na morte ao menos não lhe negues prantos.

Eu vi-o lá no extremo do calvario
A' cruz da redempção ir abraçar-se...
Como a luz a expirar no santuario,
Eu vi o grande espirito apagar-se...

Vi-o despir o manto dos arminhos,
Arrancando da frente as vivas flores ;
Vi-o cingir a c' rôa dos espinhos,
Agradecendo a Deus aquellas dores.

Vi-o grande nos dias de ventura
Erguer-se como genio da poesia !
Vi-o grande na angustia e na amargura ;
Vi-o grande nas horas da agonia.

Como se lhe voltára a mocidade,

Mais e mais a meus olhos se animava !...
Grande, grande a crescer em magestade...
Um gigante a meus pés se alevantava.

Era a posteridade que se erguia,
Quando o espirito a Deus voou seguro...
E antes que fosse o corpo cinza fria
O vulto lhe gravava no futuro.

II.

Mestre ! meu mestre ! um amigo
Não vês que deixas aqui ?...
Que viveu sempre contigo,
Que se guiava por ti...
Mestre ! meu mestre ! — Jesus ! —
Eu não te tenho deixado :
Não me vês ajoelhado
Junto ao pé da tua cruz ?

Já me não vês ? Já não sentes
Que te sustenho esta mão ?...
Ouves as preces, que ardentes
Brotam do meu coração ?...
— Pois assim te perderei ?...
Morto ! morto o meu amigo !...
— Orphão — só tinha este abrigo,
E sem este mesmo fiquei !

Entre tanto rosto enxuto

Quem é que pode chorar ? !...
O mundo ri do tributo
Que não se atreve a pagar !
Adeus, mestre ! — adeus, adeus...
Eu aqui sou estranho, agora...
Estes zombam de quem chora,
Que aqui nem choram os teus !...

Minhas lágrimas ardentes
Correi, correi com fervor...
Vergonha sobre essas frentes
Que rirem da minha dôr !
Podem lágrimas brotar
D'um coração duro e rude ;
Mas Deus negou a virtude,
Aos que não sabem chorar...

Oh ! mestre ! que desenganos !
E que mundo enganador !
Desde teus mais verdes annos
Sempre gloria e sempre dôr !
E eu nunca mais te verei
A guiar-me entre os escolhos ;
Sobre esta terra de abrolhos
Que outro arrimo encontrarei ?...

Mestre, vês, eu choro e canto :
Contigo tudo aprendi.
Deus abençoe este pranto,
Que bem sabe o que eu perdi !...

Que me resta agora a mim ?
Uma cruz no mundo erguida...
O que me resta da vida,
Senão desejar-lhe o fim ?

III.

Caíu Athlante ! e a lusitana gloria
De crepes se cobriu.
Porém, de pé, no pedestal da historia
O gigante surgiu !

E sustem outro mundo — um mundo immenso ! —
O mundo do porvir !...
Que pasmado a seus pés fica suspenso
De nunca o ver caír.

Agora a patria... a patria, emfim, que acorda !
Vem com seus esquadrões.
Agora o povo... que a chorar recorda
As immortaes canções.

E todos vão grupar-se nas fileiras
Do cortejo final.
Cobre-o com essas pompas derradeiras,
E chora Portugal...

Gemem tresentos annos que passaram...
Eternas convulsões !
Que só depois de seculos acharam

Um cantor de Camões !

IV.

Adeus, mestre ! adeus, amigo...
Eu fico chorando aqui.
Como não posso ir contigo,
Pedirei a Deus por ti.
Se á morada derradeira,
Não vou também na fileira,
Onde vão alguns dos teus :
É que não posso... é que o pranto
Parece que tem encanto
N'estes tristes olhos meus !

Como hei de viver agora,
Um só dia sem chorar ?
Se me lembro a toda a hora
Que não tornas a voltar...
E tudo que tenho comigo
Me lembra o mestre e o amigo,
A quem sempre me encostei !...
E os conselhos que me davas...
E tudo que me ensinavas...
Tudo, tudo quanto eu sei.

Oh ! que sei eu, descuidado !
Mas de que serve o saber ?...
Se eu nunca tinha contado
Que me havias de morrer !...

Tinha-te quando queria...
A ti — o rei da poesia ! —
A ti — rival de Camões ! —
A ti — que além de ensinar-me,
Descias sempre a mostrar-me
Tuas divinas canções !

Oh ! espirito sublime !
Nunca te soube pagar...
Mas a dôr que hoje me opprime
Diz-me se eu te soube amar !
Orvalhado com meu pranto,
Acceita o ultimo canto,
Que a saudade me inspirou.
Por ti amei a poesia ;
Deixo-a por ti n'este dia,
Porque a luz se me apagou !

De ti nasceu, de ti vinha
O fogo que me aqueceu ;
Todo em ti origem tinha,
Comtigo me falleceu...
Fiquei só, frio e gelado ;
Do teu genio desherdado
Ha de o discip'lo viver ?
Não ; recebe este holocausto :
Onde o mestre cae exausto,
Vem o discip'lo morrer.

Eu vi-o lá no extremo do calvario

A' cruz da redempção ir abraçar-se...
Como a luz a expirar no santuario
Eu vi o grande espirito apagar-se...

Chora tu Portugal, que o possuiste,
Na morte ao menos não lhe negues prantos...
Extincto é tudo já : silencio triste
Succede aos echos dos eternos cantos...

F. GOMES D'AMORIM.

O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO

VOLUME XII

QUARTO DA TERCEIRA SERIE



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1855.)

LISBOA

OREMOS

A MEUS FILHOS

Faz hoje trint'annos...Eu tinha então nove.
Faz hoje trint'annos – meus filhos – que a morte,
Verdugo sedento , que as vidas, á sorte,
Devora implacavel : - que a dôr não commove,

Nem lagrimas ternas, da mãe, que nos chora,
Nem preces, nem rogos, de triste orphandade,
Nem velhos respeitos, gentil mocidade,
Nem quanto na terra se préza, se adora :

Faz hoje trint'annos, que amim me roubára,
O deus, por Deus posto na terra, a meu lado ;
Um guia, um amigo, d'amor extremado ;
Um pae, que diz tudo : - nem frase ha mais cara.

Vós sois pequeninos ; e tu, meu mais moço,
Qual hoje te eu vejo, me julgo era então.
Os brincos da infancia, só elles – mais não ;
Eu via, saudava-os...oh com que alvoroço !

Á nossa morada fronteiro, bem perto,
Erguia-se um templo. – Se o sino tangia,
Que maguas soasse, tangesse alegria,

Erral-o iam todos ; - mas eu sempre certo.

Inda hoje me lembran. – Se agora os ouvisse,
Seus sons, conhecia-os. – As fallas, os sons,
Que dizem memorias de tempos tão bons,
Prolongam-se em echos, - da infancia á velhice.

Um dia, já tarde, - depois do sol posto ;
O sino, que dobra : só disse = Jesus ! =
O pranto rebenta, toldou-se-me a luz ;
Meu corpo estremece, desmaia-me o rosto...

Mas vós assustaes-vos, meus filhos ! – Oh não.
Contando o que fôra, sómento não minto :
No pranto, que vêdes, dizendo o que sinto,
Perfumes s’espalham, d’um bom coração.

— Attentos ouvi-me, tranquillos, agora,
Depois, corro, corro... - por que, não direi.
Que força me leva, dizel-o não sei ;
Que dôr, em meu peito compresso, o devora.

Meu pae era enfermo. Voei a seu leito :
Seu rosto descubro, que sofrego beijo ;
Mas, nem de seus olhos m’eleva um adêjo...
A benção – tributo d’amor e respeito,

Eu peço, eu imploro...- Foi tudo baldado!
Cuidei-o dormido : - que a vista seduz,
A morte, se brilha de candida luz,

Do justo na frente. – Já tinha voltado ;

Eis chôro materno de novo m'attrahe.
 No peito os receios augmentam, recrescem ;
 Abraço-a ; e lhe rogo seus prantos já cessem ;
 Rebentam mais soltos, e diz : = não tens pae ! =

Á fase tremenda, que eu mal calculava,
 Batèra-me o peito, d'estranho sentir :
 Nem já, da mãe trsite seu trsite carpir,
 Pedíra enxugasse... - Se eu tambem chorava !

— Ai ! perda, tão grande, meus filhos não ha !
 Nem vosso conceito seu pezo inda alcança.
 De vós, o mais velho, p'ra tal, é creança...
 Que tarde vos chegue : - bem tarde... oxalá !

— É perda, meus filhos, jamais resarcida.
 É fonte de magua, que nunca s'esgota ;
 Que ás flores da vida seu brilho desbota...
 Em almas sensíveis, eterna ferida.

! Que duras mudanças em casa nos traz !
 Respeitos, desvélos, constantes favores,
 Que, ha pouco, a cercavam de vivos fulgores ;
 São nevoa, que foge, - que á luze se desfaz !

Sorriso, louvores, que, ha pouco, nos deram ;
 Palavras d' affecto, prudente conselho ;
 São ôcas imagens, de gélido espelho,

Mentidas, sem alma... - quaes elles só eram !

O d'hontem amigo, nos olha indifferente ;
Encantos d'outr'ora, são hoje torpeza ;
Os dotes, as prendas, d'eterna belleza,
Em uivos, a inveja, nem esses consente !

— Que perda, meus filhos, a perda d'um pae !
Faz hoje trint'annos, coubera-me em sorte.
— Qual barca perdida, sem rumo, sem norte,
Que ao jogo das ondas, arriba, descáe ;

Assim eu ficára. — Mas, viva, brilhante,
A luz socegada de candida estrella,
Que, n'alma, em reflexos, eu via, tão bella,
Aviso, coragem me dava constante.

A estrella, meu guia, — sabeis vós qual era ?
Exemplo, sem mancha, d'honrado viver ;
Legado paterno, — que é máximo haver ;
Que mesmo da campa transluz, reverbera !

D'humilde oratorio, - na lampada accesa,
Nas portas patentes, - ahi vêdes agora,
A perda, meus filhos, que um filho deplora :
Que vida, que amparo, que amor, que riqueza !

A divida é santa. Solvel-a impossivel.
- Lancemos, na concha, d'eterna balança,

Ao menos tributo de viva lembrança ;
Efflúvio saudoso de peito sensível.

- Agora, meus filhos, as fronte curvemos.
Assome, nos lábios, fervente oração ;
Que é flor, que vegeta no bom coração,
O céu perfumando... Meus filhos – oremos.

Mafra, 25 de novembro de 1854.

J. DA C. CASCAES.

GRATIDÃO

Non, jamais ma main ne repousse
Ce symbole d'un sentiment ;
Mais lorsque la main est plus douce
Je la serre plus tendrement.

LAMARTINE

Se no mar que se encapella
Ruge o vento com furor,
Para que amaine a procella,
De seu barco aff'rece a vela
O nauta, como em penhor.

Se no fragor da peleja
Valente soldado cáe,
E mal ferido a cruz beija
Da espada, que deseja
Qu'um seu filho herde do pae:

Inda tem fallas, coitado,
Para ali mesmo jurar,
Que no seu pobre legado
Viverá o nome honrado
De quem ao filho o levar.

A andorinha constante
Ao sitio em que o ninho faz,
Embora em paiz distante,
Promette voltar amante,
E volta a morrer em paz!

Em longes terras ausente
Jura o amante voltar
Aos braços de quem, doente,
Fugir-lhe a vida já sente,
Se a não vem breve abraçar!

A lua desce á campina
Com seu pallido fulgor,
A aviventar a bonina
Que n'haste morre e se fina
Do sol pendida ao calor!

E no raminho pousada,
Onde a rôla os filhos tem,
Vigia a mãe consternada,
Que mão certa, damnada,
Não deixe os filhos sem mãe.

A Deus o nauta agradece
Já livre da perdição ;
O ninho a anadorinha tece,
O soldado a mão off'rece
A quem lhe deu o coração!

Só eu recebo um asylo,
E tão mudo hei de ficar,
Que supponham que é sigillo
De vaidade até aquillo
Que a todos devo contar?

Pois enganam-se. No canto
Que m'inspira o coração
Dos affectos o mais santo,
O que tem maior encanto,
Guardo aqui – A Gratidão.

Oxalá qu'inda algum dia,
Quantos a vida tem,
A gratidão que eu dizia
Não seja só poesia,
Possa proval-a tambem !

L. A. PALMEIRIM.

RESIGNAÇÃO

Un nouvel homme en moi renait et recommence.
LAMARTINE

De meus dias as horas vão contadas:
Poucas me restam já ! Sei que vivi
Pela conta das lagrimas choradas,
Que ventura e prazer não conheci.
À morte que vem perto, e lentamente
Me consome e devora sem cessar,
Recebo, ao despedir-me, alegremente.
Folga o meu coração, não sei chorar!

Se a Providência quiz, se quiz a sorte
Que pensasse no mundo em que eu penei ;
Como o cysne expirando encara a morte,
No derradeiro extremo cantarei.
Minha alma toda inteira n'este canto
De mesquinhas prizões se vae soltar :
Embebido n'um só affecto santo,
Folga o meu coração, não sei chorar !

Como do templo a lampada que expira
Derrama em torno de si mais brilho e luz,
As cordas que se partem d'uma lyra
Vão resoar, gemendo, aos pés da Cruz.
Só o homem, vaidoso, a sepultura
Não sabe sem pavor inda encarar ;
Mas eu na morte em fim acho doçura,

Folga o meu coração, não sei chorar !

O que é a vida p'ra valer que a chorem,
Se em seguida ao prazer renasce a dôr;
O que é a vida p'ra valer que a adorem,
Se no mundo á traição chamam amor !

Trabalhar e soffrer é nossa sina
Em quanto a noute eterna não chegar ;
Embora longe da mansão divina,
Folga o meu coração, não sei chorar !

Chore embora quem preza a vida sente
Aos olhos da mulher sua affeição,
Como a hera que abraça docemente
As ruínas d'um portico pagão ;
A mim, que nada no mundo me tem prezo,
Que as minhas affeições vi desabar,
A vida e mais as lágrimas desprezo ;
Folga o meu coração, não sei chorar !

Em tudo semelhante a essas aves
Que desprezam dos campos o matiz,
E que só pelos canticos suaves
As conhecem os seus, no seu paiz.
A ellas semelhante é o poeta
Que busca a solidão para cantar :
E que pode dizer á mente inquieta,
Folga o meu coração, não sei chorar !

Como o bronze sagrado do mosteiro,

Que alegria e prazer, que o riso e a dôr
Confunde n'um só canto derradeiro,
Que manda ao throno excelso do Senhor ;
 Depurado de fel, o sentimento,
Que no peito uma vez deixei entrar,
 Embora convertido em meu tormento :
Folga o meu coração, não sei chorar !

L. A. PALMEIRIM

PRAZ-ME-E DESPRAZ-ME.

Apraz-me a lymphá,
Que mansinha corre,
Que nasce, vive,
Suspirando morre.

Despraz-me vel-a
Catadupa ingente,
Que abysmo occulta
No cachão fervente.

Apraz-me a briza,
Que afinada gira,
Por entre as cordas
De dourada lyra.

Despraz-me o noto,
Que rebrama iroso,
Cevando furias
No carvalho annoso.

Apraz-me vel-o
P'lo caír da tarde,
Distante o astro,
Que mergulha, e arde.

Despraz-me viva,

Dardejante luz,
Que a vista chama,
Que a morrer conduz.

Apraz-me o aroma,
Que da flor vem vindo,
Por leve aragem,
Que m'ó traz sorrindo.

Despraz-me a essencia,
Que vivaz recende,
Que m'embriaga,
Meu sentido offende.

Apraz-me a rosa,
Pompeando côres,
Rainha bella,
No paiz das flores.

Despraz-me a rosa,
Se de perto vejo,
Que espinhos formam
Seu real cortejo.

Apraz-me a noute,
Manto azul-escuro,
Se lh'ó matiza
Planetar fulgúro.

Despraz-me vel-a,

Denso negregume,
Luzindo, a instantes,
De sinistro lume.

Apraz-me ouvil-o,
Quando, n'alta sésta,
Descanta amores
O rei da floresta.

Despraz-me o canto
De nocturnas aves,
A esvoaçarem
Sob antigas naves.

Apraz-me o riso
D'um singelo rosto,
Que isento brilha
De cruel desgosto.

Despraz-me vel-o,
Quando nuvem densa,
De crua magua,
N'elle está suspensa.

Sensível peito,
Na gentil donzella,
É dóte d'anjo,
Que me praz ver n'ella.

Em debil seio,

Varonil acção,
É maravilha,
Que me não praz-não.

Ternura, afago,
Maternal disvello,
Que cégo, louco...
Sempre me praz vel-o.

Um pae severo,
No rigor, castigo,
Embora justo,
Que me praz, não digo.

Ao desvalido,
Vel-a curva-a lei,
Oh ! sim, apraz-me
Por que não direi?

Despraz-me vel-a,
S'-enroscada cobra,
D'alto patrono,
A capricho dobra...

Oh ! sim- bem-vindos
A meu peito são,
Suave abalo,
Branda commoção.

Mafra-Dezembro de 1854.
J. DA C. CASCAES.

AMOR-GLÓRIA

Ame, ne fléchis point, roidis ce grand courage.
M. J. Chénier.

Uma que presta, sem que a outra exista?
Da mesma lyra duas cordas são ;
Ambas nos cegam ; d'uma á outra dista
O breve espaço d'uma só canção.

Irmãs e amigas o poder divino
A gloria nunca separou do amor ;
Juntas ainda n'este fragil hymno
Não tem as duas mais que um só cantor !

Á voz da gloria se rebenta a guerra
Que de prodigios o soldado faz !
N'um só affecto todos os mais encerra
Desvaira e teme que se chegue a paz !
Crente n'uns olhos que a paixão accende
Outros se inspiram só á voz do amor.

Culto igual a minha lyra rende ;
Não tem as duas mais que um só cantor !

Á gloria altiva que no sangue exulta
Marengo falla, e Waterloo bem diz.
O heroe do sec'lo, que a si mesmo avulta,
Oppõe taes cantos ás flores de liz.

Menos ardente, por um só sorriso
A gloria nasce quanta vez do amor !
Ambas unidas no futuro diviso,

Não tem as duas mais que um só cantor !

L. A. PALMEIRIM

A FLOR PERDIDA

Une femme dans une rose.
Dupaty.

No pó das salas, coitada,
Achei a rosa perdida,
A bella rosa encarnada
Que aos salões fôra trazida :
Ali, no chão esquecida,
A pobre rosa singela
Só lastimava o desprezo
Da descuidada donzella,
Que pelo brilho das salas
Trocára os perfumes d'ella !
Tive dó da flor mimosa,
Quiz-lhe dar alento e vida,
Mas a pobre flor perdida
Não voltou mais a ser rosa.
Pois cerquei-a de cuidados,
Tratei-a com mil amores ;
Mas, ou eu não entendia
De como se tratam flores,
Ou se cuidal-as sabia,
Não pude salvar aquella
Que aos salões fôra trazida,
Para, por mãos de donzella,
Nas salas ficar perdida.
Já secca, já desbotada,
Á rosa chamei-lhe minha ;

Se por momentos rainha
Brilhára no peito d'ella,
Quiz, depois de abandonada,
Dar á pobre flor mimosa
Os conselhos que eu daria
Nas salas a toda a rosa.
«Donzella que inspira amores,
Deve ter toda a cautela
Em não os deixar perdidos,
Como deixa as outras flores ;
Porque amores, esquecidos
Pela donzella orgulhosa,
Ninguem procura salvar-os
Como eu quiz salvar a rosa,
Que aos salões fôra trazida,
Para, por mãos de donzella,
Nas salas ficar perdida.»

L. A. PALMEIRIM.

UM JUDAS HERMAPHRODITO.

I.

É Pedro um rapaz,
D'alcunha o *Fragata*,
Mancebo capaz,
Que dá sóta e az
Nas cousas do mar.
Um peixe a nadar,
Que faz e concerta
Tarráfas, chinchôrros;
E tem mão tão certa,
Co'a fisga ao candeio,
Que os peixes, sem vel-os,
Espéta-os ao meio !
E barco, ou bateira,
Que vá de carreira,
Que á vela, que á vara,
(A remos, não digo,
Que é lá cousa rara!) :
Governa o *Fragata*
Melhor, do que *Alboni*
Um trilo, ou volata.
Honrado, valente ;
Um bom coração...
E a Deus, mais temente
Do que elle,— isso não.

Se, o padre vigario
Lhe põe penitencia
Resar uma c' rôa,
Resou um rosario.
Esbelta figura...
D' idade na flor...
Bizarro, – perfeito...
Não ha mais que pôr.
Airoso barrete,
Mourisco gabão ;
As bragas de neve...
Simpleza, mais não;
Seu todo compunham
De tal perfeição;
Que a vel-o – senhoras...
Rainhas, talvez,
Não uma olhadella,
Deitavam-lhe tres.
– Perdido d' amor,
O bom pescador,
Só via Rosinha,
Galante mocinha
Mui bem concertada,
Que o padre vigario
Chamava – afillhada ;
E bôcas do mundo...
Ai! bôcas nefandas,
Que tudo em bolandas
Remechem, revolvem...
Que a muitos envolvem

Com falsos enredos ;
Descobrem segredos!...
Diziam... não digo.
Mas digo, e direi :
Cachopa de lei,
Maior perfeição
Até' li, mais não.
Se mouro, ou judeu,
De tantos agrados
Um só fôra seu.
Daria... eu sei lá !
Korans, e talmuds,
Imperios d' Allah !
– Mas, se elle, – *o Fragata*
Por ella morria,
Mais sol nem mais lua,
Rosinha não via.
Amavam-se, é certo.
Mas, muito em segredo,
Que o padre o soubesse,
Os dous tinham medo.
Não, que elle não fosse
Bondoso pastor ,
Dos pobres, amparo,
Maior defensor.
Mas, Pedro era pobre,
Rosinha estimada ;
Que em casa de padre
Jamais faltou nada.
–Havia um maluco

Na terra, – em Aveiro,
Sobrinho direito
D’um mestre barbeiro ;
Se reles navalha,
Má lingua, o primeiro ;
Que a linda Rosinha,
Tambem pretendia.
Nem elle sabia
Nanaia – o maluco
Se amava, se não.
Quem diz, que patétas
Tem lá coração !
Mas fez taes promessas,
Conselhos taes deu,
Que pôz d’as avessas
O tio, ao sandeu.
E, se este era parvo
Sem ser namorado,
Tornára-se agora
Um parvo quadrado.
– O tal *Cóspe-fóra*...
Ao rápa-cabello
Assim lhe chamavam,
E a alcunha fundavam,
Na grão demasia,
Com que elle cuspia ;
Um diz, que era vicio,
Est’outro, que azia.
E vicio, ou molestia,
Que ao caso não vem ;

É certo, porém,
Que o tal *Cóspe-fóra*,
Já vendo o desdem
Com que ella – Rosinha,
Nanaia tratava ;
Na cóla lh'andava.
E tanto espreitou,
E tanto indagou,
Que soube... pudéra !
Quem viu mexerico,
De pobre, ou de rico,
Occulto a barbeiro?
Ha tal, que dá novas
Colhidas a cheiro !
–De Pedro e Rosinha
Amores soubera ;
E a bôca em cratera
D'immundo volcão,
D'injurias, e cuspo
Se fez erupção !
Alfim concluindo
Com este sermão :
«Oh vós, que m'ouvides
Rebôlo, navalhas,
Cortinas, toalhas,
Panninhos da barba,
E banha, e sabão :
Se d'esse *Cuécas*,
Se d'esse *Pé-fresco*,
Se o *Pesca-alforrécas*,

M'as não pagar bem,
Chamae-me tambem,
Gigante na lingua,
Em obras ninguem.
Dizei... sim fallae;
Toalhas, cortinas
A pelle m'esfregae.
E vós, meu rebôlo,
Meu rosto amollae.
E vós – oh navalhas!
Viris instrumentos,
Que barbas, a fio
Rapastes aos centos ;
Meu sceptro flammante,
Que ao buço primeiro,
Que eu fiz, inda a medo ;
Gritastes: – ávante !
Serás um barbeiro !...
Se Pedro, o *Fragata*,
Ruim pescador,
Logrado não fôr,
Qual roda, tornaе-vos,
De Santa Catharina,
E d'este pescoço,
Não fique nem osso,
Na tal dirandina!

II.

Porque seu melhor adorno

Agora o templo não tem?
Nem Senhor crucificado,
Nem santos vejo também !

Porque o sol d'essas imagens
Alegral-o hoje não vem ?
Tristes, rôxos véus, só vejo
Pendientes, aqui, além.

Incensos, festivos cantos,
Som de magua hoje os detem;
É que dôr maior não houve
O mundo p'ra maior bem.

Hora fatal s'aproxima,
Pranteia Jerusalem,
Vae nas trevas submergir-se
Pura estrella de Bethlem.

III.

Já tocam matracas,
Já maços apromptam
Rapazes, que contam
À noute, na igreja,
As *trevas* bater,
A mais não poder.
Lá vejo o barbeiro,
Chamando, o primeiro
Gaiato d'Aveiro,

Fallar-lhe em segredo,
E dar-lhe dinheiro !
– E ranchos de povo
Já prestes caminham
Caminho da igreja,
Que as horas já vinham.
E os mais precavidos
De há muito eram idos ;
Que em dias de festa,
P’ra ter bom logar,
Convem madrugar,
Rosinha, e Fragata,
Na igreja também,
Pertinho, um do outro,
Em ledos entretém,
De ha muito se olhavam.

IV.

È noute. No templo patente,
Que mal se allumia, de luzes só quinze,
Há cantos sentidos – innumera gente.
Da conta, que vae decrescente
Das luzes, – só brilha no meio a mais alta.
Sumiu-se. – Eil-o o templo, que é trevas sómente !

V.

E em chusma, os rapazes
Estrondo fazendo,

As trevas batendo.
E luz já traziam,
Inda elles batiam.
E os padres no côro,
De cannas armados,
Seus *cóques* vão dando
Nos mais descarados,
E a bulha findando.
– Officio acabado,
A mó se despeja,
Do povo, sem conto,
Que estava na igreja.
Eis, junto ao degrau,
Não sei de que altar,
O povo a cercar...
Zumzum, borborinho...
Sorrisos de mófa,
Com seu escarrinho!
Risadas no templo,
Murmurio tamanho...
O caso era estranho!
Se riso fazia,
A Pedro, e Rosinha,
Causava arrelia.
E foi, que ambos indo,
Officio já findo,
A pôr-se de pé,
Não houve de quê;
Que saia, e gabão
Pregados estão!

E puxa, que puxa,
E tão bem pregados,
Que, nem um nem outra,
Se dão despegados!
E puxa, que puxa,
E puxa a rasgar,
E saia, e gabão,
Rasgados lá vão,
De tanto puxar.
E Pedro, e Rosinha
Saíram corridos;
Elle ía raivando,
Rosinha, essa quasi
Perdêra os sentidos.
– O caso contado,
Vae sendo augmentado;
Pois diz o dictado :
«Quem conta seu conto
Augmenta-lhe um ponto.»
E conta d'aqui,
E conta d'ali ;
Que certo, que vário,
O caso contaram
Ao padre vigario.
Oh bôca damnada,
Que foste dizer!
Rosinha, coitada,
Cuidava morrer;
Não, que elle – o vigario
De leve tocasse,

No caso falasse;
Nem era preciso:
Pessoa de sizo,
Que viva comnosco,
Por dentro, e por fóra,
N'um dito, n'um gesto,
Nos lê, sem demora.
– O *Rapa-bigodes*
O caso assoalhava,
Que em mal commentava;
Dizendo-o, – ser obra,
Castigo de Deus,
Exemplo a judeus,
Que em santo logar,
Em, vez d'adorar,
Vem só namorar.–
E baixos os olhos,
Em ar supplicante,
Por fóra mentia,
O tal meliante,
Por dentro sorria ;
E a quem o ouvia,
Melhor persuadia.

VI.

O relógio não dá horas,
Os sinos emmudeceram;
Té as aves, em seus ninhos,
Seus cantares esqueceram.

Junta a igreja, gala a gala,
Já, seu throno guarneceram
Lindas jarras, flores, luzes,
E que todas s'accenderam.

Aromatica alcatifa
Pelo chão, vel-a estenderam,
E se mais pizada fôra,
Mais aromas recenderam.

Se mil annos, d'um tal dia,
Um a um succederam,
Que de corações perdidos
A Jesus se não renderam!

As igrejas visitando
Anda gente, hoje, sem fim.
Quem viu quinta feira santa,
Que a não visse andar assim?

E já noute, infindo povo
Vel-o junto, sem motim.
Descoberto, de joelhos...
É pasmar! Mas não p'ra mim;

Que no seu andor, lá vejo,
Com seu manto carmezim,
Veneranda imagem; feita

D'um só tronco d'alecrim.

É do Senhor – *Ecce homo* (6)
 – E eu por vel-a tambem vim–
 Procissão, – e a mais solemne.
 Té mouros, dirão que sim.

VII.

Em erma viéla
 Dous vultos, mais não,
 Agora lá são.
 Um posto, á janella,
 Est'outro, no chão,
 Que vultos serão?
 Os dous, – elle e ella,
 Rosinha, que a Pedro,
 Por fina cordinha,
 Ás mãos lhe passava
 Gentil condecinha ;
 Que *amendoas* levava,
 Não digo a ninguem.
 Que o padre as pagava,
 Não digo tambem.

Pedro.

Ah sôra Rosinha,
 Canté, se eu soubera

⁶ Assim chamam em Aveiro ao Senhor da Canna Verde. – É imagem de grande devoção, e construída d'um só tronco de alecrim. O povo assim o affirma, e a Chorographia do padre Carvalho, se bem me lembro, confirma-o.

O méco, quem era,
Que os prégos pregou ;
A fé de quem sou,
Que – sem mais barulho,
Lhe dava um *margulho*,
Baldeava-lhe o coiro,
Com'a quem, no rio,
Vasa o vertedoiro !

Rosinha.

Não ha de assim ser,
Meu Pedro : não ha de,
Sou d'outro par'cer.
Metter'st'em trabalhos,
Por quatro negalhos...

Pedro.

Negalhos! – Pois cuida...

Rosinha.

Eu cuido o que cuidas.
Que fôra mal feito,
Lá vir um sujeito,
Quem quer que elle seja,
Fazer-se atrevido ;
E o que é mais, na igreja ;
Merece castigo.

Pedro.

É o mesmo que eu digo,

Rosinha.

Mas vaes muito além.
Lição, que o escarmente,
E a nós, nos contente,

Dar mal, ficar bem...
Eis tudo.

Pedro.

Será.

Sua bôca o disse,
Calado estou já.

Rosinha.

Sei tudo. O *Nanaia*
Fallei-lhe inda agora,
Caíu, sem demora.
Foi elle...

Pedro.

O maluco!

Rosinha.

Não, o *Cóspe-fóra*.
Peitára um gaiato,
Que ao bater das trevas,
Nos pregasse o fato...
Mas, deixa tu 'star,
Que as ha de pagar.

Pedro.

Como?

Rosinha.

Eu t'ó digo.

– O Pedro, se o sabe,
Dizia eu commigo,
Alguma desgraça,
Quem diz, que não faça?
E á conta dos medos,
Forjei meus enredos...

– Caluda!... Vem gente...
Ámanhã... Adeusinho...
Mas vem mais cedinho.

VIII.

Já se ouviu – *Gloria in excelsis*,
Alleluia já soou;
E nem sino, nem garrida,
Nem um só d’elles tocou!

Pois se as trevas já findaram,
Se luz nova já raiou,
Nem um toque d’alegria,
Em Aveiro resoou!

Inda não; que ao signal dado
Da *Matriz* tudo ficou ;
E n’um tempo, agora tudo,
Tudo em cheio repicou (1).

D’essa alegre hora festiva
Olvidado inda não sou.
Commoções, que o berço dera
Inda o tempo as não levou.

¹ Lembro-me, que quando eu era pequeno, assim se praticava em Aveiro. Hoje não sei se a usança ainda subsiste, por que ha 28 annos que lá não vou. Aquillo, sim, que era uma verdadeira *Allelluia*, de que ainda me recordo com saudade infantil, de todas a mais grata.

Grossa pedra d'Alleluia,
 Com que o lorpa carregou,
 Ajoujado – de tão longe...
 A vel-o cuidio que estou!

IX.

E um Judas pendente,
 Na corda dansava ;
 Ao som d'algazarra,
 Que a plebe soltava.
 E povo, e mais povo,
 Se o caso era novo !
 Que a *Judas*, Aveiro
 Não era vezeiro (2).
 – E o Judas bailando,
 Um, já perguntando,
 Aquelle explicando,
 Em terras do reino
 A usança ter visto.
 – E juntas, dispersas,
 Mil vozes diversas.
 «Pois Judas é isto!»
 – E a plebe, que rira !
 Se ao Judas, agora,
 Deu tal vira-vira,
 Que, quasi, o despira !
Vozes.

² Assim era, na minha meninice. A usança do Judas, em sabbado d'Alleluia, era alli desconhecida ; ou pelo menos o povo não a punha em pratica.

– Caíram-lhe as calças!
 «É Judas, sem alças»
 – Espera – traz saia !
 «Mas Judas é macho !...»
 – Este é d’outra laia ;
 «Será macha-femea !»
 – E n’isto, um gaiato
 Doutor no pião,
 Em péla, e bilharda,
 Lhe chega um tição.
 E o fogo s’ateia,
 E o Judas rabeia :
 Já bichas sibilam,
 E se alto ribomba
 O estoiro da bomba,
 Também dão seus baques
 Alguns trique-traques.

—
 – E o Judas então,
 Caído é no chão.

Gaiato.

– Caluda, rapazes!
 Prestae-me atenção.
 – E vel-o, que abríra
 Pequena caixinha,
 Que o Judas continha ;
 E d’ella, que tira
 Papel, onde escriptos
 Estão estes ditos:

– Come pão de milhos e sêmea,
Este Judas macha-femea,
De marido, e mulher tem
Seu fato : - de mais ninguém.
E quaes são sabêde agora :
Ella, e o mestre Cóspe-fóra ! –

Geral gargalhada,
O povo soltava,
E o mestre fitava ;
Que já d’abalada,
Veloz se *raspava*,
Ao som d’apupada.
Fragata sorria,
Rosinha tambem ;
E já lhe dizia:
– Vingámo-nos bem.

O mestre fez queixas
Ao padre vigario.
Ouvida Rosinha,
Não disse o contrario;
E só, que o barbeiro
Zombára primeiro.
O padre zangou-se,
Primeiro ralhou,
Por fim, perdoou;
Depois perguntou:
Padre.

Que idéa de Judas
 Foi esta? – Onde a viste?
 Que fóra d’ Aveiro
 Diriam saíste !

Rosinha.

Contou-me a visinha,
 Que a festa, em Lisboa,
 Seus Judas lá tinha:
 De como os vestiam...
 Do que lhes faziam...
 E agora – padrinho,
 Que sabe a verdade...
 Negar-me, não ha de...
 Pois elle... O Pedrinho...
 Riquezas... não tem...
 Bem sabe, o padrinho,
 Se as tenho... tambem...
 E depois...

Padre.

Depois?

Morreram as vaccas,
 Ficaram os bois.
 – O que Deus quizer,
 Só isso ha de ser. –
 E seja ! – Que as paschoas
 Alegres nos venham,
 E taes se mantenham...

Rosinha.

Padrinho d’ esta alma !
 Que abraço de calma !...

Padre.

«Silencio ! – O *folar*,
Que este anno receba...
É teu... e... casar!
E Deus te abençoe...»
– E o padre a chorar!

Em autos conclusos,
Os casos confusos,
Eis claros estão.
Só falta dizer-vos,
Que o parvo *Nanaia*,
Que as calças, e saia,
Levára, – coitado,
Depois de ralhado,
Cuspido, tosado
P'lo mestre barbeiro,
Foi quem mais perdeu.
Em toda a questão,
Ou perde o vilão,
Ou perde o sandeu.

Mafra, 31 de março de 1855.
J. DA C. CASCAES.

INDIFFERENÇA E MORTE !

J'ai passé comme une fleur, j'ai séché comme l'herbe des champs.
Pourquoi la lumière a-t-elle été donnée à un misérable, et la vie à ceux;
qui sont dans l'amertume du coeur?!

JOB.

Ultimo arranco d'indiff'rença gelido,
Elisa, escuta d'este peito meu,
Pungente queixa, que em sorrir sarcástico
Ahi t'envia quem por ti morreu!

Ai! – dos teus labios o sorrir angelico
Fallou-me ao peito de prazer, de amor;
Mal eu pensava, que um sorriso perfido
Roubar-me vinha d'esta vida a flor!

Julguei-te um anjo nos sonhos candidos,
Julguei-te pura qual ninguem te crê,
Mulher traidora, que em atroz perjurio,
Roubaste ao peito do prazer a fé.

Eu era a louca mariposa timida,
Que o fado improbo attrahindo á luz,
Encontra a morte n'essa chamma fervida,
Que a innocente co'o fulgor seduz.

E tu, Elisa, foste a chamma perfida,
Que a mariposa sem ter dó queimou;
Hoje só resta meu cadaver livido,
Que esta alma ardente por te amar – murchou!

Ai! De que serve n'este mundo improbo
Entre tormentos sem amor passar,
Se a crença ardente n'um sorriso magico
Fugiu-me d'alma p'ra não mais voltar?!

Ai! n'este mundo de passar ephemero
Meus dias fogem n'um penar cruel;
Em taça cheia de veneno putrido
Libei sem forçars d'amargura o fel.

Debalde os risos d'esse mundo sordido
Folguedos venham a mostrar-me aqui;
Gritam debalde co'essa voz magnifica,
– Não me seduzem, – p'ra gosar morri!!...

Abril de 1855.
A. DE BARRETO.

VERSOS A ***

Et qu'est-ce que l'amour? Ah ! prêt le nommer
 Ma bouche en le niant craindrait de blasphemer,
 Lui seul est au dessus de tout mot que l'exprime,
 Éclair brillant et pur du feu qui vous anime,
 Char de feu qui, vivans, nous porte au rang des dieux !
 Rayon ! foudre des sens ! inextinguible flamme
 Qui fond deux coeurs mortels et n'en fait plus qu'une âme !
 Il est... il serait tout, s'il ne devait finir !
 Si le coeur d'un mortel le pouvait contenir,
 Ou si, semblable au feu dont Dieu fit son emblème,
 Sa flamme en s'exhalant ne l'étouffait lui-même.

LAMARTINE – HARMONIAS.

Vae-te! Oh! Vae sombra mentida
 Para nunca mais volver;
 Vae-te, – deixa-me na vida,
 Que esse teu estranho ser
 Fatal sempre me tem sido,
 E mais fatal me ha de ser!

Nunca mais, agora não,
 Me verás aos pés rendido
 Dar-te inteiro o coração.
 Nunca mais, pallida sombra,
 Porque elle, afflicto e ulcerado
 Dos martyrios que lhe deste,
 Com a tua vista se assombra,
 E de ti foge aterrado.
 Ai ! com que fogo te amou
 Esse que tu desprezaste,
 E por tuas mãos sem dó
 Dentro do peito quebraste!

Has de sentil-o – bem sei,
Quando longe de meu lado
O remorso concentrado
Te disser quanto te amei!

Qual era a sinistra mão
Que para ti me impellia?
Perdido e cego não via,
Que era esse um fulgor vão
Que no horisonte luzia?
Crente a vista repousava
Na luz clara, intensa, bella
Que para a terra manava
Da face da meiga estrella,
E que minh'alma inundava
D'essa etherea e doce chamma
Que a vida e razão inflamma
No ardente fogo de amor.
Deixei-me cegar por ella !
Quanto, e como então vivia
Ao grato e doce clarão
D'essa que assim me perdia...
Não sei – ai! mas sei que um dia,
N'uma hora de maldição,
Não vi mais no firmamento,
O seu mentido clarão !
Perdido n'esse momento,
Fugi sem norte, e sem tino;
Mas quem foge ao seu destino?

.....

.....
N'uma d'estas noites placidas,
Em que as estrellas fulgentes,
Reflectem vivida luz,
Á flôr das aguas dormentes;
Em que o rouxinol traduz,
Nas inspiradas endeixas,
As suas sentidas queixas,
D'entre as balseiras virentes;
Quando respira no ar,
Do monte que o matto veste,
Aquelle perfume agreste,
Que é tão grato de aspirar;
Quando emfim a natureza,
No seu mais pleno fulgor,
Ergue a Deus o hymno eterno
De graças, de paz, de amor !
Eu, na minh'alma abatida,
Procurava, mas em vão,
Uma só nota do canto
Immenso da criação !

Debalde encontrar buscava
N'aquella ardente anciedade,
Em que o peito arqueja e cansa,
No passado – uma saudade,
No porvir – uma esperança !
Debalde a vista alongava
Pelo céu onde as estrellas
Resplandeciam tão bellas...

Em meu peito arido e morto
Nem um só reflexo d'ellas
Suave compenetrava.
Cansado, exangue, absorto,
Sem luz, sem norte e sem tino
Proseguia o meu destino.
Quando ao chegar um instante,
Em que afflicto a vista erguia,
Dei com teu bello semblante,
Pallido, triste, abatido,
Que para mim se volvia
Saudoso e compadecido.
Oh ! tão fundo sentimento
Brilhava nos olhos teus,
Que ao vêr-te n'esse momento
Quem te não dissera um anjo
Do céu á terra descido,
E que volve arrependido
Outra vez aos pés de Deus !
Lá na extrema do horisonte
Vinha então rompendo a lua ;
Melancholica a luz sua
O teu semblante innundou,
E nunca no prado ou monte,
A sua face formosa
Outra tão pallida rosa
De um reflexo illuminou.

Contemplava-te perdido,
De amor, d'esp'rança e de gosto,

Quando teu languido rosto
Pouco a pouco se animou,
E que tua voz plangente,
Murmurando ao meu ouvido,
De novo um amor ardente
Outra vez me protestou.
Hesitava em crêr-te ainda,
Mas o pobre coração,
Quando se vê na desgraça,
Encontra a crença tão linda !...
A plenos tragos a taça
D'esse philtro enganador
Ancioso esgotava então,
Sem me lembrar que no fundo,
Estava o fel da traição.

.....
Vae-te – adeus, pallida sombra,
Vae – porque este coração,
Hoje afflicto e ulcerado,
Com a tua vista se assombra,
E de ti foge aterrado.

Janeiro de 1855.

R. DE BULHÃO PATO

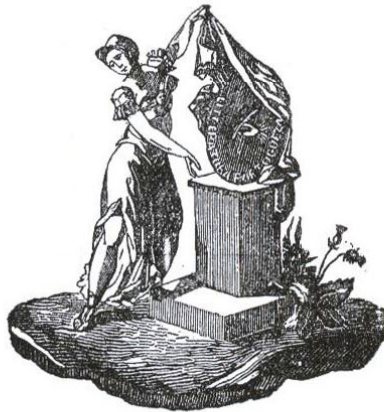
O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO,

VOLUME XIII

QUINTO DA TERCEIRA SERIE.



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1856.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES

TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

A RESSURREIÇÃO

Surrexit. . sicut dixit.
S. MATH.

Largae, ceus, ó terra lugubre,
O véu da negra tristeza :
No templo os sagrados canticos
Louvem do Eterno a grandeza,
Que da Igreja o Esposo candido
Poz-se em pè, resuscitou !

Que valeu aos guardas impios
Velar sobre a sepultura ?
Desce á terra um anjo fulgido,
Rompe da noute a espessura,
E, tirando a campa gelida,
Firme na campa ficou.

E como a luz do relampago
Tinha o rosto. E tinha as côres
Da neve o vestido rutilo.
E viu as intensas dores
Das santas mulheres timidas,
Que íam a Christo buscar.

E fallou : O Deus fortissimo
Não'stá aqui. As suas vestes
Ahi estão e o seu sudario
Elle, mulheres celestes,
Resurgio involto em gloria :

Vinde ver o seu logar !

Como é grande este prodigio,
Que de portentos exalta ?
Deus confunde o povo estollido,
Treme a terra, a pedra salta,
Cáe por terra o guarda attonito.
Surge da campa o Senhor !

Do Senhor á omnipotencia
Tudo cede, o céu, e a terra .
Quer a luz ? A luz derrama-se.
Quer a paz ? Dissipa a guerra.
Dá aos homens fé benefica,
A Esperança, a Paz, o Amor !

A. M. RODRIGUES

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

VI

A VAIDOSA

Disse o rei, que mais soubera,
Na longiqua antiguidade,
Ser nosso vicio primeiro
Vaidade — tudo vaidade.

A vosso eterno preceito,
Grande immortal Salomão,
Prestando justa homenagem,
Farei nova ampliação.

Nos homens tudo é vaidade,
Que, inda quando os não houver,
Vivirá na sepultura,
D'elles não — mas da mulher.

Da mulher, que Deus creára,
Para agradando vencer ;
Diz-lhe pois a natureza,
Sempre, e só vaidosa ser.

Vaidade, em homem repugna,
Em mulher é condição ;
O que n'aquelles é culpa,

N'ella, é naturalcondão.

Mas, se vaidade as não culpa,
 Por que d'ellas sou censor?
 Porventura, o que hoje escrevo
 Será *satyra-em-louvor* !

Não. Mas dar golpes, a fio,
 Disse,— em homens, e já cinco...
 O sexto, á mulher — que é justo ;
 E eu com justiça não brinco

Seja assim. Por deferencia,
 De seu vicio natural
 Direi só : culpando-a em parte,
 Sempre digo, o menos mal.

—
 Vês aquella senhorita,
 Tão atreita a convulsões,
 Que soluça, chora, grita,
 Em revoltas contorsões :
 Niveos seios arquejando,
 Olhos, bocca revirando ;
 Medicos, cirurgiões,
 Um e todos enganando ;
 Que já vando-a, capitulão
 De *convulsivo* — *nervosa*,
 O que apenas é *cheliq*
 Ou doença de vaidosa !
 Tão vaidosa, que no ponto

Em que o baile mais se ateia
Lá solta um ai, cambaleia,
O desmaio acóde prompto ;
Vê-la a todos dá cuidado,
De todos colhe attenção,
Seu nome é ponto obrigado
Da geral conversação?
E amanhã commemorado,
Em verboso folhetim,
Que nem mesmo hoje, sem elle,
Fica o baile mais chinfrim.

E a magrinha, que enraivece,
Se mais cheia não parece ;
Á magreza natural
Põe espeque universal,
D'algodão, que, em grossas pranchas,
Mais ou menos sobrepostas,
Aqui peito, acolá costas,
Tudo, tudo lhe vão dando ;
E assim muitos enganando.
Por fóra vasto colosso,
Por dentro só pelle e osso !
—Quantas formas graciosas,
De curvo, brando contorno,
Em prospecto comparaveis,
Á melhor obra de torno,
Outra couza mais não são,
Que pastiços d'algodão !

E a de face rubicunda,
Cujas vozes naturaes
Lh'invejão muitas rivaes :
E ella, tonta, que as regeita,
A palidez dezejando,
Que diz côr, tão só perfeita,
De mais chiste, mais interesse,
Como se algum dia houvesse. . . .
Haveria, mas duvido ;
Com seus rostos amarellos,
Deuza Venus, ou Cupido !
E depois de bem polkada,
Bem dançada, bem suada,
Toda a façe acceza em chamma ;
Vê-la córre ao toucador,
E em chapadas d'agua fria,
Molha o rosto — perde a côr ;
Fica pallida, — a louquinha,
Que se illude d'esta sorte,
A saude arruinando,
Pela morte assim chamando
Ai delirio de vaidade. . . .
Inda mal, que sois verdade !

—

E moçoila rochunchuda,
Forma simples, mas bojuda ;
Que, por gorda não tem graça ;
Cada braço uma botija,
Cada perna, uma cabaça ;
Baixo corpo azabumbado,

Que... confesso o meu peccado,
Será typo de valia,
Para alguém : por mim, diria
Ter-lhe pouca simpathia. . . .
—Essa, então, vê-la entalada,
D’alto a baixo, em barbas, cintas ;
Opprimida, espartilhada,
Por detraz, e por diante ;
Como paio d’Alemtejo,
Enleado de barbante.
Todo o corpo, um vergão roxo
Do geral, estreito arroxado ;
Antes hirto que direito. . . .
Seu andar, seu movimento
Emperrado, contra feito :
Como cepo, que inteiriço,
Só caminha d’arrastado,
E não anda — vae levado.
— E ás vezes mesmo cazada.
E no estado *interessante*
Quem diz, não vae por diante
Na mania compressorá,
Que mais, que a saude adora?
Ao contrario, seus apertos,
Em vez d’afrouxar, duplica ;
Anda o corpo em pelotica ;
Já molhando atacadores,
Que assim, menos desenfiam ;
Já membrudos servidores,
Os creados, o gallego,

Chamando ; — que só porfiam,
Em o corpo lh'apertar,
Cuide embora d'estallar !
O seu natural estado,
Assim cobre, assim occulta,
Vindo á louca, em resultado,
Dos barbudos espartilhos,
Ter monos, em vez de filhos !
— O ser gorda é seu martyrío,
E a tanto chega o delirio,
Que, se priva das comidas,
Em substancia mais fornidas ;
E lida, caminha, sua,
Sangra-se, põe-se a dieta,
Bebe vinagre, jejua ...
E quando — triste vaidade !
Se despoja da gordura ,
Ve-la cáe na sepultura !

E *vária* namoradeira,
Só constante em seu fadario ;
Galanteios attendendo,
Mais que as contas d'um roزاریo,
Que os dias do calendario...
Tem as horas divididas
Do serviço namorante,
Ora, cartas expedidas,
Logo cartas recebidas ;
Com seu móte, cada amante,
É por ella registado,

Onde, e quando despachado.
Verbi-gratia : — ás duas horas.
Vem do quartel — vae jantar,
O *primeiro* militar.
Da janella da Travessa,
Visto — até que volte esquina.
— Ás quatro — que não esqueça.
Hora, que toda pertence
Ao lepido Amanuense.
Quem, sáe da repartição,
Tão cançado — bem merece
Um momento d'atencção. . . .
— Veja a sua namorada,
Na janella de sacada —
— Ao lusco fusco, o agiota
Encontra-se co'o janota.
Serão vistos do mirante :
Como é ponto, mais distante,
Ao mesmo tempo, attendidos
Podem ser. Os meus acênos,
Serão d'ambos respondidos.
— Quem não viu, tiro certoiro,
A dous passaros dar morte,
E ferir inda um terceiro ?...
— Ás onze passa o barão :
Aravia de minhoto,
Mal montado, sempre a choto ;
Modos, gestos de balcão ;
E mais feio do que um nico....
Mas se em trôca, elle è tão rico !

— Entrevista especial
Junto ao muro do quintal —
— Onze e meia á meia noute —
Um deputado, outro artista,
E o terceiro jornalista
Á mesma hora, todos tres....
Se fosse um por cada vez....
Eu, se um d'elles despedisse....
Despedir ! que parvoice !
Quem ? o artista, que o retrato
Meu, vai pôr lithographado
Lá, nas lojas do Lavado,
Margotteau, Silva, Fonseca ;
Nas do Verissimo, á Moeda,
E defronte da Horta Secca !
Qual ? o meu periodiqueiro,
Que, em seus artigos promette
Louvar sempre o meu *toilete*,
Prestar-lhe honras de primeiro !
Qual, enfim o deputado ?...
Bem sei, que respira essencia
D'alarve, não de sciencia.
Mas diz — votos ! — apoiado ! —
Com mais força, mais polmão.
Que cem tiros de canhão :
Acompanha sempre, ao chá
O ministro, quando o dá....
E depois — quem mais do que elle
Generoso? — isso não há ;
Que por voto da *nação*,

Prometteu-me uma pensão...
— Todos tres a egual hora,
Abordem, venham embora :
Que, o artista da janella,
O deputado na salla,
O terceiro na cancella,
Hão-de todos vir á falla,
E nenhum hade ir sem trela.
Assim *namoro-sedenta*,
Dos galanteios, a serie,
Mais, e mais, ella accrescenta :
Attendendo velho e moço,
Este, porque não é feio,
Outro, porque tem caroço :
E em seu desejo vehemente,
Se tivera, o d’hoje em dia,
Exercito do Oriente,
Ao pé d’ella, bem defronte....
Derriço, por si daria,
Ás tropas do Piemonte,
França, Inglaterra, Turquia ;
E se, em melhor posição,
Por exemplo, — num balão,
Visse um, visse outro arraial,
A todos dava signal !
— É livrar d’esse máu sestro,
Vaidosa — que a vosso mal,
Perdeis fama, e casamento,
Perdeis muito, — que a final,
Depois de louca porfia,

Chega a idade ; e vós ?.. sois thia !

E velha de sessent'annos,
Que esconder procura, tenta
O sello dos desenganos :
Já patente, em fundas rugas,
Quesilia das tartarugas ;
No lombudo joanete,
Para o qual não ha *toilete*,
No cabello, que branqueja,
Ou peor quando calveja ;
Nos seios, que s'esturricam,
Em ossos, em cordoveias,
Que s'esbrugam, que s'esticam ;
N'uma rara dentadura,
Na côr baça outrora alvura...
— E quem diz, que horrendo espectro
Supponha, pense, acredite,
Que das bellas tem o sceptro !
E suppõe, e pensa, e crê ;
Sim, que em letras de vaidade,
Ninguem seus defeitos lê :
Nem vaidosa, em proprio espelho,
Viu jámais um rosto velho.
— Assim, franzida carcássa,
Mil recursos d'arte esgota !
Por fingir perdida graça,
Tudo faz, até batota !
— Como, em fôrma o pão de ló,
A cabeça mette, gruda,

Nas pastas d'asp'ro chinó :
Que segura em molas d' aço :
Dando geitos ao cabelo,
Com pevides de marmello.
Pinta o rosto d'alvaiade,
Dá-lhe toques de carmim,
E de cara fica assim !
Dentes do melhor marfim,
São joias d'esse thesouro,
Que, em Lisboa pendurado
Se vê, na rua do Ouro.
Pois se baixarmos ao cólo...
Esse então é puro dólo !
Em crêmes, lava, e relava
O pescoço enverrugado :
E depois, que puxa, eleva
Bambo seio entresilhado,
Finge o resto — é quasi tudo !
Com tal arte, com tal geito,
Que a vista, julga-o perfeito !
Cada um — almofadinha
De *calote*, em fôrma e essencia,
Cheios de sêmea, ou moinha !
E o demais ?... Alto. Silencio...
É tão escabrosa a téla,
Que não recebe aguaréla.
Antes esboço incompleto ,
Que perder por indiscreto.

Cesse a *Vaidosa* — Por hoje...

Pois fica encetada apenas.
Typo de mais varias scenas,
Não sei d'elle : o do xadrez
Author, que calculou tanto,
Aqui não dissera o quanto.
Vaidosa — até outra vez.

Mafra. — Março, 1856.
J. DA C. CASCAES.

O CORSARIO.

Quem dirá que d'estas agoas
Não sou eu somente o rei ?
Este mar mediterraneo,
Ao meu sceptro o sujeitei ;
Porque o meu sceptro é o leme,
E aqui só eu dou a lei.
A minha c'roa é de nuvens
E a ninguem a cederei.

Vira, vira ao cabrestante,
De levariba a virar !
Mette as anchoras a pique,
Que anda o suéste a rondar.
Chega ás ad'riças de gaviás !
Gageiro, vai desferrar ;
Que o navio sente a briza,
E tem saudades do mar.

Deita a bossa ao ferro grande !
Vai seguida a flor d'Argel ;
Batem-lhe as ondas na proa
Como a lança no broquel ;
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do Baixel,
Que salta envolto de espuma
Como fogoso corsel !

Amura bem o latino ;
A beijar ! deixa gemer.
O meu navio é velleiro
E vem o vento a crescer.
Toma cuidado no leme ;
Não vez o pano a bater ?...
Amantilha essa retranca ;
Bom ; ahi. — Deixa correr,

Temos tufão ; salta arriba !
Oh ! mestre ! mande rizar.
Os paus de cutellos d'entro
Sobre joanete ! ferrar.
Mete gavia nos segundos !
Olha a barca !... bom andar.
Cuidado nas arribadas ;
Põe claro para virar !

Lesto a virar ! Leme contro !
Larga as escotas por mão !
A quartella a bujarrona !
Olha a escota do artimão...
Quem prendeu aquella escôta
Em cima do corrimão?...
Tres horas sobre o galope,
Quinze dias no porão.

Uma vella a sotavento !
Vai na bordada do mar...
Chega aos braços de bombordo !

Timoneiro, deixa orçar.
Quem se atreve n'estes mares
Que são meus, a navegar?
Larga tudo e dá-lhe caça,
Vamos a preza tomar.

Oh ! do galope do mastro,
Se gostas de combater,
Acabou-se o teu castigo ;
Tens licença de descer.
Não ficarás sem a parte,
Que te deve pertencer ;
Se no combate mostrares,
Que o perdão sabes mer'cer.

Iça bandeira Argelina,
Vamos começar a acção ;
Tira fóra as escotilhas
Que já temos o mar chão ;
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão ;
Pela melhor pontaria,
Darei o maior quinhão.

Vai tomar-lhe barlavento,
Aprompta para abordar ;
Faz-lhe um tiro ao lume d'agua ;
É tempo de o acordar,
Ferio-o nas obras mortas ;
Arriou sem pelejar !

Vinte homens para a lancha !
Vão meus tributos buscar.

Se o navio fôr velleiro,
Dal-o-hei a meu irmão ;
Se traz formosas captivas,
Que ninguem lhe ponha mão !
Para vós são os thezouros.
As mulheres minhas são.
Quem se atrever a tocar-lhe,
Ficará sem coração !

Cruza gaviás ! d'estas agoas
Quem dirá que não sou rei ?
D'esses monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do seu povo,
Aqui só eu dou a lei !
A minha c'roa é de nuvens,
E a ninguem a cederei.

Povoa de Varzim 1846.
F. G. DE AMORIM.

AS DUAS FRAGATAS.

O sol no mar se abismava,
E da noute o denso veu,
D'estrellas se recamava,
Estendendo-se no ceu.
O oceano socegado,
De eterna luta cançado
Parecia agora dormir.
Nem uma briza gemia ;
Só muito ao longe se ouvia
Triste a voz d'Aleyon carpir !

De repente o ceu toldou-se,
Rugiu ao longe o trovão ;
E acordando o mar turbou-se
Revolto pelo tufão ;
Brame, ferve, corre irado,
Se por Deus não fôr domado
Toda a terra inundará !
Só de ouvil-o as caravanas
Pelas praias Africanas
Erguiam tremendo — Alah ! —

Já nem fulgura uma estrella,
Rapida a noute avançou.
Da negra côr da procella
O horisonte se forrou.
Das nuvens que vem rasgando,

Desce o raio no ar lançando
O seu fulgido clarão.
— Arriba — orça ! — bradaram
Duas vozes que vibraram
Do meio do furacão.

Um clamor tremendo e forte
Que o mar não pode abafar :
Grito de angustia, de morte
De quem vai a naufragar ;
Dos dous navios partira.
Quando n'elles se sentira
Um contra o outro bater !
Passaram alguns instantes,
Sem que a voz dos comandantes,
Se fizesse obedecer.

Orça, Timoneiro ! — Arriba ! —
Clamam os dous outra vez :
Corre a genta ao páu da giba
E os capitães ao gurupés ;
Redobram de esforço e brios :
Cedem por fim os navios,
Começando a governar :
Um que virou pelo vento,
Logo tomou barlavento,
E foram andando a par.

Nem uma falla trocaram
As duas tripulações ;

Nem os nomes perguntaram
Dos navios e nações !
Nem uma á outra equipagem
Bradara o — boa viagem ! —
Que é uzo dizer no mar.
Porém ambas se entendiam ;
Eguaes manobras faziam
Para se não separar.

A manhan já vem rompendo,
Acalma-se o temporal ;
Vão os dous sempre correndo
Com amura e vento igual ;
E do dia á luz primeira.
De ambos os dous a trincheira
Mostra as bocas dos canhões ;
De ambos os dous nas cobertas
As portinholas abertas,
Deixaram ver os murrões !

Eram Fragatas de guerra.
Ambas da mesma nação ;
Mas sendo d'uma só terra
Não têm igual pavilhão!. . . .
Sobre a tolda, vigilantes,
Ambos os dous Comandantes
Pegaram no Porta-voz ;
Como hesitando se olhavam:
A mesma lingua falavam,
Tinham os mesmos avós !

— Oh ! do navio ! Atravessa !
D'onde vens? E aonde vaes? —
E tu? Que Fragata é essa ?
Pertence aos nossos leaes ? —
Venha um escaler á minha....
Viva o rei ! — Viva a Rainha ! —
Mete em cheio ! — Deixa orçar ! —
Atravessa a gavia e gata ;
Rende-te com a Fragata,
Se não eu vou-te arrazar ! —

— Iça flamula e bandeira !
Quer-me arrazar ! vamos ver...
Fogo á bateria inteira !
Cheio mais ! Deixa correr. —
Bradam na outra Fragata !
— Caça a gata e sobre-gata !
Que eu tambem responder sei ;
Grande e gavia a sotavento !
Secco e gata a barlavento !
Fogo ! fogo ! viva o rei ! —

— Bateria de Bombordo !
Tudo prompto a repetir !
Ála os braços de estibordo !
Deixa a Fragata seguir . —
Fogo ! — Fogo ! — ambos bradaram ;
De novo se dispararam
Ao mesmo tempo os canhões ;

Cincoenta ballas partiram ;
Ao mesmo tempo cahiram
As duas mastreações !

Entre o fumo que os esconde,
Cada vez com mais furor
A voz do canhão responde
Ao seu barbaro rancor !
As Fragatas já sem rumo.
Por entre as nuvens do fumo
Vão enfim abalroar !
Arrazadas ambas ellas,
Sem leme, sem mastro, e vellas.
Ambas quasi a naufragar !

Mas o combate não cessa !
Quando se cala o canhão.
Outra peleja começa
Peito a peito e mão por mão !
Como feras se espedaçam ;
Ardendo em furia se abraçam.
Succumbem da mesma dor !
E no oceano adormecido
Tomba primeiro o vencido,
E depois o vencedor !

Nas avarias abertas
Entra a golfadas o mar ;
Sóbe a cima das cobertas
E a carnagem faz parar !

As Fragatas enrascadas,
Vão como Irmans abraçadas
No mesmo leito dormir ;
Dos seus odios esquecidas,
Se foram rivaes nas vidas
Egual morte as vae unir.

Sobre as pôpas, vacilantes,
Se procuram conhecer,
Ambos os dous commandantes
Que acabam de combater.
— Irmão ! — Irmão ! — Comovidos.
Do passado arrependidos
Ambos iam exclamar ;
Eis que os abismos se abriram,
E quando depois se uniram
Só se via o ceu e o mar !

Povoa de Varzim 1855.
F.G. D'Amorim

O MARINHEIRO.

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras ! desferra !
Larga, larga, deixa a terra ;
Iça longo e sem parar !
Fóra sobres e cutelos !
Uma talha aos enderbelos...
Anchora toda a beijar !

Larga, essas vellas de proa !
Gavia grande, todo o pano !
Meu navio é uma C'roa
Sobre a fronte do oceano.
Eu sou rei, aqui domino ;
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre o meu norte
Que me importa o meu paiz?

Onde nasci ?... não o digo,
Por que não o sei ao certo ;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento,

Quando ouvi a voz do vento
Nas galias a sibilar ;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas
Dos meus rudes companheiros ;
Mas tomei amor às vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta,
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez ;
Eu pasmado a contemplava,
A vista me fascinava
O abismo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabelo na frente,
Os meus braços estendia
Para a curva do orisonte.
Sempre de pé na coberta.
Sobre a abobeda dezerta
Adivinhava o tufão ;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que chegasse a ter a idade !

A escola do marinheiro,
É a voz da tempestade.
Oh ! do leme, contro ! arriba ! —
Folga a bujarrona, e giba !
Larga as bolinas de ré !
Carrega a Draiwa e traquete !
Ala velacho, e joanete,
Vá de longo ! bate o pé

Temos vento Les-Nord-Este,
Já vai o cabo dobrado.
Faz proa de sudueste ;
Aguenta o leme ! cuidado. —
Passa talha na retranca.
Olha a escota ! volta franca !
Arria mais... devagar...
Volta! volta. — sete e meia...
O vento não escaceia ;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é n'estes mares,
Meus campos estes banzeiros,
Este navio meus lares,
Minha familia os pampeiros !
Diz-me a voz do cataclismo,
Que dormirei n'este abismo
Aos echos do temporal ;
Envolvido n'estas vellas
Como o anjo das procellas,
Ou como o genio do mal !

Com furia o mar se alevanta
E ás nuvens cuspindo a vaga
Pela tremenda garganta,
O laes das vergas alaga !
O espaço todo se aballa,
Se o trovão rugindo estalla
E o raio lança dos ceus :
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme,
E sobre ella a mão de Deus.

Corre meu fino velleiro,
Até que no ceu se apague
A estrella do marinheiro :
Depois que a onda te esmague ;
Que venha atravez do espaço,
Do senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar :
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar.

Povoa do Varzim 1852.
F. G. DE AMORIM.

A MULHER DE MARMORE.

Heurese la beauté que le poeta adore !
 Heureux le nom qu'il a chanté !
 Toi qu'en secret son culte honore,
 Tu peux, tu mourir ! dans la postérité
 Il legue á ce qu'il aime une éternelle vie ;
 Et l'amante et l'amant sur l'aile du génie
 Montent, d'un vol égal, á l'immortalité !

LAMARTINE. == MÈDIT.

I

Quem és tu? qual é teu ser ?
 És algum anjo de Deus,
 Que anda na terra a soffrer !
 És desses astros dos ceus
 Em cuja luz pudibunda,
 A natureza se inunda ?
 És uma dessas visões
 Que vivem na phantasia,
 Sorrindo á melancholia
 Das perdidas illusões ?
 Quem és tu, formosa imagem ?
 És filha de um sonho vão ?
 És... o que és ? vaga miragem...
 Tens ou não tens coração ?
 Oh ! não tens !. . tu és mulher ;
 É pedra todo o seu ser.

II

Não tens coração ; não tens

Senão a dura materia,
Onde nascem taes desdens,
E tanto orgulho !. . . miseria.
É de desprezo esse rizo ?
Mas sabes tu quem sou eu ? . . .
Posso expulsar-te do ceu,
Ou levar-te ao paraizo !
Posso dar-te um ceu d'amor,
Ou um inferno de dor.

III

Sou poeta, eu : sou rei,
Cujo sceptro e cujas galas,
Não se alcançam n'essas sallas,
Onde os ignaros dão a lei.
Onde tu vives !. . . aonde
Te querem como rainha...
Onde o vicio-rei, caminha,
E a virtude a face esconde !
E desses vassalos queres ?
Por esses me has de trocar !
Oh ! como são as mulheres !. . .
O seu prazer é reinar.
Reinar na salla, na praça,
C'o a razão, ou c'o a folia ;
Reinar até na desgraça,
Inda que seja um só dia !
Tarde, ai ! só quando perdidas,
Se mostram arrependidas !. . .

IV

Mas desse prazer os travos,
Tarde-embora ! — chegarão.
Em tua corte de escravos,
Não terás um coração !
Vê bem o que vais fazer ;
N'um momento de demencia
Jogas a tua innocencia,
Por instantes de prazer !
Vê se tens a cobardia ;
Pelo gosto da vaidade,
De aceitar a potestade
Que orna mal uma agonia;
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um Deus !

V

Sou rei — sou Deus ; — a poesia
Brotava do meu coração,
Em torrentes de harmonia,
Nas horas da inspiração.
O poeta é um rei, um Deus :
Tem de um Deus toda a grandeza,
Quando á sua mente aceza
Desce uma chama dos ceus !
Quando invoca do passado
Os reis, os povos, a historia ;

Quando canta uma victoria,
Ou conforta um desgraçado.
É sempre um Nume o poeta :
Quando canta as deventuras,
Ou as desgraças futuras,
Se faz tremendo propheta.
Para ouvir-lhe o doce canto
Param as ondas do mar ;
Comovidas com seu pranto
Calam-se as aves no ar.
Resplandecem as estrellas,
Mais perfumes dão as flores,
Se o poeta á vista dellas
Canta e suspira de amores.
Tornam-se as noites serenas,
Mais branda a lua fulgura ;
Se elle conta as suas penas,
Se lhe sorri a ventura.
Até com os cantos seus
Folgam os anjos de Deus !

VI

Só tu me queres fugir...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como suspira a saudade !
E por quem me vais trocar...
Regeitas do amor a palma,
E á turba que não tem alma,

Por vangloria te vais dar !. . .
Desprezas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes ;
Para seguir os venaes,
Deixas o ceu pelo inferno !
Ganhavas perpetua fama
Nos eccos da minha lyra ;
Nosso amor aos ceus subira
Cercado de etherea chama.
Em versos de ouro cantada
Serias, como a Leonor ;
Como a Laura, celebrada,
Tua vida fôra amor.
Oh ! não ! que o não merecias ;
Sempre marmor ficarias !

VII

Vai ; quebrou-se o meu encanto ;
Nunca mais hasde ouvir queixas.
Sei que te aborrece o pranto ;
Que zombas destas endeixas...
Vai ; dura pouco a belleza,
E depois que ella passar,
Diz adeus á realeza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida :
Sentindo acabar a vida,
Sem começar a ventura.

Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Vai ; que eu te não torne a ver,
E concedo-te o perdão.
Se o meu amor não quizeste,
Mais um poeta fizeste.

Lisboa 1855.
F. G. DE AMORIM.

LEMBRAS-TE

Diz-me Julia, não te lembras
Da nossa aurora de amor,
D'aquelle beijo primeiro
Dado com tanto temor ;
Palavras apaixonadas
De beijos entrecortadas.
E tuas faces coradas
De virgindade e pudor ? . .

Como era bello esse tempo
Em que tudo nos sorria !
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia !

Os dias eram mais curtos,
As horas... essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam ;
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam !

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura ,
Em cada hora — uma esperança,
Cada dia — uma ventura ,
Cada rosa — uma illusão ;
Nos labios — uma canção,
Aqui no peito — um volcão,
Em ti Julia, — a formusura !

Mas diz-me tu não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil ?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'annil ? . .

N'um jardim todo florido
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados ?
Como eu sorvia anhelante,
Quasi louco, delirante
O sorrir interessante
De teus labios tão corados ? . .

Os teus olhos eram — chammas,
A tua bocca — um portento,
As tuas faces — mimosas,

Tua expressão — sentimento ;
Eu olhava extasiado,
Eu soffria callado
Esse sentir abrazado,
Esse amor que era — tormento !

Os olhos então fallavam
Uma sublime lingoagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,
Embalando docemente
Ora as agoas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus labios aos teus
Que abrasavam de calor.
Como coraste de pejo
Ao matar esse desejo...
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor !...

.....
.....

Diz-me Julia, não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso

Esse teu rosto gentil ?..
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil? . . .

Março — 1856
CASIMIRO ABREU.

Á DISTINCTA POETISA

D. MARIA C. C. C.

I

Mandaste-me cantar quando eu chorava
Sósinho e sem conforto
Á beira d'um sepuchro !
Oh ! tu não sabes como é triste a vida
Para aquelles que vive no abandono !
Como as horas da noite correm lentas,
De sombrias imagens povoadas ;
Como o silencio assusta !
Como n'um coração ermo de affectos
Côa o pavor da morte
Quando contempla a solidão que o gela !

II

Oh ! tu não sabes como é triste o ermo !
Flor animada nos vergeis formosos
Da beira do Mondego,
Nunca provaste da amargosa taça
Onde eu tenho bebido.
Doce orvalho dos ceus na tua fronte
As rozas da innocencia vivifica ;
E dos teus as caricias extremosas
Te levarão do berço á sepultura.
Quando da bella haste em que nasceste
Palida para a terra te inclinares,

O amor e a saudade,
Teu nome repetindo
Farão chorar por ti o ceu e a terra.

III

Porem eu vago errante pelo mundo
Sem norte conhecido ;
Entre lavas e gelos me revolvo,
Sem que ao menos um echo me responda,
Quando os hymnos d'angustia
As cordas de minh'alma despedaçam.
Oh ! perdoa, gentil, mimosa virgem,
Meus acerbos queixumes ;
As notas da tua voz harmoniosa
Minha dor mitigaram ;
O acre de meus prantos adoçaste
Com tua sympathia ;
E para ouvir as tuas harmonias
Calei os meus gemidos.

IV

Mas ai ! a melodia de teus carmes
Não pode dar-me vida.
A minha solidão qual d'antes era,
Ou mais triste ficou depois de ouvir-te.
Se volves a cantar... ai ! não, não cantes...
É meiga a tua voz, doce o teu canto,
Mas o meu coração vive dezerto

E fervido te amara,
Se outra vez lhe fallasses de conforto.
Oh ! não é de te amar que temo a culpa,
Nem os crimes de amor o ceu castiga.
É que se te eu amasse morrerias,
Por que a morte vigia os meus affectos
Para os assassinar inda no berço !

V

Foge ai ! fuge de mim ! não me lastimes ;
Pode ser-te funesta a sympathia
 Que minha dor te inspira.
Eu não sei o que fiz e em que mereço
O destino fatal que me persegue;
Mai ai ! dos que de mim se compadecem !

VI

Não sabes como vivo ? Entre sepulchros
Meu pezado horisonte se limita ;
Meus olhos torvos com terror se movem,
 Tristes, embaciados,
De uma para outra sepultura ;
E se no alvor das campas se desvairam
Em vão se volvem procurando a vida !

VII

Tudo em torno de mim respira morte,

Solidão e silencio !

Eu cuido ás vezes não ser já do mundo,
 Quando vejo passar tantos fantasmas
 De perdidas venturas,
 Converte-se-me o corpo em fria pedra,
 E sinto-me descer a pouco e pouco
 Ás entranhas da terra ;
 Ouço a lousa bater com surdo estrondo,
 E o susurro dos vérmes que se agitam
 Para vir devorar-me !....
 Quando desperto desses pezadellos
 E me vejo na terra solitario,
 Quizera transformar em realidade
 Essa visão da tumba,
 Filha de meus sentidos perturbados !

VIII

Adeus, pois ; o meu canto são gemidos
 Ou dolorosos gritos de agonia...
 Não os queiras ouvir ; canta se podes
 Teus hymnos d'esperança ;
 Mas não falles de gloria ao muribundo
 Que só a paz dos tumulos deseja.
 Eu nasci para as dores,
 Como as estrellas para o ceu nasceram,
 E para o campo as flores...

1856.

F. G. D'AMORIM.

SAUDADE.

Dize-me inteira a verdade ;
Donde te veio o desejo
De saber o que é saudade ?
Tão feliz és, que na vida
Não tenhas, sequer um dia,
Visto uma nuvem sombria
Toldar-te da esp'rança o ceu ;
Ou nunca o teu pensamento
Se volveu com sentimento
Ao passado que morreu ?
Então não sabes de certo
O que é esta dor sentida,
Que nos traz sempre de perto
Uma ventura perdida !

Se eu de ha muito não houvera
Aprendido a padecer,
Comtigo lições tivera
De não ter mais que aprender.
E tu perguntas-me ainda,
(Ha na pergunta maldade)
Se eu não sei o que é soffrer,
Se eu não sei o que é saudade ? !

Pois não sei ! Pois eu que a vida
Trago presa a um olhar teu,
E que á tua imagem qu'rida,

Dei culto, razão e fé :
É possível que a saudade
Então não saiba o que é?

Sei demais. Se te não vejo,
Nem pergunto ao coração,
Porque me corre o desejo
Tão longe de mim então :
Nem porque vaga tristeza
Me enluta as compridas horas,
Que ao recordar-me o teu nome
Envolvida na saudade
Vem a dor que me consome !

Se por acaso os teus olhos
Nos meus se fitam um dia,
Que lenta e funda agonia
Segue o momento encantado,
Em que eu andei embalado
Nos sonhos da phantasia !

E tu, duvidas que eu sinta,
E que saiba o que é saudade !
Pois o que é esta anciedade,
E este bemquerer incerto,
Que te traz sempre tão longe,
E sempre de mim tão perto ?
Dize mais : pois este affecto
Que vive desamparado,
De que vive ? Por que dura ?

Por que não tem acabado
Se anda tão longe a ventura ?

É que a saudade alimenta
Este sonho, esta chimera,
Que só por mim é sentida,
Que só em mim é sincera.
Sabe pois que a minha vida,
(Jurei fallar-te a verdade)
Só póde ser entendida
Por quem saiba o que é « saudade. »

L. A. PALMEIRIM.

**Á MEMORIA DE D. ANNA DA
CONCEIÇÃO DE MELLO FRAGA, E
DE SEUS FILHOS ANGELA E
ALFREDO, FALLECIDA A 1 DE
SETEMBRO DE 1855.**

En ce Dieu de pitié j'ai mis ma confiance
Trop sur de ses bontés, je vis en assurance
Qu' n Dieu, qui par son choix au jour t'a destiné
A dès feux éternels ne t'a point condamné.

CHAULIEU.

Gentil, amada prenda, tu não sentes
Os tristes ais, que em tua perda exhala
 Teu desolado esposo,
As copiosas lagrimas ardentes,
O desespero, a dôr, que o peito estala
 Com golpe tão custoso.

Não sentes, não, que a sanguinaria morte,
Hedionda, cruel, e sem piedade,
 Te arrebatou a vida :
A mim, triste infeliz, me coube a sorte
Abrir-me o coração, de atroz saudade,
 Incuravel ferida.

Tão cedo te perdi, quando esperava
Fizesses a ventura dos meus dias
 Doce união gosando ;
Um destino fatal tudo mudava,
De esp'ranças mallogradas alegrias
 Em luto transformando.

Tão joven, tão gentil, e tão prendada ,
Com cinco lustros, não completos inda ,
 Te encerra a sepultura !
Nem rogos me attendeu, nem preces, nada,
Numen severo assaz, que o ser te finda
 P'ra minha desventura.

Como a mimosa flor, que foi cortada
Por mão de descuidoso jardineiro
 Antes do tempo dado,
Quando havia de brilhar, jaz desfolhada
Sem graça, formosura, côr, nem cheiro,
 Sem viço, sem agrado :

Assim, amado bem, na primavera
Da linda mocidade arrebatava
 A tua vida e morte ;
Alçando o ferro a vil, sanguinea fera ,
Sem dó, sem compaixão descarregava
 Fatal e duro corte.

Não me bastava a dôr de haver perdido
Meus amados filhinhos, caras prendas
 Do nosso amor sagrado ?
Tinha o meu coração pouco soffrido ?
Assaz não tinha já magoas horrendas
 Para ser desgraçado ?

Perdi Angelasinha, alminha pura ,

Que um anjo era no nome e na pureza ,
Perdi o meu Alfredo,
De graças infantis, meiga ternura,
De mansidão dotado e de beleza,
De gesto lindo e ledô.

Destruída então vi a doce esp'rança,
Desfeitas illusões do pensamento,
A futura alegria,
Que d'antemão gosei, mais a bonança
Do espirito mudadas n'um tormento
De penosa agonia.

A fera morte a todos foi levando,
E deixou-me a afflicção, angustia, pena,
Que em torno a si semeia ;
Mas, suprema vontade respeitando
De um Deus, que assim o quer, assim o ordena,
Dever a dôr sopeia.

Resignei-me adorando a mão severa,
Que tão forte castigo me inflingia,
E me humilhei prostrado :
A pena o coração me dilacera,
Da saudade, e mortifera agonia,
Jámais abandonado.

Um só bem n'este mundo me restava,
Esse mesmo perdi tão prematuro ;
Era a fiel consorte :

Morreste, unico bem, que eu só contava !
Como resistirei ao transe duro,
Sem ter quem me conforte?

Como heide resistir a paixão tanta ?
Como posso esquecer a tua lembrança ?
Da mente não me passa :
Perpetua dôr a força me quebranta,
Co'a vida amargurada, e sem esp'rança,
P'ra minha mór desgraça.

Como posso esquecer tanta virtude,
De que o ceo te dotou, e tanto dote
De corpo, e de alma ornada,
Sem defeito, sem mancha, ou vicio rude,
Que em tua curta vida se note?
Tão curta e mallograda !

Como esquecer heide eu a paciente
Resignação christã, que tu mostraste
Na tua enfermidade ?
Com tanta placidez, gesto contente,
O espirito abatido me animaste
Co' angelica piedade.

Teu maternal amor tão extremoso
Pelos caros filhinhos, que perdemos,
Te aggravou a doença :
Com grave sentimento doloroso
Viste dos mallogrados teus extremos

Tão triste recompensa.

Tua força vital enfraquecida
Não pôde resistir a tanto abalo,
 Succumbiu aterrada ;
Mas, da divina graça esclarecida,
Sempre mostraste ser, sem intervalo,
 Christã e resignada.

Té o fatal instante derradeiro
Soffreste paciente e edificante,
 O mais atroz tormento,
Sendo exemplo fiel e verdadeiro,
De admirável virtude tão brilhante.
 Digna de acatamento.

E pude eu ter-te, sem morrer de pena,
Entre meus braços já inanimada,
 N'elles rendendo a vida !
E pude contemplar a triste scena
De ver a morte reduzir-te ao nada,
 Ver a fatal partida !

Tão penosa lembrança me atormenta,
E a vida pouco a pouco assim me acaba
 Em lugubre tristeza ;
Do espirito a contínua, e grã tormenta,
Em ruínas o corpo me desaba
 Com asperrima f' reza.

Ah ! Não mais dos filhinhos ser-me dado
Gosar de seus affagos innocentes,
Nem dos da casta esposa !
Triste no mundo, só, desamparado,
Vou regando com lagrimas ferventes
De seu sepulchro a lousa.

O coração me corta esta lembrança ;
Perder tudo o que mais na terra amava,
Para sempre perdel-o !
Nem ao menos me resta a fraca esp'rança.
Com que a recordação se adormentava,
De poder esquecel-o.

Como um amante, terno passarinho.
Que só na prole sua e companheira,
Põe todo o seu cuidado,
Quando as vê mortas, derrubado o ninho,
Espavorido foge, na carreira,
No voo todo assustado :

Tal estou n'este mundo, e solitario,
Triste, abatido, da saudade oppresso,
Em tormentosa lida ;
Para ao termo chegar do meu fadario,
Debalde ao ceo irado a morte peço ;
Pois me aborrece a vida.

Mas enquanto a existencia amargurada
Pela paixão, saudade, dôr e pranto,

Vae ao seu fim chegando,
Minha alma tão afflicta e consternada,
Encontra allivio no sentido canto,
Que a dôr vae mitigando.

No verso triste, sem cultura e arte,
Deploro a perda dos amados entes,
Para quem au vivia,
N'elle só sentimento e amor tem parte,
Amor, que se traduz em vehementes
Suspiros e agonia.

Sobre a marmorea lage, a qual encerra
Mortaes despojos, tão de amor chorados
Por humana fraqueza,
Ali c'o pranto meu inundo a terra,
Ali suspira, chora entes amados,
A fragil natureza.

As campas sepulchraes ali molhadas
Co'as lagrimas do pae, do terno esposo,
Serão diariamente...
Mas, ah meus prantos, penas magoadas,
Não lhes perturbeis mais celeste goso
Da gloria permanente !

Da bemaventurança gloriosa,
Que á vista gosam do Creador supremo
Na divina morada :
Dae-me, oh Deus, igual sorte tão ditosa.

Junto aos entes, que amei com tanto extremo !
Oh sorte afortunada !

E tu, oh querido bem, cara consorte,
Que já no ceo desfructas descansada
O premio da virtude ;
Pois que nos desuniu na terra a morte,
Para a união no ceo nunca acabada,
O rogo teu me ajude.

Carnachide 26 de maio de 1856.
A. M. TIBURCIO DE FRAGA.

SUSPIROS E SAUDADES.

Patria minha,
Terra amada,
Tão presada,
Que eu perdi !
De ti longe
‘Stou chorando,
Suspirando
Só por ti !

N’este exilio
Tão remoto,
A ti voto
Meu amor.
Tua imagem
Amo tanto,
Que meu pranto
Junto á dôr.

Oh que vida
Desgraçada,
Contristada,
Tão cruel ! ...
Da saudade,
Miserando,
Vou tragando
Negro fel.

Meus suspiros
Dolorosos
Tão saudosos
Solto em vão.
Esta pena
Redobrada
‘Stá gravada
Na paixão !

Quando, ó terra
Tão amada
Suspirada,
Te heide ver ?
Em ti q’rida
Deus permitta
Tenha a dita
De morrer.

Patria minha,
Terra amada,
Tão presada,
Que eu perdi !
De ti longe
‘Stou chorando,
Suspirando
Só por ti.

Pernambuco, julho de 1856.

KEMPIS.

AO SR. L. A. REBELLO DA SILVA.

Anai, fili, verba mea, verba suavissima, omnem philisophorum, et sapientium hujus mundi scientiam excedentia

Et dixi : Beatus, quem tu erudieris, Domine, et de lege tua docueris eum : ut mitiges ei á diebus malis, et non desoletur in terra.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

I

Para os que soffrem pode ser que eu tenha
Um carne triste dos que não consolam,
Mas triste, sem rasgar mais funda a chaga,
Que deixou n'alma o desengano acerbo.

Para os que soffrem só conheço um livro.

Foi KEMPIS que o sentiu ? é obra d'anjos ?
Que importa o nome ? Eu sei que o pranto é doce
Vertido n'essas paginas ungidas
Do balsamo divino que mitiga
De todas as paixões a dôr e a febre.

É santo o livro : ha providencia n'elle.
Nas tempestades d'alma, quando bramam
As revoltas paixões, quebra-se a onda
Na rocha immovel da paciencia. Em lagrimas

Desfaz-se a nuvem negra que nos cerra :
Em lagrimas que são allivio prompto
Como as gotas do sangue que distilla
O que sente na fronte os vivos estos
Da congestão moral. É santo o livro.

II

A mão afoita o homem rasga os veios
Aonde a terra entranha o oiro e o verme.
Alenta-se o furor dos gosos novos,
Veliscam-se as paixões enfraquecidas.
As cobiças despoticas recrescem,
Tiram-se ás fontes do prazer exausto
Correntes mais caudaes, mais grossa veia
D'este novo maná que nutre o vicio.

As idas gerações verteram sangue
Na cama d'esta arvore fecunda,
Vergando ao peso dos çumosos pomos
Que nós, herdeiros d'ella, imos colhendo.
Foi trabalho de seculos : a vida
Dos que foram d'aqui mal-pagos d'elle,
Provada foi de esforços mais que humanos.
A grande aspiração, a luz remota
Que não viram brilhar os olhos d'esses,
Vimol-a nós, abastardada raça
De agigantados pulsos inda escriptos
No granito gigante da *Batalha*.

Foi trabalho de seculos : é nossa
 A rica herança de esforçados homens,
 Que vestiram de malha, e gotejaram
 Por entre o ferro o sangue generoso,
 Preço dos gosos mil que nos deslumbram.

III

Somos felizes, pois ? O velho d'oiro
 Foi dado a todos que arrostaram bravos
 A furia do dragão que, vigilante,
 Ao ver a luz, as garras recurvava ?
 Ergueram sobre o pó do velho mundo
 Mesa farta de pão onde a indigencia
 Venha sentar-se a quinhoar da gloria
 De tel-o merecido ? O frio e a fome
 Não tem já prêa onde pascer as iras ?
 Debaixo d'este sol fertilisante
 Nasce á porta do pobre a messe e a vide ?
 Liberta dos grilhões do pensamento,
 Livre para pedir pão e trabalho,
 A humanidade triumphou ?

Mentira.

IV

O homem soffre e geme. A existencia
 É agra, é fel servido em taça d'oiro.
 O riso do feliz é a cal do tumulo :

Ha de vermes lá dentro um roer surdo.
 Taes jubilos não vem ungidos d'alma.
 Do coração ao rosto o pensamento
 De remorso que foi torna-se em riso.
 Não é o pobre só victima do oiro :
 Primeiro, o rico geme escravo d'elle,
 Escravo, sim, que eu prescritei o fundo
 De muitas almas vis, e contristado,
 Ousei dizer a Deus — que extrema escoria
 Devera o homem ser.

Quaes os felizes ?

São esses que revallam delirantes
 No florido despenho do sepuchro ?
 Ha muito espinho ahi sob essas flores :
 Primeiro, à honra geme ahi pisada
 Aos pés do que, depois, vae, fronte altiva,
 Marcadejando a oiro a alheia honra.

V

Oh meu Deus, para mais fizeste o homem
 Não pode ser só isto o seu destino.
 Os olhos meus perdidos vão no espaço,
 Buscando-vos, Senhor : encontro apenas
 O vosso immenso livro, em igneas lettras
 Aberto para mim que não sei lêl-o.
 Então só sei temer. Meus olhos correm
 Por sobre o mar, de vaga em vaga, e ao cabo

O firmamento desce ante meus olhos,
E o segredo d'além me furta á mente.

Será crime, Senhor, a minha audacia !

VI

Ao pé da campa, sim, posso buscar-vos :
Ahi, curva-se humilde a fronte do homem
Que poz a debil vista audaciosa
Na balisa final do seu destino.
O cadaver me diz no seu silencio
Que é preciso sellar o labio ousado
Que te invoca do ceo, justiça eterna !
E o anjo da bonança então me affaga.
As pulsações da febre ardente esfriam.
Teu livro, oh KEMPIS, vem na mão do anjo :
Eu lagrimas te dou, e tu por ellas
Dás-me, primeiro, a fé, depois a esp'rança.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

INVOCAÇÃO

Archanjo da poesia, vem dos astros
Á lyra inspirar sentidas trovas !
Revela-me esses canticos, que os anjos
Em torno do Senhor cantam alegres !
D'esta lyra, a ti, anjo, consagrada
Tira um canto d'amor, do fundo d'alma
Que voando no ar, e ao ceo erguido
Ás aras do Senhor chegue fulgente !
Dá-me os hymnos d'amor puro e celeste,
Que ás plantas de Leonor suspira o Tasso !
Que eu possa nas horas da saudade,
Minhas crenças d'amor, da patria crenças ;
Com suave soffrer, saudoso enleio
Em lagrimas pintar, pintar em risos !
Da patria... cala, cala, ó minha lyra,
Não ergas o sudario do cadaver,
Que Portugal não ousou já chamar-lhe !...
Do seu grande valor só resta o nome.
Não tenho nobres cantos de victoria,
Nas lagrimas sentidas no sepulchro
Como filho amoroso hei-de votar-lhe !
Archanjo da poesia, vem não tardes,
Ergue no peito meu fulgente chamma :
A minha mente eleva, a ti consagro
Os meus cantos d'amor, de liberdade !
Inspirado por ti, por ti valente
De loiros immortaes cingida a fronte,

As portas transporei da eternidade :
No regaço dos anjos meigo somno
Contente dormirei. Potente archanjo,
Por ti um Deus serei, serei poeta !
Nada valem meus canticos sentidos,
Sou pobre trovador, vate sem nome,
Porém, sendo da patria amargos prantos,
Inspirações d'amor, do amor mais terno,
Os assumptos lhes conferem a valia,
Que o meu nome sem nome lhes negava !
Archanjo da poesia, vem nas horas,
Que as vastas solidões cantam saudade,
Que as estrellas attestam scintillantes
Velar no firmamento um Deus eterno,
Vem dar aos cantos meus, força gigante ;
Abraçar-me na terra, archanjo santo :
Vem dar-me a inspiração pura, esplendida
Que aos poetas do mundo has tributado,
Que em harpas de Siam brilham cadentes.
D'amor e liberdade são meus cantos
Se n'elles ao meu Deus votei a crença
Por elles um Deus serei, serei poeta ;
Galhardo, e santo e puro, e meigo e bello.
Archanjo da poesia, a ti minha alma.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

O LYRIO.

Formoso innocente lyrio
Na campina o solio tem,
Foram impios arrojál-o
Á sociedade tambem.
Ai ! flor triste de saudade
Porque roubar-te d'além ? !
És a flor do sentimento,
Vives só do soffrimento,
Nada vens fazer aqui !
Nem martyrio, nem saudade,
Nem goivos, nem violeta
Como tu soffrem a dôr ;
E ao coração do poeta
Fallam taes fallas d'amor.
Sempre funebres e tristes,
Querem a morte apontar ;
Na resignação em que existes
Queres a Job retratar,
Sorrindo a tanto rigor ? !
O martyrio triste canta
Do Christo a dôr, e levanta
A voz, dizendo — choraé ! —
Falla sentida a saudade
Do riso e pranto da edade
Que morreu, que já lá vae !
Funebre o goivo na loisa
Do passado é triste voz ;

Na violeta só repouso
Chorada magua d'amores
De que as rosas foram dores
Dos espinhos vindo apoz !
Ai ! que vens fazer aqui,
Não te adora aqui ninguém ;
Sómente o sorrir d'escarneo
A tristeza insultar vem ;
Ao pranto que não se esconde
O scepticismo responde
Co'as gargalhadas que tem ;
Meu lyrio, deixa a cidade ;
Que é tremenda a sociedade
Crê na voz d'esta verdade.
— Não te adora aqui ninguém ! —
Estes risos, estas festas
São falsas, mentiras são ;
Vivem rosas nas florestas,
Vive o fel na multidão !
Involtos de mil enganos
Estes sorrisos profanos
Não iam nunca insultar-te,
Meu lyrio, na solidão !
Aqui soberba e vaidosa
Ergue a fronte altiva a rosa,
No seu vaidoso sorrir !
Porém eu não sei amal-a...
Porque a rosa só me falla
Dos tropheus que conquistára
N'um sorriso enganador !

Ai ! não a invejes, meu lyrio,
Não a invejes porque a rosa,
Hade murchar-se pendida
E hade saber que tem vida
Por soffrer da morte a dôr ;
E na campa nem um pranto
Plantará triste saudade ;
Que a rosa vivendo tanto
Não viveu nunca d'amor !
Ai ! meu lyrio, como é santo
Em face da eternidade
Resar aos pés do Senhor !
E escutando no jazigo
Sentir as cinzas do amigo
Agradecer tanto amor.

E tu, donzella formosa
Formoso lyrio que amei ;
Deixa as vaidades da rosa
Ama a tristeza sentida
Do luto que alenta a vida
Dando os affectos por lei.

Archanjo, ama comigo, ama a saudade,
Ama o triste sentir do rôxo lyrio ;
Que o sentimento é Deus, é a verdade,
A corôa de Jesus foi de martyrio.

Eu amo a pobre flor quando vaidosa
Flôres de tanta côr brilham aqui,

Ella triste, e modesta e lacrimosa
Viuva d'alegrias não sorri.

E eu amo a pobre flor, quando esmaltada
Do orvalho da manhã, sorri a Deus ;
Amo-a espelho do sol, quando orvalhada
Reflecte linda e pura os raios seus.

Eu amo a pobre flor, quando sósinha,
É mimosa, e roxa, e triste no jardim,
Que symbolo do luto, é a rainha
Da tristeza e da dôr que vive em mim.

E eu amo a pobre flor, porque me acalma
Ver tanta resignação n'um tal penar ;
Porque eu leio na flor o luto d'alma
Que a dôr e o soffrimento faz trajar.

E eu amo a pobre flor, quando a procella
A faz vergar na terra... ali... findar !
Não vae ali ninguem soffrer com ella,
Uma lagrima ninguem lá lhe vae dar.

Meu anjo, ama comigo, e na orphandade
Adora a pobre flor, adora o lyrio !
Ama a dôr e o soffrimento, ama a saudade !...
A corôa de Jesus foi de martyrio.

Junho de 1855.
F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

UM BEIJO.

Perdi-te, archanjo, deixei-te,
Parti só. De magoa e dôr
Hade a ausencia rodear-te,
Pungir-me por meu amor !
Mas quis a sorte ! Saudoso,
Crua dôr é minha lei ;
Lenitivo ao meu tormento,
A lembrança do momento,
Que o teu peito ao meu juntei !...
Em que te vi !... Por te amar
Te abracei ao peito meu,
Então Deus baixou do ceo
Nossa amisade a sagrar !
N'esse instante foi a vida,
Como rosa desprendida
Do regaço a Virgem mãe
Que me deu nova existencia ;
Foi a voz da Providencia
Dando-nos vida tambem !
Tudo acabou. Resta ainda
A lembrança, que não finda
D'essa vida, e fogo e luz,
Resta a dôr da despedida,
N'um beijo que leva a vida
Deixando da vida a cruz !

Fui feliz !... O beijo santo

Teve o sello d'esse pranto
Que só vem do coração !
Que as almas nobres derramam
Quando tormentos as chamam
A cumprir triste missão
Que do ceo nos traz a palma
Que d'uma alma a outra alma,
Leva fogo d'um volcão !
Esse beijo, ó anjo, os laços
D'eterno affecto cingiu ;
Duas almas em abraços
N'uma só alma fundiu !
Esse beijo, foi sagrado,
Como o da filha estampado
Na face morta da mãe !
Foi ardente enebriante
Como o beijo do amante
N'amante virgem que tem !
Quem sabe ? Talvez a sorte
Me separe á voz da morte
Eternamente de ti ? !...
Quem sabe se foi tal beijo
Derradeiro... e te não vejo
Nunca mais ao pé de mim ?

Morrer longe ? ! Separado
Nem poder a ti ligado
Ao teu sepulchro baixar ?
Na tua campa singela
Junto ao ente que te amar

Não te dizer — também vela
Por ti meu hymno christão !
E por ti uma oração,
Não ir, meu anjo, resar ? !
E se eu morrer ? No jazigo
Teu sentido pranto amigo
Nem minha alma acalentar ? !...

É cruel, é triste a vida,
Pallida sombra vestida
Por mil pompas festivaes !
E n'um rapido momento,
Nos baqueia o pensamento,
A razão, a intelligencia...
E o que deixa a Providencia
D'essas luzes divinaes ?...
Os andrajos da mortalha,
Um pobre pó que se espalha,
Um cadaver — nada mais !

Esse beijo não tem morte
Na vida do coração !
Leval-o d'esta alma, não !
Nem morre virgem o ecco
D'esse cadente suspiro
Que volveu rapido gyro
Do teu ao meu coração !
Se ficar só... se orgulhosa
A morte ceifar a rosa
Da tua vida em botão !

Morrerei !... Deus m'ó revela,
Mas no raio d'uma estrella
Te verei de novo então !
Verei, sim, que já um anjo
Foi a Deus perdão rogar,
Porque o pedir d'um archanjo
Meu indulto hade alcançar !
Hade sim, porque na vida
És estrella reflectida
Da frente do Senhor Deus !
Então seremos felizes
Em aromas e matizes
Vae a vida então correr !
De ternos santos abraços
Hãode eternos ser os laços,
Eternamente a viver !
Rasgados da vida os veos
Paga Deus em recompensa
D'este amor, e d'esta crença
A vida santa dos ceos.

Lisboa, Agosto de 1854.
F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

POR TI.

Fui altivo como a vaga
Rugindo altiva no mar,
Como o leão dos desertos,
Como as aguias a pairar,
Valente como Alaxandre
Pela Persia a batalhar.

Mas sorri, vendo sorrir-me
O astro dos astros rei,
Julgando ver já verdade
Tantos sonhos que sonhei,
Nos olhos da virgem lendo
D'alto amor potente lei.

Curvei a fronte orgulhosa
Curvei-a só por amar,
Julguei ver nos olhos d'ella
Amor eterno a fallar !
Foi esse sonho innocente
Sonhado sem repouisar.

No mar vi rolar as ondas,
Senti crescer meu valor !
Ao ver seu rosto fageiro
Nasceu no peito uma flor,
E cresceu, medrou altiva
A linda rosa d'amor.

Li no mar — a immensidade
Rugindo aos pés do Senhor,
Nos olhos da virgem bella,
Da virgindade o pudor ;
N'um e n'outra li mais tarde
Deus eterno, eterno amor ! —

Lindos olhos mais formosos,
Mais lindos, ninguem os tem !
De quanto é bello na terra
Inda a virgem passa além !
Ai ! sorrir mais desdenhoso
Não sabe sorrir ninguem.

E se a linda virgem dera
Ao rei dos mundos amor ;
Se a rosa da Primavera
Lhe votara o seu frescor,
O rei dos mundos quizera,
Por ella os mundos depor.

Verguei fraco a tanto peso.
Tive só força de amar !
Não a amar vendo-a tão bella
Fôra de Deus renegar !
Dei-lhe a vida, e mais lhe dera
Se inda mais podera dar.

UM DESEJO.

Tu pedes-me um canto ? Só magoas sentidas
Nas cordas da lyra se podem casar ;
As trovas d'encanto ja foram perdidas
De feras desditas em rapido mar.

Eu nada já tenho dos tempos passados,
Dos tempos que a vida s'enlaça ao porvir,
Que amor, liberdade são nomes sagrados
São astros luzentes d'eterno luzir.

Agora em sentidas, em ternas endeixas,
Só posso o passado chorar na soidão,
Lembrar-me dos sonhos !... e em horridas queixas
Dizer-lhes — mentiste ao meu coração!

Desejo que as crenças que sentes no peito,
Que Deus não permitta manchar-t'as ninguem !
Sem crenças na terra cae tudo desfeito,
Sem ellas a vida nos foge tambem.

D'esses lábios formosos de côr purpurina
N'um terno sorriso soletras pudor,
A mim o sorriso cruento m'ensina,
Affectos mentidos, escarneo d'amor.

Contrito que vendo de ferros cingida
A patria formosa do teu suspirar,

Tu sonhas heroes votando-lhe a vida,
Que a patria valentes hão de ir libertar.

Mas eu se diviso cardumes d'espadas
As leis promulgando na voz do canhão,
Antigas algemas diviso trocadas
Por mais infamante cruel servidão.

São estas verdades, verdades pungentes,
Que pungem bem fundo no meu coração,
Eu não desejara fazer-t'as patentes,
Dizer-te que impera no mundo a traição.

Ma eu que anhelante na busca das crenças
D'amores, liberdades, a vida passei,
Que todas vi mortas nas trevas immensas
D'immensas infamias que nunca sonhei ;

Não posso dizer-te que a vida que é bella !...
Porém eu desejo, de ti fuja a dôr,
Desejo que tenhas no mundo uma estrella
D'eternas venturas, de rosas d'amor.

Coimbra, junho de 55.
F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XIV

PRIMEIRO DA QUARTA SERIE.



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1837.)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES

TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1837.

O ESCRAVO BRANCO

Quem nunca saiu da terra
Onde lhe coube nascer,
Não sabe o que são saudades
Que a alma pode conter !
Da nossa patria a lembrança,
Até a fé em Deus cansa,
Quando nos morre a esp'rança
De tornal-a ainda a ver.

Eu nasci longe d'aqui,
E do meu solo natal
Trouxeram-me as ambições
A este imperio real:
Imperio que no passado,
Do mesmo rei governado
Foi um irmão extremado,
Dos reinos de Portugal.

Dizem lá, por entre os meus
Que quem quer muito ganhar,
Parta ás terras do Brazil
Ricas fortunas buscar;
E este dizer tão mentido,
Me faz hoje estar vendido
Rival do negro abatido
Sem me poder resgatar !

Eu era pobre, mas livre
Vivia na minha aldeia,
Tinha afagos de família
Que longe por mim pranteia.
Agora tenho a saudade,
Dos gosos da liberdade
Que troquei n'uma vaidade
Aos lucros da terra alheia.

Eu tinha no meu casal
Santo dever a cumprir
Do trabalho do meu braço
Tinha irmãos a nutrir:
Tinha a mãe pobre, mirrada.
Que lá anda abandonada,
De porta em porta arrumada
Com seus filhos a pedir.

E quem pudera contar
Em horas de afflicção
Maldições que tem o filho
Nascidas do coração !!
Quando a mãe ao caminhante
Estende a mão vacillante
E por esmola constante,
Tem desdem, em vez de pão !

Nasci humilde, quiz muito,
Tornou-se em nada o meu pouco :
A sina que Deus me deu

Quiz mudal-a : fui um louco !
Querendo thesouros buscar,
Só aqui vim encontrar
Dos gemidos que soltar
Um ecco fugindo rouco.

Se do pobre escravo branco
Ás terras de Portugal
Levasse vozes o vento
E o vento fosse leal
Lá diria em tom sentido
Que o branco já é vendido,
Aonde outr'ora era tido
Como um irmão sem rival.

Mas peito cala estas magoas,
Guarda-as bem no coração !
Estranhos se as ouvissem
Davam-lhe em paga irrisão.
E o pobre escravo merecia,
Que a liberdade perdia
Quando a mente concebia
Regalos de cortezão.

Mas a esp'rança inda vive,
E juro a fé de christão
Nos braços de minha mãe
Ser livre sem ambição.
Qu' eu sinto n'alma gravada,
Essa verdade sagrada

Que tanto a cruz é pesada
Maior é a redempção.

2 de Novembro de 1856.
A. M. Veiga dos Santos.

NATAL EM MAFRA.

I

As santas memorias,
No berço embaladas,
No leite da infancia
Nascidas, creadas;
São lume perenne,
Brilhante, solemne,
Que o tempo, mais vivo
No peito reflecte :
Impulso, que activo
Recresce na idade ;
Jucundo, sem riso,
Se triste, sem dôr,
Sentir indeciso
De tanta saudade,
Ternura, e amor...
Oh! salve, bemvindas
Memorias da infancia;
Tornadas mais puras,
Visiveis, seguras,
Se cresce a distancia.
Um anno, que passa,
Lhes dá nova graça :
Um raio celeste,
De novo lhes veste.
No longe da vida
A mente arrefece,

Memorias esquece.
Só tu, doce crença,
No peito embalada,
És sempre lembrada.
Oh salve, bemvinda
Memoria da infancia ;
Feliz consonancia
De maga isenção.
Que vozes modulem
Sonora canção;
Que, mil instrumentos
Accordes accentos,
Em breves momentos,
Os sons, que s'ouviram
Apenas ouvidos,
Em eccos são idos,
Que nascem, expiram.
Só tu, mais gentil,
Memoria infantil,
Da vida n'aurora,
Vibrando sonora,
Tu vaes d'hora a hora,
Mais pura e crescida,
Se mais repetida.
D'eterno condão
Teu germen fecundo
A flor, que no fundo
Do peito — em botão
Crea uma vez
Embora, o revez

De negra procella,
Cruel a combata ;
Refulge viçosa,
Se mostra mais bella.
Que, em mar d'infortunio
Melhor se retrata,
Ao som da tormenta,
Melhor se acalenta ;
Campêa, mais forte,
Nas raias da morte.

II

É noite benta. Agora mesmo, ao longe
D'alegre sino, o som festivo escuto.
É noite benta; — exulte a humanidade,
Em galas troque seu pesado luto.

Alto, sacro mysterio, hoje adoremos.
Celeste aurora de brilhante luz
Cobre o ceo do Oriente: — eil-a remida
A especie humana, que nasceu Jesus.

A nobres, a plebeus, a todos cabe
Na dadiva do ceo, equal quinhão.
Precedencias, no affecto, — essas consente
Infinita Bondade; — as outras não.

E já, de modos mil, o pobre, o rico,
No burgo humilde, na cidade altiva,

Aqui, por entre o fausto, ali desculto.
Mostram amor, que o peito lhes captiva

III

E as portas, de par em par,
Abre o templo, a hora dada
E o sino, logo a chamar,
Seus alegres sons tangendo,
A hora não costumada.
— Até o sino vigia.
Não dorme n'aquelle dia.
E todo o povo christão,
N'essa noite, a essa hora,
Como se um ente, só fôra,
Ouve do sino o pregão,
Annuncio da Redempção ;
Que o mesmo sentir em todos
Acorda no coração.
— E já, na casa, ou na egreja,
Tributos d'adoração,
Por todos rendidos são.
E pobre ermida, que seja,
Lá se vê no seu altar,
Limpa toalha, que alveja,
Mais viva luz, a brilhar;
E vozes, que juntas soam
Em seu devoto cantar.
Canto rude, por singelo,
Por leal, — não menos bello,

Que, a melodia perfeita,
Essa, que só Deus aceita,
É toda em vozes, que são
Nascidas do coração.
O crime d'ingratidão,
Hoje — abençoada noite !
Não ha peito, onde se acoite.
Já, cultos d'adoração,
Por todos rendidos são.....

IV

Por todos... errei — não! — onde ora habito
Do magestoso templo, as ferreas portas
Nem descerradas foram ! Em silencio
Jazeu, — qual cemiterio, a horas mortas.

Nas celsas torres, onde a cruz é tope,
Nem um som festival s'ouvira — ao menos.
De pagode infiel, torres dissereis,
Profanos minaretes serracenos.

Do — Magnanimo Rei — padrão eterno,
Solemne voto a Deus, que o mundo espanta;
Lume, de viva fé, — um só não vira,
Nada o silencio ingrato lhe quebranta!

Aqui, — sacro recinto, onde s'enfeixam
Galas, riquezas mil — prodigios d'arte,
Nem um som! Como sordido avarento,

Que, se mais oiro tem, — menos reparte.

Lá — na visinha aldêa, humilde, pobre
Tudo, em festa pernoita: alegre sôa
Da singela garrida, o crebro toque,
Votivo som d'amor, que ao ceo revôa.

Murta fragrante, — ali — por entre a urze,
Humilde, embora, a crença reflorece;
Rosa soberba — aqui, — faltou-lhe a seiva,
N'haste pendida jaz, — amarellece.

— Ao gigante, onde a pompa os thronos junta
Dos reis de ceos, e terra, — hoje, rural
Modesta capellinha exemplos tece,
Vergonha eterna ao luso Escurial!

Dezembro de 1856.

J. DA C. CASÇAES.

DESEJOS.

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão ;
Do peito calara as magoas,
Bem feliz eu era então !

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidos no gazão ;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção ;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que caissem formosas
Ao sopro da viração
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão ;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexível
Como a rama do chorão,
Se tivesse os lábios rubros,
Pé pequeno e linda mão ;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'arpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção ;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação ;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuísse uma alma ardente,
Fosse de amor um volcão ;
Por ella tudo daria...
— A vida, o ceo, a razão !

LAGRIMAS.

I

Oh quem não fôra nascido
N'estas horas malfadadas,
Que requeimam no sentido
Tristes lagrimas choradas!

II

Chorei-as!... inda na infancia,
N'essa idade do sorrir,
Que só é dado á ventura
Em tenros annos florir!

Chorei-as !... na juventude,
Em que sonha o coração
Devaneios n'uma crença,
Santa e pura de affeição !

Chorei-as!... e bem amargas,
Quando na idade viril,
Em que duros desenganos
Me pungiram mil, a mil !

Choral-as-hei !... e quem sabe !
Se, quando fôr ancião,
Inda restos me ficarem

D'esta vida d'illusão !

III

Mas que muito eu vertesse este pranto
Pela sina d'um triste penar,
Se no Horto as chorou — chorou tanto
Quem nos risos mais pode mandar !

E chorou-as — chorou-as bem triste
No Calvario, abraçando-se á cruz,
Santa Virgem, que assim não resiste
Ao trespasso do Verbo e da Luz!

IV

Embora aos tristes olhos já cansados
D'este pranto verter, mais pranto afogue,
Não creia a sorte avara que eu lhe rogue,
Ás lagrimas me poupe os meus cuidados

Eu por mim aprendi na desventura :
Riso e prazer escarneos são da sorte ;
Esta vida— illusão ; verdade — a morte ;
E lagrimas do berço á sepultura.

A VIDA É SONHO

Não hajas medo, não : a vida é sonho...
 Se queres desengano estuda a morte ;
 Nella reluz da crença o mais sublime
 Porque só Deus é Pae, é Justo, é Forte.

Ao acordar da vida o triste sonho
 Bem podes crer passado o pesadelo
 Lágrimas, dôr, saudades, amargura,
 Tudo findo será no, eterno apello.

.....

No regaço da fé adormecido,
 Aquelle anjo não vês, tão junto á cruz ? !
 Olha que os labios seus lá 'stão sorrindo
 Ao brilhante fulgor da eterna luz.

Não vive ?!... Sim que vive eternamente
 Na celeste mansão ; lá nos espera
 N'uma aurora perenne, que deslumbra
 Vivo clarão de fulgurante esfera !

Choral-o cá na terra é crime infando,
 Que do mundo fugiu á pena, ás dores;
 Foi prazeres buscar, almos, infindos,
 Onde as virtudes são puros amores!...

.....

Da virgem tu não vês sereno o rosto,
Tranquilla, ali na eça, repoisando ? !
Á terra o vil despojo ella deixou,
Glorias immortaes lá está gosando.

Não lamenta do mundo a vida ingrata
Que a vida, cá na terra, é trevas — morte!
No ceo, onde milhões de estrellas rolam,
É d'anjos immortaes perenne a sorte!...

.....

Ali, se vê tambem descida á campa,
Aquella terna mãe dos filhos seus;
Espirito immortal na gloria adeja
Cá na terra velando-os lá dos ceos!

O susurro das auras é voz sua:
O filhinho a entende, e desvairado
A morte implora — a morte, que o separa
D'aquelle amor materno tão presado!...

.....

Triste cinza que vês ali dormida
Por outra cinza espera !... Sim que espera
Os laços conjugaes, que deu no mundo,
Reapertal-os lá na santa esphera.

Iseptos dos vaivens do mundo ingrato
Não temem, não, os acerados gumes
Que os ulcerou na terra, entre mil dores,
De suspeitas crueis, negros ciumes!...

.....

Não hajas medo, não... a vida é sonho
A sepultura só falla a verdade,
Além d'ella nos chama a voz do Eterno,
Que no mundo só reina a falsidade!

CINTRA.

Cintra, amena estancia,
throno da vecejante primavera,
Quem te não ama?

CAMÕES—POEMA DE GARRETT.

Cintra, Cintra, se eu tivesse
Do Tasso as inspirações ;
Ou a lyra harmoniosa
Do nosso grande Camões !
Se eu hoje fosse inspirado.
Como o Dante enamorado,
Com o seu estro immortal !
Com ardor eu te cantara,
Os meus cantos te offertara,
Pois não tens belleza egual !...

Tudo em ti é apazivel,
Tudo bello e seductor !
De manhã, de tarde, á noite,
Sempre nos fallas d'amor !
Tu encerras taes encantos,
Teus attractivos são tantos,
Como eguaes não encontrei !
És p'ra mim a mais formosa,
À mais linda e primorosa,
Das terras por onde andei !

Onde tem mais poesia
O nascer e o pôr do sol ?
Onde é mais harmonioso

O canto do rouxinol ?
Onde mais formosas flores,
Palacios mais seductores,
Nós iremos encontrar ?
Onde mais amenos prados,
Arvoredos mais copados
Poderemos admirar ?...

Lá sobre a serra escarpada,
Que magestoso não é,
O castello dos reis moiros
Erguendo-se inda de pé !

Com suas fortes muralhas,
Testemunhas das batalhas,
Que o tempo fez olvidar !
Quando as quinas levantadas,
No meio das nossas espadas,
Lá se foram hastear!...

E no mais alto da serra,
Da *Pena* o paço real !
Com os seus lagos tão bellos,
Suas fontes sem rival!
Com seus bosques seductores,
Seus jardins e suas flores,
Sua beleza sem par!
Lá n'esse monte elevado,
Que da terra levantado,
Quer os astros dominar!...

Acredita, ó minha Cintra,
Que nas terras onde andei,
Formosura igual á tua,
Em nenhuma eu encontrei !
Eu n'ellas não desfructava,
O prazer que em ti gosava,
Nem achei encanto igual;
Pois tu és a mais formosa
A mais bella e magestosa
Das terras de Portugal!...

J. A. X. de Magalhães

CERCO DE TROYA.

I

Ahi, nas partes da *Phrygia*
Ao Bosphoro avisinhada,
De *Troada* a capital
Estava então assentada
E pelo nome de *Troya*
Era entre os homens chamada.

E *Teucro* foi o primeiro
Que n'estas partes reinou;
E *Dardano*, genro seu,
Os fundamentos lançou
D'essa *Troya*, tão famosa,
De que tanto se fallou.

Erictonio foi seu filho
E foi também seu herdeiro,
Que o mesmo throno deixou
D'entre os filhos ao primeiro,
E por signal *Trós* chamado,
Monarcha illustre e guerreiro.

Á cidade deu seu nome,
Deu-o também á nação.
E dos tres filhos que teve
Por fiança á successão,

Um, houve sorte de rei ;
Os dois, varia condição.

Ganymedes, era um d'elles :
E moço tão tentador,
Que, p'ra divino escanção,
Destinado com primor
Foi por Jove omnipotente
Dos ceos e terra senhor.

A deusa da juventude,
E que *Hebe* se chamava,
Era quem antes, no *Olympo*,
Cargo tal desempenhava ;
Progenie illustre de *Juno*,
A quem ella muito amava.

E d'aqui — se pois não mente
Quanto diz a antiguidade —
Esses odios da mãe *Juno*
Contra a regia magestade,
Que na *Phrygia* então reinava,
E na troyana cidade.

Outro filho era *Assaráco* ;
De quem nada falla ou conta
Essa historia grandiosa,
Que tão antiga remonta:
Do que se pode inferir
Que não fez coisa de monta.

E *Ilo* foi o terceiro,
Que o sceptro e c'rôa herdou ;
E no de *Ilion* famosa,
De *Troya* o nome trocou
À *Laomedonte*, seu filho,
Excelso throno deixou!

Às mãos de *Priamo* illustre
Esta herança foi parar ;
E no seu tempo os troyanos
Foram tanto no medrar
Que outro reino mais rico
Não era ali d'econtrar.

Cercou de fortes muralhas
Sua capital famosa ;
Torres tão bastas lhe deu,
Que de forte a fez vaidosa
E de fossos, bem profundos
Cercou em roda a ciosa.

Hecuba foi sua esposa :
E era filha do rei
Que na *Thracia* imperial
Dava as ordens, dava a lei.

.....
Eu agora vou contar-vos
Um caso que d'ella sei

Muitos filhos, muitas filhas,
Teve a boa da rainha
E por extremos dos filhos
Lhe veiu a sorte mesquinha
Não só d'èlla, mas dos seus,
Bem triste, cruel, e asinha.

Quando *Páris* deu ao mundo,
Imaginou a princeza
Das entranhas lhe sair
Uma tocha muito acesa !
E scismou no caso infando
Que bem era de estranheza.

Assim o disse ao marido
Que também n'elle pensou,
E um orac'lo famoso
Sobre o caso consultou :
E a resposta foi tal,
Qu'ao pobre rei assustou.

«Esse filho» — assim lhe disse —
«Hade ser a perdição
«Do pae, da mãe, dos irmãos,
«Até da mesma nação ;
«Porque trouxe já comsigo
«Uma eterna maldição ! »

Pobre rei !... Tal sina ouvindo
Mandou o filho matar ;

Pois desgraças tão subidas
Quiz a todos evitar....
Mas quem pode a lei dos fados
Por lei da terra frustrar!

Quando os intentos do 'sposo
A rainha presentiu,
Com taes artes, e taes manhas
Seu algoz tanto induziu,
Que salvado o tenro infante
Tal mandado não cumpriu.

E filho d'el-rei que era
Foi creado entre pastores !
Assim na edade cresceu
Do campo exposto aos rigores
Por tal modo, que esforçado
Ganhou honras, e primores !

Á guerreira juventude,
Com grã premio de valor,
Dava o monarcha um torneio :
E lá foi por campeador
Páris gentil, a provar
Nobre esforço, nobre ardor.

A todos venceu, que ousaram
Com elle as armas medir.
Quem era p'ra forças ter
De o desmontar ou ferir !

Um primor era na liça
As armas vêl-o brandir.

Hector — o filho mais velho
Do rei, e muito esforçado —
Veiu também a combate,
Valente, forte, e ousado,
De tanto valor sentido,
De tanta força espantado.

Porém no fero combate,
Eil-o que as armas deixou.
Direito a *Páris* se foi,
E nos braços o tomou ;
Tinha o irmão conhecido,
E ternamente o saudou.

E *Páris* foi descoberto,
Pela côrte festejado,
E logo no reino teve
Nobre emprego reservado ,
A ir buscar sua tia
Foi a *Sparta* deputado.

Porém, ah! que triste sina
Não foi a d'esta embaixada!
Do pobre rei *Meneláo*,
Helena — esposa adorada,
Por quem *Páris* se rendeu —
A *Troya* levou roubada!

Não entregal-a jurou,
Se não lhe dessem a tia
Que se achava lá captiva,
E que *Sparta* não queria
D'aquelles ferros soltar,
Em que a triste se morria !

Juntaram-se os gregos todos
Por sua *Helena* vingar,
E juraram furibundos
A *Troya* inteira arrasar...
Em breve tudo se apresta
Para em campo batalhar !

Tal foi a causa da guerra
Que todo o mundo espantou,
E do cerco tão famoso,
Que por dez annos durou,
E vencidos, vencedores,
Em mil danos abysmou !

HOSSANA !

I

Sonhei-te Jerusalém !... Santa cidade,
 Onde os mysterios tinham de cumprir-se,
 Em resgate da triste humanidade !

Vi alegre o teu ceo ! — vi-o sorrir-se !
 E de palmas festivas, verdes ramos,
 Juncado o solo, em galas revestir-se !

O teu povo exclamou : — «Nós exultamos!
 «É d'Israel o rei, por Deus mandado ;
 «É justo que em triumpho o recebamos !

«É ELLE o santo, o rei annuciado,
 «Ah aeterno, por tantas prophecias;
 «Pelo povo d'Abrahão tão suspirado !

«*Hossana!*... *Hossana!*... vão surgir os dias
 «D'opulenta Israel os mais formosos
 «O reinado começa do Messias ! ! !...

.....

Ingrato povo ! raça d'orgulhosos !
 Miraste um rei no throno deslumbrante !
 Fitaste altos empregos magestosos !

Invejaste-o de imigos triumphante ;
Egoísta qual tu : guerreiro ; altivo ;
Sobre as outras nações predominante !

Quizeste ver o mundo assim captivo,
D'impia subjeição grilhões rojando,
Á liberdade morto, ao crime vivo !

Ao desejo mentiu-te orgulho infando ;
Um rei tiveste, não fingido á mente,
D'um despota cruel, abominando :

Mas sim um rei de paz, um rei clemente,
Qu'ao banquete chamou da liberdade
Povos da terra, a todos igualmente,
De laços fraternaes na santidade!

II

Vem, oh povo d'Israel,
Ao encontro do Messias,
E cumpram-se as prophcias
Da humana redempção !
Adornem santa Sião
Suas galas mais custosas ;
Virentes palmas frondosas,
Verdes ramos estendidos
Sobre os mantos e vestidos...
Eil-o — o Christo, o Redemptor,

Ao sacrifício chamado !
 Ahi vem, triumphador,
 Sem soberba, sem vaidade,
 Entrar na santa cidade,
 Onde tantos peregrinos
 Hão de, na futura edade,
 Entoar-lhe os santos hymnos !

.....
 Vinde oh povos, vinde vê-lo,
 — O que serena a tormenta,
 Impera na magestade
 Dos ceos, dos astros, da terra, —
 Como prova d'humildade
 Montado em pobre jumenta !
 Oh, salve, Jerusalem!
 As tuas portas descerra,
 Porque as santas comitivas,
 Entre hossanas, entre vivas,
 Avançando p'ra ti vem!...
 Salve, santas oliveiras,
 Salve, frondosas palmeiras
 Que tão bella festa ornastes.
 E da victoria e da paz
 Eterno emblema ficastes
 Viva memoria serás !...
 Vence o Christo — a liberdade !
 Paz ao liberto, ao captivo ;
 Com ella a santa egualdade !...
 Triumpho o Christo — o Deus vivo:
 Foge espavorida, — insana

A vencida tyrannia ;
 E na fraterna alegria
 Os povos bradam: Hossana !

III

Onde o VERBO que nos trouxe
 Esta santa redempção,
 Deslumbrante de verdade,
 Liberrima aspiração ?
 Que soltou essa palavra
 Que deu triumpho á razão,
 Redimindo os opprimidos,
 Nos ferros da escravidão ?
 Que na mais pura doutrina
 Que rebentou da affeição,
 Escravo da terra ergueu,
 Do rei proclamou-o irmão ?
 Onde a fronte omnisciente
 Que teve tal concepção,
 Que em dois preceitos sómente
 Legislou ao coração ? !

IV

Ergue teus olhos, fita-os nos espaços,
 Naquella cruz ali o tens cravado !

.....
 Regia purp'ra cobriu-lhe o nudo corpo,
 Um sceptro d'irrisão ergueu na dextra,

Por diadema tomou verga d'espinhos,
Foi rei, e no Calvario ergueu seu throno !

.....
Do superno poder a vil parodia,
Israel consummou !... Oh reis da terra
Como frageis que sois ! Mirae no exemplo,
Que honras e poder assim fenecem;
— Só não morre a virtude — a liberdade !

SAUDADES.

.....É quanto pode
Do desterro enviar-te um pobre filho
A. HERCULANO.

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração !
Logares da minha infancia.
Minha pobre habitação !
É por vós esta saudade,
Esta dôr, esta anciedade,
Que faz meu peito estalar!
É por vós que eu amo tanto,
Que sinto correr meu pranto,
Sem uma esp'rança gosar !...
Sois vós a terra encantada,
Dos meus sonhos infantis !
A mais bella, a mais formosa
Das terras do meu paiz !
Ai ! de quantas alegrias,
Eu gosava n'esses dias,
Que tão cedo vi passar !
Quando ainda não pensava
Que os logares que adorava
Eu havia abandonar !...

Deixei-os !... oh ! quem me dera
Esquecer idéa tal !
Quem olvidar-te pudera

Ó minha terra natal !
Que não havia o tormento,
Que sinto n'este momento,
Meu peito dilacerar !
Esta dôr igual á vaga,
Que incessante a praia alaga
Sem nunca poder findar!...

Foram tempos bem ditosos
Os que outr'ora ali gosei !
Foram dias venturosos,
Que não mais olvidarei !
Quando a vida ali passava
Nem sequer imaginava,
Que existisse o padecer !
Mas ha muito estava escripto
O meu destino maldito,
Para um dia inda soffrer! . . .

Que me importam os prazeres
Que esta terra em si contém,
Se estancar elles não podem
O pranto que aos olhos vem !
Se eu trocara essa grandeza,
Esplendor, luxo e riqueza,
Que ante mim vejo passar,
Por essa aldêa isolada,
Onde em rustica morada
Vi a infancia deslisar! . . .

É aqui mui bella a lua,
É formosa a noite aqui ;
Mas ainda é mais formosa
Lá na terra onde nasci !
Aqui brilhantes estrellas,
Sempre puras, sempre bellas,
Lá no ceo a scintillar ;
Mas o ceo da minha terra,
Outros encantos encerra,
Que eu não posso aqui achar ! . . .

Mil flores aqui se encontram
Em variado jardim !
Todas ellas são mui lindas,
Mas não as quero p'ra mim !
Todas tem vários odores,
Seduzem as suas côres,
Seu delicado matiz !
Mas as flores que eu lá via,
Achava-lhes mais valia,
Tornavam-me mais feliz! . . .

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração,
Logares da minha infancia,
Minha pobre habitação !
Possa um dia ainda ver-vos,
Minha vida offerecer-vos,
Meus dias ahi findar !
Possa eu ter a ventura,

D'encontrar a sepultura,
Onde o berço fui achar ! . . .

J. A. X. de Magalhães.

AMO A NOITE.

É Deus um vate e o mundo o seu poema.
L.PIRES.

Quando vae findar o dia,
Quando a lua quer nascer,
Quando as estrellas começam
Lá no ceo a apparecer ;
Quando a brisa docemente,
Vem depois do sol ardente
Da tarde que vae findar :
N'essa hora de poesia
Tudo diz melancolia,
Tudo amor faz inspirar! . . .

A noite com seus mysterios,
Que mil bellezas contém !
Aqui deslizando a fonte
E o ribeirinho tambem !
Além n'um ramo visinho
O canto do passarinho,
Continuamente a soar !
E n'esses bosques frondosos
Ruidos mysteriosos,
Que não se podem contar !...

Tem immensa magestade
Essas horas de repouso !

Tem de certo mais encantos
Do que o dia mais formoso !
Quando se ouve a ramagem,
Impellida pela aragem
Brandamente se agitar !
Quando na haste mimosa,
A violeta odorosa,
Faz seu perfume, exhalar !...

N'esses momentos solennes
Como é bello então viver !
Contemplar tanta grandeza,
E de Deus um tal poder !
Esse Deus que só podia
Criar a noite e o dia,
Do nada o mundo formar !
Esse Deus que se revela,
Na bonança e na procella,
No soffrer e no gosar !...

Amo a noite, porque sinto
Bem suave inspiração,
Ao ver a formosa lua
Com seu pallido clarão !
Ao ver as puras estrellas
Tão brilhantes e tão bellas !
Matizando um ceo d'anil !
Sentindo a fagueira brisa,
Que mansamente deslisa,
Nas lindas noites d'Abril !...

N'essas noites encantadas,
Que eu amo com tanto ardor ;
N'essas noites que nos fallam
Constantemente d'amor ;
Os olhos então eu fito
Lá n'esse espaço infinito,
Que nos separa dos ceos ;
E admiro em tal grandeza,
Immensidade e riqueza,
A existência de Deus !!...

J. A. X. DE MAGALHÃES

ARREPENDIDA.

Eis caminhando curvada,
Ao peso da sua dôr ;
Essa mulher que agitada
Vae aos pés do confessor!...
Nas faces mostra o tormento,
Que sente n'esse momento,
Entrando já sem alento
Na morada do Senhor!...

É mui joven, mas revela
Que os seus dias tristes são !
Que apesar de ser tão bella,
Já soffre seu coração !
E não solta um só gemido,
Que nos diga o que ha soffrido,
Que o mundo teria rido
Da sua dôr e afflicção!...

Qual a causa da tristeza,
Que se vê no rosto seu ?
Seria tanta belleza
O que no mundo a perdeu ?
Julgaria em seus amores,
Encontrar sómente flores,
Nos protestos seductores,
Que o seu amante esqueceu ?...

Ver-se-hia abandonada,
Pelo homem que adorou ?
Tendo a alma já cansada
Das penas que suffocou ?
Seu pensamento seria,
Que essa dôr que a consumia,
Minorar então veria,
Na confissão que buscou ?...

Tão joven! já o martyrio
Dominando o seu viver !
Já o tormento, o delirio,
Ter seu peito que soffrer!
Já no começo da vida,
Ver para sempre perdida,
A esp'rança mais querida,
Que podia conceber!...

Lá falla!...— eis declarando
A causa da sua dôr !
As forças lhe vão faltando,
Vae-lhe faltando o valor !...
Nas palavras que murmura,
Se conhece a desventura,
Que o seu peito então procura
Revelar ao confessor!...

Mas agora quer erguer-se
Que é muita a sua afflicção!
No rosto podia ver-se,

Quanto soffreria então !...
— Oh ! meu padre, eu sou culpada,
Exclamou; estou manchada,
Não devo ser perdoada,
Só mereço a maldição !...

E calou-se... de repente
As mãos ao peito levou !
É grande a dôr que ali sente,
Que a côr do rosto mudou !
Sua sorte está cumprida,
Pois n'esse extremo da vida,
Caindo desfallecida,
A desgraçada expirou!...

A. X. DE MAGALHÃES.

SAUDADE.

.....
 Que eu não queria de ti mais que adorar-te,
 Viver de ti, morrer n'esta illusão.

Saudade, que me does, não fujas, crava
 O teu pungente espinho sem piedade;
 Grava em meu coração, ó deusa, grava
 Os bellos quadros da florida idade :
 Eu quero padecer. D'est'alma trava :
 Àssombra-a de tristezas, ó saudade.
 Cala-me os hymnos do fallaz futuro ;
 Traz-me o passado, e aquelle amor tão puro.

Aquelle amor.... Não podem já dizel-o
 Lábios afeitos a mentir amores ;
 Recorda o coração o quadro bello,
 Mas não podem pintal-o falsas côes.
 A phrase é falsa, é vã, é vão desvelo
 Querer d'arido peito haurir verdores.
 Não sinto, não, por mais que o seio abra,
 Ungir-me a fé a juvenil palavra.

Comigo estás, mulher, sempre comigo ;
 Em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume ;
 Brilha o sorriso no teu rosto amigo,
 Ferem teus olhos da paixão o lume.
 Não acha em nosso peito infausto abrigo
 O Lucifer maldito do ciume :
 Em sonhos, és, qual foste, o dom extremo,

Que dispensa, na terra, o SER SUPREMO.

E pude-te perder, thesouro immenso,
Apoz tamanha luta de incerteza !
E pude arrefecer o fogo intenso,
Fundindo n'elle a unica riqueza,
Que n'este mundo tinha. . . . Ai! quando penso,
Que, n'este amor, senti mais que avareza,
Como Job na penuria transformado,
Suspeito que o SENHOR me ha castigado.

Recorda-te. Era o sol no occidente,
Beijavam-te seus raios moribundos.
Eramos dois, uma só alma ardente,
Voando d'este mundo a novos mundos.
O labio estava mudo; mas vehemente
Orava o coração : ambos jucundos,
Anhelantes d'amor, n'esse transporte
Talvez a DEUS pedissemos a morte.

Pedimos, sim : tal foi nossa ventura
Que logo ali nos excrucia o medo
Do breve instante que a bonança dura
N'este de prantos misero degredo.
Um nefasto presagio nos augura
Á nossa doce crença a morte cedo :
Nos extremos da dôr, ou da alegria,
Pede-se a campa como a eu pedia.

Por que te amei eu tanto, se era crime

Que o meu amor egoista e delirante
Calcasse a impia lei que te reprime
Pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem n'essa fronte imprime
De serva humilde o stygma aviltante,
Por que fui eu, em louco amor acceso,
Fazer-te dos grilhões sentir o peso ?

Querida, o teu viver era um lethargo ;
Nenhuma aspiração te atormentava ;
Afeita já do jugo ao duro cargo
Teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te aponteí um mundo largo
De novas sensações ; teu peito anciava
Ouvindo-me contar entre caricias
Do «livre» e ardente amor tantas delicias.

Não te mentia, não. Sentiste-o, filha,
Esse amor infinito e immaculado,
Estrella maga, que, incessante brilha,
Da alma pura ao casto amor sagrado ;
Affecto nobre, que jámais partilha
O coração de vícios ulcerado.
Não sentes, nem recordas já, sequer ?
Quem d'este amor te despenhou, mulher?!

Eu não ! Se muitos crimes me desluzem,
Se pôde trasviar-me o seu encanto,
Ao menos, uma só não me recusem,
Uma virtude só : amar-te tanto.

Embora injurias contra mim se cruzem,
Cuspindo insultos n'este amor tão santo,
Diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
O opprobrio aviltador da sociedade.

Eu disse-te : «Este amor não te condemna,
Perante DEUS, perante a consciencia ;
Podes o mundo encarar serena,
Qual virgem soberana de innocencia,
O remorso cruel não te envenena
O sentimento d'esta «eterna ausencia» ;
Se, porventura, de ti fôr olhado
Não volverás o rosto envergonhado.»

Não é verdade, pois, irmã querida,
Que não houve mulher mais adorada ?
Escuta o coração : viste na vida
Consagrar-se affeição mais recatada ?
Conheces que jámais foste trahida,
Nem podes ser com outra confrontada ?
Sabes o que é amor profundo e eterno,
Que foi meu ceo, e me é hoje inferno?

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

COMMEMORAÇÃO.

À SAUDOSA E HONRADA MEMORIA DO SENHOR
ANDRÉ JOAQUIM RAMALHO E SOUSA.

Correi lagrimas sentidas,
Que o peito não dá mentidas,
Onde hoje moram unidas,
Em modelo, sem igual

Sciencia, honra, virtude.
Ao som do triste alaude,
Casae-vos n'esse ataude,
Sobre a loisa sepulchral,

Que os restos mortaes abriga,
De quem, na vital fadiga,
Brilhante metal, sem liga,
Constante no valor seu ;

Jamais, em sua alma rara,
A dôr do remorso entrara.
É que Deus, quando a creara,
Foi para si, para o ceo !

Oh que foi! — nem d'outra sorte,
Somo luz, que aponta o norte,
Que affrontando a lei da morte,
Sempre immutavel ficou :

Se foge á culpa nociva,

Mas que bella, que attractiva,
A fraqueza nos captiva
E a d'elle não captivou.

Não, que d'honra era evangelho,
Aquelle peito era espelho,
Onde, a luz do bom conselho
Fulgurava, sem senão.

Como dia, que amanhece
Puro, e puro assim fenece ;
Que respirando parece
No sopro da viração.

Como da donzella pura,
O — que Deus, na desventura,
Concedeu — diz a Escriptura —
Casto leite virginal.

Deus, n'aquelle peito honrado,
Cá na terra consagrado,
Tinha culto, não manchado,
Tinha culto, sem rival.

Oh! quem pudera inda vel-o,
A um tempo, nobre, singelo,
Esse character modelo
Da verdade, e da razão.

Verdade, que noite e dia,

N'aquelle peito vivia ;
Thebano, que não mentia,
Nem mesmo zombando — não.

D'agudo ver, alta a fronte,
Ar composto, o gesto insonte ;
Semelhava, nobre Archonte
A Athenas dictando a lei.

Mas, um sorriso fagueiro
De seus labios companheiro,
Dizia-o— pae verdadeiro
Contemplando a terra grei.

Desculpa dando ao inimigo,
Recto juiz para o amigo,
Juiz severo comsigo....
Oh quem mais foi — quem foi tal !

— Esse dominio de ferro
Em que, o ser livre era erro,
Evita : soffre o desterro
Longe da terra natal.

A dura sorte quinhoa
Do mais somenos. Eis soa
Imp'rial grito revoa :
= Vae ser livre o portuguez. =

Punge-o da patria a saudade,

Nem se faz cargo da idade;
Do guião da liberdade
Segue a victoria, o revez.

Volta, combate, chega.
Do trabalho não socega
Na privação, ou refrega,
Sobreleval-o não ha.

Triumph. — Mesquinho int'resse
O vencedor não esquece.
Estranha terra — parece
Conquistara — alguém dirá.

Que, das rendas, que improvisa,
Já com ellas s'indemnisa,
E a victoria solemnisa
Da patria o *libertador* !

Aquelle não : ao contrario ;
Da liberdade sacrario;
Seu nobre depositario,
Que se paga só d'amor ;

Passados lucros rejeita ;
Novo Castro, nem acceita
O que por lei lhe aproveita:
= Que — se a pátria é livre = diz :

= Cumprido está meu intento.

Não por outro pensamento,
A vida expuz vezes cento ;
Que o bem da patria só quiz. =

Digno exemplo de memoria,
Na lusa, moderna historia.
Quaes, n'esses tempos de gloria,
Sohiam d'acontecer.

Nem mais recta consciencia,
Por entre vasta sciencia ;
— Qual no aroma activa essencia —
Adornara humano ser !

Qual divina luz serena,
Que, s'espalha em cada scena,
E uma agreste, aquella amena,
Seu valor justo lhe dá.

— De facil, polido trato,
Um dizer, a todos grato....
Pintor, para tal retrato,
Oh não o houve — nem ha.

Não ha ; — que n'esse modelo,
Do nobre ideal o sello,
Só pudera descrevel-o
Divina phrase — outra não.

De virtude, esse portento,

Eu descrever não intento.
Outro foi meu pensamento....
Foi dar tregoa ao coração,

Allivio á dôr, que sentia ;
Que, parece, não cabia
No peito, — se a não dizia ;
Tão grande, tamanha dôr:

Dôr do mestre esclarecido,
Dôr do amigo não mentido,
Que mais, que tudo me ha sido
D'Walter Scott o traductor....

Foi, mostrar a divindade
Nos fastos da humanidade....
Para o mundo, uma saudade,
Para meus filhos, — lição...

— Minhas lagrimas — bem vindas !
Sois, quaes estrellas infindas,
Que brilham no céo, mais lindas,
Ao passar da cerração

Oh! correi.... — singelo preto,
Mais do que elle, nenhum val ;
Que não é por homens feito,
E o de Deus não tem equal.

Mafra, Junho 57.
JOAQUIM DA COSTA CASCAES.

AO INSIGNE POETA

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Irmão ! recebe este canto
Como tributo, e não mais.
PALMEIRIM—Poesias.

Palmeirim, o meu intento
É mui ousado bem sei !
Possuindo um estro humilde,
Cantar-te não poderei !
Mas ao ler tuas canções,
Petrarcha, Tasso e Camões,
Esqueci p'ra te admirar !
Senti n'alma a esperança
De te ver inda da França,
Um Béranger egualar! . . .

Poeta ! tu nos revelas
Um genio superior ;
Quando na lyra que pulsas
Cantaste a patria e o amor !
Offertando eternos cantos,
A esta terra de encantos,
Terra outr'ora tão feliz ;
Cantaste as glorias passadas,
N'essas batalhas ganhadas,
Por heroes do teu paiz ! . . .

Portugal! quanta poesia
Esse canto encerra em si !

Quanto amor, quanta saudade
N'aquelles versos eu li! . . .
Á patria hoje sem brilho,
Desejas como bom filho,
Despertar o seu valor !
A Portugal tão temido,
Que hoje pobre e abatido,
Jaz sem força e sem vigor!

Não olvidaste os amores,
Tão desditosos de Ignez !
Cantando-os como devia
Um poeta portuguez !
Nas tuas inspirações,
Tu nos fallas de Camões,
Nosso poeta immortal !
D'esse vate tão lembrado,
Que p'ra nodoa do passado,
Foi morrer n'um hospital ! . . .

Ao martyr napolitano,
Mazaniello o pescador ;
Tributaste uma saudade
Como livre trovador !
De *Kossuth*, que a pobre Hungria,
Quiz livrar da tyrannia,
Nos fizeste recordar ;
Trazendo-nos á memoria,
Essas paginas da historia,
Que a fizeram 'scravisar ! . . .

N'esses quadros tão sublimes,
Que nos sabes descrever ;
Gomes Freire apresentaste,
No supplicio indo morrer !
D'esses cantos tão singelos,
Harmoniosos e bellos,
Da guerra peninsular,
Quem ao ler o *Veterano*,
Não lhe sentirá ufano,
O coração palpitar ? ! . . .

Palmeirim ! eu te admiro,
N'esses teus cantos sem par !
Tens a c'rôa de poeta,
Que mais podes desejar ? . . .
Defensor da liberdade,
O teu nome ainda hade
Ser grande como Camões !
E os teus versos sublimados,
Com amor serão lembrados,
Atravez das gerações ! . . .

J. A. X. de Magalhães.

CONFIDENCIAS.

(Fragmento.)

JULIO – AUGUSTO

JULIO.

Diz, Augusto, que juízo
Formas tu do sentimento
A que chama paraíso,
Ora um inferno lhe chama
A exaltação do talento ?

AUGUSTO.

Não sei bem de que me fallas.

JULIO.

Fallo. . . fallo-te do amor.

AUGUSTO.

Ah ! do amor ? . . .

JULIO.

Achas que inflamma

Que tem tamanho calor
Essa luz do coração,
Como dizem por ahi
Os sectarios da poesia ?

AUGUSTO.

Julio, tenho dó de ti.

JULIO.

Mas porque ? Diz a razão,
Não te percebo a ironia.

AUGUSTO.

Ironia não é tal.
Tenho dó, repito-o agora,
Indagas, pois te devora
Um amor talvez fatal.

JULIO.

A mim ! . . .

AUGUSTO.

Não queiras negal-o,
Deste-o logo a conhecer
Na pergunta que fizeste
Sentes n'alma um fogo a arder,
E, como nunca o tiveste,
Como não sabes o que é,
Vens em segredo espreital-o
Na experiencia do amigo.
É provar que em mim tens fé.
Desabafa pois comigo.

JULIO.

Tu promettes não ralhar ?

AUGUSTO.

Ralhar ! . . . Eu ! . . . Com que direito ?
Por ventura és tu meu filho ?
Tens-me acaso por tutor ?

JULIO.

Tenho-te o mesmo respeito,

AUGUSTO.

Pois então socega. . . e vamos. . .

Prometto ser indulgente.
Anda pupillo innocente. . .
Anda, filho, principia.

JULIO.

Já tu comesas brincando. . .
Nunca te vi serio um dia. . .
Sempre a rir, sempre zombando. . .

AUGUSTO.

Nem sempre zombo, meu Julio.
Muitas vezes, olha. . . – Adiante !
Conta o que ias a dizer,
E se de amigo constante
Os conselhos queres ter,
Que os posso dar tu verás.

JULIO.

Meu Augusto, jurarás
Que a historia que vou contar-te
A ninguem revelarás.
Promettes ?

AUGUSTO.

Se tu tens medo
É melhor ficar calado ;
Mas se me queres fazer
Alguma revelação
Desde agora te asseguro
Toda a minha discrição.

JULIO.

Obrigado. – Vaes tu ver
O que a mim me succedeu.

Era n'um baile uma vez. . .

AUGUSTO.

Era uma vez ! . . . Dá seus ares

D'uma historia d'aia velha. . .

JULIO.

Diz. . . quem foi que interrompeu ? . . .

Depois se tu te enfadares. . .

AUGUSTO.

Adiante ! . . .

JULIO.

Hade haver um mez. . .

N'um baile, como dizia,

Vi um rosto de mulher ! . . .

AUGUSTO.

Era um anjo disfarçado

Que andava em tua procura ? !

JULIO.

Na celeste formosura

A candidez transluzia ! . .

AUGUSTO.

Custa pouco a perceber,

Ficaste ali namorado ?

JULIO.

É verdade. Nunca vira

Tamanho e tal attractivo !

Quem ao vê-la não sentira

Dentro d'alma. . .

AUGUSTO.

Um fogo vivo.

É já costume, bem sei. –
Não na foste convidar
Para uma polka, sequer ?

JULIO.

Pois não fui ! Logo que pude
Fui tiral-a para par.

AUGUSTO.

Conversaste ?

JULIO.

Conversei.

Ai ! que magia de falla ! . . .
Que intelligencia elevada !
E que perfume que exhala ! . . .

AUGUSTO.

Diz-me lá. . . é flor ou fada ?

JULIO.

É anjo, é fada, é. . . é tudo

AUGUSTO.

Homem, tudo ? ! . . .

JULIO.

Quanto ha bello.

AUGUSTO.

E fallaste-lhe de amores ?

JULIO.

Tanto estava allucinado
Que affrontando os seus rigores
Tive a audacia. . . de pintar-lhe

Da minh'alma o ancioso estado.

AUGUSTO.

Em resposta o que te disse ?

JULIO.

Que havia sempre do amor

Feito idéa tão grandiosa

Que lhe custava a suppor

Fosse coisa d'este mundo.

AUGUSTO.

Tu então que respondeste ?

JULIO.

Fui, pouco a pouco, buscando

Convencer a minha rosa. . .

AUGUSTO.

Foi o nome que lhe deste ?

JULIO.

É o nome que ella tem. —

Busquei então convencel-a

De que a paixão fôra a herança,

Que Deus ao mundo legara

Que desde então era ella

Flor do mundo. . .

AUGUSTO.

Muito rara,

Eu dissera em seu logar.

JULIO.

Foi o mesmo que me disse. . .

Mas deixando perceber

Que não se tinha offendido

Com a minha confissão.

AUGUSTO.

Mas enfim. . . vamos a ver. . .

Que disse ella ? Sim ou não ?

JULIO.

Não ficou bem decidido.

AUGUSTO.

Não ficou ? . . .

JULIO.

Não. . . e o motivo

Foi que a manhã traiçoeira

Fez o baile terminar. . .

Mas olhou-me de maneira,

Com tal saudade e pesar

Que inda mais me fez captivo.

E quando eu lhe perguntei

Se podia ter esp'rança. . .

AUGUSTO.

Respondeu-te ?

JULIO.

N'um proverbio encantador :

« Quem espera » . . .

AUGUSTO.

« Desespera ! . . . »

É rifão consolador.

JULIO.

Disse sorrindo, em vez d'isso :

« Quem espera sempre alcança ! »

Mas com que graça e feitiço!

AUGUSTO.

E depois ?

JULIO.

Depois. . . mais nada.

AUGUSTO.

Como assim ! . . . Pois o romance

Não tem continuar-se-ha ?

Já tens a historia acabada ?

JULIO.

Acabada não. . . Não está.

AUGUSTO.

Então venha o seguimento

Que já me sinto curioso.

JULIO.

Dias depois encontrei-a . . .

AUGUSTO.

E fallaste-lhe ?

JULIO.

Não pude. . .

Porque tive acanhamento.

AUGUSTO.

Creança !. . .

JULIO.

Fui cauteloso. . .

E quero crer que fiz bem.

AUGUSTO.

Mas o que foi que fizeste ?

JULIO.

Assim como quem passeia

Fui seguindo-a. . .

AUGUSTO.

Para ver

Onde morava ? – Isso tem
O seu tanto de rasoavel. –
E da morada soubeste ?

JULIO.

Fui mais feliz do que julgas

AUGUSTO.

Que me dizes ?

JULIO.

A verdade.

Vê tu que alegria immensa,
E que alvoroço eu não tive
Quando a vi entrar em casa
De minha prima Piedade. . .
Tu conhecel-a ?

AUGUSTO.

Conheço.

É senhora muito amavel,
E galante por signal.

JULIO.

Pois são ambas muito amigas.

AUGUSTO.

O negocio não vae mal.

JULIO.

Para encurtarmos razões. . .

AUGUSTO.

Fazes bem que as aborreço. . .

JULIO.

Começou a convivencia
E seguiu-se a intimidade.

AUGUSTO.

Então podeste á vontade,
Sem ser inconveniencia,
Indagar da tua sorte? . . .

JULIO.

Já se vê ! Tanto insisti
Té que uma noite por fim. . .
D'aquelles labios ouvi
Um gracioso e terno sim.
Imagina o meu transporte. . .
Fiquei louco de contente !

AUGUSTO.

Isso por força.

JULIO.

Já vês.

Que a datar d'aquelle instante. . .

AUGUSTO.

Lhe pozeste logo aos pés
Um coração delirante,
Fizeste trinta mil juras,
Disseste. . . o que toda a gente
Costuma em taes conjunturas. . .
Algumas vezes verdade,
As mais das vezes mentira.

JULIO.

Oh ! este amor que ella inspira
Vêl-o extincto ninguem hade
Porque é toda a minha vida !
Se me enganasse. . . eu morria !

AUGUSTO.

Oh ! doce illusão querida !

Oh ! formosa idade de oiro
 Que vê no amor um thesoiro
 E não calcula, não pensa
 Nos insoffríveis espinhos
 Que mais tarde vem cravar-se
 No coração de quem ama !
 N'uma idade como a tua
 Veiu n'esta alma atear-se
 Um incedndio como o teu. . .

JULIO.

Tambem ?

AUGUSTO.

Tambem, é verdade.

Eu sei como se insinua
 Esse voraz sentimento
 Que d'um peito se apodera
 Dominando-o sem piedade !
 Que a vida torna em delírio
 Que n'um cahos de martyrio
 Nos sepulta o coração. . .
 Que ora nos dá mil venturas
 Ora zelos e torturas. . .
 Que nos desvaira a razão ! . . .

JULIO.

Com que ironica amargura
 Me descreves a paixão ! . . .
 Amaste muito ?

AUGUSTO.

Se amei ! . . .

JULIO.

Foste infeliz, eu já vejo.

AUGUSTO.

Tive um triste desengano,
Soffri muito. . . mas calei. . .

Era muito o meu desejo
Para não vir em meu damno !

JULIO.

Pobre amigo ! Imaginava
Que jamais tinhas amado.
Quando alguém diante de ti
Fallava em coisas de amor. . .
Via-te sempre a sorrir. . .

AUGUSTO.

Era ironia. . . era dôr !
Esses que dizem que amam
Nos cafés ou nos passeios,
Não fazem mais que mentir
Tanto aos outros como a si.
Mas esses, Julio, que enganam
São quasi sempre os felizes ! . . .

JULIO.

Não pode ser o que dizes.
Pois a mulher não distingue
A mentira da verdade ?

AUGUSTO.

Não distingue, não, que a cega
Antes de tudo a vaidade,
Que é, meu Julio, quasi em todas
A sua corda sensível.

JULIO.

Como assim ? pois será crível
Que não se encontre nenhuma
Que saiba ter coração ?

AUGUSTO.

Entre mil encontra-se uma!

JULIO.

Acho-te injusto de mais.

AUGUSTO.

Não sou tal. . . conheço o mundo
E os seus costumes banaes.
As culpadas não são ellas
A maior parte das vezes ;
São os homens que as illudem
Com mentidas phrases bellas
Nos romances estudadas. . .
Depois, ellas enganadas,
Vão enganar por vingança
Destruindo muita crença,
Muita nobre inspiração. . .
E o puro amor a nascença
Trocam logo em decepção !
Como tu, tambem fui crente,
Tambem sonhei. . . acordado,
Como tu. . . mais imprudente. . .
Fiz um mundo d'um affecto,
D'elle um eden encantado,
Onde encerrava, discreto,
As minhas esp'ranças todas
E a minha existencia inteira !
D'aquelle amor fiz um culto

Fiz da minha alma um sacrario,
E, velando o santuario,
Desvelado lhe puzera
O respeito e o mysterio.
Como tu tambem dizia,
Quando um vago pensamento
Me toldava o ceo, de amor :
«Se me enganasse. . . eu morria ! »

JULIO.

E enganou-te ?

AUGUSTO.

E vês-me vivo ! . . .

Ninguem morre d'uma dôr
Quando resiste ao momento
Em que o golpe se recebe. . .
A chaga é viva e profunda,
Doe. . . se doe ! turba os sentidos,
Corpo e espirito embrutece ;
Mas são remedio infallivel,
São um optimo cauterio
Os desenganos colhidos.
Depois. . . O tempo a final
Vem fechar a f'rida aberta. . .
Mas não lhe apaga os vestigios
Mas não lhe tira o signal. . .
E, onde era o coração,
Fica a duvida sómente,
Que do amor a lava ardente
Destroe tudo quanto encontra,
Quanto d'antes nos sorria. . .

E resume-se a existencia
N'uma perpetua ironia. . .
Algumas vezes porém
Nas horas mortas da noite
Só por só co' o pensamento
Á phantasia nos vem
A lembrança do passado
Em que tanto nós gosámos. . .
Em que tanto padecemos. . .
E a falta então deploramos
De tudo quanto perdemos
N'aquelle engano fatal ! . . .
E sente-se uma saudade
Tão profunda, tão sentida
D'essa epoca da vida
Tão povoada d'illusões,
Em que o bem vencia o mal ! . . .

JULIO.

E, n'essas horas, não pensas
Que inda possas encontrar
Quem te avive as sensações
Dando-te alma para amar,
Quem te faça a crença antiga
D'essas cinzas renascer ?

AUGUSTO.

Penso. . . Deus sabe se penso !

JULIO.

Pois então porque não buscas
Sair d'essa prostação ?

AUGUSTO.

Ah ! porque ? . . . porque não posso . . .
Porque duvido de tudo,
Que foi severa a lição.
Se acaso pudesse haver
Uma mulher que dissesse :
«Amo-te muito ! . . . sou tua ! . . .»
Que as leis do mundo esquecesse,
E affrontando a sociedade
E os seus justos prejuízos,
Me ofertasse a castidade
Dizendo : «não me acreditas. . .
Não crês ainda em tal paixão ? . . .»
Assim mesmo duvidara
E respondera-lhe : «não! »
.....

MENDES LEAL (ANTONIO).

RECORDAÇÃO

Amei-a muito ! – Foi ella
A que primeiro plantou
Em minha alma a flor mais bella
D'um casto amor. . . que murchou.
Só por só, e feiticeira,
Vi-a eu a vez primeira,
Como a rosa em seu rosal,
Offuscando as outras flores,
Rescendendo aroma e amores,
E não tendo outra rival!

Tinha a vista embevecida
Fita dos ceos na amplidão,
Como quem buscava a vida
N'uma ephemera visão ;
Quem a visse ali sósinha
Julgal-a-hia rainha
D'aquelle ameno vergel ;
D'um cedro sentada á sombra
Tendo a relva por alfombra
E a ramagem por docel.

Em frente um lago espelhando
A margem toda em redor ;
N'agua o collo mergulhando

Um cysne, todo elle alvor.
Ciciava tenue a aragem
Do docel entre a folhagem,
E trinava o rouxinol
Com sympathica harmonia. . .
Augmentava esta poesia
Linda tarde ao pôr do sol.

.....

Côr de azeviche o cabelo,
A tez alva de cegar,
Dentes um jaspe o mais bello
Vinhã-lhe a boca esmaltar :
As faces de leite e rosas
Rubesciam pressurosas
Da côr do inquieto pudor,
Quando a pensar se engolfava,
E na mente lhe poisava
Um pensamento de amor !

Os olhos negros, rasgados,
Eram de languido olhar;
Mas uma vez animados,
Diziam mais que o fallar :
Que enlevo quando os fitava !
Se para a terra os baixava

Vendendo-os do pranto o veo,
Eram elles um mysterio. . .
E era-nos magico o imperio
Se os erguia para o ceo !

O collo, eburneo e formoso,
Fazia como antever
O que o pudor receoso
Quer de todos esconder ;
Guarda zeloso e discreto
D'aquelle foco d' affecto,
Que indiscreta ondulação
Diz ter alli prisioneiras
De amor as fontes primeiras
E a primeira tentação.

Talhe esbelto, cinta airosa,
Completavam o ideal
D'aquella visão graciosa
Que eu não julguei mortal :
O mesmo foi vêl-a e amal-a!
Largos espaço a contemplal-a,
Enamorado fiquei!
Por alcançar-lhe a belleza,
Rico, lhe dera a riqueza,
Throno e sceptro sendo rei.

Para a terra a vi pender-se ;
E colhendo um malmequer
Indolentemente erguer-se

Desfolhando-o a estremecer;
A cada folha arrancada,
E no lago mergulhada,
Da prophetica flor,
Lhe corria pelo rosto
Uma nuvem de desgosto
Ou uma esp'rança de amor!

Uma só folha restava ;
Que diria, não ou sim ?
Vi que ás faces lhe assomava
Um vivissimo carmim :
Encarou-me. . . ao ver-me absorto
Não fugiu – e por conforto
Meigo um sorriso me deu ;
Cobrei n'elle confiança. . .
No sorrir me dera esp'rança,
Na esp'rança dava-me o ceo.

Não fallámos. Que diria
Mais do que os olhos a voz ? . . .
Da instantanea sympathia
Veiu este amor logo apoz :
Não há phrases eloquentes
Que a taes affectos nascentes
Possam dizer mais paixão,
Porque uns olhos scintilantes
Um livro são para amantes,
E lê n'elle o coração.

Perto uma cruz pequenina
Surgia d'entre um rosal,
Emblema que o affecto ensina
Como não existe igual :
Caminhando á cruz chegámos
E junto d'ella paramos ;
Ella então ajoelhou,
E da proxima roseira
Flor entre as flores primeira,
Encarando-me apanhou.

Em silencio religioso
D'ella o exemplo segui,
Do mesmo arbusto formoso
Uma flor tambem colhi ;
Depois os labios sorriram. . .
Depois. . . as rosas caíram,
Cairam. . . porque. . . não sei ;
Mas nem eu fiquei co'a minha,
Nem ella com a que tinha. . .
E a nova rosa beijei !

A troca d'aquellas flores
Troca foi de corações
A trasbordarem d'amores
Palpitantes d'emoções ! . . .
Durou-me pouco a ventura,
Porque em breve a sepultura
Deu-me o luto, o pranto e a dôr,
Murcha a rosa e a flor da idade,

Deixou-me eterna a saudade
D'essa tarde e d'esse amor!

Junho-57.
MENDES LEAL (ANTONIO).

A***

Como este amor começou
Não no podemos dizer ;
Eu sei que a paz me tirou
Dando-me um novo viver.
Tu, sympathica donzella,
Que este amor torna mais bella,
Tambem não sabes dizel-o.
Tu não sabes mais que amar,
E languidamente olhar
Quem tão devéras te quer !
Sabemos só que foi magico
N'essa noite aquelle instante,
Em que inquirei, delirante,
Em tom de voz tão sumido
Que não ouviu mais ninguem.
Se por mim tinhas amor !
E tu, n'um gesto somente
Mas que fallava eloquente
«Sim» disseste.

Como a rosa,
Que abre o calix purpurino
Ao rocio matutino
D'onde espera vida nova,
E que em cada gota prova
O que mal conhece ainda,
Assim tu, p'ra mim pendida,

Entre esp'ranças e receios,
Beber qu'rias outra vida ,
E fazias-te mais linda,
E tornavas-te mais qu'rida!
Ambos pois nos illudiamos !
O que nós ambos sentiamos
Ha muito que era paixão.
Eu perdera o coração,
Tu não sabias do teu,
E buscavamos distante
O que tinhamos tão perto;
Tu n'um sonhar incessante;
Eu n'um louco devaneio....
Ambos nós em desacerto.
E se não fosse um acaso
Inda estavamos perdidos !
Sem inda crer que era amor,
Tinhamos uma igual dôr
Se um ao outro se apartava .
Ambos nós tinhamos zelos
Se prestavamos desvelos
Indiff'rentes a qualquer;
E soffria-se em segredo
Sem o motivo saber.
Hoje a venda jaz rasgada,
Pois que já nos entendemos,
Que as nossas almas achámos,
E que trocadas as temos,
E trocadas ficarão;
E na troca mais se uniram,

N'uma prisão toda flores,
Nossas almas que não chegam
Para conter taes amores !
D'hoje em diante a vida é sonho !
Triste será ou risonho ?
Deus que o deu que o abençoe !
O que sei dizer-te, e juro,
É que o meu affecto puro
Pode ser-te um infortunio;
Mas quebrar, não quebra não !
Se nasceu sem eu querer,
Sem mesmo n'elle pensar !
O que era ha pouco visão,
Hade agora, que tem nome,
Co'a minha vida acabar.
Se t'ó digo é porque o sinto,
E eterna sinto a verdade
D'este indelevel amor.
Sinto-o na triste saudade
Que a minh'alma immerge em dôr,
Quando distante me vejo
De quem sempre qu'ria ver !
Sinto-o na louca alegria
Quando te vejo appar'cer!
Sinto-o até na inspiração
Que povôa a solidão
Em que hoje estou por meu mal !
Como este amor floreceu
Ai ! não no posso explicar !
Só sei que esp'ranças do ceo

Não hade o mundo esfolhar.
Sei, ai ! sei que és meu enlevo,
E que basta um teu olhar
Para matar a saudade
Que minh'alma immerge em dôr !
Sei que vivo por te amar...
Sei que vives d'este amor !

MENDES LEAL (ANTONIO).

A***

Que noite a de hontem, meu anjo !
O que nós ambos soffremos !
Tu choravas, eu chorava,
E no pranto mais a lava
Se ateava d'este amor!
Nada em phrases nós dissemos;
Mas os olhos, rasos d'agua,
Diziam bem quanta magua
Devastava as nossas almas !
Eu duplamente soffria.
Porque um remorso pungente
Vinha, por entre a agonia,
Tornar-me a dôr mais ardente !...
Sabes qual era o remorso ?
Era o haver-te encadeado,
N'essa dupla primavera
De taes annos e do amor,
A mim, que a sorte severa
Faz que esteja desherdado
Da modesta independencia
Que me compete e sonhava.
Tu choravas, na innocencia
Do teu puro coração,
Anjo, o primeiro desgosto
Que te desbota do rosto
Rubida côm de atracção!
Mas eu, anjo, deplorava

Ver-te a ti mimoso lyrio
Debruçado n'um martyrio
Que não mereces por certo.
Eu chorava por te haver
Socia feita do tormento
Em que vivo de continuo,
Sem o dar a conhecer
E sem soltar um lamento.
Mais a dôr subiu de ponto
Quando ao pé de mim chegaste,
E em soluções murmuraste
Um ai que esta alma partiu!
Eu eu, com a voz afogada
De soluços mal contidos
E com a face alagada
Dos teus prantos doloridos,
«Foge» disse !

E ninguem viu

Esta crise dolorosa;
Só a lua, meiga e pallida,
Astro magico de amores,
Appar'cendo luminosa
Entender-nos parecia;
E, alagando o Tejo em luz,
Par'cia dar taes dôres
A luz da resignação!
Tu não te lembras, querida ?
Lembras sim, que me encaraste
Anjo meu de que feitio !
Dos olhos o pranto em fio

As faces te aljofarava,
E na minh'alma caía !
Ai que dôr e que poesia !
Eu então já não chorava;
E n'um impeto de egoismo
Bebendo-as, amei-te as lagrimas,
Que vi n'ellas o baptismo
Do teu affecto primeiro !
Triste baptismo foi elle !
Nunca julguei tanto amar-te !
Minha rosa mal aberta,
Alvo lyrio feiticeiro,
Um desgosto foi preciso
Para mostrar-me e provar-te
O que tinhas indeciso.
Se tu viras de que modo
Os humbraes d'esse teu lar
Eu transpuz, tremendo todo
Nas angustias da saudade,
Mais te crescera a piedade
E mais houveras de amar
Se inda mais se ama no mundo !
N'esta minha soledade
Se o corpo é longe de ti
A minh'alma está comtigo!
Partindo deixei-t'a ahi
Trouxe-te a imagem comigo !
Por ella só penso e vivo,
E, cada vez mais captivo,
Soffro e preso o soffrimento

Que é soffrer do nosso amor !
Terás tu amor bastante
Para n'elle achar valor
De lutar e sempre e amante
Até que a lucta se vença ?
Tu tens muito que affrontar !
Anjo meu, calcula e pensa!
Se te não sentes com força
É melhor dizel-o agora,
Pois que o amor me devora,
Se lhe falta o teu abrigo ,
É capaz de me matar !
Ai ! insensato o que digo !
Á tua idade, anjo meu,
Dá sempre forças o ceo;
Apar do amor põe a fé;
E nas horas de afflicção
Dir-te-há Deus «espera e crê ! »
O mundo não te conhece,
Nem tu conheces o mundo,
Esse sarcasmo profundo,
Que da ternura escarnece
Luctaremos p'ra vencer.
A lucta é grande, bem sei!
Mas á lei dos que não sentem
Oppondo do amor a lei...
O triumpho hemos de ter.
Seja o astro da esperança,
Quem nos guie em tal conflicto,
E veremos no infinito

O santelmo da bonança !

Á PRIMAVERA.

Primavera, doce encanto,
Vem tu de novo reinar;
Traz da aurora o fresco pranto
Ricas perolas sem par,

A que as flores sequiosas,
Abrem o seio, contentes
Por tornar-se mais formosas,
Por tornar-se mais virentes.

Vem do rijo inverno a neve
Desfazer com grato amor,
E festivo torna, em breve,
O preterito rigor !

Vem, oh ! vem, meiga deidade,
Que ao teu magico poder
Surge a esp'rança da saudade,
E do campo o malmequer;

Esse propheta gracioso
Que a quem o desfolha diz
Se pode crer-se ditoso,
Se deve crer-se infeliz.

Traz á rosa o seu perfume
Que nos dá tão casto goso,
E que faz morrer de ciume
O *amor-perfeito* invejoso !

Vem os despidos pomares
De galas brancas vestir ;
Quanto mais os adornares

Mais nos devem produzir.

A seara ao ver-te se enfeita;
Vem trazer-lhe o teu calor,
Tornando em fértil colheita
O suor do agricultor.

Traz-nos os raios doirados
Do matutino arrebol,
E os gorgeios namorados
Do sentido rouxinol;
Que, escondido entre arvoredos,
Diz nas mágicas canções
Muitos íntimos segredos
Aos captivos corações.

Traz-nos as tardes fagueiras
Com a branda viração,
Que de visões feiticeiras
Nos povôa a solidão.

Traz-nos as noites queridas
De tanto goso e pesar,
Em que fogem, esquecidas,
Horas n'um vago scismar.

Em que a lua se namora
Da corrente nos cristaes,
Em que e chamma do amor cora
Muitos rostos divinaes.

Vem, Primavera divina,
Vem a alcachofra gentil
Fazer brotar da campina
Ao teu bafejo subtil.

Para queimada e ao relento,

Posta em noites de condão,
Reflorando ao orvalho bento,
Responder ao coração.

Vem, oh ! vem p'ra que a donzella,
Nos jardins colhendo as flores,
Com ellas forme a capella
Com que mais inspira amores !

Vem, rainha, doce encanto,
N'alma e no prado reinar,
Faz com teu orvalho santo
Flores e amores medrar !

MENDES LEAL (ANTONIO).

PRESENTE E PASSADO.

Immersa em trevas a minh'alma inanime,
Nem tinha alentos p'ra gemer a dôr !
Nem tinha ao menos uma voz sympathica,
Que d'uma esp'rança lhe mostrasse a flor !

Perdido estava ; qual perdido um nautico,
Que em mar em furias o sepulchro vê ;
Assim minh'alma, desvairada e misera,
No ceo, no Eterno nem já tinha fé !

Buscara affectos e buscara-os avido,
Como o viandante que, perdido, quer,
Morrendo á sêde nas soidões d'America,
A fonte amiga bem que ao longe ver.

E nada achava ! Só mentira cynica,
Em vez de extremos encontrara então !
Apoz o engano veiu entrando a duvida,
Que ao pouco a pouco foi tomando acção !

E fui descrendo ! – Se me achava sceptico ! –
De tudo e todos, té descri de mim !
Nem tinha prantos, d'esses prantos intimos
Que a dôr minoram d'um soffrer sem fim !

Tortura immensa ! De tal modo extatico,
Levava a vida sem um goso achar !

Que o mundo ao ver-me me dissera estatua
De escarneo viva d'um cruel zombar !

Á noite escura da existencia lugubre
Succede aurora de fulgente luz !
Que luz é esta, que se mostra subita ?
Que luz é esta ? porque assim seduz ?

Que luz é esta, que me estala o marmore
D'est'alma afflictica ? que me faz verter,
Sulcando as faces, uma doce lagrima,
Nuncia do Eterno que me ensina a crer ?

Oh ! Deus que importa ! se esta luz benefica
Me aquece a vida ! se dizer-me vem :
Recobra esp'ranças, e recebe o balsamo
Que as magoas cura do desejo além !

E a luz que vejo, resplendendo vivida,
Oh ! não, não mente... que a minh'alma a crê !
Fulgiu de uns olhos de ternura languidos
Ai ! d'alma espelhos, onde amor se lê !

Já sinto e vivo porque a virgem pallida
Fitou-me os olhos e sorriu, tremeu...
E a virgem bella nos olhares pudicos
Ao triste mundo de esperanças deu !

Minh'alma agora, n'uma crise rapida,
Trocou desgostos por ardente amor...

Tendo orvalhada d'uma aurora limpida
A flor do affecto, da esperança a flor !

Salvaste-me, anjo, dos abysmos horridos
Em que eu caira sem o teu sorrir !
Sorrir de virgem, na affeição sollicita,
Em que eu soletro : «crença, amor, porvir !»

MENDES LEAL (ANTONIO).

A MINHA ESTRELLA.

N'esse manto recamado
De parcellas luminosas,
Brilhando todas formosas,
Não vês um astro encantado
Melancolico appar'cer ?
Como se espelha nas aguas
Que bem se casa c'o as magoas
Como attenua o soffrer !

Meiga a lua – astro saudoso
Que de mysterios murmura !
Muitos mais á desventura,
Muito mais do que ao ditoso,
Ou de opulencia ou d'amor,
Na pallidez que a distingue
Nunca a tristeza se extingue,
Mas é tristeza sem dôr !

Ao pé não vês uma estrella,
Seguindo-a sempre constante,
Que brilha como o diamante
Tão radiante como bella
E de attractivo sem par ?
Pois essa magica chamma
É que esta minh'alma inflmma
E a que sempre eu heide amar.

Não me apparece de dia
Se me vê, não posso vê-la...
Porque se esconde assim ella ?
É p'ra ter mais poesia
Quando á noite vem fulgir;
É p'ra mattar-me a saudade
E com mais intensidade
Sobre o triste reflectir.

Se ás vezes nuvem traidora,
Ou cerração traiçoeira,
Vem roubar-me a companheira,
Triste a minh'alma deplora
A terrivel privação ;
Mas se ao depois me apparece,
Em mais santo amor me aquece,
Mais me exalta o coração.

Existem astros na terra,
Nenhum porém fulge tanto !
Nenhum tem tamanho encanto
Como o encanto que este encerra
Pelo menos para mim !
Ha-os na terra formosos,
Mas são todos caprichosos,
Nenhum é constante assim.

Oh ! scintillante rainha !
Bem me vês, sou teu captivo...
Serei teu em quanto vivo

Como ahi no espaço és minha,
Minha só de mais ninguem.
Podem outros encarar-te,
Mas esses hãode deixar-te
Por astros que o mundo tem.

Não, como eu ninguem te admira,
Ninguem te chama incessante,
Ninguem ao ver-te radiante
Ai ! como eu por ti se inspira
E na poesia e no amor...
Se és toda a minha alegria !
Se és a estrella que me guia
Nas trevas da minha dôr !

N'UM ALBUM.

Ai ! donzella, tu suspiras,
Porque suspiras, diz lá ?
Baixas os olhos e coras ?
Porque motivo será ?

São amores, querido anjo ?
Pois tão nova, com taes annos,
Já tens o peito captivo
Amas, e choras enganos ?

Infeliz e debil planta,
Te sacode o vendaval
D'um desengano immer'cido
Ou d'uma illusão fatal ?

Chora, pois, chora, donzella,
Que os prantos na tua edade
São como orvalhos da aurora
E não regam a saudade.

Se o tormento hoje te punge,
Se o soffrer, se exhala em ais
Louva, tonta, a Deus e pede
Que t'os não dê mais fataes !

Chora, pois, chora, donzella,
Que o pranto na tua edade

Da vida lava o desgosto
Do peito arranca a saudade.

MENDES LEAL (ANTONIO).

?

Acaso já viram na terra uma virgem,
De formas divinas, de olhar seductor;
Enlevo das almas, um astro radioso,
Luzindo discreto de um novo fulgor ?

As phrases que solta são todas candura,
Infiltram-se n'alma com tanta impressão !
Desenham, traduzem, tão ampla virtude ;
E tem sobretudo tão bom coração !

Segredos que eu saiba na vida não conta,
O mundo não pode manchar-lhe o pudor,
Piedosa e affavel a todos acolhe
Humana consola com prantos a dôr !

Instincto elevado, finura agradavel,
Augmentam-lhe ainda de fada o condão ;
Presente uma angustia, vae logo abraçal-a,
Entende-a, e chorando lhe aponta a oração.

Na mão que a indigencia tremendo lhe estende,
Humilde implorando lhe abrande o rigor,
E a fome lhe mate, solicita esmola,
Ingenua, a donzella sorrindo vae pôr !

Responde graciosa, e modesta evitando
O affecto importuno, n'um magico *não*;

Desfaz as esp'ranças, se um louco as concebe,
E dá-lhe em vez d'ellas fraterna affeição.

Vaidade – nem sabe que exista no mundo
A vigem formosa de immenso valor,
Seus paes que a estremecem adora e respeita,
Contente por elles só vive de amor !

O rosto é-lhe espelho de terna bondade;
Não nega, se a offendem um nobre perdão,
Concede-o depressa, que, meiga e affavel,
Esquece de prompto se vê contricção.

Lisonjas não julguem, são tudo verdades,
Louvando só digo, revelo o que sinto;
O nome não digo, procuram-no perto
Se querem sabel-o, verão que não minto !

A PESCA.

(CANÇÃO).

Pescador, barco ao mar sem demora,
Solta as velas ao brando frescor !
Redes promptas ! Ávante ! sem medo !
Barco ao mar ! e sentido ! e vigor !
 E a companhia repete contente :
 Barco ao mar ! e sentido ! e vigor !

Este mar que se espelha é de leite,
E de rosas se off'rece a maré !...
Eia ! á pesca ! nos peitos levamos
Esperanças, saudades e fé !
 Infeliz não é certo, quem leva
 Esperanças, saudades e fé !

Já se afasta veloz a companhia,
Sobre as ondas alegre a correr;
Mais de uns olhos a seguem saudosos,
Mais de um peito suspende o prazer.
 Porque as vagas do mar inconstante
 O sepulchro d'amor podem ser !

Já vão longe. Na terra mais de uma,
Ai ! murmura fervente oração;
Por qual d'elles ? Por quem ? O seu nome
Não no diz a ninguém, isso não !
 É segredo que o peito lhe guarda,

É mysterio do seu coração !

E em quanto o cuidado estremece
Mais de um peito nas ancias do amor,
Vae no barco da pesca cantando,
Satisfeito o gentil pescador.

É suave, singela e sentida
A canção do gentil pescador !

«Meus amores em terra ficaram,
A saudade me punge no mar,
Protegei-me, meu Deus, contra os p'rigos,
Que as saudades desejo matar.

Quero á terra volver, aos amores
Quero, emfim, as saudades matar.

Não é minha metade d'est'alma,
E a minh'alma partida não qu'reis;
É-me a pesca meu pão, meu sustento,
Mas d'amor os cuidados são leis.

Quero á terra volver, aos amores,
Que de amor os cuidados são leis.»

De repente uma voz se levanta,
Que suspende trabalho e cantar :
Prôa á terra ! – É o arraes que lhes brada,
Boa pesca lhe vamos levar.

E airoso, mudando de rumo,
Vem o barco na terra aproar.

O terror trocou-se em folguedos ;
As saudades murcharam então ;
E floriram d'amor as esp'ranças,
E perdeu-se no amor... a razão.

E cantaram alegres, folgaram,
Dando largas á mutua paixão !

MENDES LEAL (ANTONIO).

ADEUS !

(CANÇÃO)

Volta, volta o cabrestante !
Solta velas ! Atenção !
Ai ! despede-te, saudade
Do meu pobre coração !

Adeus, patria, adeus berço de infancia
Ai ! que eu nunca pensara deixar !
Adeus, campos de amena fragrancia
Onde infante medrei a brincar !

Leva o ferro ! presto ! Ávante !
Prôa ao mar, embarcação !
Parte comigo a saudade
Fica em terra o coração !

Adeus, sonhos de ternos amores !
Sonhos só – porque tanto chamei !
Se vos fujo é que fujo aos rigores
Da má sorte em que sempre me achei !

Voga ao largo ! Segue o rumo !
Vento assim ! Vae de feição !
Levo esp'ranças e saudade...
Deixo em terra o coração !

Adeus ! todos que eu amo na vida

Adeus todos que tanto choraes !...
O que soffro com tal despedida
Bem no dizem agora meus ais !

Ala os braços ! Caça escotas !
Aproveita a viração !
Acompanha-me ó saudade
Já que vou sem coração !

MENDES LEAL (ANTONIO).

AMAR-ME-HAS ?

CANÇÃO TRADUZIDA DO FRANCEZ.

Ai ! Rosa, minha Rosa,
Vem dar-me o teu amor,
Terás quanto quizeres
Que eu sou teu grande senhor.

Tu dançarás
E walsarás,
Magica rosa ;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz : amar-me-has ?

Ai não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer !

Oh ! gentil formosura
Rainha te farei,
E as flores d'esse prados
Em joias tornarei.
Tu dançarás
E walsarás,
Oh ! formosura ;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz : amar-me-has ?

Ai não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer !

Terás seda e velludos
Terás d'um grande o amor,
E dos jardins da côrte
Serás a melhor flor ‘
Tu dançarás
E walsarás,
Mas só na côrte;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz : amar-me-has ?

Ai não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer !

CONSOLAÇÃO.

Diz, ó virgem, porque inanime
Sobre o peito a fronte inclinas ?

Porque as faces purpurinas
T'as desmaia a pallidez ?

Porque suspiras tristissima,
Porque te vejo arquejante,
E o teu olhar scintillante
Se humedece em languidez ?

Porque triste e melancolica,
Scismas tu d'esse feitio,
E te vejo o pranto em fio
Pelas faces deslizar ?

D'onde provém essas lagrimas,
Que, orvalhando o teu enleio,
Vão audazes ao teu seio
Discreto asylo buscar ?

Soffres, vê-se : a dôr é intima
Mas qual ? illusões perdidas ?
Esp'ranças emmurchecidas
Ou mil saudades d'amor ?

«É tudo ! » murmura timida
A donzella feiticeira ;
Da minha affeição primeira
Da saudade herdei a dôr !

Saudade, flor cruelíssima,
Gosto amargo de infelizes,
Que vem firmar as raizes
Nas fibras do coração ! »

Vê-se : da saudade és victima,
Sofres d'ella o acerbo trato,
Que por cego ou por ingrato
Amor pagou com traição !

Não chores, virgem, merecem-t'o ?
Cobra alento e confiança,
Não nega Deus a esperança
Na terra aos anjos do ceo.

Pede ao Eterno em votos fervidos
Esquecimento e ventura ;
Porque na terra a ternura...
A ternura... dou-t'a eu !...

MENDES LEAL (ANTONIO).

RESPEITO E AMISADE.

AO ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO BENEFICIADO,
FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO.

Estas phrases, senhor, que vos escrevo,
São sinceras, e n'ellas podeis crer;
São um tributo d'alma que dedico,
É quanto posso dar, por mais não ter !

Salvè, salvè, modelo de virtude,
Exemplo salutar de santo amor,
Interprete fiel do verbo santo,
Fazendo-o refulgir com mais fulgor.

Nas praticas em que eu vos tenho ouvido
Do pulpito fallaes ao coração ;
Inspiraes co'a virtude as nobres crenças,
E daes em cada phrase uma lição !

Se fallaes ao peccador arrependido,
Ao morrer-lhe da vida quasi a luz.
N'um gesto só, mas n'um gesto eloquente,
Como esp'rança apontaes-lhe para a cruz !

Despido d'ambições e de vaidade,
Sois o typo, senhor, do bom christão;
As santas leis prégaes da santa Egreja,
E o exemplo daes na vossa abnegação !

E ministro de Deus, sois respeitado,

Não por austero, só por muito amor;
Pelo amor, que legou d'entre os martyrios,
O Rei dos reis, do mundo o Redemptor !

Ah ! cumpris a missão do sacerdocio
Como ella escripta foi, como ella é;
Em alento trocaes o desalento,
Ao sceptico inspiraes a crença e a fé !

Poeta, deu-vos Deus a faculdade,
Nas azas de subir da inspiração,
De correr das idéas pelo infinito,
De colher n'essa aerea região,

Pensamentos a mil, de mil affectos,
Estrellados de muita inspiração,
Que repassam uma a uma d'alma as fibras,
Buscando por asylo o coração !

Poeta e sacerdote ! Unidos ambos,
Por laços que só Deus pode formar,
A Igreja entrelaçada co'a poesia,
E n'uma alma sómente e sempre a par !

Oh ! se ha nada mais bello e mais sublime !
Vê-se em vós creador e criação ;
O dedo de Deus tendes n'alma impresso,
E ao mundo scintillaes essa impressão !

Obscuro, como sou, desconhecido,

Eu só sei respeitar-vos e admirar
Calado, mas absorto vos contemplo,
E dou-vos quanto um peito pode dar.

AI ! NÃO ME NEGUES A ESP'ANÇA

Porque me negas a esp'rança,
Quando o teu ardente olhar
Na minh'alma adormecida
Fez tanto amor acordar ?

Tornei-me pois teu captivo,
E bem digo a escravidão,
Porque só hoje é que sinto,
Que me vive o coração !

Esses teus olhos, querida,
Tem tal vida e tal ardor,
Que ao fitar-os senti logo,
O vivo incendio do amor !

E rendido e namorado,
Não pude o affecto conter,
E em phrase pobre e sentida,
Nada te pude esconder.

Respondeste-me dizendo,
Que te impunha uma traição !
Pois era traição pedir-te,
Que me não dissesses : «não ? »

Podem acaso haver peias
Para tal amor ardente ?

Amores jamais são crimes
Na consciencia de quem sente !

Porque affectos não se impõem,
Nem se podem suffocar;
Vindos elles é ceder-lhes
Ninguem n'os pode evitar !

Porque fallas de deveres ?
Pois não reparas, não vês,
Que ninguem como eu, querida,
De amor se roja a teus pés ?

Pois tanto amor não te abala,
Não te faz nada sentir ?
Porque me negas a esp'rança,
Porque me queres fugir ?

Queres, esquiva, matar-me
Com tanta incerteza assim ?
Porque «não» dizes nas phrases,
E nos olhos dizes «sim ? »

Receias tu que eu te esqueça ?
Tranquillisa-te, anjo meu;
Amor que tem tanto fogo,
Nunca mais arrefeceu !

Oh ! transforma a tempestade
D'esta minh'alma em bonança.

Podemos ser tão felizes !...
Ai ! não me negues a esp'rança !

MENDES LEAL (ANTONIO).

O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XV

SEGUNDO DA QUARTA SERIE.



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1858).

LISBOA:
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA.
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1858.

A ROSA PALLIDA.

Minha rosa desmaiada,
Aqui te dou meus desvelos;
Teus encantos são tão bellos,
Que por elles perco o tino.
Incendido já no amor,
Diviso ahi n'essa côr
Um mais risonho destino.

Se tu, rosa, desbotaste,
Oh ! não foi ao meu contacto;
Se assim fôra era esse um facto
P'ra não te poder colher,
Porque as flores melindrosas,
Se lhe tocam, as vaidosas
Sabem logo emmurchecer.

És uma flor estrangeira,
Mas eu intendo-te, flor;
E adoro-te esse pallor
Como respeito a innocencia,
Que symbolisa essa alvura,
E essa essencia que é mais pura,
Que d'outras flores a essencia !

Amo-te tanto, querida!
Sendo pallida és tão linda....
Outra flor não vi ainda

De tão magica attracção!
Embriagaste-me os sentidos,
E a teus pés tens-me rendidos
Pensamento e coração.

Fôra feliz se eu podera,
Por incognita magia,
Minha flor de sympathy,
Tingir-te de rubra côr;
Qu'ria então sósinho ver-te,
E enthiasmado dizer-te :
— «Vês ? Foi milagre de amor !

A CRUZ !

Não vêdes, filhos, não vêdes,
N'esse altar aquella cruz ?
Olhae bem, olhae agora,
É o nosso amparo e luz !

Para nos remir a todos
Jesus Christo ali morreu,
E n'ella, por santo exemplo,
O perdão a todos deu.

Foi por nós martyrisado,
Como inda não foi ninguem,
E em paga do mal soffrido
Só nos aconselha ao bem !

Aquelle sangue que vertem
Suas feridas com a dôr,
É-nos prova santa e vasta,
Do seu vasto e santo amor !

Ponde, filhos, n'elle os olhos,
E mostrae que sois christãos,
E rezae, rezae-lhe muito;
Mas primeiro ponde as mãos.

Agora de mãos erguidas,
Rogae por vós e por mim,

Pedi saúde e juízo,
E pedi, pedi-lh'ó assim :

«Pae do Ceo que ahi nos vêdes,
«Tende dó de todos nós,
«Que nós somos vossos filhos,
«E tudo esperamos de vós.

«Dae-nos virtude e fortuna,
«Para nós e nossa mãe,
«Livrae-nos dos negros vícios,
«E aproximae-nos do bem !»

Fazei da cruz o signal,
Reparae, filhos, assim,
Agora vamos, contentes,
Podeis brincar no jardim.

MENDES LEAL (ANTONIO).

NÃO ME ACREDITAS ?

Não me acreditas, meu anjo ?
Ou crendo, crês este amor,
Uma instantanea scentelha
De passageiro fulgor ?

Pois não vês, tu não reparas,
Que o meu peito — escravo teu,
Se tu suspiras, suspira,
Se te vê triste gemeu ?

Se um sorriso de alegria
Vem o teu rosto esmaltar,
Eil-o extremoso e contente
Do sorriso a quinhoar !

Tu não vês como a teu lado
Esqueço tudo por ti,
Sem que as nuvens do passado
Perturbem tal goso ali ?

Não reparas que alvoroço
Sinto ao ver-te ! — Não te diz
O coração satisfeito :
«Eu sou que o torno feliz ?»

A minha alegria ao ver-te,
Ao deixar-te a minha dôr,

Que será senão ternura,
Que dirá senão amor !

O cuidado que me agita
Quando te vejo soffrer,
Não diz mais que sympathia ?
Muito amor não quer dizer ?

A saudade que, ao deixar-te,
A minh'alma vem pungir,
Á tua incredulidade
Não vae amor traduzir ?

Olha, qu'rida, não se fingem,
Tal amor, extremos taes !
É diff'rente a falsa angustia
Da magoa exhalada em ais !

Não me acreditas ainda ?
Podes inda duvidar ?
Oh ! maldigo o teu passado,
Que assim me vem torturar.

A ELLA.

Vôa, vôa, pensamento,
Vae-*lhe* ao ouvido murmurar,
O que a minh' alma saudosa
Soffre por tão longe estar
Da ternura que lhe falta;
Diz que o prazer não me esmalta
A pobre da inspiração,
Pois que d'*ella* separado
Vive entre a turba isolado
Meu captivo coração !

Diz como eu hoje me lembro
Das horas da intimidade
De tanto amor estrelladas,
Que me dão tanta saudade !
Ai ! breves meigos instantes,
Em que as almas palpitantes
Nem sabem dizer — amor !...
Porque a suprema ventura
Não tem phrases co'a ternura,
Que lhe traduza o valor.

Vae dizer-*lhe* pensamento,
Com que effluvios de paixão,
Estas ausencias deplora
O extremoso coração.
Vae dizer com que impaciencia

Para findar tal ausencia,
Chamo o dia d'ámanhã !
Diz-lhe tu, discretamente,
Que só *ella* est'alma ardente,
Lembra a par de minh'irmã !

AMOR E SAUDADE.

Lembras-te, Emilia, d'essa vez primeira,
Que estranha sendo junto a ti cheguei ?
Que transe aquelle de agonia immensa !...
Ao ver-te, Emilia, por te ver chorei !

É que eu media todo inteiro o golpe,
Que estavas prestes a soffrer de Deus;
Ai ! tu choravas porque vias prantos
Mais do que a magoa que enluctava os teus.

Não vias inda que infinita perda,
Era, ó querida, a do materno amor;
Não vias inda que orphandade e luctos,
Na morte o arbusto te legava, ó flor !

Na quadra bella d'essa curta idade,
Tudo se ignora, tudo é bello então;
Chora-se, e os prantos, como o fresco orvalho,
Á flor que inundam mais belleza dão.

Nem se adivinha a innocencia d'ella,
As muitas phases que esta vida tem,
Que d'hoje as galas, ámanhã são luctos,
Que o mal nos surge d'entre o proprio bem.

Por ti soffria calculando a angustia,
Que, pobre anjinho, tu devias ter,

Quando saudosa tua mãe sem vida,
Chamasses, filha, sem podel-a ver !

Soffria d'alma por te ver privada
Tão cedo ainda d'esse amor sem par,
Que Deus inspira, que sómente ensina
Às mães na terra para um ceo nos dar.

Chegando ao leito de um cadaver quasi,
Eu vi — que scena de tristeza e dó !...—
Veloz correndo no stertor convulso,
Chegar a morte e reduzir a pó,

Os mil affectos e os extremos todos
D'uma familia que ficava ali,
Gemendo triste na orphandade immersa...
Depois sem vida tua mãe eu vi !

Jurei, bem sabes, sobre a campa aberta,
Da que fugira d'este mundo vão,
De mãe servir-te desde aquelle instante,
Cumprindo á risca a maternal missão !

Quinhoei contigo o que a meus filhos dava ;
N'alma entre elles um logar te dei ;
Foste crescendo, e o meu amor contigo,
E que o merecias tu provaste — sei !

Depois o acaso separou-te, filha,
D'esta familia que te vi crescer;

Para longe foste, mas levaste os votos,
Que a Deus fazemos por feliz te ver.

Sei que te rasgo n'estas phrases intimas
A dôr eterna que se expande em ais;
Porque as feridas pela morte abertas
Eternas sangram sem fechar jámais.

Perdoa, filha, quiz dizer-te apenas,
Lembrando a crise d'uma dôr pungente,
Que o amor que teve no sepulchro a origem,
Deve na campa esfriar sómente !

Acceita, Emilia, da saudade as flores,
Que te revelam maternal transporte.
Filha, ai ! filha, não nos percas nunca,
O santo affecto que brotou da morte !

1856.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A ROSA E A CAMPA.

(TRADUZIDO DE VICTOR HUGO.)

A campa pergunta á rosa :
«D'aurora aos prantos, vaidosa,
«O que fazes tu, ó flor?»
Á campa a rosa pergunta :
«Que fazes tu do que ajunta
«No teu centro o lucto e a dôr?»

A rosa diz, sem demora :

«Cada lagrima da aurora,

«Torno em perfume só meu !»

Diz á rosa a campa fria :

«Alma que a morte me envia,

«Anjo a mando para o ceo !»

PARABENS.

(ÁS MELHORAS DO MEU BOM AMIGO A. E. P. DE V.)

Segue a bonança á procella,
E o conforto a lances taes !
MENDES LEAL JUNIOR (Caridade e Gratidão.)

I

Á beira d'uma campá descerrada,
Um medonho equilibrio sustentaste,
Um abysmo de morte em lucta ousada,
Por um quasi milagre tu galgaste !

Physicas dôres te pungiam tanto,
Que a dôr d'uma familia tu nem vias,
No peito suffocando o amargo pranto,
Perdendo dia a dia as alegrias.

Novo Lazaro, o teu martyrio ardente,
Vae aos teus indagal-o, que gravadas
As horas todas tem, em que imminente
A morte t'as levava já contadas.

Muita dôr padeceste, oh ! muita é certo ;
Mas teus paes, tua irmã que te velaram,
Ao ver-te do sepulchro já tão perto,
Que de prantos sentidos não choraram !

II

Mas das trevas que o peito enluctaram,
Surge o sol com mais brilho e mais forte :
Os cuidados do affecto arrancaram
Uma vida dos braços da morte !

Da existencia a vergonteja abalada
Por medonha e cruel tempestade,
Nova Phenix renasce, esmaltada
De esperança, de amor, de amisade !

Como a flor, que matisa a campina,
Cobra alentos ao sopro fagueiro
Da gentil primavera divina,
Esquecendo o rigor derradeiro ;

Assim cobra mais forças e alentos,
E resurge mais bella e florida,
Uma vida, contada a momentos,
Sobre a campa já meio pendida.

III

Eis-te á vida já volvido,
O teu tormento findou,
Pois que nova e rosea aurora
Os cuidados dissipou.
Hoje debes na memoria,
Por doirar a tua historia
Uma lembrança marcar,
A de ternura e desvelos,

Com que muitos olhos bellos
Fizeste em pranto orvalhar !

IV

Acceita-me, Augusto, nas phrases singelas,
Embora sinceros de terna affeição,
As flores que offerto, bem sei, não são bellas,
Mas foram colhidas no meu coração.

Sou pobre, bem sabes, e a musa, é senhora,
Por isso despresa quem tanto lhe quer ;
As linhas que escrevo, se o affecto não fôra,
Não vias de certo de musa nascer !

Mas hoje a ternura, que as almas nos liga,
Contente sem ella te fallo hoje aqui,
Traduz a verdade ? Tua alma que o diga,
Pois deves, Augusto, julgar-me por ti !

20 de Março, 1856 .
MENDES LEAL (ANTONIO).

AMORES DE UMA CRENÇA.

Amores d'uma crença
São amores infantis:
Ama o verde côr da esp'rança,
Dos amenos alcantis.
Revê-se alegre nas flores,
Sem pesares, sem temores,
Que são ellas seus amores,
Os seus brincos juvenis !

Das aguas ama a corrente,
Que no campo vem cair;
Ama a lympha transparente,
Mira-se n'ella a sorrir.
E no sorriso innocente,
Scisma e procura na mente
A causa de quanto sente
Sem podel-a definir !

Ama as aves na ramagem,
Alegremente a trinar;
Ama os salgueiros na margem
Na margem do verde mar.
Ama a vaga que espumando,
Quando a praia vem beijando
Como que diz sussurrando
De Deus o santo fallar.

Ama as luzentes estrellas
No firmamento a brilhar,
Lindas, lindas todas ellas,
Todas ellas de encantar.
Ama o celeste anilado
Em que se vê retratado
Do Eterno o poder sagrado,
Que devemos respeitar !

Ama a pallidez da lua,
Dá-lhe um vago e doce enleio,
Vendo o astro que fluctua
Sente incognito recreio.
E scisma a todo o momento,
No seu curto entendimento,
Como pode o firmamento
Sustental-a no seu seio.

Ama tudo o que é belleza,
Quer da terra quer dos ceos,
Ama toda a natureza,
Ama o seu e nosso Deus;
Ama a doce melodia,
Ama a noite como o dia,
Ama instinctiva a poesia,
Que ella tem nos beijos seus !

QUE FIZESTE AO CORAÇÃO?

Ai ! minha Julia formosa,
Porque hasde ser tão vaidosa,
 Tão teimosa...
Tão teimosa por meu mal ?
Pois não me vês de bom grado,
Pedir perdão d'um peccado,
 D'um peccado,
Que nem sequer foi real ?

É possível que a belleza
Possa alliar-se á crueza ?
 Porque acesa...
Porque acesa em ira estás ?
Foram tantas as offensas,
Que nem calculas nem pensas,
 Ai ! nem pensas,
Que um desgraçado farás ?

Pois olha, digo-te agora...
No teu logar de senhora,
 E se o fôra...
E se o fôra... Tu sorris ?
Queria ter na sociedade,
Mais alma e menos vaidade...
 Que a vaidade
De que serve, tonta, diz ?

Serve... de ter um cortejo,
Que sem alma, fé, nem pejo,
 Um desejo...
Um desejo segue só...
Turba vã de adutores,
Só pensa em manchar as flores...
 Pobres flores...
Calcadas, depois, sem dó !

Serve mais, serve imprudente,
De provar que a flor nos mente
 Quando ardente,
Quando ardente diz *amor*;
Ou quando em vago sorriso
Mostra a dois o paraíso...
 Paraíso,
Que mal fica ao seu pudor !

A vaidade é permittida ;
Mas se passa, ó Julia qu'rida,
 Da medida,
Da medida que é dever;
Se ella quebra o justo encerro...
Fica sendo, quasi, um erro,
 Quasi um erro,
Que p'rigoso pode ser !

Não te enfades mais comigo.
Se nas verdades que digo
 Mostro o p'riego...

Mostro o p' rigo, Julia assim,
É que me inspira o despeito
De não achar em teu peito,
 Em teu peito,
Nem um perdão para mim !

Pois não vês que soffro tanto ?
Porque me negas o encanto
 Nobre e santo,
Nobre e santo d'um perdão ?
Não te basta, ó desdenhosa,
Tal vingança ? Diz, teimosa,
 Diz teimosa,
Que fizeste ao coração ?

Abril, 4 — 1856 .
MENDES LEAL (ANTONIO).

IMPROPERIOS.

I

Com que extremos te quiz, ó formosura !
Ao teu culto minh'alma se rendeu,
E vida e coração entregou tudo
Julgando achar em ti d'amor um ceo !

Ao ver-te a vez primeira n'esse baile,
Radiante de galas e de amor,
Perdi-me a contemplar-te transportado,
E ceguei-me do teu rosto no fulgor !

Não te lembras depois d'aquella walsa,
Em que loucos no infrene turbilhão,
Ao compasso da orchestra, unidos ambos,
Nos olhos nos fallava o coração ?

Que bella estavas tu n'aquelle instante !...
Os olhos incendidos do prazer,
Faces purpureas, e arquejante o seio,
Como quem mal podia amor conter !

Com que indulgencia, ó virgem, me escutaste,
Quando ao depois de amores te fallei !...
Sorriste e abaixando a voz disseste :
«Mentir não deve, que enganar não sei !»

Era mais do que esp'rança aquella phrase :
De ternura um protesto era formal !...

Não julgava em labios d'anjo achar mentira...
Mulher, acreditei-te... por meu mal !

II

Onde encontrar a verdade ?
Onde encontrar a paixão ?
Se hoje onde era o coração,
Sómente existe a vaidade !
Nasce um puro affecto ardente,
A florir a par da esp'rança,
No affecto exalta-se a mente,
E sonha, e pensa, e não cansa.

A existencia é toda flores,
Um mundo se forma ideal,
Porque um seio virginal
Abriga os castos amores !
Damos alma e vida e fé,
Porque um amor elevado,
Nunca pode ter ao lado
Uma duvida de pé !

A luz de tal sentimento
Accendeu-a a lealdade,
Que não fere a virgindade,
Nem sequer no pensamento !
E por fim, onde julgamos
Encontrar, nobre e discreto,
Como este affecto outro affecto,
Ignobil traição achamos !

Onde viamos ternura,
Se aninhava a vilania,
Porque a torpe formosura
Guardar a fé não sabia !
Qu'ria incessante um cortejo
De immensas adorações,
E rendidos corações
Trazer em longo cortejo !

III

Diz agora, mulher, que fizeste,
Dos protestos e juras d'amor ?
Tão depressa já tudo esqueceste,
Tudo negas com tanto impudor?!...

Como a mascara breve arrojaste,
Quando preso me viste, mulher ?
E depois como o escarneo vibraste,
Quando os zelos não pude conter !...

Que vaidade satanica e fera,
Em teus olhos e labios fulgiu,
Quando em zelos accessa e severa
De perjura minh'alma te arguiu !...

Ai ! tão nova, tão nova e formosa,
E com alma já tão desleal !...
Quem dirá que no calice a rosa
Tem co'o aroma um veneno mortal ?!

Despresaste d'amor um thesouro,
Esmagando a minh'alma sem dó,
Fôra mais que vileza – desdouro,
De taes zelos rojar-me no pó !

E não tremes da ira do Eterno ?
Não te pejas de ser qual tu és !?
Mulher, vibora, monstro do inferno,
A voragem não vês a teus pés ?

Podes inda emendar-te, querendo :
Mais tarde, é já tarde de mais !
Da traição ás infamias descendo,
Immergir-te em mil odios tu vaes !

Não por mim, mas por ti, scisma e pensa
Mede o abysmo, calcula-lhe o horror !
A vaidade, mulher, não compensa,
O despreso do mundo e do amor !

Em paz fica demonio ! O teu nome,
Para sempre a minh'alma riscou,
No despreso a vergonha ella some,
Da paixão com que tanto te amou !

.....

IV

Que ninguem me tome a serio,
As injurias que aqui vão,

Á minha vida não fazem
A mais pequena allusão.
É phantastica esta ingrata,
E phantastica a traição !

Foram pedidos taes versos,
E não me pude esquivar,
E sem ser este o meu genero,
Dei quanto podia dar !
Creei coisas impossiveis,
Para taes odios achar !

Não é possivel na terra,
A lindeza ingrata ser.
Não, não pode um rosto d'anjo,
Alma de fera conter;
Se a formosa a amor se entrega,
D'esse amor faz um dever.

Essa lista de improperios,
Que n'esses versos lancei,
Crime são – e nem desculpa
Merecem elles – bem sei !
Por ordem d'uma lindeza,
Foi sómente que eu pequei !

Se algumas senhoras virem,
Esta feia e negra acção,
Podem dizer as leitoras :
Não ha nenhuma allusão,

Taes amores são phantasticos,
E phantastica a traição !

1857.

MENDES LEAL (ANTONO).

A ROSA.

(IMITAÇÃO DO HESPANHOL.)

Nos jardins te ergues altiva
Perfumada e linda rosa,
Outras flores offuscando
Cada qual mais invejosa.

O mel dentro em teu calix
Sabes, avara, occultar,
P'ra que a tonta borboleta,
Sobre ti venha adejar !

Nos cristaes a tua imagem
Do manso arroio se vê,
Espelho fazes da lympha,
Que te vem beijar o pé.

Um docel fazes das folhas
D'um arbusto secular,
Que aos raios do sol te esquiva
Para te não desbotar !

O rouxinol trina amores
Em torno de ti, ó flor,
Que fôra empresa difficil,
Ver-te, e não morrer d'amor !

Eu, que, tambem, insensato,

Busquei rir do teu poder,
De ti me sinto captivo,
E captivo sem querer !

Ai ! deixa que o teu perfume
Logre em teu seio libar,
Antes que algum vendaval
Te venha o viço roubar.

Abril, 9 – 1856.

A UMA CRENÇA.

Meigamente em teus olhos formosos,
A innocencia dos anjos transluz !
A innocencia casada á poesia,
Que em taes annos mais prende e seduz.

Ai ! anjinho, tu medras, contente,
Sob as vistas e extremos da mãe,
Que sorri se te encara o sorriso,
Que se choras padece tambem !

De que affecto e cuidados és fito !
Que alegria contigo sorri !...
Que esperanças formosas te embalam !
Como todos se int'ressam por ti !...

Essa idade, festiva e doirada,
Só deseja, só pensa em brincar !
Ai ! que invejas me accordas n'esta alma !
Ai ! que tempos me vens recordar !

Folga, pois, descuidada innocencia !
Cresce ao collo de tanta meiguice,
Que mais tarde virão mil saudades,
Recordar-te a gentil meninice !

Quando, virgem, depois intenderes,
A linguagem do mundo fallaz,

Deus te cerre os ouvidos, Marianna,
Á' paixão... que um inferno nos traz !

Mas se acaso a tua alma, sensível,
Sequiosa, chamar pelo amor,
Deus te dê de honradez um modelo,
Que tu possas amar sem rubor !

Deus te dê n'este mundo a ventura,
Sem jámais ter na vida um desgosto
Que do peito te expulse o socego,
Que desmaie o carmim do teu rosto !

Maio –1857.
MENDES LEAL (ANTONIO).

A MEU IRMÃO

(C. A. MENDES LEAL, NA SUA SAÍDA PARA CABO-VERDE)

Cortado o coração de mil saudades,
Para longe tu vaes irmão partir,
Decisão de momento, irreflectida,
Por força do destino vaes cumprir.

Este lar, esta familia, onde nasceste,
Acalentado á voz de tanto amor,
Vaes deixar corrigente o teu passado
Nas torturas de tanta acerba dôr !

Uma a uma, essas magoas que te pungem,
Que t'as chora calado o coração,
Contal-as posso, entendo-as, são justas,
Converso como estás thesouros são.

Calculo quanto custa deixar tudo,
A que damos na vida apreço e amor ;
Não ha phrases que digam taes desgostos,
Nem ha prantos que afoguem tanta dôr !

Nos teus annos da vida primavera,
Em que brotam esp'ranças mais e mais,
É sempre doloroso, é sempre angustia
Deixar apoz de si familia e paes !

São angustias, tormentos e saudades,

D'onde os prantos rebentam d'escaldar ;
Mas tres annos não são a eternidade,
Vae e volta p'ra mais nos não deixar.

Meu pobre irmão, desculpa os tristes versos
Do teu mais que saudoso triste irmão ;
D'alma nascem, com elles vae minha alma,
Só n'isso tem valor, que no mais não !

Adeus, irmão querido, adeus, amigo!
De perto as orações te vão seguir ;
As aguas que tu vaes sulcar te sejam
O baptismo feliz do teu porvir !

A PERDIDA.

Nos abysmos d'esta vida,
Toda vicio e perdição,
Em que os beijos são vendidos
Em que se compra a paixão,
Onde é morto o sentimento,
Onde mesmo o pensamento
Só tem idéas do mal,
Onde o pudor é chimera
D'onde foge a primavera
Deixando inverno infernal;

N'esta vida de miserias,
N'este holocausto de dôr,
Em que o luxo, raras vezes,
Suppre o perfume do amor;
N'esta vida desvairada
Entre a lascivia passada,
É torpe, é falso o prazer,
Cada goso d'um instante,
É um tormento incessante,
Que nada o faz esquecer.

Quantas vezes embebidas
Nos delirios sensuaes,
Nos lembram com mil remorsos
Os carinhos paternaes ?

Com que profunda saudade
Lembramos a tenra idade,
E os castos brincos de então,
Como lembra tudo e tudo,
N'um gemido quasi mudo
Do mirrado coração !

Se prantos então vertemos,
Ai ! ninguém d'elles se doe,
Ninguem diz que uma perdida,
É mulher e virgem foi !
É uma coisa comprada
Para ser utilizada
Na precisa ocasião,
Extincto o desejo acceso,
Não vale mais que o desprezo,
Sem valer a compaixão.

Se alguma leva o arrojo
Por bons instinctos que tem,
A sonhar ternos amores,
Só ganha em troca o desdem !
Homens ha, que por vaidade,
Cansados de variedade
Vem ao negro lupanar,
Fugindo do amor á lava
Uma mulher, uma escrava
N'este mercado comprar !

É esta a nossa existencia,

Pode haver socego assim ?
Findarei eu, como todas ?
Terei o mesmo fim ?
Não sei, misera perdida,
Se começada esta vida,
Se pode inda recuar !
Perdeu-me um louco desejo;
Mas outro amor que antevejo,
Talvez me possa salvar !

D'entre as trevas que negrejam
No mirrado coração,
Viva se até a scintilha,
D'uma intima paixão !
Rasga-se um novo horizonte,
E, mal sei eu como o conte,
Fulge nas côres do amor,
Tem luz que cega, e tão viva,
Que sentindo-me captiva,
Sinto um longe de pudor.

Olho em torno envergonhada,
Quero o passado esquecer...
É cedo ainda... é justiça,
D'elle as magoas padecer ;
Ser não pode inda remida,
Quem tanto tempo perdida
No vicio torpe viveu,
Soffre pois, ó consciencia,
Seja a tua penitencia

Este castigo do ceo !

Este amor, casto lampejo
Da redemptora paixão
Faz-me corar do passado,
Vicio toda e perdição,
Vejo agora o que é ternura !
E como hoje a desventura
Nunca me deu tanta dôr !
Vingue o presente o passado,
Possa este affecto elevado
Remir o sordido amor !

MENDES LEAL (ANTONIO).

MYSTERIOS.

Acaso não julgas que seja um mysterio,
Ao ver d'uma aurora risonho arrebol,
Os cimos dos montes n'um vasto horisonte
De luz colorindo da luz do seu sol ?

Não achas mysterios na brisa que sopra
Nas tardes fagueiras do ameno verão ?
E as aves cantando por entre os salgueiros,
Mysterios não trinam na doce canção ?

E a barca vogando no mar caprichoso,
No mar deslizando que a pode afundir,
Não diz que mysterio dos p'rigos a livra
Se o mar se levanta furioso a rugir ?

A lua brilhando, saudosa e pathetica,
Em luz immergindo do Tejo o cristal,
Não é porventura mysterio indisivel,
Que um mundo de idéas inspira ideal ?

E os castos amores, que as almas enlaçam
Em mutuos transportes de ignoto viver,
Que são para a vida ? mysterios apenas,
Mysterios que sinto... não posso dizer !

São tudo mysterios no ceo e na terra ;
A vida mysterios, a morte tambem;

Mysterio a ventura, mysterio a desgraça,
Mysterios que certo não cifra ninguém !

QUAES ?

Não sei por quaes me decida,
Quaes olhos queira por meus;
Se os negros, copia da noite,
Se os azues, copia dos ceos !

Os negros são como estrellas
N'uma noite sem luar,
Fulgem de amor e mysterio,
E fitos... são de matar !

Os olhos negros são lindos
E fallam... fallam de mais,
Mas riem mais do que choram
Do sarcasmo são rivaes !

Taes olhos mesmo formosos,
Se a chamma accendem do amor
A par de tal fogo accendem
Dos negros zelos a dôr !

E se fulgem de ironias,
Tornam negro o coração,
Fazendo um negro ludibrio
Da extremosa escravidão !

Não hesito já na escolha,
Não n'os quero para meus,

Em vez d'elles, antes quero,
Os azues copia dos ceos !

Dizem muitos que são falsos
Calumnias são a meu ver;
Posso affirmar o contrario,
Sem mesmo indiscreto ser !

Olhos azues transparentes,
Terno espelho d'alma são,
Lê-se logo atravez d'elles
O que sente o coração.

Se uma angustia presenciam,
Inunda-os o pranto ali,
E em taes olhos o sarcasmo,
Nunca, ai ! nunca descobri !

Quem haverá que resista
Á celeste candidez,
Que elles tem quando a donzella
Os fita em nós uma vez ?

Pois ha maior attractivo,
Do que a innocencia sem par,
De uns d'estes olhos formosos,
Quando o amor os faz baixar ?

E para o ceo levantados,
Não julgaes um anjo ver,

Saudoso da patria sua,
Forçado em terra a viver !

São taes olhos meu enlevo,
Dos negros renegarei,
Lindos são, mas não travessos....
Os azues escolherei !

MENDES LEAL (ANTONIO).

Eu e ella.

- Eu — Ha quanto tempo, donzella,
Eu não beijo a tua mão,
Que tens distincta e tão bella,
Como tens o coração ?...
- Ella — Quanto affirmas, quanto queres,
Acreditar devo lá ?!...
Essas phrases, as mulheres
De cor ha muito as tem já.
- Eu — E's modesta e delicada,
Mas não debes duvidar,
Tanto é a phrase acertada,
Que bem te vejo corar !
- Ella — Eu, corar !... Corei agora !...
- Eu — Muito. E mais linda a meu ver
Ficaste assim... E quem cora...
- Ella — Quem cora... que quer dizer ?
- Eu — Quer dizer que não se admira.
- Ella — Como assim ? Pois o rubor,
Que mal nasce, logo expira...
- Eu — Tanto diz, que diz amor !
- Ella — D'alma vindo o amor ardente,
Por espelho as faces tem ?

Eu — Entre nós, diz-me, innocente,
A verdade d'onde vem ?

E o que eu affirmo e proclamo,
Sem medo de me enganar,
E' que és de flores um ramo,
Gentil ramo de encantar !

Ella — Encantar !... Não adivinho.

Eu — Não te mostras, não te vês ?...

Ella — Como e a quem ?

Eu — Quando, sósinho
Tens o espelho em que te lês ?

Ella — Se acaso ao espelho me vejo...

Eu — Diz o que eu digo tambem...

Ella — Diz...

Eu — Que tu és um desejo,
Como inda não viu ninguem.

Ella — Phrases são que não me tocam...

Não quero ouvil-as assim !

Eu — Verdades são...

Ella — Que se trocam...
Em lisonjas para mim.

Eu — Pois outras dizer não posso
Vão -te bem.

Ella — Acho que mal

Eu — Não devo chamar destroço

Ao que é bello...

Ella — Madrigal !

Eu — O conflicto é bem renhido
 Semilha questão d'amor...

Ella — Mas não é.

Eu — E' só pedido
 De beijar um ramo á flor.

Ella — Com que assim me pede um beijo ?

Eu — Na mão... pois nunca se viu ?!

Ella — Acho de mais tal desejo;
 Mas, emfim... como pediu...

Eu — Não me negue esta ventura....

Ella — Que remedio !

(E deu-me a mão).

Beijei-lhe a mão com ternura,
E apertei-a ao coração !

A formosa corou logo,
Mas a mão não retirou,
E ao sentir-me d'alma o fogo,
De amor os laços atou !

Abril, 2—1857.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A UNS ANNOS.

Na aurora da vida que faz mais um anno ?
E mais um adorno que a torna louçã ;
E mais uma pagina alegre volvida
D'um livro esmaltado de rosea manhã !

Mais dotes e encantos os annos retratam
N'um rosto formoso, gentil como o teu ;
Na aurora da vida taes annos são flores,
A quem p'ra rainha das flores nasceu !

Alarga-se a vida, que a vida só foge,
Se vemos que a esp'rança começa a fugir;
E a esp'rança em taes annos formosa rebenta,
E o verde que a esmalta bem mostra o porvir.

Em ti que enfeitiças, em ti, virgem bella,
Um anno que importa ? Se o tempo voador,
Com galas e risos desfaz magoas negras,
Te entorna nas faces das rosas a côr !

Na vida, que vives, o goso se encerra,
Solettra-se alegre dos olhos na côr,
Que nunca teus olhos choraram, ó virgem,
Nem prantos d'ausencia, nem prantos d'amor.

As folhas mimosas, que lêes em teu livro,
Donzella, nem todos as podem haver ;

A historia, que encerram, não são para o pranto,
Nem podem os risos em dôr converter !

Um anjo no rosto, mais anjo inda n'alma,
Ao mundo baixaste fadada por Deus !
Sorri-te a existencia passada entre sonhos,
E os sonhos não mentem aos anjos dos ceos !

Que vivas alegre, donzella, e que encontres,
Doirando-te a vida, de teus paes o ardor,
Que sempre, com elles, a festa d'agora,
À sombra tu vejas surgir d'esse amor.

Julho, 20, 1856.

A MARIPOSA.

(VERSÃO DO HESPANHOL).

Dizem que tu, mariposa,
Symbolisas a inconstancia
Pois vôas de rosa em rosa,
Sem aspirar, desdenhosa,
Da flor a suave fragrancia ;

E não sabem que te entregam,
As azas ao movimento,
Pois são flores que despregam
Da côr o lindo ornamento,
Mas o seu perfume negam.

Porque te hasde qu' rer ficar.
Na flor se julgas a offendes ?
Fazes bem em não poisar ;
Vae n' outros jardins voar
Em busca do que pretendes.

Porque, emfim, se qualquer flor
Lindo o seio te mostrara
Ao teu beijo seductor,
Nos laços do seu amor
Com certeza te enlaçara.

Tu não és tal inconstante,
Por girares assim tanto,

Até sabes ser constante ;
Só não achas n'um instante,
O que mais faz teu encanto.

E dás a prova na lida
Com que n'um impulso louco,
Para qualquer chamma attrahida
Tu te chegas, pouco a pouco,
Té ficares consumida.

1856.

O voto da camelia.

Vivia triste e saudosa
Longe de ti, minha irmã,
De mais valor, mais formosa,
De mais vida, e mais louçã.

Tu que ás minhas companheiras,
Serves d'inveja sem fim,
Apesar de feiticeiras
Eras tudo para mim.

Na roseira me finava,
Lidando d'ancia no afan,
E, de balde te chamava,
Minha formosa irmã.

Como assim desfallecesse,
Á mão que me traz pedi
Que depressa me colhesse...
Qu'ria ver-me ao pé de ti.

Sou feliz, bem digo a sorte,
O que eu sonhava alcancei-o :
Pode vir agora a morte,
Quero esp'ral-a no teu seio.

DE QUE ME SERVE EU SONHAR ?

(VERSÃO DO HESPANHOL.)

Tranquillamente dormia
N'uma alcatifa de flores,
Lindo um anjo me sorria,
O meu anjo, os meus amores.
Ai ! de mim ! Serpente ousada
As puras flores calcou,
Ao passar tocou-me, irada
E o anjo fugiu – voou !

Se é meu fado um desengano
De que me serve eu sonhar ?
O sonho traz sempre o engano,
Sempre é triste o despertar !

Flor que o seio lh'adornava
Só me deu amor mentido,
Porque o veneno guardava
No seu calix escondido.
Não senti o aroma em vão,
Pois que esta alma gangrenou,
Podes, flôr, voltar p'ra a mão,
Que o veneno te infiltrou !

Se é meu fado um desengano
De que me serve eu sonhar ?
O sonho é sempre um engano,

Que fugiu ao despertar.

Por engano um juramento
Veio aos teus labios um dia,
Levou as juras o vento
Só me deixou a ironia.
Foi qual agua da torrente,
Que co'as aguas se ajuntou
D'uma fonte transparente,
E a limpidez lhe turbou !

Se é meu fado um desengano
De que serve mais sonhar ?
Vem os sonhos sempre em damno,
De quem foi um sonho amar !...

1856.

Quizera odiar-te.

Não fujas, meu anjo,
Não fujas esquiva,
Não vês que a minh'alma
Fizeste captiva.

Dos teus mil encantos,
Que ostentas formosa
N'um corpo de fada
Nas faces de rosa ?

Porque é vibraste
Teu languido olhar
Em mim que fugia
Do amor encontrar ?

Não vês que perdido
Por tanto te amar,
De tudo me esqueço
Por só me lembrar,

Velando ou dormindo,
De ti só de ti ?
Porque é que eu de todos
De tudo fugi ?

Não são provas estas
De amor desvelado ;

Mereço-te acaso
O ser condenado ?

Responde, meu anjo ;
Não vês como a dôr
Soluça em minh'alma
Nas ancias do amor ?

Eu não te buscava,
Achei-te e perdi-me...
Acaso no mundo
Amar será crime ?

Será – que me importa ?
Não sentes piedade...
Mulher em vez d'alma
Só tens a vaidade !

Amar-me não queres.
E zombas de mim,
Rejeitas um foco
De extremos sem fim !

E eu fico perdido,
Perdido d'amor
Por paga de extremos
Deixaste-me a dôr !

E sabes que soffro,
E ris dos meus ais,

Quizera odiar-te
E adoro-te mais !

1853.

Esta vida que val, que val o mundo
Aos pobres dos mortaes ?
Ai ! que a morte no seu luto profundo
Nem poupa os animaes !

N'uma casa um bichano o idolo era
D'um joven coração !
Tornava respeitada a mansa fera
A longa duração !

Contrastava co'o *typo da firmeza* ;
Companheiro era seu,
Um nedio de gordura – outro magreza,
O gato e o cão viveu !

Mas a sorte que assim ligado os tinha
Lhes deu separação,
E em lagrimas eu vejo uma almasinha.
De lucto o coração.

Era *desesperada* a côr do gato
A finir-se na dôr,
Morreu pois sem fazer espalhafato
O magro miador.

Consola-te : – O miserrimo bichano
Consola-se de mais,
Sabendo do teu pranto mais que humano
Ouvindo esses teus ais !

Os teus prantos são, donzella
Um epitaphio de dôr :
Consolo são taes suspiros
Como são prova de amor !
O animal é morto agora,
Tua acerba dôr minora
Porque elle em descanso jaz,
Não lhe foi a vida breve,
Hade ser-lhe a terra leve...
Magro o corpo dorme em paz.

1851.

I

Ai, vôa, pensamento na tortura
D'esse teu insano amor
Não esperes um dia ter ventura
Quando tens no peito a dôr.

Não olhes infeliz p'ra o teu passado,
Porque te marca o soffrer,
Porque o lembras agora malfadado ?
Esquece-o para viver !

Amaste, como ama o poeta ardente,
Como sente uma só vez,
Foi um sonho – coitado ! Do presente
Horrido inferno te fez !

II

Foi pois um sonho, que a morte
Nas saudades me deixou,
Era bella aquella sorte,
E por ser bella murchou !
Era uma vida fagueira,
Que sorria prasenteira,
Que brotava lisonjeira
Ao pobre que tanto amou !

Estás já desenganado !
Desfez-se a venda fatal !

Não podeste ser amado ?
Chora eterno, o eterno mal.
Era de mais tal ventura
A quem vive na amargura !
A esperança verde e pura
Fez-se um veneno mortal !

Taes affectos não mer'cias
Eram muito para ti,
Fugiram-me, e as alegrias
Perdi todas triste ali !
Não soltei de dôr um grito !
Da ternura fui proscripto
Tamanha como o infinito
Tenho a dôr guardada aqui !

Guardei pesares e prantos
No fundo do coração,
E tamanhos, tantos, tantos...
Como é grande a solidão.
Não me sabe d'isto o mundo,
Que não vê nada profundo...
Se me visse gemebundo
Fôra eu alvo da irrisão !

Guardo pois nos seios d'alma
Este segredo infeliz,
Só me reste a triste palma
De calar o que se diz !
Bate as azas pensamento

Nos espaços do tormento.
Corre apoz o sentimento,
Que foi Deus que assim o quiz !

III

Não olhes infeliz p'ra teu passado
Porque te marca o soffrer,
Não no lembres jámais, ó malfadado
Esquece-o para viver !

1850.

Porque me negas a esp'rança
Quando o teu ardente olhar,
Na minh'alma adormecida
Fez tanto amor acordar ?

Era livre e sou captivo,
E bem digo a escravidão,
Porque só hoje é que eu sinto
Que me vive o coração.

Esses teus olhos, querida,
Tem tal incendio de amor,
Que fitando-os senti logo
Da paixão voraz calor.

E rendido, e namorado
Não pude o affecto conter,
E em phrase pobre e sentida
Nada te pude esconder.

Respondeste-me dizendo,
Que te impunha uma traição,
Quando apenas te pedia
Me não dissesses tu, não !

Podem acaso haver peias
Para tal amor ardente ?
Amores nunca são crimes

Na consciencia de quem sente.

Porque affectos não se impõem
Nem se podem suffocar,
Vindos elles é ceder-lhes
Ninguem n'os pode evitar.

Porque fallas de deveres ?
Pois não reparas, não vês
Que ninguem como eu, querida,
De amor se roja a teus pés ?

Pois este amor não te abala ?
Não te faz nada sentir ?
Porque me negas a esp'rança,
Porque me queres fugir ?

Queres, esquiva, matar-me ?
E' que não tens dó de mim,
Porque *não* dizes nas fallas,
E nos olhos dizes *sim* !

São receios que eu te esqueça ?
Tranquilisa-te, anjo meu,
Amor que tem tanto fogo
Nunca mais arrefeceu !

Da minh'alma a tempestade,
Torna, querida, em bonança,
Podemos ser tão felizes !

Ai ! não me negues a esp'rança.

1857.

MENDES LEAL (ANTONIO)

Á Ex.^{ma} SENHORA D. M. R. C.

Vae dizer minha trova tão singela
Fraco esforço da pobre inspiração,
Quanto a musa inspirada da donzella
Lhe abalou de entusiasmo o coração !

Ouvindo o canto inspirado,
Que a tua musa dictou,
O peito sobresaltado
Intimamente bradou :
«Oh ! salvè, salvè, donzella,
Que n'essa estrada tão bella
Caminhas com tal primor,
Não te acovarde a carreira,
Que das flores a primeira
É da poesia a flor !

Como encanta a tua estrella,
Que de mysterios que diz !
Fulge d'um estro inspirado,
Que tão novo é tão feliz !...
Que de scintelhas que lança !...
Uma estrella é de bonança....
Traz em cada raío a esp'rança...
E a mim tornou-me infeliz !

Que da tua estrella o lume,
E do teu estro o perfume

Fascina, queima, seduz...
Que mais dizer posso agora.
Virgem pura em teu louvor ?
Se o teu fogo me devora,
Se me devora este amor !...

Desculpa, donzella — desculpa indulgente,
Quem sabe hoje apenas de amores fallar,
Quem soffre e não pede mesmo uma esp'rança,
Quem d'alma os extremos não soube calar.

1852.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A UNS ANNOS.

Minha musa pequenina
Não me inspires lucto agora,
Despe as côres da amargura,
Que vaes dar um fraco embora.
Da donzella a mais um anno,
Esquece um intimo arcano,
Que te faz sempre gemer,
Não te poises a meu lado
Com lembranças do passado,
N'este dia de prazer !

Um sorriso esconda o pranto
No fundo do coração,
Minha musa pequenina
Cumpre alegre esta missão.
Vae tu dizer á donzella,
Vae dizer sómente a ella,
Que não deve ter pesar
De ver cair mais um anno
N'esse profundo oceano
Onde tudo vae parar !

Foge-lhe um anno da vida
Tem mais um anno a razão,
Se a sua idade lhe augmenta
Diminue-lhe a illusão !
Minha musa pequenina

Um voto agora me ensina
Mas que não seja banal,
Que ?... Já sei :
 — «Gentil donzella,
«Sempre a vida tenhas bella,
«Não conheças nunca o mal !»

1850.

AO MEU AMIGO P. M. DA S. C.

Amigo, aceita-me um voto,
Intimo voto d'irmão,
Mentido o voto não julgues,
Que me sae do coração.
Deus te fade amena a vida,
E da sua benção qu'rida
Na terra te cubra Deus !
Ceifa as palmas, colhe os louros,
Sejam foco de thesouros
Meu poeta os versos teus

1853.

MENDES LEAL (ANTONIO)

N'UM SOUVENIR.

Meu irmão, se tu não julgas
Ser um grande arrojo meu,
Dize em meu nome á donzella
Que muito a respeito eu,
Que ouvindo chamar-lhe archanjo...
Eu quiz tambem ter um anjo
Por meu amavel irmão !
Dize tu que a não conheço,
Mas que desde já lhe peço
Me não recuse o perdão,
Que lhe não fallo de amores...
E quem reina sobre as flores
Não pode dizer-me — *não*.

1854.

Á donzella muda a côr,
Torna em purpura o setim
Fazendo-a mais bella assim
Um leve sopro de amor.
N'alma lhe accorda o pudor
N'ella accende-lhe um vulcão.
Só lhe impera o coração,
Que do amor a chamma ardente
Mesmo á mais intelligente
Apaga a luz da razão !

1857.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A UNS ANNOS.

Surge o dia de galas orlado !
Adornando-a os anjos de flores,
Em cortejo saudam na terra
Quem na terra é rainha de amores !

E se os anjos do Empyreo festejam
Meiga virgem, teu puro natal,
Oh ! que muito será que eu saude
Quem dos anjos é digna rival !

A teus pés respeitosa homenagem
Venho audaz, em tal dia trazer
Puro affecto viacndo de esp'rança
Uma esp'rança sorrindo ao prazer !

Virgem bella que os annos augmentas
Com mais um que te dá mais valor,
Este augmento da edade te seja
O prefacio da paz e do amor !

Que a saudade não possa invadir-te
O sacrario d'essa alma jámais,
E que prantos de magoas não chores,
E que a dôr não suffoques com ais !

Que o futuro que sonhas o alcances,
E que os zelos não venham turbar

Os thesouros de extremos que encerra
A tua alma fadada p'r'amar !

Que os domesticos gosos encontres
Tranquillos, e sempre entre os teus ;
Se és a virgem mais qu'rida no mundo,
Predilecto és o anjo de Deus !

A ti pois, meiga virgem, off'reço
Um tributo do meu coração,
São p'rabens extremosos... mas pobres,
Que merecem talvez um perdão,

MENDES LEAL (ANTONIO).

SAUDAÇÃO.

AOS ESPONSAES DE SUA Magestade EL-REI O SENHOR
D. PEDRO V COM SUA Magestade A RAINHA
A SENHORA D. ESTEPHANIA.

Recitada no theatro da rua dos Condes na segunda noite dos festejos reaes.

Os hymnos que o povo entôa,
N' esta festa nacional,
Dizem que o throno e a corôa
Do reino de Portugal
Mais outra joia, outra gloria
Tem, que as paginas da Historia
Hade em breve enriquecer.
Esta augusta e nobre alliança
Traz á Casa de Bragança
Esp'rança, amor e prazer.

Este povo alvoroçado
Saúda a escolha feliz,
Que d'El-Rei assenta ao lado
Quem com Elle ame o paiz.
Pode agora a Magestade
Á causa da liberdade
Dar mais viço e mais fulgor,
Que tem o solio repleto
Dos seus vassallos co' o affecto,
Rainha, com o vosso amor !

A nação que vos acclama,
Opulenta em tradições,

E' terra que deu um Gama,
Que deu Garrett e Camões:
Rainha, podeis amal-a,
Vêde em torno tanta gala,
Vêde o ardor dos votos seus
Tanta esperança virente...
Quem saúda assim não mente,
Voz do povo é voz de Deus !

Aos hymnos que o povo entôa
N'esta festa nacional,
Que dizem que o throno e a c'rôa
Brilham mais de Portugal ;
Junta o artista pressuroso
No alegre brado esp'rançoso
A festiva saudação.
Viva El-Rei e a Augusta Esposa,
Que já presente extremosa
O contente coração !
Viva El-Rei ! Viva a Rainha !
Brada alegre o coração !

Donzella é hoje que se ajunta um dia
Á curta idade que te faz louçã,
E o dia é bello pois te inunda a vida.
Aurora amena de gentil manhã.

E os teus e todos que contigo tratam,
Contentes vejo, n'este dia teu,
Trazerem ramos de amisade flores
E aos pés depol-os da que hoje nasceu !

Se mais um anno da existencia foge
Que importa, virgem, deixa-o tu fugir ;
Do teu presente surgem novas flores
Que esp'ranças brotam de melhor porvir.

E' livro a vida, minha virgem bella,
E ás vezes livro que traduz a dôr
O meu tem tantas, tantas folhas negras,
Por mim tão lidas, ai ! que as sei de cór.

O teu, donzella, sei eu bem que encerra
Nas brancas folhas da ventura a côr.
Em cada uma que folheias, virgem,
Se encontra escripto, «*paz, fortuna, amor* !

Que muitas folhas inda tenha o livro
Que muitas volvas, e sem n'ellas ver
Se quer um caso que te faça o pranto
D'esses teus olhos com pesar correr !

E' este o voto que do fundo d'alma
Por ti, ó virgem, eu elevo a Deus;
Que Deus realise teus doirados sonhos,
Que mundo e vida te pareçam ceos !

Que os braços sempre de teus paes encontres
Cingindo, alegres, com desvelo e ardor
Unico o fructo, que resume agora
A terna historia d'um constante amor !

MENDES LEAL (ANTONIO).

A CEIFEIRA.

CANÇÃO

Não ha terra mais honesta
Do que a terra em que nasci ;
Sol que n'outra as faces cresta
As almas não cresta ali !
A lindeza não é varia
Pois não vive solitaria,
Mas virtude hereditaria
Não n'a encontram como ali.

Se ao domingo no terreiro
A ceifeira vae dançar
Com seu fato domingueiro
Linda, linda d'encantar ;
Um cortejo tem de amores
Mas aos seus adoradores
Só responde com rigores,
Passa adiante... e vae dançar !

AS EXEQUIAS DO CORAÇÃO.

I

Porque seria que teimosa insomnia
Dormir me não deixou na extincta noite ?
Seria morbidez do fragil corpo ?
A falta de recursos urgentissimos,
A falsa posição em que hoje vivo,
Remorsos de algum acto menos justo,
Um grande desengano affectuoso,
Traição de amor ou saudades intimas ?
Não era, não, por excepção não era.
Outro motivo mais pungente ainda
A vigilia acerava ao malfadado.
Todo o meu ser ali se transformava !
Foram hontem as funebres exequias
De quanta aspiração e quanta esp'rança
De porvir e posição audaz sonhara.
Devia á cerimonia dolorosa
Acordado assistir.

Foi de justiça.

Adeus, adeus aspirações formosas,
Sonhos de gloria que jazeis por terra.
Adeus minhas esp'ranças para sempre !
Existido tinheis vós demasiado
Caistes de caducas.

II

Transformados os meus habitos
O meu ser se transformou ;
O *Eu* de hontem jaz inanimado
Outro *Eu* d'elle brotou.
Ao finado as honras funebres
Eu, já outro, dar-lhe vou.

Hoje é moda o necrologio
Necrologio hade elle ter,
E sobre a saudosa lapida
Em seguida o podem ler,
No resumido epitaphio
Do que viveu... a soffrer !

Aqui jaz, que lhe seja a terra leve,
Em ruinas um pobre coração;
Viveu de crenças — se alguns erros teve
Foi-lhe a vida a maior expiação.

MENDES LEAL (ANTONIO).

NÃO CHORES.

Choras ? Soffres grande dôr !
Os teus olhos rasos d'agua
Dizem que a tacita magoa,
Dos cuidados vem do amor;
Do amor de mãe desvelado,
Que teu filho tendo ao lado
Pedes por elle ao Senhor !

Inquieta a justa affeição
Busca sondar o futuro,
Que lhe quizera seguro,
O materno coração !
E com intimo transporte,
Procuras doirar-lhe a sorte,
Na fervorosa oração !

Teus votos ergues a Deus,
Que te hade escutar contente;
Na terra dar-te-ha clemente,
O que pedes tanto aos ceos!
Preces de mãe, carinhosas,
Espinhos tornam em rosas,
No porvir dos filhos seus !

Pede ao Eterno, com fervor,
Para teu filho a ventura,
Porque á materna ternura,

Jámais se esquiva o Senhor !
Deus é justo e medir sabe
Quanto cuidado enche e cabe
No maternal, santo amor !
Não chores, mãe, que a teu filho,
Dará Deus bençãos e amor !

DESAFOGO.

Santo Deus que vida a minha !
Sempre angustia e sempre dôr !...
Nem um dia de alegria,
Nem d'uma esperança a flor.

Que fiz eu ? Que tenho eu feito,
Para ser tão desgraçado ?
Aos tormentos e aos desgostos,
Desde a infancia fui votado.

Deus, oh ! Deus que tenho eu feito?
Porque vem tanto martyrio
Tornar-me um peso a existencia
E a razão tornar delirio ?

Se o mundo se curva humilde
Da riqueza ante o altar !...
Tem respeitos quem tem oiro
Para a torpeza occultar.

Quem perdido morre á fome,
Embora honrado e leal,
Tem só despresos do mundo...
Que justiça tão equal !

Oh ! quizerá ter dinheiro,
Para com elle inda um dia

Muita victima vingar
Da *doirada* hypocrisia !...

Se eu pudesse... Ai ! louco intento,
Sonho vão... Porque o martyrio
Torna-me um peso a existencia,
E a razão torna em delirio !

MENDES LEAL (ANTONIO).

Não me ames.

I

Amei-te, ó minha Julia, ousei eu tanto,
Tão pobre, sem riqueza, sem fortuna ;
Ousei, qual Bernardim, erguer meus olhos
P'ra ti, rica e formosa ? Pude acaso
Amar e ser amado por aquella,
Que minha ser não pode, mas que eu amo,
Que adoro com delirio, com loucura ? . . .
Amei-te ! eu, infeliz, pobre, ignorado,
Cercado pela dôr, pela desgraça ? ! . . .
O' Julia, e pude tanto para em breve,
Qual outro Bernardim, ir de ti longe
Finar-me de saudades ? . . . Que não possa
Ao menos possuir seu estro ousado,
Que inspirações eguaes sentir não saiba
A'quellas que immortal nome lhe deram !
Se eu tal possuisse, eu te cantara,
Qual Beatriz cantada foi outr'ora !
Mas eu, pobre de mim, não posso tanto ;
Meu estro sem valor é pobre e rude ;
Mesquinhos e singelos são meus cantos ! . . .

E' grande o meu amor, ó minha Julia ;
Mas se eu te sei amar, crear não posso
Os cantos inspirados d'esse genio,
Que só rival achar pode em Camões ! . . .

II

Linda Julia, não me ames,
Não augmentes minha dôr !
Teu peito não mais inflammes
Com pensamentos d'amor !
Tu nasceste entre a grandeza,
Entre o fausto, entre a riqueza,
Não me podes pertencer !
Esquece que pude amar-te,
Que um nome não posso dar-te,
Nem eu nobre quero ser ! . . .

Não, não quero, que a nobreza
Envilece o coração !
É socia da avareza,
Da cubiça e da traição !
Os grandes são orgulhosos,
Soberbos, ambiciosos,
Respeitados querem ser !
E não conhecem que os pobres
Tem sentimentos mais nobres,
Do que elles julgam ter ! . . .

Quando, ó Julia, a vez primeira
Teus encantos admirei ;
Dei-te a minha vida inteira,
Pois minha igual te julguei !
Soletrei ternos amores,

Nos teus olhos seductores,
No teu meigo coração !
Amei-te ! mas fui um louco,
Porque a sorte dentro em pouco
Me desfez essa illusão ! . . .

Eras nobre, eu não podia
Dar-te um nome igual ao teu !
E o mundo censuraria
Ver-te unida a um plebeu !
Eu não tinha pergaminhos,
Nem rica veste d'arminhos,
Que te podesse offertar !
Não tinha mais que em meu peito,
Um coração que era feito
Para só te adorar ! . . .

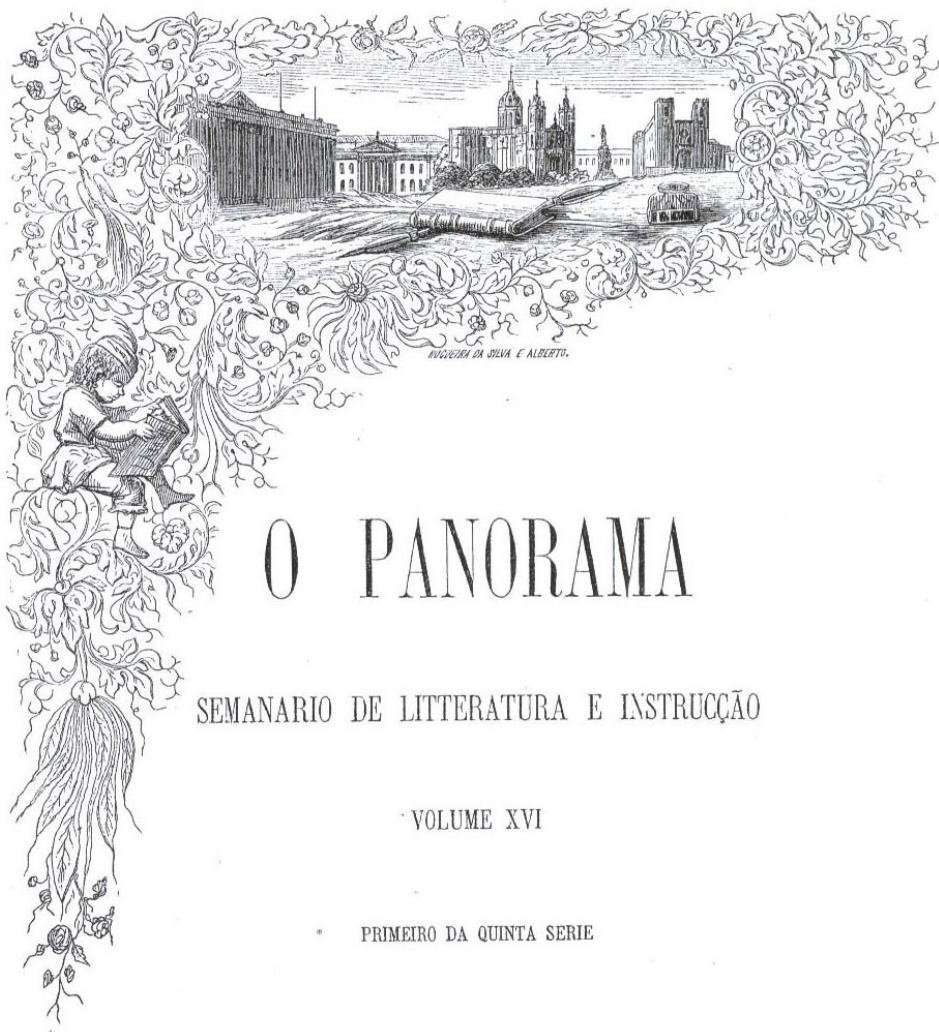
Por isso, Julia formosa,
Esquece quanto te amei !
Se queres ser venturosa
Olvida que te adorei !
D'esses felizes momentos,
Esquece os meus juramentos,
Prestados com tanto ardor ;
Que eu sinta só na minh'alma,
N'uma dôr que não se acalma
A lembrança d'este amor ! . . .

Não me ames ! que o tormento
Soffra eu só por te adorar !

Não queiras meu soffrimento
Egualmente partilhar !
Não me ames ! sê ditosa,
Sê feliz e venturosa,
Esquecendo-te de mim !
Sinta eu só este martyrio,
Esta dôr, este delirio,
Que já não pode ter fim !

Não me ames ! que a desgraça
Me torne só infeliz !
Do fel esgote eu a taça
Mas que tu sejas feliz !
N'esta vida de tortura,
Soffrerei minha amargura
Não gosando o teu amor !
Cumprirei o meu destino,
Já que o mundo tão ferino
Me legou sómente dôr ! . . .

Maio — 1856.
J. A. X. DE MAGALHÃES.



O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCÃO

VOLUME XVI

PRIMEIRO DA QUINTA SERIE

LISBOA

TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

6 RUA DO THESOURO VELHO 6

A ESTRELLA

Like a star on eternity's ocean !

MOORE.

Por entre o raro veu, que, pouco a pouco,
Viera o céu toldar,
Eu, deslumbrado, contemplava a estrella
Que via além brilhar.

Oh, era bella, sim ; seus raios tremulos
Sobre a terra desciam ;
Mas n'aquelle esplendor pallido e santo
Os lyrios se reviam.

Era bella, perdida e solitaria
Em meio d'amplidão ;
Como um fanal d'esp'rança, radiando
Na escura cerração.

E o meu espirito evocava inquieto
Delicias que eu perdi,
E o meu passado inteiro e redivivo
Sorria-me d'alli.

E o coração batia-me convulso
Como jámais bateu :
A minha vida toda estava presa
Na luz d'aquelle céu.

É que a estrella era a imagem saudosa
De um sonho d'alegrias :
Astro consolador, raio perdido
Na treva dos meus dias !

E. A. Vidal.

SAUDAÇÃO Á AURORA

Versos latino-portuguezes, que pódem ser lidos simultaneamente em qualquer das duas linguas, seguindo rigorosamente a syntaxe da primeira.

Pelo sr. dr. Antonio de Castro Lopes, do Rio de Janeiro.

Salve, Aurora ! Eia, refulge,
Eia, anima valles, montes :
Hymnos canta, oh philomela,
Hymnos vós, ayes insontes !

Quam pura, quam pudibunda
És tu, Aurora formosa !
Diffunde odores suaves,
Divina, purpurea rosa !

Eia, surge, vivifica
Pendientes ramos, Aurora :
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora !

Matutina aura, mitiga
Solares, nimios ardores ;
Inspira gratos Favonios,
Euros, Zephyros protectores.

Eóa, Tithonia Diva,
Fecundos campos decora,
Canoras aves excita,
Oh serena, bella Aurora !

Protege placidos somnos,
Inquietas mentes tempéra,
Duras procellas dissipa,
Terras, flores refrigera.

Lucidas portas expande,
Oh sol, oh divina fiamma !
Extingue umbrosos vapores,
Tristes animos inflamma !

Salve, Aurora ! Eia, refulge,
Eia, anima valles, montes ;
Hymnos canta, oh philomela,
Hymnos vós, aves insontes !

Sou tronco e rocha, ó bella,
Que açouta o sul, que brama,
 E o mar que se incapella ;
Não temas que do rosto a côr se mude ;
 Vence as rochas e os troncos
A solida virtude.

Thomas Antonio Gonzaga.

BEATRIZ

.....- Oh tradimento ! Pace
 Sperar poss'io più mai? Qual vita orrenda
 Di rimorsi, e di lagrime, e di rabbia !.....
 Alfieri.

I

Cada qual tem seu dom ; eu amo e canto.
 Sei que o fadario é mau, sei que apoz tudo
 Que exalta o coração, que o prende alegre
 Em extase ideal, que lhe dá mundos
 Onde o deixa voar, por céos em fóra,
 Não falta um dia, e breve, em que a verdade
 Nos accorda, e nos diz..... – que diga, embora !
 Em quanto o mundo passa, revolvendo,
 Cem mil questões de *jota* e de *i* romano,
 Eu ergo a voz, e os anjos da harmonia
 Vagueam junto a mim; brilha-me um rayo
 De santa inspiração, minha alma accessa
 Eleva-se até Deos, perde-se tudo
 N'um jubilo immortal; da vida as trevas,
 Dissipam-se em redor, um paraíso
 De ethereo amor, de fervidas delicias
 Desabrocha ao meu lado; crescem rosas
 Por entre os estevaes d'agra collina.
 Desponta a aurora, as aves vem chilrando,
 A tepida bafagem traz a espaços
 O perfume subtil das lorangeiras ;

E eu ergo a voz, minha alma em vago affecto
Ardente aneia; – o mundo passa e geme,.....
Cada qual tem seu dom; eu amo e canto!

II

Porque abri d'este modo o conto humilde
Que passo a relatar ?.... não sei, mas penso
Que anda vaidade arrodo, e sem motivo,
N'este exordio fatal; ai, se as leitoras
Soubessem, como eu sei, quanto nos custa
Tragar a prosa vil que ondeia em torno
De nós..... de nós ?– perdão, eu sou apenas
Um misero cantor, que algumas vezes
Versejo por demais, mas que não posso
Deixar de lhes dizer, que, se a policia
Podesse metter pé, de vez em quando,
N'esta *citta dolente* de escriptores
E se deitasse a mão, como devia,
A quanto nescio vil ousa acoutar-se
Entre os que avultam, diffundindo raios
De essencia divinal, talvez eu fosse
Com mais de cem, que de ouropel mentido
Parvos! Se adornam ; oh, mas, sem rebuço,
Dava tudo por bom, vendo na recua
Tento sandeu que alrota de chibante!

III

Passado o mau humor que estas palavras

Me fez vociferar, sem mais delonga
 Entro na acção, e exponho o simples caso
 Que ouvi contar ha dias, de passagem,
 Mas que gravei na mente, resolvido
 A dar-lhe, como dou, carta de corso.
 Talvez fosse melhor para o bom nome
 Que eu pretendo alcançar, deixar no escuro
 A pobre narração; mas é defeito
 Que não posso perder, – mal que uma historia
 Me cai no ouvido, em quanto a não desfeito
 Sobre a primeira victima que encontro,
 Resolvo-me inda mais que S. Lourenço
 Na grelha,..... o que eu não vi, mas que o affirmam
 Livros de santos padres, que igualmente
 Não vi, mas que me dizem (quanto basta),
 Que são obras de truz,... todas *in folio* !–

IV

Desprenda-se a voz; sumida
 Já vai de ha muito a tristeza;
 Aos pés de etherea belleza
 Proste-se humilde o cantor.
 Do mundo as vagas impura
 Jamais o tocam de leve;
 Em sonhos d'ouro e de neve
 Contente respira amor!

Desprenda-se a voz; que importa,
 Se a tempestade rebrama?

Não brilha na mente a chamma
Que a tudo em torno dá luz?
Que importa, quando ante os olhos
Radium mansões do empyrio,
Que a turba, no seu delírio,
Nos dê por leito uma cruz?

Deixai rugir a tormenta,
Almas que innunda a poesia;
Cantai por noite e por dia,
Erguei-vos na inspiração.
Bem vêdes que a natureza
Tambem de inverno se agita,
Que tudo canta e palpita
No seio da criação!

Que tendes, se acaso agora
Passais na terra esquecidos;
Se os vossos cantos, perdidos,
Ninguem sequer entendeu?.....
Quem sente o grato perfume
Que espira a rosa virente,
Se ella, á beira da corrente,
Por entre os juncaes rompeu ?

Deixai que os homens blasphemem
Na sua effrene imprudencia;
Levai, sorrindo, a existencia,
Fitai a luz sem temor.
Aves de nivia plumagem,

Cantai da vida as doçuras,
Vagai nas ondas mais puras,
Entre ribeiras em flor.

Amai sempre; o amor resume
Quanto é poesia divina;
Chamma que a fronte illumina
Ascende do coração.
Amar é crear um mundo
Em que arrobados vivemos,
Em que a nossa alma embebemos
Nas ondas da inspiração!

Eis, pois, o vosso destino;
Que importa qual seja a sorte?.....
O cysne, mesmo na morte,
Solta gorgeios de amor.
Dissipai quantas tristezas
Vos podem tocar de leve:
Em nuvens d'ouro e de neve
Erga-se altivo o cantor !

V

Jacques tinha perdido, havia muito,
Seu velho pae, fidalgo dos mais nobres,
Modelo de honradez, que lhe deixara
Senão riqueza enorme, pelo menos,
Muito com que passar, vivendo á larga.
Tinha trinta annos; quanto ardor na vida
Podemos ter, de certo é n'este idade

Que mais vivo o sentimos, escaldando
O sangue e o coração; dava-se o caso
Com o nosso heroe: trinta annos tinha apenas;
Era gentil, loução, trigueiro um pouco,
Negro o cabello, olhar que embriagava,
Leve sorriso lhe adejava languido
Nos labios finos, labios que tremiam
Á menor commoção; em quanto a espirito,
Era vivo, sarcastico, voluvel,
Borboleta fugaz, que errante andava
Buscando o sol, e as rosas entre-abertas,
Onde libasse o mel no doce calix!

Por tanto é de suppor que as aventuras
Não faltassem jámais, que cem donzellas,
Das mais lindas, lhe andassem como presas
Ao seductor olhar; penso até mesmo
Que, se a lua não fosse tam discreta
Como todos o sabem, contaria
Quantas vezes o vio galgando o muro
D'algum jardim de Armida, que deixasse
O thóro conjugal, e manso e manso
Descesse ao parque, a dar-lhe amor e vida,
Em transportes de jubilo fervente!

Isto são presumpções, eu não affirmo
Cosas de pouca monta, e muito menos
Estas, que vão bater mesmo de chapa
Na sacra honestidade das familias;
Mas tambem se a leitora não permite

Que eu traga estes capitulos a lume,
Então feche o romance, antes que o pejo,
E mesmo a indignação lhe córe as faces.

O que passo a contar é simplesmente
Uma historia de amor, da qual é Jacques
O principal heroe; verei se posso
Amenisar o conto, e desbraval-o
De certas asperesas que se encontram
Aqui e alli no texto primitivo.
Oh, não temam por mim! – a minha musa
É das de mais pudor que se tem visto;
Jamais roçou de leve as azas brancas,
Que o ceo lhe deu, nos lodaçaes immundos
De infames polluções; voa-me em torno,
Sorri d'estas loucuras innocentes
Da vida mundanal, conta-me tudo,
Inspira-se de um beijo que murmura
Entre as ramas do bosque immaranhado,
Mas foge a medo, a pomba espavorida,
Mal que o rudo bolicio das torpezas
Lhe fere, acaso, os virginaes ouvidos !

VI

Jacques era visita, e das mais intimas,
Do conde... (occulto o nome porque entendo
Que o pede a discrição), basta que saibam
Que o conde era casado co'a mais linda
E mais gentil mulher que eu tenho visto.

Chamava-se Beatriz, contava apenas
Vinte ou vinte e dois annos, quando muito.
A trança loura, a face desmaiada,
Pensativa no olhar, turgido o seio,
Languido o porte, a voz meiga e sonora
Como os chilros de amor da toulinegra.
Quando subito a cor lhe illuminava
O pallido semblante, refulgia.
Não sei que luz do céu n'aquelles olhos
Quasi sempre – inda mal, – como escondidos
Na carregada sombra das pestanas.
Era o typo ideal d'essa belleza
Que a mente esboça apenas, se delira
Em namorados sonhos de poeta.

O conde amava-o co'o fervor ardente
De um nobre coração; o mundo inteiro
Resumia-se alli, naquella pomba
Que arrulhava ao seu lado, e que entre beijos
Lhe pagava extremosa tanto affecto.
Oh, como os anjos bemdiziam ledos
Aquella santa paz, doce harmonia
Em que dois corações, pulsando juntos,
Se perdiam no céu, como o perfume
Que ondêa e sobe a Deos no fim da tarde!

Não pensem que exagero, descrevendo
D'esta maneira a rara formosura
Da condessa, nem mesmo no que digo
A respeito da limpida existencia

Que passavam no mundo os dois esposos.
Affirmo o que aventei, como mais tarde
Hei de afirmar tambem... basta não digo,
Não quero acelerar o desenlace,
Nem roubar á leitora alguns instantes,
De pasmo e agitação, que, sem vaidade,
Ha de por força ter nesta leitura.

VII

Amor tu és o esphinge, o ser divino
Que inda ninguem na terra comprehendeu;
O teu semblante é meigo e peregrino,
Mas tens garras de tigre, que o sei eu!

Quem se inleva no magico sorriso
Que a face te illumina de esplendor,
Quando em teu seio encontra o paraiso,
Sente que lhe entra n'alma a eterna dor.

Nas caricias subtis com que embriagas,
O veneno mortal coberto vem:
A perola gentil que sai das vagas,
Negro limo do fundo traz tambem.

Mas tu és sempre bello; embora um dia
Nos rasgues fibra a fibra o coração,
Tens segredos de encanto e de alegria
Onde se perde em jubilo a razão.

Que importa o mundo?—lugrube deserto,
Onde se vaga, á toa, a suspirar,
E onde, somente apoz o errar incerto,
Vamos na morte a fronte descançar!...

Tudo é sombra em redor, tudo é tristeza,
Nem siquer um botão promette flor,
Negra saudade envolve a natureza...
E tudo canta e brilha á luz do amor.

Chovem do sol os raios matutinos,
Reluz do orvalho o limpido crystal,
Gorgêam pelo campo os pequeninos,
E as tenras avesinhas pelo val.

Sóbe o perfume em ondas transparentes,
Da montanha, da balsa, e do vergel;
As abelhas, zumbindo, vão contentes
Por entre a rosas procurando mel.

E tudo á tua voz, alma infinita,
Que vens no mundo e em todos palpitar:
Inteira a criação febril se agita
Mal que um raio dos teus vê scintilar!

Amor, tu és o esphinge, o ser divino
Que inda ninguem na terra comprehendeu;
Tens doce o olhar, o rosto peregrino,....
Oh, mas garras de tigre, que o sei eu!—

VIII

Como já disse, e agora inda repito,
Jacques era visita, e das mais intimas
Do conde,... e da condessa ; (era escusado
Dizer isto ao leitor, mas eu não gosto
De escuras narrações, prefiro sempre
Pôr tudo em boa luz, porque não quero
Ter de anotar, em dez ou doze tomos
Tres ou quatro de versos, quando muito) !
No tempo em que estas cousas succederam
O conde tinha já, se eu bem me lembro,
Alguns annos a mais do que convinha
A quem era casado com tam linda
E tam gentil mulher; todos sabiam
Que ella era o typo angelico e divino
Da santa candidez, que a leve sombra
De um pensamento mau jámais viera
Toldar o puro ceu d'aquelle espirito ;
Mas quem póde livrar-se, lá um dia,
De ouvir a tentação, que passa e canta
Como as serêas de que falla Homero ?

Não sei, mas acredito, (e peço venia
A formosa leitora que, decerto,
Não é do barro vil de que eu sou feito,
Mas do crystal de rocha mais subido),
Que á voz da tentação, não ha, não póde
Deixar de se abalar quem tenha peito,
E coração, e vida, e sangue ardente.

Deos a affaste de nós, que é praga horrivel ;
Pois se a deixa a vontade, em pouco tempo
Lá se vai todo o mundo á tona d'agua !

IX

Ó Lucrecia, ó virtude incomparavel
Da Roma, que ja foi, Lucrecia antiga,
Como eu te vejo santa e luminosa
N'um turbilhão de nuvens ! – tu devias
Ter um culto entre nós, e, sempre acesas,
Quatro vellas de cêra ou de stearina !
Eu já vi no sacrilego soneto
D'um Zappi relellão, teu nome illustre
Atirado ao vaivem de uns versos toscos ;
Mas vinguei-me depois, que o proprio vale
Expurgou-se de todo, memorando
A atroz expiação da leve culpa.
Por isso eu te idolatro, ó casta rolla,
Modelo conjugal, que preferiste
Rasgar os seios d'alma, (embora fosse
Apoz o crime vil), a terna vida
Cravado o acerbo espinho do remorso.
Isto não é sermão, caras leitoras ;
Ninguem tem melhor fé, fé mais sincera
Do que eu tenho, na extrema pudicicia
De alvas pombas do ninho meu paterno ;
Mas não posso deixar de erguer meu canto,
E de saudar a esposa incorruptivel
Do pobre Collatino ; Oh, a virtude
É quanto ha bom no mundo ; e se inda houvesse
Conventos no paiz, em cata d'ella

Iria já, sem mais, metter-me a frade !

X

«—Se te hei de amar sempre, e sempre ?...

Pois tu não sabes, querida,
Que o meu ser, a minha vida
 Provem de ti ?

Não vêes como eu sou ditoso
Quando te abraço e te beijo ?
Que tudo quanto desejo
 Termina aqui ? —

Se te hei de amar !...—que me importa
Senão teu meigo sorriso ?
Nã me déste o paraíso,
 No teu amor ?
Como é possível que um dia
Te esqueça, rosa innocente,
E te esfolhe na corrente,
 Candid a flôr !

Oh, tu és a minha estrella,
O meu anjo, a providencia
Que em minha negra existencia
 Tem só poder.
Quero seguir-te, enlevar-me
No teu gesto peregrino :
Não ha mais bello destino,
 Nem pode haver ! —

E tu vacillas, tu pensas
Que deve alguém condenar-te,
Porque vim cego adorar-te,
 Porque te amei,
Porque me deste os thesouros
Do teu seio palpitante,
Porque aneio a cada instante
 Quanto gosei ?...

Quem és tu?... que tem o mundo
Que tu me abrases agora ?
Quem ouve o mundo ? quem chora ?
 Que mal te fiz ?...,
Quem pensa que existe um crime
N'esta alegria encantada
Em que a nossa alma arrobada
 Vôa feliz ?...

Sím tu és minha ; o teu peito
Inda convulso lateja,
Fervido raio lampeja
 No teu olhar ;
Sim tu és minha, que eu sinto
Que me apertas contra o seio ;...
Não penses, não, que este enleio
 Possa findar !...

Sim tu és minha, e na vida
Outro sol não me illumina,
Quanto me alegre e fascina

Provém de ti.

Ha luz do ceu na minha alma
Quando agitado te beijo :
O que eu sonho, o que eu desejo
Termina aqui.

Amar-te é viver, e eu quero
Levar cantando esta vida ;
Só nos teus braços, querida,
Quero expirar ;
Oh, mas sentindo que o peito
Inda te aneia e lateja,
E que um rayo inda lampeja
No teu olhar !—»

Escusado é dizer quem murmurava
Este canto de amor; por mais virtude
Que o leitor tenha em si, eu perco tudo
Que é possível perder, se não é certo
Que já desconfiou de quem soltava
Estas palavras ternas e amorosas.
Fica, portanto; assente que a condessa,
A despeito de tudo amava Jacques.
O que mais succedeu depois do canto
Que acabamos de ouvir, é ponto serio
Que não ousa tocar; demais a noite
Era escura e sombria, e os dois amantes
Vagavam no mais denso da espessura
De um copado jardim. Oh! quem podera
Ouvir quantos suspiros maviosos

O vento repetiu, quantos protestos
De infinita paixão soaram brandos
Entre os ramos em flor da laranjeira! –

Deixai, deixai viver quem ama e sente
Bater o coração ebrio de affecto;
Deixai colher as rosas, que despontam
Neste duro pragal, chamado a vida;
Deixai gostar, o goso é quanto resta
Ao que tem alma, e farto d'este mundo,
Inda pode sonhar com o paraíso!
Que importa o mais? Eu quero em minha frente
Uma c'roa de lyrios, em meus braços
O meu anjo infantil, sobre os meus labios
Um beijo ardente e longo, e o mundo inteiro
Que desabe em redor: feliz e altivo
Hei de viver de amor entre as ruínas! –

XI

O certo é que a condessa amava Jacques,
E o conde nem de longe suspeitava
Esta infame paixão; verdade seja
Que a esposa encantadora já não tinha
O mesmo agrado e affecto como d'antes;
Mas, que eu saiba, ninguém se atreveria
Por mudança tão leve a ter vislumbre
De uma idea ruim. Passava o tempo,
As visitas de Jacques repetiam-se
Cada vez mais, os animos alheios

Iam sentindo já de vez em quando
Seus momentos de duvida; a má lingua
Começava a grassar na visinhança.
Beatriz pensou, viu, bem que era impossivel
Viver assim, fingindo, atraçoando,
Mentindo a cada instante; era preciso
Remir-se, pelo menos, d'esse crime
Da traição desleal – que lhe restava?....
O que fazia alli?... pois não temia
Que, desfeita a illusão que inda enganava
O velho conde, subita procella
Desfechasse nos dois horridamente?....

Pensou, viu tudo, combinou mil casos,
Meditou largamente, e sempre ao cabo
D'essas cogitações, vinha-lhe á mente
Affastar-se d'alli, fugir, roubar-se
Aos affagos do esposo, e só com Jacques
Entre arrobos de amor passar a vida.
Esta idéa, de certo, era a mais prompta
Que podia acudir a quem se visse
Na posição terrivel da condessa;
Sei que as coisas, levadas d'outro modo,
Podiam vir a dar n'um resultado
Muito melhor, talvez, e até mais proprio.
Mas a pobre mulher que só peccara
Cega de amor, que ouvia a consciencia
Condemna-la na voz de seu marido,
Inda tinha a loucura imperdoavel
De julgar, que, mostrar-se a todo o mundo

Tal qual era, decerto era mais digno
Do que fingir pureza, quando n'alma
A pustula da infamia ia lavrando!–

Assim foi; certo dia, a desgraçada,
Entre lagrimas tristes, disse a Jacques
Que era myster partir, irem sosinhos
Viver longe do mundo, não sentindo
O rumor da procella que já perto
Começava a rugir; elle, beijando-a
Na face desmaiada, disse apenas
Co' um sorriso de amor: – «Oh! sim, querida,
«É preciso partir, sou teu, és minha»
Pouco tempo depois ambos viviam
Na mais doce união, na paz mais doce
Que podemos sonhar; o ceo banhava-os
De luz e de prazer, e as brandas horas
Deslisavam serenas, como um rio
Entra o frescor e o cheiro das boninas.

O conde, o pobre conde retirara-se
Do bulicio do mundo; e alguém dizia
Que, pungido de magoa, ultimamente
Fora–coitado–recolher-se a Trappa,
E devorar no horror o fel da vida.
O certo é que partira; onde parava
Não posso já dizer, porem suspeito
Que a balela da Trappa é sem verdade.
Isto é fallar de mais; eu deveria
Conservar o mysterio até ás ultimas,

Cobrir com um veo de nevoa as peripecias
Que tenho a relatar, baralhar tudo,
E assim ganhar terreno onde podesse
Mostrar no desenlace os meus recursos.
Isto manda o bom siso, e os grandes mestres,
Que valem muito mais; mas eu não posso,
Seja dito afinal, não posso nunca
Prender-me em grande acção, aproveitar-lhe
Quanto ella tem, torcel-a e reviral-a
Em trato de polé; toco-a de leve,
Tomo apenas a flor, vou pela rama,
E acabo exausto e farto; estou no caso
Do bom de La Fontaine:—«As grandes obras
Nunca as pude tragar; tenho-lhes medo!»—

XII

Eia, gosemos; pela florea taça
Beba-se o nectar de eternal prazer:
O goso é fumo que se esvae e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos muito; sabe Deos se agora
Negra procella vem rugindo ao perto,
Se o puro brilho d'esta immensa aurora
De horrendas trevas ficará coberto!

Somos convivas no festim da vida,
Que tem se a morte, perpassando atroz,
Mais de uma rosa vem deixar caida,

Quando ha tão bellas em redor de nós?

Que tem, se em meio dos festivos cantos
Que ardente o goso nos inspira já,
Sussurra o ecco de abafados prantos,
Que a desventura soluçando está?..

Que tem que o mundo se atropelle e corra
Após um sonho que atravessa o ar?...
Que o perca, embora, que esmoreça, e morra,
Que eu só, ditoso, viverei de amar!—

Vôa, minha alma, pelo espaço em fóra,
O ceo te inleva resplendendo aberto:
Gosemos muito! sabe Deos se agora
Negra procella vem rugindo ao perto!

Voa, minha alma, que d'além, do prado,
Sobe o perfume que embalsama o vento;
Deixa este mundo, que, a chorar curvado,
Modula apenas sepulchral lamento.

Eia, gosemos; pela florea taça
Beba-se o nectar que nos dá prazer:
O goso é fumo que se esvae e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos muito! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que viçando estão;
Ceifem-se todas,—uma só não deve

Soltar nas brisas seu perfume em vão.

Gosemos muito! que o prazer recenda,
Em quanto a aurora mil lampejos tem;
Deixai que a sombra do pesar se estenda
Sobre os que ficam meditando além.

Somos convivas no festim da vida,
Ergamos todos n'um só canto a voz;
Se um parte, embora! Que uma flor caida
Não turba o gozo que lateja em nós!—

XIII

Beatriz estava só; Jacques saíra.
Tinha passado um anno des que a bella
Commetera o delicto imperdoavel
De abandonar o conde; a providencia
Não lhe tinha, porém, como em castigo,
Amortecido a esplendida belleza
Do rosto encantador: anjo caído,
Inda ostentava o mimo, a graça pura
Que o ceo lhe havia dado, como a poucos.
Era amada e feliz, toda a existencia
Espreada-se então n'um paraizo
De ventura, ideal; como pensara
Na escura cerração que em torno d'ella
Se condemnava já, quando em sua alma
Grata aurora de amor gentil brilhava?....
Beatriz estava só; rapidamente

Um confuso torpel lhe invade a sala.
 Que foi?.. quem era pois?.. porque viriam
 Amedrontar a pomba que arrulhava
 No seu ninho de murtas perfumadas?..

Ceos! eu a vi sem cor, sem voz, sem tino,
 Rojada aos pés de um velho, que bradava
 A' chusma dos algozes: «Eil-a é esta!» –
 Ceos! eu a vi sem côr, sem voz, sem tino,
 Morta de espanto e dor, arrebatada
 D'aquelle ceo de paz, como a folhinha
 Que o norte agudo arranca ao jasmineiro,
 E a vai deitar nos agoaçoes immundos!.
 Ceos! eu a vi....– não vi, peço desculpa,
 Porém ouvi contar; um dia o conde,
 Firmado em tres artigos cascarrudos
 Do *Codigo penal*, foi com a justiça
 Dar principio ao castigo memoravel
 Que a lei lhe concedia; – ó Christo, Christo,
 Como tu eras bom, como sabias
 Quanto é facil cair no horrendo abismo
 Que se nos rasga aos pés!... Que atire a pedra
 A mulher que peccou, quem jamais teve
 Um remorso a morder-lhe a consciencia! ..

XIV

Estou certo que alguem, de gosto e critica,
 Censura esta passagem, como avessa
 Ao lyrismo, ao perfume, a singeleza,

A' graça natural, e a muitas cousas
 Que os versos devem ter; oh! mas se a gente
 Seguir, como ovelhinha, estes pastores
 Que nos estão guardando as letras patrias,
 Tomba da serra abixo em pouco tempo.
 Cada qual tem seu rumo; a minha estrella
 E' meu pharol,—caminho e não percebo
 O canto chão dos criticos roufenhos.
 É trivial o assumpto?... que me importa!...
 Fora melhor talvez sagrar a musa
 Ao genero de truz, aos grandes cantos,
 E aos retumbantes versos que apavoram ;
 Fallar ao Parthenon, en Gnido, em Paphos,
 Nas abelhas do Hymeto; entrar no Egypto,
 Conversar com as piramides altivas,
 Dar voz ao rayo, ao vento, aos esqueletos,
 As montanhas, ao pego, ao mundo inteiro,
 Aos demonios crueis; fazer um côro
 De estrondo á Mayerbeer, – que produzisse
 Tres vagados mortaes, e depois d'isso,
 Adormecer na gloria satisfeito.
 Talvez fosse melhor, creio até mesmo
 Que este ponto é de fé; mas quem me dera
 Que em logar de isso tudo, um dia cedo
 Eu podesse escrever *El diablo mundo!*—

XV

Jacques sabia tudo; a sua amante
 Soffria o vil castigo, a pena infame

Que a cegueira dos homens lhe impozera.
Chorou, coitado!– o pobre amesquinhou-se,
Quiz morrer de pesar, porém não poude.
Ella expirava só,—ella, tão moça,
Tão linda, que rasgava os seios d’alma
Vê-la penar assim; nem uma lagrima
Podera derramar, nem um gemido
Desprendera sequer; pasmada e louca,
Incerto o olhar, as faces maceradas,
Erma com a sua dor, sem voz, sem força,
Luctando peito a peito com o gigante
Da amargura cruel, sentia apenas
Vacillar-lhe a rasão naquelle embate.
E fugio-lhe,.... ai de mim!... deixai que o pranto
Corra em meus olhes tristes, que um momento
Orvalhe as rosas murchas desse affecto,
Que acerba magoa me lacere o peito
Costumado a bater convulso e forte
De amor, de ceo, de luz, de aroma e vida,
Deixai, deixai,... que em breve eu torno aos cantos!...

Poucos mezes depois partio o conde.
Para onde foi, não sei; dizem, comtudo,
(E eu creio), que, sem mais, puzera termo
À crua dor que lhe pungia a vida.
Jacques tinha perdido, a pouco e pouco,
Aquella vaga sombra de tristeza
Que lhe toldava o rosto; começava
A metter pé no mundo como d’antes,
E mais de uma aventura escandalosa

Ia correndo, então de boca, em boca.
Se era ou não era fel que as linguas torpes
Deitavam sobre elle, não affirmo
Porque não quero errar; mas sei, mas juro
Que alguns mezes depois d'estas noticias
Terem lavrado já, quando a saudade
Inda devia ardente compungir-lhe
Inteiro o coração, feliz e amado,
Elle contava as horas da existencia,
Ebrio de amor, no seio d'outra pomba!—

XVI

Eia, gosemos! pela florea taça
Beba-se o nectar d'eternal prazer;
A densa nuvem que troveja e passa
Nem uma sombra nos vem dar sequer.

Gosemos sempre! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que despontam já;
Que tem, que importa se um montão de neve
Rosaes inteiros sepultando está?...

Que tem que as faces da mulher perdida
Vão definhando na amargura atroz?..
Somos convivas no festim da vida:
Ergamos todos n'um só canto a voz!

Voa minha alma, pelo espaço em fora,
Tu és o aroma que respira a flor;

Deixa este mundo que se prostra e chora

Voa minha alma, procurando amor!

Não falta um dia em que infernal desgraça

Azede o nectar que nos dá prazer:

O goso é fumo que se esvae, e passa

Quando mais ebrios nos parece ver.

Gosemos tudo! que o prazer resplenda

Em quanto a aurora mil lampejos tem;

Basta que um dia sobre nós se estenda

A sombra eterna que divaga além!

E. A. VIDAL.

PALLIDA MORS.

Imagem lucida, vestal de encanto,
Involve-me nas dobras do teu manto !

Murchae ; podeis murchar da terra ó flores,
De variegadas côres !
Não sei que valham folhas, viço e aroma
Que ao sol expiram quando o sol descae,
Do seio encantos, esplendor da coma
Se, á noute, ao vento, cada dom se esvae ? !
A minha flor que os dons, perpetua, encerra
Não é d'estes jardins ! Flores da terra
Podeis murchar ; murchae !

Harmonias cessae ! Parti-vos lyras
Que o sois, e sois mentiras !
Que sois hymnos, no templo, ao Deus eterno
Depois das salas cantos sem calor,
Coros de lupanar, gritos do inferno,
Trovas de orgia, e queixas de uma dor !
De vós descreio já, descrer profundo !
Que eu sei de uma harmonia de além-mundo
Que é só e sempre amor !

Visões, sumi-vos, que debuxa e cria

A douda phantasia !

Lubricas fadas, fetivaes bacchantes,
Phantasmas do prazer, que a febre dá,
Beijos de fogo, labios palpitantes,
Graciosas sombras, que vos quero eu já ?!
Fugi, visões, passae ! Foge, chymera !
Que eu só n'um anjo espero que me espera
Da tumba para lá !

Nos vaivens da procella desabrida
Do turvo mar da vida,
Lá quando o nauta da anhelada praia
Se affasta pelas rochas a bater,
Ou quando, n'um momento, lhe desmaia
O pharol que nas trevas crêra vêr,
E o desalento apoz vem da esperança ;
Só é praia fiel, luz que não cança
A ideia de morrer !

Fabrique o orgulho os thronos, sonhe a gloria,
Depois invente a historia !
Monumentos sem fim erga á vaidade,
Blaspheme, Promotheu, ou chore, Job,
Ao erro ajuste a palma da verdade,
Em quanto julga Deos, rasteje o pó ;
Ao fructo da sciencia beba o sumo ;
Que tudo desaparece como fumo,
E resta a morte só !

A morte ! a doce, a perfumada ideia
 Por que minha alma anceia !
Ahi onde outros vêem só materia
E o cadaver no leito sepulchral,
Vejo eu a apparição, vivaz etherea,
De gesto encantador, voz divinal,
Que com um braço o passo nos conforta,
E com o outro nos rasga em frente a porta
 De existencia immortal !

A morte ! aquella a que sagrei meu culto,
 Que a Deos não é insulto !
A que de fragil barro á terra avara
Atira o corpo vil, mas a porção,
Que d'outra essencia dimanou, prepara
Para entrar n'outra esplendida mansão ;
A que os laços estale em que me empeço,
A que, de vida fim, ainda é começo
 E de vida rasão !

A morte, sim, a candida lembrança,
 A pomba da alliança,
A que é só verdadeira, e sancta, e justa,
Que a nenhum foge, que nenhum maldiz,
Que ao triste a quem a vida pesa e custa
Não dá mais dos afagos seus gentis
Do que ao louco, ao altivo potentado,
Que a nega ou a receia, ao desgraçado
 Que se julga feliz !

Archanjo pensativo, clara estrella,
 Como eu te creio bella !
Pallida morte ! pallidez suave,
Transparencia subtil, mimo dos ceus,
Transumpto, symbolo, padrão, e chave
Do que se passa alem-terrenos veus,
Do que é sereno e grande, eterno aspecto
Da placidez augusta do architecto
 Dos mundos, seus trophéos !

Eu amo as rosas brancas que tu pisas,
 E as fórmãs indecisas
Do teu vago perfil ; disco de lyrios
Em que, perenne, brilhas no arrebol,
É a purpura só dos meus delirios
Teu impolluto, alvissimo lençol !
Por ti a minha fé se ateia, e lavra,
Por ti, da alma a suprema e sã palavra,
 O supremo chrysol !

Que os que tremem de vêr-te face a face,
 Nem te querem o enlace,
Te pintem despiedada, foice em punho,
Esquálida e senil, de olhar cruel ;
Que para mim, que só lamento o cunho
De horror que t'imprimio falso cinzel,
És vivida e louçã, balsamo, essencia,
Ou flor de immoredoura recendencia,
 E do mais puro mel!

Por isso que n'um día breve, breve,
 Em que ao longe e de leve
O antegoso pedir de um teu mysterio
Á viração que um sopro teu julgar,
Á rama do cypestre, ao cemiterio,
Ou á discreta solidão do mar,
Possa eu ceder a fronte ao somno amigo,
E dos sonhos que houver, por ti, contigo,
 No teu seio acordar !

Imagem lucida, vestal de encanto,
Involve-me nas dobras de teu manto !

12 de Janeiro de 1866
ERNESTO MARECOS.

FABULA DE JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

O lapidario e o diamante

Um lapidario ignorante
Um diamante
Comprou;
Tenue cabelo lhe achou;
Mas no mais era excelente
Por grandeza, e por fulgor.

Para tirar-lhe o defeito
Com todo o geito
Limava;
Fundamente o lapidava,
E a grandeza cerceando,
Diminuiu-lhe o valor.

Oh ! quantos, quantos, authores,
Emendadores
Eu vi,
Que riscando aqui, e alli,
Com vãs correções tiravam
Ás obras todo o vigor.

O ESPELHO MAGICO

Dizes-me tu que as estrelas
fogem á luz do arrebol,
e que ninguem póde vel-as
quando já dardeja o sol.
Mas olha, estás enganada,
nem toda a estrella se occulta
mesmo depois da alvoarada.

Se não – já que é dia agora –
vae, caminha, desce ao val,
e inclina essa fronte loura
na corrente de crystal.
E o crystal que te revela ?
olha bem : no azul das aguas
não vês sorrir uma estrella ?

CANDIDO FIGUEIREDO.

O PAVÃO E A CEGONHA

Pavão orgulhoso abrindo emproado
Do leque vistoso matiz variado,
A sua belleza se poz a mirar,
E á leve Cegonha, que ali vio chegar,
«Afasta-te (disse) villã e zoupeira;
«Sem cores, sem garbo, faminta grosseira !...
«Desprega se podes o leque como eu !...
Prudente a cegonha se rio do sandeu,
E rapidamente as azas abrindo,
Aos ares patentes qual setta subido,
Librando-se airoso de lá lhe bradou;
Remonta uma vez á altura em que estou,
O meu cavalheiro, que assim me despreza
Injuria seria de tanta belleza
Não poder ás vezes erguer-se do chão,
Nem mais do que um gallo, voar um Pavão.

Leitor senão gosas melhor galhardia,
Que nobre prosapia com vã ufanía,
Não zombes d'aquelle que humilde nasceu,
Talvez em desconto natura lhe deu
Engenho, e virtude que o encham de gloria,
E só por teus vicios, tu lembres na historia.

ANGELICA

Se Deus me perguntasse o que eu mais q'ria,
¿ que julgas tu que a Deus eu pediria ?

¿ talvez sabedoria,
como a pedio outr'ora Salomão ?
ou de Créso os innumeros thesouros
que assombraram presentes e vindouros ?

Oh ! não, mil vezes não !
eu calcaria as pombas da opulencia,
eu fecharia os olhos á sciencia,
e só pediria então
– como palma devida ao meu martyrio –
respirar teus perfumes, branco lirio,
unir-te ao coração.

CANDIDO FIGUEIREDO

PRISÃO DE AMOR

Tradução de um epigramma grego

Um dia, cortou ella um só cabelo
da longa e fina trança d'ouro bello,
e as duas mãos com elle me ligou.

Deixei ligal-as; e sorri-me, quando
vi facil o quebrar o laço brando,
com que a travessa minhas mãos atou.

Mas quando de tão fragil embaraço
me quiz livrar, achei que o brando laço
n'uma dura cadeia se tornou.

Vizeu, outubro de 65
CANDIDO FIGUEIREDO

SEPULTURA DE GIL VICENTE

O gran juizo esperando,
Jaço aqui nesta morada;
Tambem da vida cansada
Descansando.

Pergunta me quem fui eu,
Attenta bem para mi,
Porque tal fui coma ti,
E tal has de ser como eu,
E pois tudo a isto vem,
Ó leitor, de meu conselho,
Toma-me por teu espelho,
Olha-me e olha-te bem.

SAUDADES

Que pela face a lagrima resvále
 A quem no exílio geme.
 J. DE DEOS.

Quando a noute desdobra o estrellado manto,
 e emcima da montanha a lua pallideja,
 o genio da saudade em torno a mim adeja,
 silencioso então dos olhos cáe-me o pranto;

o espirito revôa ás noites do passado,
 e do passado evôca os brilhos e os fulgores:
 lá, fosse dia ou noite, em tudo, em tudo amores,
amor – dizia a lua, *amor* – o sol dourado.

A lua! –ella bem sabe os canticos e harpejos
 que eu soltava ao clarão dos mil celestes lumes;
 ella bem sabe ainda os risos e os perfumes
 que a minha flor me dava em troca de meus bejos.

Que noites! que prazer! que sonhos! que ventura!
 que auréola deslumbrante então nos envolvia!
 N’aquella doce voz que incantos! que magia!
 N’aquelle terno olhar que luz suave e pura!

.....

¿Recordas-te de quando a lua fascinante
 cheia de luz surgiu da serra na clareira?
 e uma nuvem surgiu tambem, tenue, ligeira,

a lua sombreou, se desfez n'um instante?

Oh! lembrás, sim, que então um intimo receio
o seio te agitou, turbou-te um pouco a face;
mas, quando a nuvem tenue se esvaeceu fugace,
teu rosto serenou, calmo ficou teu seio.

E a lua proseguiu, cortando a immensidade,
e a lua inda hoje brilha, e segue o mesmo trilho;
mas, ah! quanto é mais triste e pallido o seu brilho,
visto assim através do pranto da saudade!

Vizeu, outubro de 65.
CANDIDO FIGUEIREDO

HARPEJO

E vidi lagrimar cheduo bei lumi,
Ch'an fatto mille volte invidia al sole.
TASSO

Se soudesses quanto peno,
 minha flor,
quando o teu olhar sereno,
 turva a dor,

quando um véu de funda mágua
 vejo ir
os teus olhos rasos d'agua
 encobrir,

quando um ai do seio exhalas,
 flor do ceu,
e m'escondes tuas fallas,
 anjo meu; –

e se visses que almo gosto
 reina em mim,
quando alegre esse teu rosto
 Vejo emfim;

se meu seio examinasses,
 fosses ver
quando anima tuas faces
 o prazer,

e teus olhos scintillantes
vejo a par
como dous astros amantes
palpitar;

quando corres vaporosa
para mim,
como a douda mariposa
do jardim;

quando, longe dos abrolhos,
vejo em ti
ceu d'amor, que dos teus olhos
me sorri:

ai se visses, se soubesses !...
então, sim,
ouvirias minhas preces,
cherubim.

De minh'alma doce incanto,
casta flor,
¿porque choras? susta o pranto,
deixa a dor.

Deixa a dor que assim te opprime
o coração,
como o sol que verga o vime
para o chão.

Vai ás flóridas campinas
respirar
os perfumes que as boninas
te sóem dar.

Vai, que o ceu é lindo; e o prado
te sorri
com mil flores que ha guardado
para ti.

E se á tarde pende a côma
cada flor,
é perpétuo o sancto aroma
d'este amor.

Vizeu.
CANDIDO FIGUEIREDO

IMPROVISO

Bem sei que o gelo do inverno
só tristezas reverbéra ;
mas se pródiga de incantos
dos annos a primavera
em tua fronte sorri,
¿porque repelles de ti
a sancta luz da alegria,
e por entre um véu de lagrimas
olhas alem no horisonte
a neve que o vento envia
ás cumieiras do monte?
¿porque fitas tristemente
com esse olhar maguádo
aquelle arroio gelado
que alem sustou a corrente?

Afasta os olhos do gelo !
o monte, não queiras vel-o
nem as neves que lá vão
dependurar-se na crista
que no horisonte se avista
atravez d'esta janella
açoutada do aquilão.
Vem! inclina-te em meu seio;
e, se lhe ouvires o aneio,
contente verás então

que se o rigor da estação
tuda lá por fóra gela,
não gela meu coração !

Janeiro de 186...
CANDIDO FIGUEIREDO

Á MORTE DE MANUELA REY.

Permitte que em soluços eu deponha
Tambem uma saudade, ó alma bella,
 No teu funebre leito !
Se á flor dá prantos a manhã risonha,
Eu dou-te a flor, – ai ! pobre Manuela ! –
 Mais triste do meu peito !

Nenhuma aos pés te arremecei outrora,
Em vida, quando meiga no proscenio
 E ardente de paixão,
Sentia toda a luz da tua aurora,
E a suave fragrancia do teu genio
 Descer-me ao coração!

Nenhuma ! Acaso pode humilde planta
Roçar com seus perfumes o empireo,
 Dos orvalhos em paga ?
O verme que do pó se não levanta
O nectar retribue ao doce lirio
 Que um dia o embriaga ?

As almas como a tua são um canto
De frescas, de continuas melodias,
 Um arrulho d'amor !
Orvalho solto do azulado manto
N'aridez glacial de nossos dias
 Sobre pallida flor.

Foi bello o ver-te, sim, gentil creança,
Nas azas do teu genio erguida acima
 Das tormentas da sorte;
Qual a ave que n'um vôo se abalança
Por entre os vendavaes, e se aproxima
 Da luz que tem por norte !

Foi bello e grandioso ! Não se exprime;
Mas eterna lembrança em nossa vida
 Ficou do que era teu ;
Quando o ethereo, o intangivel, o sublime,
Moldavas na palavra traduzida
 Em canticos do ceu !

Da santa inspiração o beijo casto
Depoz-te Deus na fronte ; e a luz divina,
 Que em bem poucos se ateia,
Brilhou em ti, e um horisonte vasto
Ás ambições da gloria que fascina,
 Sem veu se patenteia.

Tiveste só aurora ! mas bem raro
Tão risonha manhã d'um bello dia
 No ceu assim reluz !
Não se diga que Deos te foi avaro !
No teu celeste alvor se resumia
 Um futuro de luz !

Aos grandes só, sómente aos escolhidos

Concede n'este mundo a providencia

Tal dom e tal baptismo !

São o bello : – nós somos os sentidos.

Apenas somos pó : – elles essencia.

São o ceu: – nós o abysmo !

Que tem que elles não tenham por cortejo

A gloria só? Que sempre lhes decline

O sol, quando em manhã ?

Que tem que a febre estampe o ardente beijo

Um dia em Millevoye, n'outro em Bellini,

Se a luz é sua irmã ?

O genio desses taes, centelha errante,

Baqueia, mas apoz deixa um vestigio

De eterna claridade ;

E os crentes do ideal, a cada instante

Evocam sempre o divinal prodigio

Nas lyras da saudade !

Assim, ó anjo louro e pensativo,

Aos écos do triumpho abrindo o espaço,

Levou-te o vendaval !

Mas nós, ainda apoz o vôo altivo,

Sentimos n'alma um luminoso traço

De luz celestial !

CAUSERIES

Versos a Angelica

– Quando ás horas do sol posto
vês o dia desmaiar,
!sempre triste a meditar,
sempre as lagrimas no rosto!

–Escuta, são as lagrimas
um peso que sai d'alma,
e que—celeste balsamo—
nas ulceras se espalma...

–Mas em faces, cujo encanto
rochas póde commover,
dóe me tanto, linda, o ver
a cair em fio o pranto!...

–Tambem da noute o róscio
orvalha a linda flor.
e a flor não pende languida,
nem perde a viva cor.

–Mas se a noute assim espalha
sobre a rosa o seu frescor,
¿qual a noute, branca flor,
que de lagrimas te orvalha?

Não é a noute! – volta-te
alem para o occidente:
choro aos adeuses ultimos
do astro resplendente.

– Oh! não chores, que se o astro
ao seio leito desce já,
amanhã te sorrirá,
branca estatua de alabastro.

– Mas quando sobre os pincaros
do monte repontar,
¿quem sabe se inda Angelica
tu saberás amar? !

–Murche embora o lirio na haste,
fuja o sol, toldem-se os ceus...
é eterno como Deus
este amor que me inspiraste.

Vizeu, 1866.
CANDIDO FIGUEIREDO.

SEM TITULO

Viste ao serão a douda borboleta
volitar descuidada,
e arder depois na luz... Tiveste pena
e disseste:—coitada!

E eu que a toda a hora ardo nas chammas
d'esse olhar adorado,
oh! quando te ouvirei compadecida
dizer tambem:—coitado!

Vizeu, 1865.
CANDIDO FIGUEIREDO.

INVOCAÇÃO

Em que recesso te escondes,
Ó anjo da minha paz?
Não me escutas? Não me respondes?
Onde existes? Onde estás?
Que espesso sendal te vela
A serena fronte bella
Que gruta escura te encerra,
E te occulta aos olhos meus?
Já baixaste acaso á terra,
Ou inda moras nos ceus?!

Formosa imagem sonhada,
Um dia vem, outro apoz,
E tu, ó mystica fada,
Sempre muda á minha voz!
Nas leves nuvens te embalas?
Nas densas florestas fallas
Pela voz do rouxinol?
Junto ao sol, n'elle te abrazas?
Ou libraste as brancas azas
Para os mundos de alem-sól?

Quanto mais te julgo perto
Para mais longe tu vaes,
E é mais árido o deserto
Que se franqueia a meus ais!

Cada instante, novas fôrmas:
N'uma estrella te transformas
E eis-te no espaço a brilhar!
Ora és a flor que perfuma,
Ora passas sobre a espuma
Que orla a tunica do mar!

Vem das plagas do infinito!
Desce, chega, ó anjo vem;
Que eu sei que não és um mytho,
Que eu sei que vives tambem!
Não; não és uma chymera.
És a eterna primavera,
És a esperança louçã,
És a luz, o riso, a festa,
Para a vida que me resta
És a perenne manhã!

Sei-o. Senti-o. No berço
Adivinhei-te, e, de então,
Para mim todo o universo
Resumiu esta paixão.
Não mente o sonho. Sonhei-te
Alva, pura como o leite
Da só virgem que foi mãe,
Radiante do brilho immenso
Que, por entre ondas de incenso,
Da ideia de Deus nos vem!

O sonho encantado eu posso
Traço a traço repetir.
Vi-te eu mesmo. Que alvoroço!
Como houvera a fé mentir?
Embora de extranha essencia,
Pulsa-me a tua existencia
Nas minhas veias, bem vês,
Arfa-te o seio em meu seio,
Penso, sinto, vivo, e creio,
Porque tu vives e crês!

Um dia em que na vereda,
Que percorro por te achar,
Entre a sombria alameda
Me sentei a descansar,
Supuz chegado o momento
De attentar n'esse portento
Que a minha alma anhela e quer,
Jurára que o paraíso
Me acenava no sorriso
Dos lábios de uma mulher!

Irrisão! Tremi, corri-me,
A face verguei ao pó:
Respirava a infamia, o crime
A falsa deidade só.
Ai, debalde te imitava!
Ergui-me, parti, a escrava
Deixei do mal sem pudor;
Pedi-te perdão do insulto,

E volvi para o teu culto,
Caminhei ao teu amor!

Exhausto de força, o ermo
Mais tarde sem fim pensei,
E dentro do peito inferno
Toda a agonia pezei.
Como eu pensei,—perdoa—,
Mentida a tua corôa,
Que eras um brinco infernal,
E tentei buscar o olvido
E o descanso no ruído
Infrene da bachanal!

Jorrava o vinho nas taças
Os topasios, os rubis,
Amei-o, e, com elle, as graças
Das Messalinas mais vis!
Mas eis de repente, em meio
Da festa devassa, o seio
Freme em doce estremecer;
Nova crença em ti surgia!
E o facho apaguei da orgia,
Corri longe por te vêr!

Sempre tu, a mesma, aquella
Que eu não vi, mas de quem sou
A mesma lucida estrella
Que o futuro me rasgou!
Dia e noute, n'um deserto,

No baile, em sonhos, desperto
Sempre aquella que não vi!
Sempre este aspirar constante
Ao bem ignoto, distante,
Ao desconhecido, a ti!

Como pois a ti voara
N'este aneio que seduz,
Se o Senhor te não creara
De um raio da sua luz?
Fôras illusão, mentira,
E dentro em mim não sentira
Os divinos dons da fé!
Quando um falso Deus se adora,
Qual das crenças não descora?
Qual a que fica de pé?!

Oh, existes, sim! Já'gora
Não tardas, não te detens!
No esplendor virás da aurora?
Nos raios da lua vens?
Quero amal-os, quero vel-os,
Os teus ondados cabellos,
Teu phantastico sorrir,
Quero fartar os desejos
De prelibar em teus beijos
Toda a ventura por vir!

Oh, existes, sim! Das veias
Percebo-o nas pulsações:

Assomas, pairas, volteias,
Entre lucidas visões!
Extasis de puro goso!
E no dia venturoso
Que me surgir onde estás,
Por seguir-te os aéreos traços;
Deixa cingir-te em meus braços,
Ó anjo da minha paz!

Mal n'este canto se fixar o amado,
O teu sonhado olhar a cujo encanto
Estes versos sagrei,
Oh! d'onde quer que estejas, rasga o manto
Que assim te encobre, solta ao longe um brado,
E aos pés te cahirei!

Vae longo o caminhar! Afrouxa o passo!
Que mais te não procure, anjo, de balde!
Por não morrer, ó flor,
Da magoa de não ver-te, ou de cansaço,
Consente emfim que a fronte te engrinalde
Com rosas d'este amor!

fevereiro, 1866.
ERNESTO MARECOS

SONETO

Os poetas, que o são de *raça fina*,
Entenderam que é ter grande finura
Elevar o *sublime* a tal altura
Que o mundo não perceba *patavina*.

É sua linguagem *tão divina*,
Que lhe não mette dente a creatura;
E cuida, ao escutar coisa *tão pura*,
Que ella aos *deuses do olympto* se destina:

Chama-se a isto *genio transcendente*,
Que, traduzindo *idéas singulares*,
Não lhe é dado fallar *lingua de gente*:

Estes são da poesia os *luminares*;
Deixam o mundo, e devem, certamente,
No Parnaso habitar *quintos andares*.

J. I. D'ARAÚJO.

SOMBRAS

Á memoria de J. H. Cruz Lima⁽¹⁾

I

Vai a gente vivendo n'este mundo
 como baixel sem rumo no oceano,
 até que emfim um dia desça ao fundo,
 mysterios d'alem-tumulo a sondar...
 No entanto, as illusões passam e correm
 –falsas miragens, que nossa alma prendem;
 mas passam! e com ellas tambem morrem
 aquelles que no pó vão descansar.

A morte! a morte é o ómega da vida,
 sêlo que fecha o livro da existencia;
 anjo, que ao fim de senda dolorida,
 nos conduz ao repouso tumular;
 nuvem ignea que vem a este inferno
 lagrimas enxugar, queimar abrolhos,
 e levar-nos lá acima aonde o eterno

(1) Foi um poeta de bastante merecimento, que
 chegaria a ser
 uma distincta gloria de Vizeu, se o não arrebatasse a
 morte no
 verdor dos annos. Publicou algumas poesias na
Grinalda do Porto,
 e n'outras folhas periodicas; e deixou muitas
 inéditas, que, se
 não me engano, breve serão offerecidas á apreciação
 do publico.

os martyres da vida sóe c'roar.

A vida, curto epilogo das dores
que alanceiam as almas dos precitos,
?quem a pode chamar jardim de flores,
quem ha dos homens que inda a possa amar?
Por isso, o nosso coração duvida
se ha purgatorio que não seja o mundo;
e os que estalam os vinculos da vida
é sorrindo que o mundo vão deixar.

E pois que aqui se pena e além se gosa,
?p'ra que chorar quem deste val de lagrimas
sobe entre risos à mansão ditosa,
onde não ha nem sombra de pezar?
Mas, viajor no deserto da existencia,
eu choro um companheiro de viagem,
não sei se por sentir á sua ausencia,
se por o não poder acompanhar !...

II

Eu vi-lhe na fronte pálida
o estigma do soffrimento;
e da dôr a pobre victima
não soltava num só lamento:
curvado já para o tumulo,
á desgraça o vi sorrir,
e com as flores do genio
os espinhos da existencia

encobrir...

Da eternidade ao vestibulo,
inda então vinha involvel-o
com as suas azas candidas
da poesia o archanjo bello;
mas em sua fronte livida
breve o riso feneceu,
e o fenecer d'esse jubilo
foi transição momentanea
para o ceu.

Depois... ao ceu subia uma alma pura,
e um cadaver baixava á sepultura.

III

Ás horas do crepusculo,
quando desmaia o dia,
e o sol, envolto em purpura,
um triste adeus envia;

e quando além suspira
a brisa; e a luz da lua,
na campa fria e nua,
da cruz a sombra estira;

quando o cipreste trêmulo,
das auras agitado,
entorna sobre os tumulos

um canto dolorido:

irei verter meu pranto,
soltar tristes endeixas;
e do cipreste ás queixas
irei casar meu canto.

Na lápida marmórea,
á noite a sós prostrado,
segredarei aos tumulos
meu canto magoado,

que ao ceu, o subtil bando
das auras, erguer hade,
as vozes da saudade
no espaço murmurando.

E tu hasde escutar-me, ó alma pura;
e hasde pedir a Deus, saudoso amigo,
que eu vença emfim o mal, e entre contigo
na partilha do bem que sempre dura.

CANDIDO FIGUEIREDO.

L'AMOUR, C'EST LA VIE !

I

Um dia, vi-te só ! estavas triste,
pendida a frente, e os olhos rasos de agua ;
e, ao ver que te opprimia funda mágua,
perguntei-te porquê, mas não me ouviste.
Certo, o quadro da vida contemplavas,
e, saudosa do céu d'onde vieras,
em teu seio archangélico anhelavas
por deixar d'este mundo as primaveras.
Tinhas razão ! E eu perguntei-te ainda
se na terra um incanto não achavas
que te levasse allivio ao coração.
Ergueste a fronte pállida, mas linda,
e respondeste – não !

II

Mais tarde... quando o amor, em doce calma,
em azas de ouro e neve te envolvia,
e na frente gentil te entretecia
a c'roa de rainha da minh'alma ;
quando o amor, seus sorrisos entreabrindo,
veio fechar depois nossos abraços ;
e, sobre a terra flores espargindo,
por flórea senda nos guiou os passos :
logrei um ceu em cada teu sorriso,
li a ventura no teu rosto lindo,
vi-te ditosa, e perguntei-te emfim,

se este mundo não era um paraíso,
e respondeste – sim !

Vizeu 9 de maio, 1866.
CANDIDO FIGUEIREDO.

NA PRIMAVERA.

Je suis la fleur des murailles,
Dont avril este le seul bien.
Il suffit que tu t'en ailles
Pour qu'il ne reste plus rien.
V. HUGO.

Desfez-se a nevoa do inverno,
Começa a vir o calor ;
No campo despontam rosas,
No seio palpita amor.

As andorinhas fugaces
Chilrando alegres já vem ;
Sorriem-se os pequeninos
Nos ternos braços da mãe.

O sol beija com seus raios
Os cimos dos alcantis ;
Desdobra a relva um tapete
Do mais gracioso matiz.

O vento suspira e brinca
Nos ramos da lorangeira ;
O cysne canta e deslisa
Pelas aguas da ribeira.

Tudo é luz, tudo perfumes,
Tudo alegrias singelas ;
De manhã vicejam flores,

De noite brilham estrelas.

Como a vida corre amena
N'esta florida estação !
Quando a sombra foge aos campos,
Foge a magoa ao coração.

Aqui respira-se a vida,
Aqui traga-se o prazer.
A nuvem d'uma tristeza
Não vem turbar-nos, sequer.

Oh, dá-me o braço, querida,
É nossa a quadra do amor :
O sol é grato aos amantes,
Como ao campo e como á flor.

Vem, não temas, divaguemos,
Não fiques, não penses mais.
Como os beijos são tão doces
Á sombra dos laranjaes !

E eu quero aspirar contigo
Todo este aroma subtil.
Em teus braços reclinado
Contente saudar abril.

Sim, eu amo a primavera,
Os vivos clarões do sol,
De noite as brandas endeixas

Que modula o rouxinol.

Amo tudo o que scintilla,
Tudo que é raio e esplendor ;
O canto que vem das aves,
O cheiro que vem da flor.

Mas sem teu meigo sorriso
Nada me encanta e seduz ;
Nas rosas perde-se o viço,
Nos astros desmaia a luz.

Que tem que o sol encha a terra
Com seu fulgente clarão,
Se escura noute sentimos
Toldar-nos o coração ?

Que importava a primavera,
Que engrinalda a terra e o ceo,
Se os teus olhos não dissessem
Que és minha como eu sou teu ?

Vem, pois, comigo, querida,
Gosar do campo o frescor ;
O campo é grato aos amantes,
Como o sol é grato á flor.

Vem, não temas, não vacilles,
Não fiques, não penses mais :
Que doces beijos daremos,

Á sombra dos laranjaes !

E. A. VIDAL.

CASTA DIVA

Era no tempo candido,
Vivaz, risonho e limpido,
Em que o sol surge esplendido
Dourando as illusões !
A primavera flórida
Rescende auras balsamicas :
Passam no ar murmurios,
Notas de mil canções !

Ethereo e casto jubilo
Me transportava o espirito;
Era o exalçar d'um extasis !...
Era um voar ao ceo ! !
Librava as azas timidias
Pelos espaços lucidos !...
Sorria a vida placida,
Envolta em roseo veo !

Sentia o enlevo intimo !...
– Infinda e alma voluptia ! –
Hauria o alento vivido
Da esp'rança festival !
E a alma desprendia-se,
Pela amplidão cerulea
No fluctuar diaphano
De um sonho virginal !

E então no santuario
Dos intimos anhéritos
Vibrava ardente e energica
A voz da inspiração !
Vinha outras vezes languida
Como um segredo ingenuo,
Nas horas do crepusculo,
Fallar-me ao coração !

Mas, oh !... passou bem rapido
Da aurora o roseo idyllio,
Como é furtivo o hálito
Da flor do laranjal !...
Qual da toada o frémito
Resoa apoz o cantico,
Saudade melancholica
Exhala o idéal !

Sumio-se a visão fulgida
Deixando a sombra pallida,
Como o luar seguindo-se
Á luz de sol vivaz !
Desfez-se o encanto magico,
Bem como a espuma férvida
Que á flor da vaga túmida
Rebenta, e se desfaz !

Cessou a alegre musica...
E da alma a branda cythara
Soltou vago preludio ;

Mas logo emmudeceu :
Em vez dos hymnos módulos
Veio o silencio lugubre...
E então, não sei que angustia
Meu peito confrangeu.

Por que fugiste pudica,
Ó mensageira sylphide
Dos vividos effluvios
Do deus revelador ? !
Triste na ausencia... evoco-te...
Oh ! vem, de novo, próvida,
Fazer-me as confidencias
Do matutino alvor !

Trazendo a esp'rança mystica
Do peito ao tabernaculo
Desce, qual pomba incolume
Voltando da amplidão !...
Ou vem outra vez languida,
Suave e melancholica,
Nas horas do crepusculo,
Fallar-me ao coração !

Abril de 1866.
JOÃO M. TEDESCHY.

.....Silencio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo
Espreitar indiff'rente os pensamentos
Que os labios do infeliz feixam no peito,
Curiosidade é van, mal generosa
E de animo insensivel: não exijas,
Se o podes consolar, preço tam duro
Por teus confortos. Pouco vale a dextra
Que não inxuga as lagrimas do afflicto,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do peito a causa.

GARRETT.

REPOUSO

Quis dabit mihi pennas sicut columboe? Vo-
labo et requiescam.

DAVID.

Já não canto ; minh'alma abatida
Vae perdendo a alegria passada,
Em vão sonho, ao romper da alvorada,
Inspirar-me do antigo fervor ;
Em vão sonho ; que um dia d'inverno,
Por mais luz de que inflamme o horisonte,
Não dissipa os regêlos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor.

Que me serve lembrar o passado,
De venturas tão rico e tão cheio,
Se a saudade que enluta meu seio
Tristemente me obriga a scismar ?
Quando o ninho em que alegre vivemos
Vae nas ondas á toa levado,
O que fica na praia exulado
Como póde aos seus cantos tornar ?

Como póde sorrir ás delicias
De uma vida, que foge, tão bella,
Quando ao perto vem negra a procella,
E lhe ruge o tremendo escarcéo ?
Ai, quem ha de ensinar-lhe de novo
O seu canto das noutes formosas,

Se não sente a fragrancia das rosas,
Se não brilha uma estrella no céu ?

Ser poeta, cantar em delirios
De prazer ou de magoa insoffrida,
Divagar pelos campos da vida
Inundando-a de vago esplendor,
Abrasar-se por tudo e por todos,
Levantar sobre as turbas a fronte,
É ter fé no que esconde o horisonte,
É ter crença, ter sonhos d'amor.

É sentir dentro d'alma os presagios
D'essa gloria que accende e que inspira,
Distinguir nos accordes da lyra
Uma voz que do empyreo desceu,
Entender-lhe o murmurio das fallas,
Escutar-lhe entre notas supremas :
— « Vem comigo, não pares, não temas,
Que o futuro, que a gloria sou eu ! »

— « Ergue o vôo, que um raio celeste
Ha de em breve mostrar-te o caminho ;
Se adormeces no florido ninho
Ai, da vida sonhada por ti !
Ergue o vôo, desprende-te e sóbe
D'essa treva em que vives prostrado ;
Vem comigo, que um mundo encantado
Suspirando te aguarda e sorri ! »

E eu não creio ; que est'alma abatida
Já perdeu a alegria passada ;
De saudades agora rallada
Nem sequer me palpita de amor.
É que o sol quando aponta no inverno,
Por mais luz de que inflamme o horizonte,
Não dissipa os regelos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor !

E. A. VIDAL.

A UMA ROSA

¿ Para que afastas irosa
o rosto, alvo de neve ?
acaso um anjo se atreve
a negar o que me deve ?

Não fujas ! – ouve-me, Rosa :
tu prometeste-me um dia
que o teu amor pagaria
da minha ausencia a agonia.

Vê bem : – tres annos ausente,
ora do teu lado me vejo ;
e, quando a paga desejo...
de ti recebo um só beijo !

Concedo que um beijo ardente
n'esse rosto de açucenas
compense um anno de penas...
¿ Quantos faltam ? dois apenas !

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

VISÕES Á BEIRA D'AGUA.

... the lover and the poet
Are of imagination all compact.
SHAKSPEARE.

Hontem, que o sol se escondia
atrás do visio do monte,
fui sentar-me ao pé da fonte,
a recordar-me... de ti !
Ás vezes, se a um bello dia
foge a doce claridade,
dá-nos tão funda saudade
como eu hontem a senti.

O sol não quero pintar-te,
quando, involto em véus purpúreos,
banha da serra os tugurios
com seu ultimo clarão...
pois falta-me ingenho e arte,
e tu já sabes que anceo,
a essa hora, no seio
nos agita o coração !

E eu sentei-me á beira d'agua !
o crystal adormecido
era um espelho esquecido,
e, mais claro, nunca o vi.
Eu quiz ver se a minha mágua
no rosto lavrara fundo :

um pouco esqueci o mundo,
e a mirar-me... adormeci.

Sonhei. Hálito p'regrino
vinha alli de ao pé da fonte—
refrigerava-me a fronte,
descia-me ao coração :
era um hálito divino,
como os que ás veses nos calma
as ardentes febres d'alma,
soffridas na solidão.

Ergui de prompto a cabeça,
julgando ver-te a meu lado,
de meu peito maguado
a bafejar tristes ais...
Ilusão ! – a aura travêssa
é que soprava contente
sobre a limpida corrente,
e entre os virides junçaes.

E eu de novo dormitava.
Mas, como vaga harmonia,
não sei que voses ouvia,
que alguém me vinha dizer :
falas taes eu escutava,
que o mundo, tão doces falas,
não sabe pronuncial-as,
nem intendel-as sequer !

Acreditei por momentos
que éras tu quem murmurava
o himno que me incantava...
e acordei mais uma vez !
chamaram-me esses acentos,
mas, ah ! por desdita minha,
era a limpida fontinha
quem murmurava a meus pés.

Poucos instantes passados,
de novo inclinei a fronte
por sobre o espelho da fonte ;
e não sei se adormeci :
meus olhos meio-cerrados,
no fundo da agua entrevia
meigo rosto que sorria
os sorrisos de uma houri.

E eu julguei que nessa hora
tu te estavas remirando
no crystal sereno e brando,
sorrindo-te para mim ;
mas triste de quem te adora,
preso sempre á imagem tua !
— quem me sorria era a lua,
lá dos espaços sem fim.

E ao meditar um instante
sobre o desengano amargo,
caí de novo em letargo,

e vi das aguas no azul
uma ignota luz brilhante,
que espargia seus fulgores,
como os olhos tentadores
de uma filha de Stambul.

E então cri, com cega crença,
que eram teus olhos risonhos
essa luz, que eu via em sonhos,
do mais vivido esplendor :
pois quem nos teus olhos pensa,
de prompto á mente lhe acode
que tal luz ninguem ter pôde,
senão, tu, meu sol de amor !

Sim, a luz que brilha e arde
nos teus olhos de gasella,
eu jurava ser aquella
que eu via nos sonhos meus.
Mas... era a estrella da tarde,
que, nas orlas do horisonte,
se escondia atraz do monte,
enviando-me um adeus !

.....

Bem vês que a minha existencia
enlutam estes enganos –
olha não passem os annos,
sem que o sol rompa d'alem. . .
Bem vês que os prantos da ausencia
só murcharão nos teus braços :

anjo, divide os espaços,
sacode essas asas, vem.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

DESCALÇA

Quem és ? que a gente vendo-te suspira
E em puro amor desfaz-se ?
Raio crepuscular do sol, que nasce ?
De lampada, que expira ?

Como os teus pés são lindos ! Como é doce
A curva do teu peito !
Oh ! se o meu coração fosse o teu leito !
E o teu amado eu fosse !

Que preciosas perolas descobre
teu meigo humido labio !
E, virgem ! como Deus foi justo e sabio
Em te deixar tão pobre !

Não tens fofo veludo onde se atole
teu lindo corpo, ó bella !
Mas quando é bello o céu ? bella uma estrella,
E quando é bello o sol ?

Limpo de nuvens, nu, derrete a neve
E a aguia até desmaia !
Tu não tens mais do que uma pobre saia
E, essa, curtinha e leve !

Ingenua como a flor que nasce e cresce
 Não para estar occulta
Onde o corpo te alteia a saia avulta,
 Onde te abaixa, desce...

Encerram-se em ti mesma teus desejos,
 De nada, flor ! precisas !
E que eu nem seja o marmore que pisas...
 Calçava-te de beijos !

JOÃO DE DEUS.

Los buenos sirven a buenos,
los viles quedan se a tras,
los dichosos valen mas,
y los desdichados menos,

LOPE DE VEGA – Peregrino.

PROFISSÃO DE FÉ

I

Creio em Deus, porque só elle,
um anjo dar-me podia ;
que taes perfeições revele,
que tenha uma tal magia,
como tu, rosa de amor.
Creio n'elle ! que o Senhor
Mandou ao mundo – p'ra mim. –
do seu ethéreo jardim
a mais graciosa flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

II

Eu creio na Providencia,
que me deu um paraizo,
que me inflorou a existencia
co'as galas do teu sorriso,
com mil grinaldas de amor.
Creio n'ella ! que o Senhor
meus anhelos attendeu,

como quando concedeu
orvalhos á murcha flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

III

Creio na sabedoria
d'esse Deus todo perfeito,
que uma alma n'um fausto dia
infundio dentro em teu peito,
mas uma alma toda amor.
Creio, sim, porque o Senhor
deu-te bellesa sem par,
da gasela deu-te o olhar,
deu-te o perfume da flor.

Se é errada a minha fé,
pede por mim ao Senhor,
em quanto te adoro, flor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

IV

Creio que alem d'esta vida,
d'esta vida transitoria,
a minha alma, á tua unida,

viverá na eterna gloria,
alimentada de amor.
Creio, sim ! porque o Senhor
nossas almas não quer ver
desunidas fenecer
como a essencia de uma flor.

¿ É errada a minha fé ?
Oh, não ! – se eu te adoro, flor,
tambem adoro o Senhor,
ao pé de ti, sempre ao pé.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

A GOMES DE AMORIM

(depois da leitura dos *Ephemeros*)

Hoje, que a pristina crença,
e as nossas glorias passadas,
as vemos embaciadas
pelo gelo da indif'rença—
dentro d'este peito moço
sinto não sei que alvoroço,
chóro de intimo prazer,
quando vejo a mão da gloria
nas folhas da nossa historia
ir mais um nome escrever.

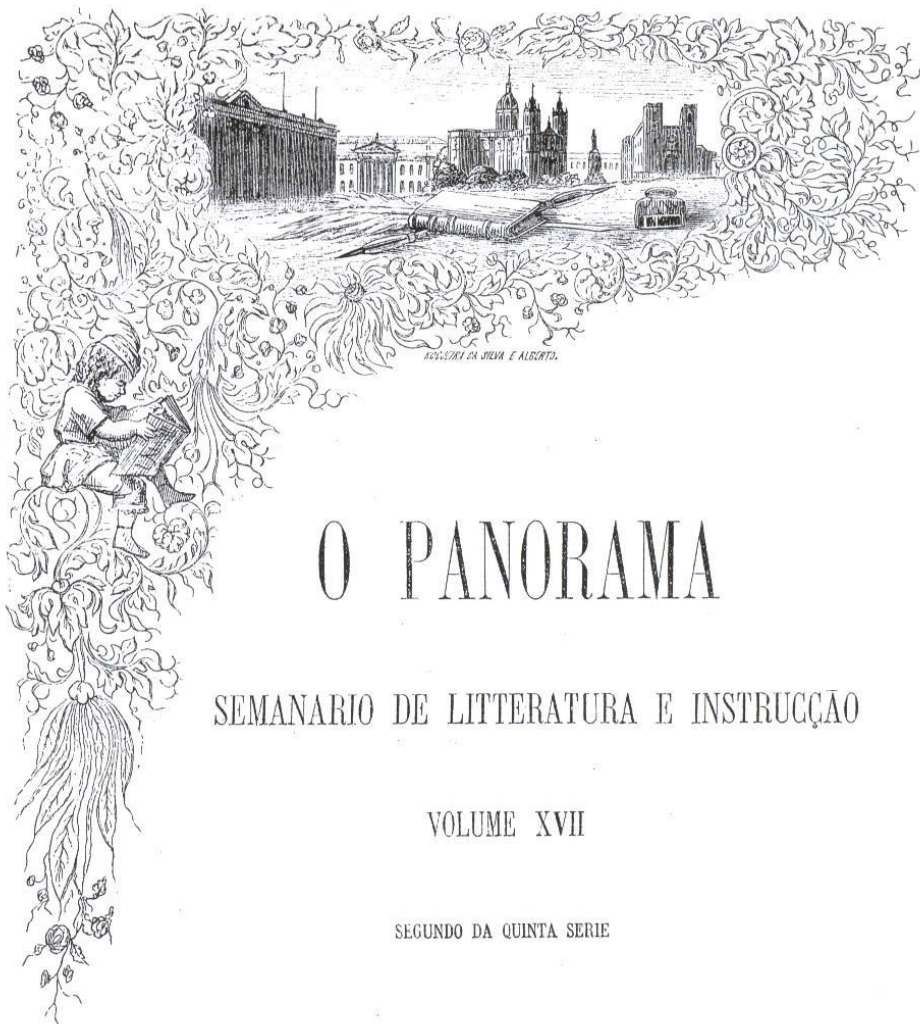
Poeta ! no rosto puro
vae cingir os verdes louros
que são despojos, thesouros
da conquista do futuro !
Do futuro ! que o presente
talvez da c'roa fulgente
afaste os olhos. . . talvez !
Mas, poeta, não te importe !
Pois tiveram esta sorte
Mil genios como tu és !

Tiveram ! se negra lama
o rosto lhes salpicava,
mais tarde o mundo escutava
os écos da sua fama !

tiveram ! mas os vindouros
prodigaram-lhes os louros
que o presente lhes negou !
Poeta, dobra os joelhos
diante d'esses espelhos
que o porvir desempanou ! ...

Como esses, que da desgraça
os golpes exp'rimentaram,
e tristes cantos mesclaram
ás vaias da populaça :
tu, joven e desditoso,
crusaste o oceano iroso,
e, nas plagas de alem-mar,
do exilio os amargos prantos
foste adoçar com teus cantos,
a *escravidão* adoçar !

Lá, mediste o genio altivo
pelas altivas palmeiras ;
e, se ellas foram primeiras
a subirem, tu – cativo –
a alma ergueste acima d'ellas,
e a teus pés viste as estrellas,
viste desertos, sertões. . .
nas clareiras d'esses matos
de eternos, enormes cactos
viste tigres e leões !



DESIGNADO DA SILVA E ALBERTO.

O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCAO

VOLUME XVII

SEGUNDO DA QUINTA SERIE

LISBOA
TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA
6, RUA DO THESOURO VELHO, 6
1867.

A . . .

Eu quizera ter azas como a pomba
Para voar ao céu quando te vejo ,
E no santo fervor do meu desejo
Purificar meus labios sobre os teus ;
Unir meu seio oppresso ao teu, que ondula
Como a vaga de um rio transparente,
E contigo depois, anjo innocente,
Voar por esse azul de infindos céos.

A terra, para mim, é como um laço
Em que os tristes da vida se debatem ;
Eu quero que os teus dedos me desatem
Essas pêas fataes d'angustia e dôr ;
Quero esquecer de todo o sangue e as lagrimas
De que tenho orvalhado este caminho,
E descansar nas rosas desse ninho
Aquecido por ti ao sol do amor !

E. A. VIDAL.

RECORDAÇÕES DE UM BAILE DE MASCARAS

(esboçadas num álbum)

Era no baile (recordas-te ?)
Quando eu pela vez primeira
Te encontrei, minha formosa,
Encubriendo surrateira
Co'a mascr'a de rendas pretas
O teu rosto encantador,
E nas pregas indiscretas
Do dominó côr-de-rosa
Escondendo a fôrma airosa
Do teu corpinho elegante !
Inda te lembras?

De amor

Senti pulsar-me no peito
Delirante o coração :
Tu, linda, gentil, galante,
Não sei que fagueiras fallas
Alli me disseste então :
O que sei é que perdido
Na amplidão daquellas salas
Outra cousa no sentido
Não tinha eu já senão ver-te,
Senão amar-te e dizer-te
Que eras tu, virgem querida,
Dominó de rosea côr,
Que eras tu a minha vida,

Minha esp'rança, e meu amor !

E julgas tu, minha linda,
Que amar te não posso eu ?
Eu, peccador neste mundo,
E tu archanjo de céo ?
Julgas que não?

Quem te disse
Que em meu coração ainda
Amor violento e profundo
Se não podia aninhar ?
Quem te disse, ai ! quem te disse
Que em delirante loucura
Te não podia eu amar
A ti, gentil formosura,
Virgem de amor e meiguice,
A ti, archanjo do céo ?

É que ha na terra bem poucos
Corações como este meu !

Amar-te, e muito ! — Ambos loucos,
Um pelo outro, de amor...
Fôra a suprema ventura !
Fôra vêr no teu sorriso
Despontar-me um paraíso
Deslumbrante e encantador !
Depois... passei toda a noite
Com febre... scismando em ti!
Perdi de tudo a lembrança ;
Só da tua masc'ra de rendas,

Ai ! só dessa a não perdi !

Sorria-me alegre a esp'rança
De outra vez tornar a ver-te
Sem dominó a esconder-te,
Sem masc'ra a occultar-te o rosto :
Co'essa esp'rança lisongeira
Disfarçava o meu desgosto
De tão cedo te perder,
Meu dominó côr-de-rosa,
Minha masc'ra sorrateira,
Que de amor terna e fagueira
Me vieste enlouquecer :
Co'essa esp'rança me alentava,
Co'essa esp'rança tão formosa
De outra vez tornar-te a ver!

Serias linda ? — Os teus labios
Que me deixaste espreitar
Fallavam sempre tão doces
Com tal meiguice a encantar.
Que era impossivel não fosses
Linda, mui linda !

Bastava

Sondar-te como eu sondei,
O teu coração formoso
Que tanto me enfeitiçava
E encontrar, como encontrei,
Um thesouro precioso
De virtude e de meiguice,

De candura e de paixão,
Bastava isto só que eu disse
Para ad'vinhar o teu rosto,
Virgem de amor, meiga e pura,
Semelhante em formosura
Ao teu bello coração !

Mais tarde, quando eu te vi
Já sem masc'ra a disfarçar-te,
Quando, louco ao pé de ti,
A tua ilharga sentado,
Juras de amor proferindo
Delirante e apaixonado,
Pude á vontade mirar-te,
Foi então que revelada
Me ficou desse teu rosto,
Desse teu rosto tão lindo,
A expressão meiga e formosa,
Minha gentil mascarada,
Meu dominó côr-de-rosa.

Linda, oh ! tu és linda, linda,
Tão linda que nem eu sei
Que em tanta doçura infinda,
Em tanto encanto e elegancia
Se encontre um *senão* !

Direi

Apenas, que és tão formosa,
Que vens endoidar-me a vida
Co'a embriaguez da fragrancia

Desses labios côr-de-rosa,
Rosa vermelha e incendida
Onde o mimo, o aroma, e a côr,
Tudo inspira e exhala amor !

Vê lá tu, se me enganei
Quando eu pela vez primeira
Mascarada te encontrei,
E tu supuz tão formosa,
Minha linda sorradeira,
Meu dominó côr-de-rosa !

.....
São estes aquelles versos
Que eu hontem te prometti :
No coração me brotaram,
Com o teu amor os nutri.

Escrevendo-os, anhelava
Por ti o meu coração :
Febre de amor me queimava,
E recrescia a paixão :
E, escrevendo-os, escrevia-os,
Sem já cuidar de mais nada
Que da tua masc'ra de rendas,
Minha gentil mascarada !

E, escrevendo-os, escrevia
Com o sangue do coração,
Que eras tu, virgem formosa,
Eras tu só quem eu via

Nos devaneios d'então :
E eras tu quem me sorria,
Meiga brisa da minha alma,
Candida flor em botão,
Anjo de amor e poesia,
Meu dominó côr-de-rosa,
Minha casta inspiração !

OLYMPO DE FREITAS.

VINGA-TE !

*Como dama que foi do incauto amante
Em amorosos brincos maltratada...*

CAMÕES.

I

E queixas-te, porque ousei
tocar no vedado pomo,
furtando-te um beijo — como
se o amor tivesse lei !

II

Não foi culpa, mas enfim
eu sei o que são mulheres :
queres o teu beijo... queres
que t'o restitua... sim ?

III

Não queres ? !... Não basta só
que o beijo te restitua ? !
Cruel ! ; é vontade tua
vingar-te de mim sem dó ?

IV

Paciencia ! Vinga-te pois,
vinga-te pois sem tardança...
não demores a vingança...
furtei-te um ? furta-me dois.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

PSALMO

CXLVII de David

O nome do Senhor seja louvado
nos céos e nas alturas.
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado,
e angelicas creaturas.

Louvem-no de continuo os céos profundos
e as aguas lá de cima:
— louvem o nome do que fez os mundos,
a todo o ser anima,

e, dando luz a cada ser creado,
poz-lhe em preceito, que hade
permanecer constante, inquebrantado
por toda a eternidade !

Louve-o quanto na terra se sustenta,
louve-o até o averno;
louve-o a tempestade que rebenta,
fiel á vóz do Eterno.

Louve-o o monte que a sua cumiada
ás nuvens alevanta;
louve-o a arvore, de fructos avergada,
louve-o a esteril planta;

A ave que vôa, a fera, o bicho immundo,

louvem-no a cada instante.
Povos e reis, novos e velhos .., tudo
em tudo o louve e cante!

VIZEU, 1867.
CANDIDO FIGUEIREDO.

A REDEMPCÃO

Ao meu amigo o ex.^{mo} Sr. F. De Albuquerque e Couto

Rasgou-se o véo do templo! Assoma aurora esplendida
Abrem-se novos céos á Eva seduzida!

A morte empallidece... e curva-se abatida
aos jorros dessa luz!

Rasgou-se o véo do templo! Olhae a augusta Victima
erguida sobre o altar!... O sangue do Cordeiro
em pó faz os grilhões de áspero captiveiro,
soltos aos pés da cruz!

Um dia erguera a mão, da noite o negro espirito,
lançou por terra o escravo, e delle fez cimento
do colossal, maldito, e estranho monumento
que ás trevas consagrou...

Cingio-lhe por degraus setenta mil cadaveres,
e o monumento assim nas nuvens se perdia!
Houve quem visse então subir a tyrannia,
que em cima se assentou!

.....

O escravo soluçava, e ria o altivo despota!
— era a irrisão resposta ás queixas do opprimido!
(Maldito quem não ouve o intimo gemido
que o escravo desprendeu!)

Mas... expirou o Justo! — aponta um clarão fulgido,
que ao longe sobredoura a crista da montanha!

o escravo ergueu-lhe um braço! e ao revolver-se a peanha
o solio estremeceu!...

Dirieis que essa luz tinha o condão fatidico
de alumiar em baixo, e deslumbrar em cima! —
em cima desalenta, em baixo apaga e anima,
é Deus que assim o quer!

O purpurado rei, nas dobras dessa purpura
quizeu esquivar-se á luz que vinha do oriente!
e ella queimou-lhe o solio! e o sceptro omnipotente
lh'o veio derreter!

Ergueu a fronte o escravo, e veio a regia tunica
coser-se — bem cosida — ás vestes da pobreza!
Ouviu-se então um brado; — É uma a natureza,
o escravo é teu irmão! —

E o mundo repetio a voz da Providencia,
e o brado fez-se ouvir em Roma e nas aldeias...
Os pulsos, roxos já estalam as cadeias
ao sol da redempção!

E o crente fôra á noite, albergues e palacios
na ombreira assignalar co'o sangue do Cordeiro!
pois que a Justiça, ao vir do dia o alvor primeiro,
havia de passar!

Emfim passou por lá! e o povo levantava-se
lançando para longe as peias do proscrito!
O archanjo da justiça avança, e só um grito
se ouviu no lupanar!

Era o rugir da fera, a quem a Providencia
das garras libertava a victima innocente;
ruidoso desabar desse colosso ingente
que a terra dominou!

Á voz do Capitão, ergueu-se o grande exercito!
tomou-se nova estrada! a cruz era a bandeira!
E o povo que buscava a patria verdadeira
ouvio:—Eu sou quem sou!—

Vizeu, semana-santa de 1867.
CANDIDO DE FIGUEIREDO

M...

Quem ousa? quem se atreve
a macular teu calix,
ó branca flor dos valles,
ó pomba côr de neve?

Ao largo passe o abutre
de fauce famulenta,
que de anjos se alimenta,
e que de sóes se nutre!...

Sol! que não traje escuro
a luz com que me abrasas!
Anjo! nas brancas asas
resguarda o seio puro!

Mal sabes, innocente,
o preço do thesouro,
que escondes, anjo louro,
em jaspe transparente!

A vista, de indiscreta,
vae, corre, palpa... e nada!
na urna immaculada,
a mente do poeta

é só quem vae anciosa
pesar, ó meigo astro,

em conchas de alabastro
a joia preciosa!

E sei-lhe o alto preço!
— se um dia confrontares
as pérolas dos mares
e a joia que eu conheço...

verás que o teu thesouro,
em cofre jaspeado,
faz esquecer ao lado
perolas, prata e ouro!

Depois ? quem se aproxima
do sol esplendoroso,
qué entorna copioso
seus brilhos lá de cima ?

Se aonde resplandeces
erguer seu vôo a águia,
cegue-a, fulmine-a, esmague-a
em raio que arremesses!

.....
No mundo, onde desceste,
firma a nevada planta,
e dos marneis levanta
a chlamyde celeste!

Não temo que este lodo
vá salpicar-te a alvura:

o sol também fulgura
no charco, e é puro todo!

.....
Na vida transitoria,
nas lides da existencia,
o anjo da innocencia
é o anjo da victoria!

Erguida na estacada,
o teu broquel abraça,
que nelle se espedaça
a seta envenenada!

Cair na arena, quando
te ergues assim aos ares,
é desfazer altares
num templo venerando!

Ante o fiel espelho
do Deus que te illumina
a face purpurina,
dà-me que eu dobre o joelho!

Quero adorar por terra
a pyxide sagrada,
que, pelo céu velada,
vedado pomo encerra!

Que a serpe feiticeira
não quebre o teu encanto !

ai! tu bem sabes quanto
perdeu a mãe primeira !

¿Quem é que se extasia
se o dia perde as côres
quem é que sonha flores
ao repontar do dia?

¿Quem na materna face
beijos aos mil desprende,
e a mãe nos braços prende,
antes que um dia passe?

¿Quem sonha o paraíso
as horas do descanso,
ao estreitar de manso
as prégas dum sorriso?

¿Quem nos jardins da vida
não entrevê abrolhos?
¿Quem não afoga os olhos
em lagrimas sentida?

És tu! — Só tu pudeste,
num laço de alegrias,
travar da terra os dias
com o viver celeste!

VIZEU, 1867.
CANDIDO FIGUEIREDO.

PECCADORA E MÃE

..... a desgraçada
que pecou, sim, mas que é mãe.
Thomaz Ribeiro.

« Eil-o, o meu pobre filhinho,
tanto frio que elle tem!
e eu sem ter p'ra elle um ninho
mais que este seio de mãe!

Errante de praça em praça,
cançada, sento-me aqui.
Não me atormenta a desgraça
meu filho, senão por ti

Meu filhinho, meu encanto,
que vida que eu te fui dar!
No mundo só tenho o pranto,
não te posso acalantar!

Teu pae deixou-te, deixou-me...
foi um infame... bem sei,
na perdição abismou-me
em paga de quanto o amei!

Eu quiz fazel-o ditoso,
elle tornou-me infeliz;
Deus o faça venturoso,
meu peito não no maldiz.

Filho, como hei-de crear-te?
que vida te darei eu?
se me segue a toda a parte
da minha infamia o labéo!

Causa-me pejo este mundo,
fujo delle envergonhada,
que o desprezo mais profundo
acompanha a deshonorada!

Longe da casa paterna...
sem ter abrigo nem pão!
A meus ouvidos, eterna
soa a voz da maldição!

E tu, meu pobre menino
hasde ser martyr tambem?
Tens culpa do desatino,
do crime de tua mãe?

Nos duros braços da roda
não posso ir-te depor,
fallece-me a força toda
ante esta ideia de horror!

Oh! não vou! Elle é meu filho,
foi Deus, foi Deus que mo deu!
Seja embora duro o trilho
e amargo o calix! É meu!

Hei-de estreital-o a meu seio
em quanto o peito bater!
Da mãe o fervido aneio
só a mãe pode entender.

Deus, meus Deus! aceito a pena,
mas perdoa á triste mãe!
Perdoaste á Magdalena
porque amou muito tambem.

Baixe a mim tua piedade!
abre-me as portas do céu!
E que eu voe á eternidade
abraçada ao filho meu!»

Coimbra.
A. X. de SOUSA CORDEIRO

VENDO UM RETRATO DE CASIMIRO D'ABREU

Ao meu amigo Nogueira de Mello.

N'esta fronte inspirada que eu contemplo
do genio a luz divina se revela !
Diz muito aquelle olhar profundo e triste,
aquella testa é larga, altiva e bella!

Lá dentro a inspiração em chamma accesa,
lá dentro... o sacro fogo a refferer,
o fogo qu'inda ardia quando a vida
já sentia esvair-se e esmorecer.

Attentae-lhe nos olhos tão rasgados...
que triste, melancolica expressão !
Vê-se alli o clarão de sentimento,
reflectido da luz do coração.

Compunge o contemplar n'este retrato
os traços juvenis de um bello rosto,
desfeitos pelo sopro das tormentas
fanados pela dor, pelo desgosto !

Eil-o ! o pobre cantor infortunado;
o mundo, seu algoz, agora admire-o !
N'esta fronte fulgura a dupla c'rôa,
a c'rôa da poesia e do martyrio.

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

A***

Minh'alma é ave implume,
erguer um vôo tenta,
buscando em ti refugio
das iras da tormenta.

Minh'alma a ti se acolhe
qual debil maripoza,
que poisa embriagada
nas petalas da roza

Minh'alma é como a essencia
que á tarde exhala a flor ;
aspira a um ceo purissimo
ao ceu do teu amor.

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO

UM SEGREDO REVELADO

Donzella, venho pedir-te
(perdoa se sou curioso)
que me digas o motivo
por que assim tão pensativo
vejo o teu rosto formoso
pendido na debil mão ?
e esse olhar outr'ora vivo,
inconstante e feiticeiro,
que tu volvias ligeiro,
porque o tens fito no chão ?

Sorriste ? Embora sorrisses...
foste trahir-te inda mais;
que um sorriso assim forçado,
mostrando desdem fingido
tem um inverso sentido,
equival, a muitos ais.

Sorriste? Baldado intento
se pretendes enganar-me !
Tu tens no peito um segredo,
trazes n'alma um pensamento
que procuras occultar-me.
Mas pr'a que ? diz-mo sem medo,
é um desejo innocente,
sou teu amigo sincero,
e não estranhes, se quero

ser também teu confidente.

Porém guardas o silêncio ?
acaso não te mereço
este favor que te peço
do mysterio revelar ?
Pois, louquinha, adivinhei-o,
e tu se o queres guardar,
repara no casto seio,
diz-lhe que esteja mais quieto,
porque se torna indiscreto
á força de palpitar !

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO

FRAGMENTO

.....
.....

Á hora do crepusculo
Se passa meiga a brisa,
que as folhas balancêa,
que o ar aromatisa;

Se passa e leva um osculo
de amor ao teu retiro,
a fronte pendes languida,
e entregas-lhe um suspiro ?

Acaso quando limpida
no puro firmamento
campêa a lua, eleva-se
a mim teu pensamento ?

Lá quando no céu vividas
estrellas vês sem fim,
de amor fallando timidas
recordas-te de mim ?

E quando o somno placido
te embala docemente
Sorri-te a minha imagem
nos sonhos de innocente?

.....
.....

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

DESAFOGO

Se é dado á floresta soltar suas queixas,
se ás ondas é dado nas praias carpir;
se é dado á avesinha com ternas endeixas
as magoas que sente no ar expandir ;

se os prantos são dados á fulgida aurora,
murmurios á fonte, suspiros ao vento,
se tudo pranteia, se tudo se chora,
se a todos é dado soltar um lamento;

se é dado ao incendio que lavra escondido
numa hora de allivio as chammas erguer ;
se é dado a quem ama soltar um gemido,
se é dado a quem soffre seu pranto verter;

por que heide no mundo só eu ser captivo
das duras algemas que a sorte me dá?
As magoas que eu soffro não tem lenitivo,
não ha quem acolha meu pranto, não ha !

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

HYMNO

Para ser offerecido ao Ex.^{mo} Sr. Thomaz Ribeiro pelos seus patricios

Mais que os thesouros da terra,
que os aureos sceptros dos reis
valem os nobres laureis
do talento e do saber.
O genio é sol que derrama
raios d'infundo esplendor,
ninguem lhe rouba o fulgor,
nada o pode escurecer.

Honra ao poeta inspirado
cujas estrophes brilhantes
lhe levantam triumphantes
monumentos immortaes;
accesa em fogo divino
sua voz nos brada: álerta !
e em cada peito desperta
santos brios nacionaes.

Não ha cadencias per'grinas
que o seu estro não desfira
nos mil harpejos da lyra,
onde o genio se revela ;
ouvi os versos sublimes,
com que pinta as dor's vehementes
ouvi-lhes as notas plangentes
dos soffrimentos de Estella !

Na tribuna, quando a patria
pede que elle se alevante,
á sua voz insinuante
captivam-se os corações ;
sempre o mesmo sentimento,
o mesmo fervido ardor,
nas palavras do orador,
na harmonia das canções.

Louvor ao homem distincto
que no prestigio da gloria,
sabe ter viva a memoria
dos amigos que em nós tem :
que, do templo dos illustres
tendo já transposto o atrio,
não deslembra o torrão patrio,
que sabe amal-o tambem.

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO

A UMA FLOR

Vae minha flor, quão ditosa,
sim, ditosa, que tu és !
Sobre ti seus olhos lindos
irão fitar-se talvez,
suas mãos vão desfolhar-te,
vaes ser calcada a seus pés !

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

LEMBRAS-TE ?

A A. T. C. M.

Lembras-te, hontem, quando o sol,
Ao esconder-se no horisonte,
Rompeu os vidros da igreja
E veio beijar-te a fronte ?...

Ai ! mal sabes a tortura,
Que a meu peito foi causar...
Tive ciumes, ó querida,
De o não poder imitar !...

Mas, vendo tu em meu rosto,
O signal do meu soffrer,
Pressurosa abriste o leque,
E a face foste esconder.

Oh ! bem hajas que fizeste
Uma acção de caridade,
Mostrando mais uma vez
A tua extrema bondade.

Depois, o sol, despeitado,
Envergonhou-se, e fugio,
E a tua boca graciosa
Num sorrir desfranzio.

Junho 14 de 1867.

H. Z. A.

HORACIO A NERA

(Epod. XV)

Era uma noite... lembras-te ?
brilhava o firmamento ;
e á luz da lua pállida
ouvi teu juramento.

Abriste os braços languidos ;
ao peito me apertaste,
como se abraça ás arvores
a hera ; e assim juraste :

— «Emquanto — ouve e acredita-me —
em quanto o alvo cordeiro
fugir do lobo rábido,
do lobo carniceiro ;

e o inverno negar treguas
á onda enfurecida;
e enquanto o sol esplendido
der luz, amor e vida :

eu juro, amigo, juro-te
que sempre deste peito
beijos virão aos labios
em troca dos que acceito !» —

Ai, Nera! o teu perjuro
roubou minha alegria ;
mas distillar-te lagrimas
hade uma dôr tardia !

Sim, hade, quando perfida
não aches, ao fugir-me,
em teus errados tramites
amor assim tão firme ;

e eu busque, aceso em colera,
quem mais fiel me fale,
e me traduza em osculos
amor que o meu iguale !

Então, se a mim, se á victima
pedirem os teus prantos
perdão para o perjuro...
não cedo aos teus incantos!

E tu, homem feliz, que em goso te extasias,
libando beijos mil num rosto festival,
cospes na nuvem negra que me escurece os dias,
folgas co'a minha dôr, e ris do alheio mal !

Rico bem sei que o és, e sabio entre os mais sabios ;
belleza.., vejo que és mais bello que Nireu ;
mas, ah ! virá um dia, em que seus tredos labios
Nera inda os ceda a outro... e então me rirei eu!

ESTRELLAS BONANÇOSAS

Nunca viste medonha tempestade
cobrir de negro lucto o firmamento
toldar-lhe todo o brilho, e num momento
lançar-lhe sobre a face um denso véo ?
Nunca viste essas nuvens tenebrosas
que a tormenta annunciam carregadas,
surgirem no horisonte, e dilatadas
avançarem sinistras pelo céu ?

Nunca viste depois, nuncia fagueira
de bonança e de paz, propicia estrella
surgir por entre as trevas viva e bella
ostentando o seu limpido fulgor ?
e logo após, as nuvens dissiparem-se
aos raios dessa luz de mago encanto,
e das trevas rasgar-se o negro manto
deixando ver um céu encantador ?

Já viste ? pois tambem no céu da vida
nem tudo é sempre luz serena e pura ;
ha nuvens que escurecem a ventura
ha tormentas que enluctam corações !
Dentro d'alma se elevam muitas vezes
tempestades terriveis, tenebrosas !
Ai ! de nós se as estrellas bonançosas
não sorrissem também entre os baldões !

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

NUM ALBUM

(em seguida a uma poesia que tem por título — Ventura ! —)

Ventura ? ! Pois ha na terra
quem te alcance, sombra vã,
atraz de cujos encantos
se corre com tanto afan ?
Não ! não ha ; o que te busca
vê-te fugir deslumbrado,
como aos raios do sol nado
foge a nevoa da manhã.

Tu és dourada mentira ;
quão fatal é teu fulgor !
quantas victimas se perdem
com teu riso enganador !
A quantos, quantos arrastas,
fascinados por teus brilhos,
pelos mais acerbos trilhos,
té aos abysmos da dor.

Coimbra
A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

NO CEMITERIO

(Fragmento do poemeto — Luisinha.)

A noite corria escura.
Era noite de janeiro,
mas sem luar prazanteiro,
mas sem aquella doçura,
mas sem aquella magia
e sem a limpidez calma
que vem instilar-nos n'alma
vagos sonhos de poesia.

Estende-se um véo cinzento
pela cupula celeste;
gelado suspira o vento
entre as ramas do cipreste;
e aos ais do vento gelado
casa seu pio funéreo
o triste mocho, poisado
nas cruzes do cemiterio.

Por sobre a erva mirrada
que orla cada sepultura,
branca, espessa cobertura
floco a floco a neve tece.
A neve cae, e no entanto
sóbe aos ares triste canto,
tão suave e melancolico
que só ouvil-o entristece.

¿ Mas que voz suave é essa,
triste como os ais extremos
do que os umbraes atravessa
da eternidade? Escutemos :

« Todos cospem na orfandade !...
Todos me deixam sósinha !...
E a innocente Luisinha,
consolal-a ninguem hade ?»

E uma voz responde ao longe :
— Hade !

« Quem é que num cemiterio
responde aos suspiros meus,
quando ás minhas preces intimas
não responde *ella* nem Deus,
— Deus me perdôe, se pecco ?»

E a voz respondeu ainda :
— Eco !

« Não conheço... mas se és tu
quem me vem roubar á dôr,
dize, em nome do Senhor,
quanto ainda te demoras.»

E o éco dizia ao longe :
— Horas !

« Bem hajas... fico esperando ;
mas dize-me tambem já
se para mim ha lugar
onde minha mãe está !»

E o éco dizia ao longe :
— Ha !

« Eu espero, e em Deus eu creio
de todo o coração meu.
E dize : não é o céu
O premio de quem tem fé ?»

E o éco dizia ao longe:
— É !

« Meu Deus ! vós, que sois tão bom,
deitai-me tambem no leito,
onde meu pai une ao peito
os ossos de minha mãe ;»
e onde — felizes — ninguem
jamais acordal-os vai !»

e o éco disso inda ao longe :
— Ai !...

.....
.....

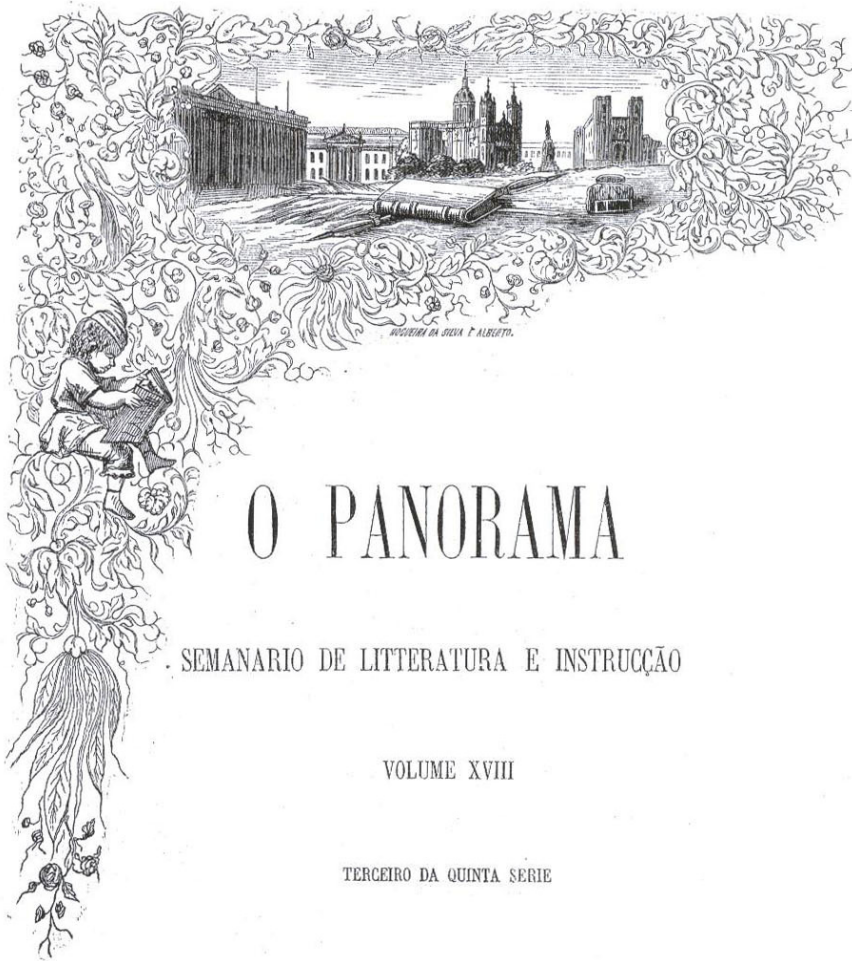
E o mesmo ai repetio
tres vezes o eco sentido .
Depois... mais nada se ouviu
senão um froixo gemido
que se perdeu no cicío
das auras que ramalhavam
o alto cipreste esguío.

E a neve ainda caía
açoitada pelo vento ;
nevoado o firmamento,
assim a noite corria !

E correu ! A madrugada
sorrindo appar'ceu em breve ;
e quando a luz prateada
do sol, derreteu a neve,

alguem encontrou deitada
do cemiterio á porta,
Luisinha, fria, gelada,
Immovel, pallida... morta !

CANDIDO DE FIGUEIREDO.



O PANORAMA

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCCÃO

VOLUME XVIII

TERCEIRO DA QUINTA SERIE

LISBOA
TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA

6 RUA DO THEOURO VELHO 6

1868

VISÃO

Brilhava a aurora : subito,
Rompendo essa luz pura,
Anjo de casta alvura
Junto de mim desceu.
No rosto, acceso em jubilos
De mysterioso encanto,
Lhe refulgia o santo,
Vago esplendor do céu.

Baixou , baixou ; sorria-se
Ao ver não longe a terra,
Passou de serra em serra,
Pousou de flor em flor ;
E a viração dizia-lhe,
Folgando entre o cabelo :
— « Ai ! como tu és bello,
«Anjo de casto amor !» —

— «Porque me foges timido ?
Porque te córa a fronte ?
Que buscas no horizonte
Onde te vás, meu bem ?
No meu regaço inclina-te,
Perfumarei teu seio,
Terás ventura, enleio...
Oh, vem comigo, vem !» —

— «Vem, anjo meu ; do empyreo,
Dize, porque desceste ?
No puro amor celeste
Sonhaste o ardente amor ?
Bem sei, teu seio candido
Busca outro seio amigo...
Não tardes, vem comigo
Brincar de flor em flor !» —

— «O céu é vasto e amplissimo,
A luz do sol divina,
E a estrella peregrina
Segredos conta aos mil ;
Mas eu dou-te mais jubilos,
Mais luz, mais harmonia,
No despontar de um dia
Em grato mez de Abril !» —

— «Dou-te o frescor, os canticos
Que á tarde eleva o prado,
O aroma embalsamado
Que a natureza tem.
O teu viver angelico
De amor será ditoso ;
Não pares receioso...
Oh ! vem comigo, vem !» —

E o anjo ergueu-se rapido
Batendo as azas puras ;
Só longe e das alturas

Á terra o olhar volveu.
A brisa arrebatava-o,
Sempre de amor fallando ;
E o anjo ia voando...
Mas não tornou ao céu !

E. A. Vidal.

SÓ

Deixai-me solitario
Vagar por entre as flores,
E conversar de amores
Com os sons da viração :

Deixai-me ! Este murmúrio
Do val, que sauda a aurora,
Só posso ouvil-o agora
Na paz da solidão !

Aqui palpita o jubilo,
Aqui tudo é belleza ;
De toda a natureza
Nem um gemido vem :

Mal a bafagem tepida
Enruga, levemente,
As aguas da corrente
Que vai passando além !

Retine o ar aos canticos
Que a selva densa espira,
Resoa a immensa lyra
Chamada a criação ;

E o céu, chovendo as perolas,
Que a mão de Deus lhe déra,

Sorri-se á primavera,
Inflora a solidão !

Eil-a, graciosa ostenta-se !
Eil-a, que é toda encanto ! . . .
Dezerto ameno e santo,
Como eu resurjo em ti !

Do teu regaço esplendido
Ergue-se o meu passado :
Anjinho enamorado
Que folga, e que sorri.

Deixai-me solitario
Vagar por entre as flores,
E conversar de amores
Com os sons da viração.

Deixai-me ! Este murmurio
Do val, que sauda a aurora,
Só posso ouvil-o agora
Na paz da solidão.

Ave que um dia, timida
Carpio, sósinha e presa,
Refoge da tristeza
Nos largos vãos seus :

Assim minh'alma alonga-se,
E busca lar mais puro

No monte agreste e duro
Que aponta o azul dos céos !

E. A. Vidal.

COROA DE CECENS

I

Eu amo a virgem tímida,
de olhos no chão pregados,
que aos ais enamorados
do rouxinol suavíssimo
suspira, e véla o rosto
aceso em rubra côr !
E como eu sinto gosto
de vel-a melancolica,
se a aura travêssa e tepida
ás horas do sol-posto
lhe vem falar de amor !

II

Não tremas, não ! escuta-me :
o sol, quando dardeja
fogo de amor, e beija
a flor que lhe abre o calice,
deixa-lhe alento e vida,
mas não lhe rouba a côr!
e quando a luz querida,
á vinda do crepusculo,
se esvai, a rosa languida,
em seu hastil pendida,
almeja sol e amor ! . . .

III

É como o sol o amor que, fêrvido, se aninha
no seio do poeta ! — amor mais puro e santo
que as luzes da alvorada e os trilos da avesinha !

Vem sentar-te ao meu lado : has-de escutar meu canto,
has-de palpar meu seio, e ver que os meus cantares
rompem d'un seio igual ao em que sonho ha tanto!

Não tremas, ergue a fronte! intorna os teus olhares
sobre quem ergue a vista á luz que o céu lhe envia ;
que ri, se te vê rir ; que chora, se chorares !

Inlaça-te ao meu collo ! — o olhar que me extasia
ha-de velar-me a vida ! . . . e, quando nos ergamos
lá onde a mão de Deus espalha o eterno dia,
hemos de intrar no céu, como no mundo intramos !

Coimbra, 12 de março, 1868
Candido de Figueiredo.

VISÃO

Eu vi-te de brancas vestes
linda a meus olhos passar,
como esses anjos celestes
de phantastico sonhar.

Tu vaes á festa brilhante,
vaes ao tumulto das salas,
onde tudo é deslumbrante
de brilho, pompas e galas.

Da dansa vertiginosa
vaes lançar-te ao turbilhão
e ouvir a voz mentirosa
d'essa alegre multidão ;

escutar o galanteio
dos banaes adoradores,
e acolher talvez no seio
seus fementidos amores.

Vaes ligeira, descuidada,
qual mariposa correr,
bella, feliz, animada
de doidejante prazer.

Vae, e gosa ! O céu permitta
que longo tempo sorria

o prazer que ora se agita
no teu seio ! Mas se um dia

no meio de tantas galas
te pedir o coração,
entre os enganos das salas,
o goso d'uma afeição :

desvia um pouco os olhares
do tumulto do festim,
e, se de mim te lembrares,
torna a fital-os em mim.

Coimbra
A. X. de Sousa Cordeiro.

TU CHORAS ?

Tu choras, minha flor ? Ai se soubesses
quão penoso me é ver-te chorar ;
se eu tivesses algum balsamo divino
que fosse as tuas magoas mitigar !

Tu choras ? mas a flor a cujas petalas
tanto brilho e matiz Deus concedeu,
nunca deve no hastil pender-se triste
mas sorrir-se animada á luz do céu.

Tu choras ? mas que importa ? Eu tenho esp'rança
que em breve has de sorrir, ó flor gentil;
os orvalhos precedem muitas vezes
as risonhas manhãs do meigo Abril.

Coimbra
A. X. de Sousa Cordeiro.

NO PARQUE

(Fragmento dum poema inedito)

Tasso, *escrevendo* :

Vem, ó sol da minha alma, vem, Leonora,
sentar-te ao pé de mim :
sem ti, é triste, é ermo o teu jardim,
e eu... noite sem aurora !

Vem ! a tarde desliza tão serena !
é tão azul o céu !
Vem, vem unir o casto seio teu
ao meu que tanto pena !

Andam-me ás vezes na alma uns sons tão vagos !
¿ quem sabe o que serão ?
São gorgeios de cisnes, que se vão
boiando sobre lagos !

Porque não has-de ouvir-me as harmonias
que o génio segredou ?
Acaso não és minha ? e teu não sou ?
Vem, astro dos meus dias,

vem, flor de neve, lirio immaculado,
formosa sem senão
nota solta das harpas de Sião,
meu sonho o mais doirado !

Vem, ó *Collo de garça*, maravilha

das obras do Sonhor !
 Eu gemo e canto, só por ti, amor...
 Vem escutar-me, filha !

Leonor, *aproximando-se* :

¿ Que sonhas nesta hora ?
 ¿ Que escreves, meu poeta ?

Tasso :

Sonhos de borboleta !...
 visões de quem te adora !

Leonora :

E sempre triste, amigo !
 humida sempre a face !
 Antes que o dia passe,
 quero sorrir contigo !

.....

E para quê tristezas? — Ergue a fronte,
 e não descreias já do teu futuro !

¿ Vês além do horizonte
 aquella nuvensinha rarefeita,
 e se estira por esse céu tão puro ?
 É assim a tristeza ! — agora estreita
 o coração num circulo de fogo ;
 mas, sopra o vento, e logo

é tudo um mar de rosas, onde os olhos
não divisam recifes nem escolhos...

Eis-me agora ao teu lado, terno amigo !
Porque não cantas tu ? o amor é vida !
— Esconde-me essa lagrima sentida,
e canta agora ! eu cantarei contigo !

.....

Coimbra, 1868
Cândido de Figueiredo.

DOLOR

Virá um e outro abril,
E envolto em flores — dirá :
« Já a terra tem verdores,
« E as aves cantam amores.
Vamos, vem, desperta...

Já

«Vem chegando as andorinhas.
«O que é, diz, que as chama cá ?
«Senão os mimos do sol,
«Que lhes afagam a prole.
«Vamos, vem, desperta...

Já

«Estremece e abrolha a arvore,
«Que mil fructos te dará.
«Sorrí toda a natureza,
«A fera perde a braveza,
«Vamos, vem, desperta...

Já

«Das estações a mais doce,
«Que outra mais doce não ha,
«Traz aos seres vida nova,
«Tudo nos campos renova,
«Vamos, vem, desperta...

Já

«Folga o pobre de contente,
«Que a festa vigor lhe dá.
«É universal a festa.
«No mundo nada te resta ?
«Vamos, vem, desperta...
Já...»

— «Detem-te ; perdi a amante.
«Sim — nada me resta já !
«A festa, o mundo—que importa !
«Para mim, depois que é morta,
«Já Primaveras não ha.»

A. X. Rodrigues Cordeiro.

SAUDADES! . . .

(Improviso)

Saudade, gosto-amargo de infelizes,
Delicioso pungir d'acerbo espinho.

GARRET.

Entre as sombras do passado
Surge em visões a verdade
Com um som arrebatado
Aos echos da soledade.

Vemos a infancia sorrindo,
Da mocidade os desejos,
As crenças que vão surgindo,
Da lyra os meigos harpejos...

E a mente que nos recorda
Passadas scenas de outr'ora,
Que as lembranças nos acorda
Dia por dia, hora a hora ;

As ilusões que sonhámos,
As alegrias e dôres,—
Miragens de que formámos
Um porvir todo de amores ;

A luz, o céu, a innocencia,
Sorrisos de louca esp'rança,
Flores de subtil essencia
Com que se adorna a creança ;

O gorgear de avesinhas
Por entre as folhas do olmeiro,
O matiz de mil florinhas
Que rebrilha em cada outeiro...

Tudo relembra aos meus olhos
Essa vida do passado
Sem o pungir dos abrolhos,
Sem espinhos de um máo fado !

Oh ! — saudade, sim, lembrança
Que é também esquecimento,
Luz que na infancia nos lança
E apaga a dor do momento ;

Saudade, que és a tristeza
Confundida na alegria,
Como do sol a belleza
Descora se cáe o dia ;

Eu gosto n'este momento
De evocar a antiga idade,
Soltando ás azas do vento
Teu bello nome, — saudade !

C. D'Andrade.

O MYSTERIO DA NOITE

(Imitado livremente do inglez)

Tenebre erant...

A noite escura e triste esparge os seus negrumes
involve a terra inteira da treva o denso véo ;
tremulam lá ao longe phantasticos os lumes
no centro da cidade que, lassa, adormeceu.

Ha pouco tumultuava qual pégo revoltoso
que as vagas escumantes eleva com furor,
agora jaz prostrado no somno silencioso
deserta, solitaria, sem lida e sem rumor.

Nest' hora em que o silencio, a paz dos cemiterios
saio d'entre os cyprestes, e habita na cidade,
quem sonda, quem conhece arcanos e mysterios
que involve em negras trevas da noite a escuridade ?

Quem sabe quão diversas as horas de descanso
serão p'ra cada um dos miseros mortaes ? !
Aqui um somno um brando, em placido remanço,
além... sonhos de horror, sinistros e fataes !

Repoisa o tenro infante ao somno da innocencia
qual flor pendida ao sopro da aragem matinal ;
feliz... inda não vio abrolhos na existencia
tranquillo inclina a fronte no seio maternal.

Mais longe o pobre, o triste a quem opprime o fado
lá dorme um somno curto, descanso enganador !
em breve hade acordar, erguer-se angustiado
e aos hombros retomar a cruz da sua dor !

Aqui o avarento sonhando rios d'oiro,
e logo occulta mão que vem para o roubar,
acorda em sobresalto, segura o seu thesoiro,
só vê diamantes, joias... e chora ao despertar !

Além o prisioneiro no carcere medonho
apoz longo soffrer, cansado adormeceu ;
o espectro do remorso conjura em negro sonho
abraça em vão delirio as ditas que perdeu.

No leito da agonia lá jaz o pobre enfermo
prostrado ao somno inquieto da febre que o devora,
exhausto, moribundo, tocou da vida o termo,
talvez já para elle não brilhe a luz da aurora.

Mas eis que ao largo avulta sinistra a sombra esguia
do funebre cypreste na funebre mansão ;
tambem muitos lá dormem na paz da campa fria
o somno derradeiro de eterna duração.

É este o somno immenso, profundo, inabalavel
que a todos nos aguarda, certissimo, fatal.
Embora das tormentas o estrondo formidavel
rebrame sobre as lousas do sólo sepulchral...

Ou sejam dos Invernos os ventos sibilantes
na rama dos cyprestes bramindo ao perpassar,
ou sejam dos estios as brisas sussurrantes
o somno dos sepulchros não pódem perturbar !

Coimbra
A.X. de Sousa Cordeiro.

A ORAÇÃO DA VIRGEM

Do poema TASSO (inérito)

¿ Porque morreste, ó Christo, abrindo ao mundo os braços,
trazendo-nos do céu a liberdade e o amor,
quebrando-nos grilhões, por apertar os laços
com que fizeste os filhos teus, Senhor ?...

se o fraco geme aos pés dos fortes que o esmagam !
se o grande não escuta a voz de seu irmão !
se as bagas do suor, da gleba ao servo alagam ,
emquanto folga ou dorme o inerte castellão !

Eguste um grande templo ! abriste o santuario,
e o mundo então chamaste á communhão do amor!
foste-lhe vida e sol ! — teu peito era sacrario,
fonte de graça e luz ! E negam-te Senhor !

— Rasgam-te em negra orgia a tunica sagrada !
revolvem tua cruz em torpes lodaçais !
lançam-te ingrato cuspo á face immaculada !
blasfemam do teu nome em córos infernais !

Ozas da nova idade, alçaram mão profana,
ao vento dispersando o livro sem igual ;
e as folhas do Evangelho, emudecido o hosana,
insulta-as a risada em torpe bacanal !

E homens, que o céu maldiz, ergueram como espectros
nos ágapes do amor insanguentadas mãos ;
cingiram uma c'roa, e, levantando sceptros,
curvaram tudo aos pés — não viram seus irmãos !

A quem por senda errada os passos incaminha,
rasgue-lhe o véu do erro esplendido farol ;
o amor, que andrajo humilde á purpura avisinha,
desate-se em clarões de lucido arrebol !

— Succeda á noite o dia ! oiça-se a voz do povo
onde se envolve o orgulho em sedas e ouropéis !
cumpra-se a tua lei — a lei que eu amo e louvo !
bemdigam tua cruz, nobres, peões, e reis !

A tua doce voz foi brado no deserto,
que o pobre, o infame e o humilde apenas acordou :
o grande alevantou-se ! e ao povo mal desperto
lançou férreos grilhões, e aos pés o conculcou !

Mas tu és bom, ó Christo ! — a vista ao céu levanta,
e pede inda a teu Pai que lhe perdôe, Senhor !
Luz ao pequeno ! ao grande ! ao verme ! ao cedro ! á planta !
ois és o sol e a vida, a liberdade e o amor !

Coimbra, 1868
Candido de Figueiredo.